SAVE ME

SÓ UM BEIJO ME PODE SALVAR

LIVRO 1

MONA KASTEN

AUTORA BESTSELLER INTERNACIONAL DE AGAIN

MAIS DE 3 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS

EDITORIAL PRESENÇA



SÓ UM BEIJO ME PODE SALVAR

LIVRO 1

MONA KASTEN

AUTORA BESTSELLER INTERNACIONAL DE AGAIN

MAIS DE 3 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS

EDITORIAL PRESENÇA

SAVE ME

SÓ UM BEIJO
ME PODE SALVAR

MONA KASTEN

SAVE ME

SÓ UM BEIJO ME PODE SALVAR

LIVRO 1

TRADUÇÃO DE CATARINA GÂNDARA

EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *Save Me*
Autora: *Mona Kasten*
Copyright © 2018 by LYX, in Bastei Lübbe AG
Edição portuguesa publicada através de Ute Körner Literary Agent
Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2023
Tradução: *Catarina Gândara*
Revisão: *Florbela Barreto/Editorial Presença*
Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*
1.ª edição em papel, Lisboa, março, 2023

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena
info@presenca.pt
www.presenca.pt

Eu era a cidade que nunca quis ver,
Eu era a tempestade que nunca quis ser.

Gersey, *Endlessness*

Para a Lucie

1

Ruby

• Verde: importante!

• Turquesa: escola.

• Rosa: comissão de eventos de Maxton Hall.

• Roxo: família.

• Laranja: desporto e alimentação.

Roxo (tirar as fotografias do modelito da Ember), verde (comprar marcadores novos) e turquesa (perguntar à professora Wakefield qual é o tema para o trabalho de Matemática): por hoje já está tudo. Para mim, a melhor sensação do mundo é, de longe, pôr um visto num dos pontos da minha lista de tarefas pendentes. Às vezes, até tomo nota de alguma tarefa que já fiz há muito tempo, só para ter o prazer de depois a poder riscar, embora use uma caneta cinzento-clara, para não me sentir uma completa aldrabona.

Se alguém abrir a minha agenda, perceberá imediatamente que o meu dia a dia é composto, na sua maioria, pelas tarefas assinaladas a verde, a turquesa e a rosa. No entanto, desde há apenas uma semana, com o início do novo ano, que estou a usar uma nova cor:

• Dourado: Oxford.

A primeira tarefa que anotei com o novo marcador: ir buscar a carta de recomendação do professor Sutton.

Passo o dedo por cima das letras que têm um brilho metálico.

Só falta um ano. O meu último ano no Maxton Hall College. Parece-me quase impossível que, por fim, isso vá acontecer. Talvez daqui a trezentos e sessenta e cinco dias esteja a frequentar um curso de Política ministrado

pelas pessoas mais inteligentes do mundo.

Até sinto um formigueiro no corpo, por causa do nervosismo, quando penso que já não falta muito tempo para saber se o meu maior desejo se vai concretizar. Se realmente consegui e se vou poder estudar em... Oxford!

Na minha família, ainda não há ninguém que tenha ido para a universidade, e sei que não parece lógico que os meus pais não se tenham limitado a esboçar um sorriso cansado quando lhes anunciei, pela primeira vez, que queria estudar Filosofia, Ciências Políticas e Economia em Oxford. Nessa altura, tinha sete anos.

Mas agora — dez anos mais tarde — também nada mudou, com exceção do facto de estar mais perto de alcançar o meu objetivo. Ter chegado tão longe continua a parecer-me um sonho. É frequente surpreender-me a mim mesma com medo de acordar de repente e dar por mim a ir para a minha antiga escola e não para Maxton Hall, o colégio privado mais prestigiado de Inglaterra.

Olho de relance para o relógio que está pendurado por cima da porta de madeira maciça da sala de aulas. Ainda faltam três minutos. Ontem à tarde acabei os trabalhos de casa que tínhamos para fazer e agora só tenho de esperar que a aula termine. Abano a perna impacientemente e alguém me dá imediatamente uma palmada nas costas.

— Ai! — digo entre dentes, e preparo-me para devolver a palmada, mas a Lin é mais rápida e esquiva-se. Tem uns reflexos incríveis. Suponho que isso se deve ao facto de frequentar aulas de esgrima desde a escola primária e de isso implicar atacar com a velocidade de uma cobra.

— Para de te mexeres tanto! — diz-me ela, sem afastar os olhos da folha totalmente preenchida. — Pões-me nervosa.

Esta declaração deixa-me boquiaberta: a Lin nunca fica nervosa. Pelo menos, não ao ponto de o reconhecer ou de o mostrar. Embora seja verdade que, naquele momento, consiga distinguir um vislumbre de inquietação nos olhos dela.

— Desculpa. Não consigo evitar.

Torno a passar os dedos por cima das letras. Nos últimos dois anos esforcei-me ao máximo para conseguir acompanhar o ritmo dos meus

colegas. Para melhorar. Para demonstrar a toda a gente que mereço estar em Maxton Hall. E agora que começa o processo de candidaturas para a universidade, os nervos estão a dar cabo de mim. Por mais que tente, não posso fazer nada. Embora, pelos vistos, esteja a acontecer o mesmo à Lin, e isso tranquiliza-me um bocadinho.

— Já chegaram os cartazes? — pergunta-me a Lin.

Olha para mim de soslaio e uma madeixa de cabelo castanho, cortado pelos ombros, cai-lhe sobre o rosto. Afasta-a da testa, impaciente.

— Ainda não. De certeza que chegam esta tarde — respondo-lhe, abanando negativamente a cabeça.

— Está bem. Amanhã, depois da aula de Biologia, vamos distribuí-los, pode ser?

Tomo nota disso no meu caderno, por baixo da linha correspondente à cor rosa, e a Lin faz um aceno de cabeça, satisfeita. Torno a olhar para o relógio. Tenho de fazer um esforço para me conter e não abanar a perna. Em vez disso, começo a guardar os marcadores com a maior discrição possível. Como têm de ficar todos virados na mesma direção, preciso de mais tempo para os arrumar.

Não guardo o marcador dourado e, em vez disso, prendo-o cerimoniosamente na estreita fita elástica da minha agenda. Viro a tampa de maneira a apontar para a frente. É como fica melhor.

Quando por fim se ouve o toque de saída, a Lin salta da cadeira mais depressa do que eu julgara ser humanamente possível. Olho para ela com uma expressão surpreendida.

— Não olhes assim para mim — diz-me ela, enquanto pendura a carteira ao ombro. — Foste tu que começaste!

Não lhe respondo e esboço um sorriso, enquanto guardo o resto das coisas.

Eu e a Lin somos as primeiras a sair da sala de aula. Com o passo ligeiro, atravessamos a ala oeste de Maxton Hall e depois viramos à esquerda.

Durante as primeiras semanas, perdia-me sempre neste edifício enorme e cheguei atrasada às aulas mais de uma vez. Isso incomodava-me imenso, apesar de os professores não se cansarem de me garantir que acontecia o

mesmo a quase todos os recém-chegados a Maxton Hall, que eu não era a única. O colégio parece um castelo: tem cinco pisos, uma ala sul, uma ala oeste e uma ala este, e três edifícios contíguos onde são ministradas cadeiras como Música e Informática. Há imensas bifurcações e caminhos onde nos podemos perder, e o facto de nem todas as escadas conduzirem automaticamente a todos os pisos pode ser desesperante.

No entanto, apesar de ao princípio me ter sentido totalmente perdida, agora conheço o edifício como a palma da minha mão. Inclusivamente, hoje tenho bastante certeza de que vou conseguir chegar ao gabinete do professor Sutton até de olhos fechados.

— Eu também devia ter pedido ao Sutton que me escrevesse a carta de recomendação — resmunga a Lin, enquanto percorremos o corredor. À nossa direita, umas máscaras venezianas de um projeto artístico do último ano decoram as paredes altas. Às vezes, paro para as apreciar e admirar a sofisticação dos pormenores.

— Porquê? — pergunto-lhe, ao mesmo tempo que tiro uma nota mental para não me esquecer de pedir ao zelador que guarde as máscaras num lugar seguro antes do fim de semana, que é quando vamos celebrar a festa de regresso às aulas.

— Porque simpatiza connosco desde que organizámos juntas a festa de fim de ano e sabe quão empenhadas estamos e que trabalhamos no duro. Além disso, é jovem e ambicioso, e também acabou de se licenciar em Oxford. Céus, devia dar um par de bofetadas a mim mesma por não me ter lembrado disso antes.

Dou-lhe umas palmadinhas no braço.

— A professora Marr também estudou em Oxford. Além disso, imagino que seja melhor que a tua carta de recomendação seja escrita por alguém que já tenha um bocadinho mais de experiência profissional do que o professor Sutton.

A Lin olha para mim com uma expressão incrédula.

— Estás arrependida de ter recorrido a ele?

Limito-me a encolher os ombros. No fim do ano passado, o professor Sutton teve conhecimento, por acaso, do quanto desejava estudar em

Oxford e convidou-me a perguntar-lhe tudo o que quisesse saber sobre a universidade. Embora ele tenha tirado um curso diferente daquele que eu tenciono tirar, conseguiu dar-me imensas informações, que anotei cuidadosamente na minha agenda.

— Não — respondo-lhe por fim. — Tenho a certeza de que ele sabe o que escrever na carta.

Quando chegamos ao fim do corredor, a Lin tem de virar à esquerda. Combinamos falar por telefone mais tarde e despedimo-nos rapidamente. Olho de relance para o relógio — é uma e vinte e cinco — e acelero o passo. A reunião com o Sutton é à uma e meia e não quero atrasar-me por nada deste mundo. Passo junto das altas janelas renascentistas, pelas quais entra a luz dourada de setembro que se projeta no corredor, e abro caminho por entre um grupo de alunos que usa o mesmo uniforme azul-real que eu.

Ninguém repara em mim. É assim que as coisas funcionam em Maxton Hall. Embora todos usemos o mesmo uniforme — as raparigas usam uma saia aos quadrados azuis e verdes e os rapazes usam calças beges, e todos usamos *blazers* azul-escuros feitos à medida —, não me passa ao lado o facto de, na realidade, este não ser o meu lugar. Enquanto os meus colegas de estudos chegam ao colégio com as suas carteiras de *design*, o tecido da minha mochila verde está tão gasto em alguns sítios que até tenho medo de que se rasgue a qualquer momento. Esforço-me por não me deixar intimidar por isso e também pelo facto de alguns deles se comportarem como se o colégio fosse só deles porque são de famílias abastadas. Para essas pessoas, eu sou invisível, e faço os possíveis por me manter assim. «Sobretudo, não chamar a atenção»: até agora, isso funcionou muito bem comigo.

Com os olhos postos no chão, passo rapidamente ao lado dos outros alunos e viro uma última vez à direita. A terceira porta da esquerda é a do professor Sutton. Entre o gabinete dele e o anterior há um pesado banco de madeira, e o meu olhar oscila entre este e o meu relógio. Ainda faltam dois minutos.

Mas não aguento nem mais um segundo. Aliso a saia com determinação, componho o *blazer* e verifico se a gravata está direita. Depois, aproximo-me da porta e bato. Não obtenho resposta.

Suspiro, sento-me no banco e olho para ambos os lados do corredor. Talvez o Sutton tenha ido buscar qualquer coisa para comer. Ou um chá. Ou um café. O que me faz pensar que teria sido melhor eu não ter bebido um. Já estava bastante nervosa, mas a minha mãe tinha feito café a mais e não quis desperdiçá-lo. Agora, quando torno a olhar para o relógio, vejo que tenho as mãos a tremer ligeiramente.

É uma e meia em ponto, segundo o meu relógio. Torno a olhar para o corredor. Ninguém à vista.

Se calhar não bati à porta com força suficiente. Ou então enganei-me na data, o que só faz com que o meu coração dispare. Se calhar, a reunião não é hoje e sim amanhã. Inquieta, abro o fecho de correr da mochila e pego no meu caderno de tarefas. Mas não, está tudo certo. É a data certa e a hora certa.

Abanando a cabeça, torno a fechar a mochila. Não costumo ficar tão inquieta, mas a ideia de que algo possa correr mal com a minha candidatura e que, por isso, não me aceitem em Oxford dá comigo em doida. Obrigo-me a mim mesma a acalmar-me. Torno a levantar-me, resoluta, dirigindo-me para a porta e batendo novamente.

Desta vez, oiço um barulho. Parece-me que qualquer coisa caiu ao chão. Abro a porta com prudência e espreito para dentro do gabinete.

E o meu coração para de bater.

Ouvi bem. O professor Sutton está lá dentro. Mas... não está sozinho.

Em cima da secretária dele está sentada uma mulher que o beija apaixonadamente. Ele está de pé entre as pernas dela, com as mãos em volta das suas coxas. Uns segundos depois, agarra-a com mais determinação e puxa-a para o canto da secretária. Ela geme baixinho quando os lábios deles se fundem e enterra-lhe as mãos no cabelo escuro. Não consigo distinguir onde começa um e acaba o outro.

Gostava de conseguir afastar os olhos, mas não consigo. Não quando as mãos dele deslizam por baixo da saia dela. Não quando o oiço respirar ofegantemente e ela suspira: «Céus, Graham.»

Quando, por fim, recupero do impacto, já não me lembro de como mexer as pernas. Tropeço no umbral e a porta abre-se de repente, batendo com

força contra a parede. O professor Sutton e a mulher dão um salto e afastam-se um do outro. Ele vira a cabeça e vê-me à entrada do gabinete. Abro a boca para me desculpar, mas a única coisa que me sai é um ruído seco.

— Ruby — diz o professor Sutton num tom surpreendido. Tem o cabelo despenteado, os botões de cima da camisa abertos e o rosto corado. Parece-me uma pessoa estranha, como se não fosse meu professor.

Sinto um calor sufocante subir-me pelas maçãs do rosto.

— Eu... lamento. Pensava que tínhamos uma...

É então que a jovem se vira e o resto da frase fica preso na minha garganta. Abro a boca e um frio gélido espalha-se por todo o meu corpo. Fico a olhar para a rapariga. Os olhos azul-turquesa dela estão, no mínimo, tão abertos quanto os meus. Subitamente, ela afasta o olhar e dirige-o para os caros sapatos de salto alto, depois passa os olhos pelo chão e, a seguir, levanta-os para o professor Sutton — ou Graham, como lhe chamava entre suspiros — com uma expressão desamparada.

Conheço-a. Conheço sobretudo o rabo de cavalo de um loiro-acobreado e com uma onda perfeita que, nas aulas de História, está sempre a baloiçar à minha frente.

Nas aulas do professor Sutton.

A rapariga que estava enrolada com o meu professor é a Lydia Beaufort.

Sinto a cabeça andar à roda. Além disso, tenho a certeza de que, de um momento para o outro, vou vomitar.

Fico a olhar fixamente para os dois e esforço-me por apagar da minha mente os últimos minutos; mas é impossível. Sei-o, e o professor Sutton e a Lydia também o sabem, vejo isso claramente nos seus rostos descompostos. Dou um passo atrás e o professor Sutton avança um passo na minha direção, com o braço esticado. Torno a tropeçar no umbral e recupero o equilíbrio.

— Ruby... — começa ele a dizer, mas o zumbido que sinto nos ouvidos é cada vez mais forte.

Rodo sobre os calcanhares e vou-me embora a correr. Atrás de mim, oiço o professor Sutton tornar a dizer o meu nome, desta vez muito mais alto.

Mas continuo a correr. E corro cada vez mais depressa.

2

James

Alguém me está a matraquear o crânio com um martelo pneumático.

É a primeira coisa que sinto, à medida que vou acordando lentamente.

A segunda é o calor do corpo nu meio deitado sobre o meu.

Olho de relance para o lado, mas a única coisa que distingo é uma cabeleira cor de mel. Não me lembro de ter saído acompanhado da festa do Wren. Para ser sincero, nem sequer me lembro de me ter ido embora. Torno a fechar os olhos e tento evocar imagens da noite passada, mas a única coisa que me vem à mente são farrapos de pensamentos incoerentes: eu, bêbedo em cima de uma mesa; a sonora gargalhada do Wren quando caio e aterro no chão em frente dos pés dele; o olhar de advertência do Alistair quando danço agarrado à irmã mais velha dele e me encosto com força às costas dela.

Porra.

Levanto a mão com cuidado e afasto o cabelo da testa da rapariga.

Porra, porra!

O Alistair vai matar-me.

Sento-me repentinamente. Uma dor lancinante atravessa-me a cabeça e, durante uns segundos, envolve-me em escuridão. Ao meu lado, a Elaine murmura qualquer coisa incompreensível e vira-se para o outro lado. Ao mesmo tempo, dou-me conta de que, na verdade, o martelo pneumático é o meu telemóvel, que está a vibrar em cima da mesinha de cabeceira. Não lhe ligo nenhuma e, em vez disso, procuro a minha roupa pelo chão. Encontro um sapato ao lado da cama e o outro mesmo em frente da porta, debaixo das calças pretas e do cinto. A camisa está em cima do cadeirão de cabedal castanho. Quando a visto e começo a abotoá-la, vejo que me faltam alguns botões. Dou um profundo suspiro e rezo a todos os santos para que o Alistair já não esteja em casa. O melhor é ele não ver a minha camisa rasgada nem os arranhões avermelhados que a Elaine fez no meu peito com

as unhas pintadas de cor-de-rosa.

O telemóvel torna a vibrar. Olho de relance para o ecrã e vejo o nome do meu pai iluminado. Fantástico. Falta pouco para as duas da tarde, num dia de aulas, a minha cabeça parece que vai explodir a qualquer momento e é bastante claro que, esta noite, me enrolei com a Elaine Ellington. A última coisa que me falta agora é ouvir a voz do meu pai. Decido rejeitar a chamada.

Do que estou mesmo a precisar é de tomar um duche. E de vestir roupa lavada. Saio silenciosamente do quarto de visitas do Wren e fecho a porta atrás de mim, fazendo o mínimo barulho possível. Dirijo-me para o piso de baixo e, pelo caminho, vou encontrando vestígios da noite passada: um sutiã e várias outras peças de roupa estão pendurados no corrimão das escadas; no vestíbulo estão espalhados copos, bebidas e pratos com restos de comida. Um cheiro a álcool e fumo flutua no ar. É evidente que, até há poucas horas, esta casa esteve em festa.

Encontro o Cyril e o Keshav na sala de estar. O Cyril está espapaçado no caro sofá branco dos pais do Wren e o Kesh está sentado no cadeirão junto da lareira. Uma rapariga está confortavelmente instalada no colo dele, com as mãos enterradas no seu cabelo comprido e escuro, enquanto o beija apaixonadamente. Olhando para eles, dir-se-ia que a festa está prestes a voltar a começar. Quando o Kesh larga a rapariga momentaneamente e me vê, deita a cabeça para trás e dá uma gargalhada. Quando passo ao lado dele, mostro-lhe o dedo do meio.

As imponentes portas envidraçadas que conduzem ao jardim dos Fitzgeralds estão abertas de par em par. Saio e tenho de semicerrar os olhos. A luz do sol não é especialmente ofuscante, mas faz-me sentir como se tivesse levado com um petardo nas têmporas. Olho em volta com cautela. O aspeto do exterior da casa não é muito melhor do que o do interior. Antes pelo contrário.

Descubro o Wren e o Alistair nas camas de rede que estão junto da piscina. Têm os braços cruzados atrás da cabeça e os olhos protegidos por uns óculos de sol. Hesito por uns segundos, mas depois vou ter com eles.

— Beaufort — diz-me o Wren, levantando os óculos e pondo-os em cima

do cabelo preto e encaracolado. Embora esteja com um grande sorriso, vejo que a sua pele morena está pálida. Deve estar com uma ressaca tão forte como a minha. — Que tal foi a tua noite?

— A verdade é que não me lembro bem — respondo-lhe, atrevendo-me a olhar para o Alistair.

— Vai-te lixar, Beaufort — diz este sem olhar para mim. Sob o sol do meio-dia, o cabelo dele tem reflexos dourados. — Já te disse para manteres as mãos bem longe da minha irmã.

Já estava a contar que ele reagisse assim. Impassível, levanto uma sobrancelha.

— Não a obriguei a meter-se na minha cama. Não faças de conta que ela não sabe decidir por si mesma com quem se quer enrolar.

O Alistair faz um esgar de irritação e murmura algo ininteligível.

Espero que aceite o que aconteceu e que não esteja constantemente a atirar-mo à cara, porque, afinal, não posso fazer marcha-atrás. E, na verdade, também não tenho vontade de me justificar perante os meus amigos. Já bem bastam as justificações que tenho de dar em casa.

— Vê lá se não lhe partes o coração — diz-me o Alistair, depois de passar um bom bocado a olhar para mim através das lentes espelhadas dos óculos de aviador. Apesar de não o conseguir ver, sei que o olhar que me lança não é de zanga e sim de resignação.

— A Elaine conhece o James desde os cinco anos — intervém o Wren. — Sabe perfeitamente o que pode esperar dele.

O Wren tem razão. Tanto eu como a Elaine sabíamos em que é que nos estávamos a meter. E, apesar de não me lembrar de quase nada, ainda oiço o som da sua voz ofegante: «Isto só vai acontecer uma vez, James. Só uma vez.»

O Alistair não quer aceitar, mas a irmã dele gosta tanto de gozar a vida como eu.

— Quando os teus pais souberem, vão a correr anunciar o vosso noivado — acrescenta o Wren passado um bocado, divertido.

Faço um esgar mal-humorado. Há anos que os meus pais estão empenhados em que eu me comprometa com a Elaine Ellington ou com

qualquer outra filha de uma família abastada que tenha uma herança enorme. Mas é evidente que, aos dezoito anos, tenho coisas melhores para fazer do que desperdiçar o meu tempo pensando sequer em quem ou no que me aparecerá à frente quando terminar a universidade.

O Alistair também bufa de maneira depreciativa. Parece tão pouco entusiasmado como eu perante a ideia de, futuramente, ter de me acolher como novo membro da sua família. Levo a mão ao peito, fingindo-me ofendido.

— Dir-se-ia que não queres que eu seja teu cunhado...

Põe os óculos sobre o cabelo ondulado e fulmina-me com os olhos. Lentamente, como um predador, levanta-se da cama de rede. Apesar de ser magro, sei bem quão forte e rápido consegue ser. Senti-o várias vezes na própria pele, durante os treinos.

Pela maneira como olha para mim, suspeito do que se prepara para fazer.

— Estou a avisar-te, Alistair — protesto, dando um passo atrás.

Num abrir e fechar de olhos, ele põe-se à minha frente.

— Eu também te avisei — responde-me. — Mas, infelizmente, não me deste ouvidos.

E, depois de dizer aquilo, dá-me um forte empurrão no peito. Começo a cambalear para trás e caio diretamente na piscina. O impacto deixa-me sem ar nos pulmões e, durante uns segundos, não sei o que é o fundo e o que é a superfície. Entra-me água para os ouvidos e a dor que me palpita na cabeça piora ainda mais debaixo de água.

Mas não venho imediatamente à tona. Descontraio o corpo e fico na mesma posição, de barriga para baixo. Olho para os azulejos da piscina, que apenas vejo de maneira desfocada, e conto os segundos mentalmente. Fecho os olhos por um instante. Reina um silêncio apaziguador. No entanto, passados trinta segundos, fico sem ar e a pressão que sinto no peito aumenta. Deixo escapar uma última e dramática bolha de ar, continuo à espera, e então...

O Alistair salta para dentro da piscina e agarra-me. Puxa-me para a superfície e, quando abro os olhos e vejo o seu olhar assustado, não consigo conter uma gargalhada, ao mesmo tempo que respiro fundo.

— Beaufort! — grita ele encolerizado, atirando-se a mim. Dá-me um soco nas costelas (*porra, tem força!*), e tenta imobilizar-me com uma chave. Mas, como é mais baixo do que eu, o resultado não é o que ele esperava. Debatemo-nos durante um bocado e, no fim, consigo agarrá-lo. Levanto-o com facilidade e atiro-o para o mais longe possível de mim. A gargalhada do Wren penetra nos meus ouvidos quando o Alistair vai ao fundo, depois de dar um forte chapão. Quando torna a vir à superfície, durante uns segundos olha para mim com tal raiva que eu desato novamente às gargalhadas. O Alistair, como todos os Ellingtons, tem uma perfeita cara de anjo. Mesmo que queira, não consegue parecer ameaçador porque os seus olhos castanho-claros, os caracóis loiros e as feições de uma perfeição que mete nojo o impedem.

— És um idiota! — exclama, salpicando-me.

Passo a mão pela cara.

— Desculpa, meu.

— Está bem — responde-me, apesar de continuar a atirar-me água para cima.

Estico os braços e deixo-o continuar a salpicar-me. A dado momento para e, quando olho para ele, está a abanar a cabeça com um sorriso nos lábios. Nesse momento, sei que tudo está bem.

— James? — Oiço uma voz familiar chamar-me.

Viro-me. A minha irmã gémea está à beira da piscina e tapa-me o sol. Ontem não estava na festa e, por um momento, penso que me vai dar uma bronca por eu e os rapazes termos faltado às aulas hoje. Mas, depois, quando olho para ela com mais atenção, fico gelado: tem os ombros caídos e os braços flácidos ao lado do corpo. Tem os olhos cravados nos pés e evita olhar para mim.

Nado até junto dela o mais depressa que consigo e saio da piscina. É-me indiferente estar todo molhado: agarro-lhe nos braços e obrigo-a a levantar o rosto e olhar para mim. A minha barriga encolhe-se. A Lydia tem a cara vermelha e inchada, deve ter estado a chorar.

— O que é que se passa? — pergunto-lhe, abraçando-a com um pouco mais de força.

Ela tenta virar a cabeça, mas não a deixo. Seguro-lhe no queixo, para que não possa evitar o meu olhar. Tem lágrimas a brilhar nos olhos. Sinto a garganta seca.

— James — sussurra com voz rouca. — Fiz asneira da grossa.

3

Ruby

— Aqui é perfeito — diz-me a Ember, fazendo uma pose entre a giesta e a macieira.

O nosso pequeno jardim está totalmente cheio de maçãs espalhadas pelo chão e que ainda temos de apanhar. No entanto, embora os nossos pais andem há vários dias a pedir-nos que o façamos, no meu caderno de tarefas a anotação Apanhar as maçãs só está marcada a roxo para quinta-feira.

Sei perfeitamente que, assim que eu e a Ember levemos o cesto de maçãs para casa, a nossa mãe e o nosso pai vão discutir para ver quem fica com a maior parte delas. Como acontece todos os anos, a minha mãe está a planear fazer bolos e empadas para levar para a padaria, para que as provem, enquanto o meu pai quer fazer centenas de compotas com os sabores mais arrojados. Contrariamente à minha mãe, o meu pai não pode dá-las a provar a ninguém no restaurante mexicano onde trabalha. Isso significa que eu e a Ember voltaremos a ser as cobaias, coisa que, no caso de uma nova receita de tortilha, seria fantástico, mas não tanto no de uma compota de maçã com cardamomo e malagueta.

— O que é que achas?

A Ember põe-se à minha frente, numa pose estudada. Fico sempre surpreendida com o jeito que ela tem para isto. A atitude dela é natural e abana ligeiramente a cabeça para que os caracóis da comprida cabeleira castanho-clara fiquem com um ar um pouco mais rebelde. Quando sorri, os olhos verdes brilham, literalmente, e pergunto a mim mesma como é possível que, imediatamente depois de acordar, já esteja tão desperta. Eu ainda nem sequer consegui pentear-me e de certeza que tenho a franja toda virada para cima. E os meus olhos, que são da mesma cor do que os da Ember, não brilham. Pelo contrário, estão tão secos e cansados que tenho de estar constantemente a pestanejar, para ver se me passa este ardor incómodo.

São sete da manhã e passei metade da noite acordada a dar voltas na cama, enquanto pensava no que vi ontem à tarde. Quando a Ember entrou no meu quarto há uma hora, tive a sensação de que tinha acabado de adormecer.

— Estás muito gira — respondo-lhe, levantando a pequena máquina fotográfica digital. A Ember faz-me um sinal e disparo três vezes; depois muda de pose, vira-se de lado e lança-me (melhor dizendo, lança à máquina) um olhar por cima do ombro. O vestido que usa hoje tem uma gola de Peter Pan e um vistoso estampado azul. Roubou-o à nossa mãe e fez-lhe algumas alterações, para o adaptar ao tamanho dela.

Desde que me conheço que a Ember tem excesso de peso e uma constante dificuldade em encontrar roupa que se adeque à sua constituição. Infelizmente, esse tipo de roupa não abunda no mercado e ela tem de estar sempre a improvisar. Quando fez treze anos, pediu aos nossos pais que lhe oferecessem uma máquina de costura e, desde então, usa-a para fazer roupa do seu agrado.

Por esta altura, a minha irmã já sabe o que lhe fica bem. Tem muito bom olho para a moda. Por exemplo, hoje combinou o vestido com um blusão de ganga e uns ténis brancos com sola prateada, que ela própria pintou.

Há uns dias, estava a folhear uma revista de moda e vi um casaco feito de um tecido semelhante ao material dos sacos do lixo que me chamou a atenção. Franzi o nariz e continuei a folhear a revista, mas agora, quando penso nisso, tenho a certeza de que a Ember vestiria o casaco como se fosse uma supermodelo e faria um sucesso. De certeza que isso tem muito que ver com a autoconfiança que ela irradia não só diante da objetiva, mas também na vida real.

Contudo, nem sempre foi assim. Ainda me lembro dos dias que passava fechada no quarto, tristíssima porque gozavam com ela na escola. Nessa altura, parecia pequena e vulnerável, mas, com o tempo, aprendeu a aceitar o seu corpo e a não dar ouvidos ao que as outras pessoas dizem sobre ela.

Não tem problema nenhum em dizer que é «gorda». «É como no Harry Potter», costuma dizer quando alguém se surpreende com a palavra escolhida. «O nome Voldemort só é terrível porque ninguém se atreve a

pronunciá-lo. O mesmo se passa com a palavra *gorda*, é apenas um adjetivo, tal como *magra*. É apenas uma palavra e não é negativa.»

A Ember teve de percorrer um longo caminho até aprender isso, e foi por esse motivo que criou um blogue. Queria ajudar outras pessoas que estivessem na mesma situação do que ela a aprenderem a aceitar-se a si mesmas. Desde há pouco mais de um ano que partilha com as pessoas o seu sentimento de satisfação consigo própria, e criou uma comunidade com os seus apaixonados artigos sobre o tema da moda XL, na qual desempenha as funções de pioneira e de fonte de inspiração.

Eu, a nossa mãe e o nosso pai também aprendemos imenso com a Ember — além disso, continua a passar-nos artigos sobre o tema — e estamos superorgulhosos do que ela conseguiu.

— Acho que já está — digo-lhe, depois de ter fotografado a terceira pose. A Ember aproxima-se imediatamente e pega na máquina fotográfica. Com um olhar crítico, franze o nariz enquanto vai vendo as imagens. Mas esboça um sorriso ao ver uma das fotografias em que está a olhar por cima do ombro.

— Escolho esta. — E dá-me um beijo no rosto. — Obrigada.

Regressamos a casa pelo jardim, tentando não pisar as maçãs caídas.

— Quando é que vais publicar o artigo no blogue? — pergunto-lhe.

— Pensei publicá-lo amanhã à tarde. — Olha para mim de soslaio. — Achas que tens tempo para lhe dar uma vista de olhos hoje à noite?

Na verdade, não. Hoje tenho de colar os cartazes para a festa do fim de semana e depois tenho de continuar a trabalhar na apresentação para a aula de História. Além disso, tenho de arranjar um plano para conseguir a carta de recomendação sem ter de voltar a falar com o professor Sutton. Só de pensar no que aconteceu ontem — na Lydia Beaufort sentada em cima da secretária, com ele entre as suas pernas — sinto vontade de vomitar. E os barulhos que ambos faziam...

Abano a cabeça, tentando afastar essas recordações, o que faz com que a Ember olhe para mim com uma expressão surpreendida.

— Com todo o gosto — respondo-lhe apressadamente, entrando com ela para a sala de estar.

Não consigo olhá-la nos olhos. Se reparar nas minhas olheiras, saberá imediatamente que algo de errado se passa, e a última coisa de que preciso neste momento é que ela me faça um interrogatório. Não quando os gemidos sufocados do professor Sutton continuam a ressoar nos meus ouvidos, por muito que me esforce por não os ouvir.

— Bom dia, meu amor. — Sobressalto-me ao ouvir a voz da minha mãe e tento que o meu rosto recupere rapidamente o seu aspeto normal. Ou, pelo menos, o aspeto que um rosto tem quando não se apanhou o professor enrolado com uma das alunas. A minha mãe aproxima-se de mim e dá-me um beijo no rosto. — Está tudo bem? Pareces cansada.

Pelos vistos, tenho de praticar mais esta coisa de arvorar uma expressão normal.

— Sim, só preciso de cafeína — murmuro, e deixo que ela me puxe para a mesa, para tomar o pequeno-almoço.

Enche uma chávena com café e, antes de a pousar em cima da mesa à minha frente, torna a acariciar-me a cabeça. Entretanto, a Ember aproxima-se do nosso pai, para lhe mostrar as fotografias que eu lhe tirei. Ele pousa imediatamente o jornal e chega-se para a frente para ver melhor o ecrã. Sorri e as pequenas rugas que tem em redor da boca ficam mais marcadas.

— Estás muito bonita.

— Reconheces o vestido, querido? — pergunta-lhe a minha mãe. Põe a mão em cima do ombro dele, ao mesmo tempo que se inclina sobre as suas costas.

O meu pai levanta a máquina fotográfica e, por trás das lentes dos óculos de leitura, o seu olhar torna-se pensativo.

— É aquele... é aquele vestido que usaste no nosso décimo aniversário de casamento?

Vira a cabeça, para olhar para a minha mãe, e ela anui. A minha mãe e a Ember têm uma constituição parecida, por isso a minha irmã tinha muita roupa à disposição no início da sua carreira com a máquina de costura. Ao princípio, a minha mãe ficava triste quando a Ember não costurava bem e quase destruía os vestidos, mas isso raramente acontece. Agora, adora as maravilhas que a minha irmã consegue fazer com os velhos vestidos e

blusas dela.

— Apertei-o e cosi-lhe uma gola — diz-lhes a minha irmã, enquanto se senta à mesa e deita um punhado de flocos de aveia numa das tigelas que a minha mãe pôs na mesa.

Um sorriso desenha-se no rosto do meu pai.

— Ficou muito bonito — diz ele, dando a mão à minha mãe; e depois puxa-a para si, até o rosto dela ficar ao lado do dele, e dá-lhe um beijo ternurento.

Eu e a Ember olhamos uma para a outra e sei que está a pensar o mesmo que eu: *blech*. Os meus pais estão tão apaixonados um pelo outro que às vezes quase mete nojo. Mas encaramos isso tranquilamente. E, quando me lembro do que aconteceu com a família da Lin, dou muito valor ao facto de a minha estar intacta. Sobretudo porque tivemos de nos esforçar para proteger o forte laço que nos une.

— Avisa-me quando tiveres publicado o artigo — diz a minha mãe à Ember, depois de se sentar ao lado do meu pai. — Quero lê-lo logo.

— Está bem — responde-lhe a Ember com a boca cheia.

Temos de nos apressar, se queremos apanhar o autocarro do colégio a tempo e horas, portanto percebo que esteja a devorar a comida desta maneira.

— Mas antes disso vais dar-lhe uma vista de olhos, não é? — pergunta-me o meu pai, virando-se para mim.

Embora já tenha passado um ano desde que a Ember começou a escrever no blogue, o meu pai ainda encara com ceticismo tudo o que está relacionado com isso. Desconfia da Internet, sobretudo quando uma das suas filhas expõe nela fotografias e pensamentos. A Ember teve muito trabalho para o convencer de que um blogue de moda para tamanhos grandes era uma boa ideia. Mas, apesar disso, mostrou tanto afinco e coragem ao lançar o blogue, a que deu o nome de *Bellbird*, que o nosso pai não teve outro remédio senão deixá-la continuar a escrever. A única condição que ele impôs foi que eu — enquanto sensata irmã mais velha — fizesse uma primeira leitura dos artigos do blogue e verificasse as imagens antes de ela as publicar, para que não houvesse pormenores da nossa vida

privada que fossem parar à Internet. No entanto, os temores do meu pai são injustificados. A Ember trabalha com cuidado e profissionalismo, e eu sinto uma grande admiração por ela e por tudo o que já conseguiu fazer com o *Bellbird* em tão pouco tempo.

— Claro que sim. — Levo uma colherada de flocos de aveia à boca e engulo-os com um grande gole de café. Agora é a Ember que olha para mim com repugnância, mas ignoro-a. — Hoje venho um bocado mais tarde, aviso já para não estranharem.

— Há assim tanta confusão no colégio? — pergunta-me a minha mãe.

Se soubesses...

Gostava muito de poder contar à minha mãe, ao meu pai e à Ember o que aconteceu. Sei que, depois, me sentiria melhor. Mas não posso. A minha casa e Maxton Hall são dois mundos diferentes que não andam de mãos dadas. E jurei a mim mesma que nunca os misturaria. É por isso que, no colégio, ninguém sabe nada sobre a minha família, e é também por isso que a minha família não sabe nada sobre o que acontece em Maxton Hall. Impus esse limite no primeiro dia de aulas e foi a melhor decisão que podia ter tomado. Sei que a Ember se chateia frequentemente por eu ser muito fechada, e fico sempre com a consciência pesada quando os meus pais não conseguem disfarçar bem a deceção que sentem quando eu não respondo com mais do que um «bem» à pergunta «Como correu o teu dia?». Contudo, a minha casa é o meu oásis de tranquilidade. Aqui, o que importa é a família e a lealdade, a confiança e o amor. Em Maxton Hall só uma coisa é importante: o dinheiro. E tenho medo de destruir o sossego do nosso lar se trouxer para casa os assuntos do colégio.

Sem contar com o facto de o que quer que exista entre o professor Sutton e a Lydia Beaufort não me dizer respeito; nunca os delataria. O facto de, em Maxton Hall, ninguém saber nada da minha vida privada só funciona porque cumpro firmemente uma regra que impus a mim mesma: «Acima de tudo, não chamar a atenção.» Desde há dois anos que empenho todo o esforço em conseguir ser invisível para grande parte dos meus colegas e em passar despercebida.

Se contasse a alguém o que aconteceu com o professor Sutton, ou se

levasse esse assunto ao conhecimento do diretor do colégio, armar-se-ia um escândalo. Não posso correr esse risco, sobretudo agora que estou tão perto de alcançar o meu objetivo.

A Lydia Beaufort e toda a família dela — sobretudo aquele irmão horrível — são precisamente o tipo de pessoas em relação às quais devo manter o maior distanciamento possível. Os Beauforts são proprietários da maior e mais antiga loja de roupa de homem de Inglaterra. Não só estão metidos em tudo o que se relaciona com o país, como também com Maxton Hall. Até foram eles que desenharam o nosso uniforme.

Não. Nem pensar em arranjar problemas com os Beauforts.

É muito simples: vou fazer de conta que nada aconteceu.

Quando sorrio para a minha mãe e lhe respondo a meia-voz que não, que não exagere, tenho consciência de quão forçada parece a minha resposta. Portanto, fico-lhe ainda mais agradecida por não insistir no assunto e, sem fazer mais comentários, me servir outra chávena de café.

*

As aulas são um horror. Tento concentrar-me, mas a única coisa que faço é divagar. Morro de medo de, entre duas aulas, me cruzar com o professor Sutton ou com a Lydia no corredor, e mudo de uma sala para a outra a toda a velocidade. A Lin olha para mim de soslaio mais de uma vez, portanto lembro a mim mesma que tenho de me conter. A última coisa que quero é que ela comece a bombardear-me com perguntas às quais não posso responder. Sobretudo porque tenho bastante certeza de que não engoliu a desculpa que lhe dei quando lhe disse que me enganei na hora da reunião de ontem e que é por isso que ainda não tenho a carta de recomendação.

Quando a última aula acaba, dirigimo-nos as duas para a secretaria para ir buscar os cartazes que chegaram ontem por correio. Eu teria preferido ir comer — a minha barriga fez tanto barulho na aula de Biologia que o professor até se virou para olhar para mim —, mas a Lin lembrou-se de que, a caminho do refeitório, podemos aproveitar para colar alguns cartazes e, assim, poupamos algum tempo.

Começamos pelo salão de eventos, onde colamos juntas o primeiro cartaz

numa das colunas. Quando tenho a certeza de que a fita-cola aguenta, recuo uns passos e cruzo os braços.

— O que é que achas? — pergunto à Lin.

— Perfeito. Neste sítio, todas as pessoas que entrem pela porta principal vão reparar nele. — Olha para mim toda sorridente. — Ficou muito bem, Ruby.

Durante mais um bocado, fico a olhar para as letras pretas e sinuosas que anunciam a festa de regresso às aulas. A verdade é que o Doug teve uma excelente ideia e fez um *design* gráfico fantástico. O texto, aliado a umas subtis manchas douradas sobre um fundo prateado, é elegante e glamoroso, e, ao mesmo tempo, suficientemente moderno para se adequar a uma comemoração de regresso às aulas.

O Maxton Hall é famoso pelas suas festas lendárias. Neste colégio, comemora-se tudo: o início do ano, o fim do ano, o aniversário da fundação do colégio, o Halloween, o Natal, o Ano Novo, o aniversário do diretor Lexington... O orçamento da comissão de eventos é fabuloso. Mas, como o Lexington está sempre a recordar-nos, não há dinheiro que pague a imagem que projetamos com estes eventos de grande sucesso. Porque, teoricamente, as festas de Maxton Hall não são apenas para os alunos. Têm por objetivo atrair pais, patrocinadores, políticos e gente abastada, pessoas que financiam o nosso colégio, e, com o apoio delas, garantir que os alunos tenham o melhor início de vida possível e entrem diretamente para Cambridge ou para Oxford.

Quando fui aceite no colégio, tive de escolher uma atividade extracurricular, e a comissão de eventos pareceu-me a melhor: adoro planear e organizar, e, nesta área, posso agir em segundo plano, sem que os meus colegas de estudo reparem em mim. Não tinha pensado que me iria divertir tanto. E também não pensei que, dois anos mais tarde, fosse partilhar a direção da equipa com a Lin.

A Lin vira-se para mim com um grande sorriso estampado no rosto.

— Não achas que é a melhor sensação do mundo que este ano ninguém nos diga o que temos de fazer?

— Acho que não teria aguentado nem mais um dia sob as ordens da

Elaine Ellington sem a matar — admito, e a Lin dá uma pequena gargalhada. — Não te rias. Estou a falar a sério.

— Teria adorado ver isso.

— E eu, fazê-lo.

A Elaine era uma chefe insuportável, autoritária, desonesta e preguiçosa, embora, como é evidente, eu nunca a fosse atacar. Além do facto de não gostar de violência, teria infringido a minha própria regra de me esforçar ao máximo para não chamar a atenção no colégio.

Mas, seja como for, o problema resolveu-se. A Elaine terminou o último ano e saiu do colégio. E o facto de o seu estilo ditatorial ser tanto do desagrado do resto da equipa como do meu e da Lin ficou comprovado quando nos elegeram para lhe sucedermos. O que é uma coisa que ainda me parece surreal.

— Colamos os outros dois cartazes e depois vamos comer? — pergunto à Lin, que anui.

Por sorte, quando entramos no refeitório a hora de ponta já acabou há algum tempo. A maior parte dos alunos está a caminho das aulas da tarde ou está a aproveitar os últimos raios de sol no jardim do colégio. Há poucas mesas ocupadas, por isso conseguimos um bom lugar ao pé da janela.

Apesar disso, evito desviar o olhar da lasanha quando atravesso o refeitório equilibrando o tabuleiro nas mãos. Só depois de me sentar e de pousar os cartazes na cadeira do lado e a mochila no chão é que me atrevo a olhar em volta. Nem rasto da Lydia Beaufort.

À minha frente, a Lin abre a agenda e começa a ler as anotações, enquanto bebe pequenos goles de sumo de laranja. Nas páginas, vejo carateres chineses, bem como triângulos, círculos e outros símbolos, e, mais uma vez, fico maravilhada com o sistema que ela utiliza, que é muito mais fixe do que o sistema de cores com que eu trabalho. Mesmo assim, lembro-me de uma vez em que lhe pedi que me explicasse o significado de cada símbolo e para que acontecimento o usava e, ao fim de meia hora, fiquei completamente perdida e atirei a toalha ao chão.

— Esquecemo-nos de deixar um cartaz de amostra no gabinete do diretor Lexington — murmura ela, pondo o cabelo preto atrás da orelha. — É a

primeira coisa que temos de fazer quando acabarmos de comer.

— Claro — respondo-lhe com a boca cheia.

Acho que tenho molho de tomate no queixo, mas estou-me nas tintas. Estou com uma fome de cão, provavelmente porque, com exceção de um bocadinho de flocos de aveia, não como nada desde ontem à tarde.

— Hoje ainda tenho de ajudar a minha mãe a preparar uma exposição — diz a Lin, apontando para um caráter chinês. Há uns tempos, a mãe dela abriu uma galeria de arte em Londres; apesar de funcionar bem, é frequente a Lin ter de dar uma ajuda, às vezes mesmo durante a semana.

— Se precisares de te ir embora mais cedo, eu posso colar sozinha o resto dos cartazes — ofereço-me, mas ela abana negativamente a cabeça.

— Quando aceitámos este trabalho, acordámos que o dividiríamos de maneira justa. Ou o fazemos juntas ou não o fazemos.

— Entendido — respondo-lhe, sorrindo.

Quando o ano escolar começou, disse à Lin que não me importava de fazer uma parte do trabalho dela de vez em quando. Gosto de ajudar os outros. Sobretudo, os meus amigos, que também não são assim tantos. E sei que a situação em casa da Lin não é fácil e que muitas vezes lhe exigem mais do que na verdade é justo. Sobretudo tendo em conta que, ao mesmo tempo, tem de fazer os muitos trabalhos de casa do colégio. Mas a Lin é, no mínimo, tão esforçada e obstinada quanto eu, o que, provavelmente, é uma das razões pelas quais nos entendemos tão bem.

É quase um milagre que nos tenhamos tornado amigas. Quando cheguei a Maxton Hall, ela dava-se com grupos totalmente diferentes. Nessa época, durante a pausa da hora de almoço, a Lin sentava-se na mesma mesa do que a Elaine Ellington e as amigas dela, e nunca me teria passado pela cabeça falar com ela, apesar de estarmos as duas na comissão de eventos e de eu já ter reparado algumas vezes que ela era tão meticulosa quanto eu no que respeitava ao seu caderno de tarefas.

Mas, uns tempos depois, o pai dela esteve envolvido num grande escândalo que teve como resultado não só que a família perdesse a sua fortuna mas também que fosse afastada dos círculos que frequentava. De repente, a Lin passou a ficar sozinha durante as pausas entre as aulas: não

sei se as amigas já não queriam ter nada que ver com ela ou se a Lin simplesmente tinha demasiada vergonha do que acontecera. Seja como for, o que sei é como uma pessoa se sente quando, de repente, perde todos os amigos. Foi o que me aconteceu quando saí da minha antiga escola de Gormsey e vim para Maxton Hall. Sentia-me assoberbada com tudo: com o elevado nível de exigência das aulas, com as atividades extracurriculares, com o facto de aqui todos serem muito diferentes de mim e com o facto de, inicialmente, não ter conseguido manter o contacto com as pessoas de Gormsey. Os amigos que ali tinha deram-me a entender, com toda a clareza, o que pensavam sobre isso.

Seja como for, agora sei que um verdadeiro amigo não goza constantemente contigo só porque gostas de te empenhar nos estudos. Aprendi a desprezar com um sorriso palavras como *oportunista* e *sabichona*, embora não as ache nada divertidas. E sei também que o facto de alguém não conseguir entender que outra pessoa está numa situação especial não tem nada que ver com a amizade. Nem uma só vez me perguntaram como estava ou se podiam ajudar-me.

Nessa época, magoou-me muito constatar quão frágeis eram essas amizades, e mais ainda porque em Maxton Hall também não havia ninguém que quisesse relacionar-se comigo ou que, pelo menos, se desse conta da minha presença. Não venho de uma família rica. Em vez de carteiras de *design*, tenho uma mochila que comprei há seis anos; em vez de um MacBook resplandecente, tenho um portátil que os meus pais me compraram em segunda mão antes do início do ano letivo. Aos fins de semana não frequento as festas da moda de que todos falam durante a semana seguinte; para a maior parte dos meus colegas, eu não existo — é tão simples quanto isso. Agora, dá-me jeito, mas, nas primeiras duas semanas, senti-me terrivelmente sozinha e marginalizada. Até que conheci a Lin. O que nos uniu não foi apenas o facto de nos ter acontecido uma coisa parecida com os nossos amigos, mas também o facto de a Lin partilhar dois dos meus maiores passatempos: gosta de organizar a vida e adora livros de manga.

Se não tivesse acontecido o que aconteceu aos pais dela, não sei se nos

teríamos cruzado. No entanto, mesmo quando, às vezes, tenho a sensação de que a Lin tem saudades da época em que gozava da fama que tinha no colégio e se dava com pessoas como os Ellingtons, sinto-me grata por a ter como amiga.

— Nesse caso, vai tu ao gabinete do diretor e, de caminho, cola os cartazes na biblioteca e no centro de aprendizagem. E eu encarrego-me do resto, está bem? — proponho-lhe.

Levanto a mão. Por um instante, parece-me que ela vai objetar, mas depois faz um sorriso de agradecimento e bate com a palma da mão na minha.

— És a maior.

Alguém puxa a cadeira que está ao meu lado e senta-se. Subitamente, a Lin fica branca como um lençol. Franzo o sobrolho quando ela olha para mim com os olhos muito abertos, e depois olha para a pessoa que se sentou ao meu lado e novamente para mim.

Viro-me lentamente e deparo-me imediatamente com uns olhos azul-turquesa.

Como toda a gente que frequenta o colégio, conheço estes olhos, mas nunca os tinha visto tão de perto. Fazem parte de um rosto peculiar, com sobrancelhas escuras, maçãs do rosto marcadas e uma bonita boca com um toque arrogante.

O James Beaufort acaba de se sentar ao meu lado. E está a olhar para mim.

Ao perto, parece ainda mais perigoso do que ao longe. É um dos que se comportam como se Maxton Hall fosse propriedade deles. E é esse o aspeto dele. Altivo, seguro de si mesmo, com a gravata perfeitamente posta. O familiar uniforme do colégio assenta-lhe como uma luva, como se tivesse sido feito à medida para o corpo dele. Deve ser porque foi a mãe dele que o desenhou. A única coisa que destoa disto tudo é o cabelo loiro-acobreado que usa despenteado, ao contrário da irmã, que tem sempre um corte perfeito.

— Oi! — diz.

Já alguma vez o tinha ouvido falar? A gritar durante os jogos de lacrosse

ou bêbedo nas festas de Maxton Hall, sim; mas não deste modo. O «oi» dele soa confiante, tal como o brilho dos seus olhos. Age como se fosse completamente normal que, na pausa da hora do almoço, se sentasse ao meu lado e falasse comigo. E, no entanto, nunca trocámos uma única palavra. E assim deve continuar a ser.

Olho em volta com cautela e engulo em seco com dificuldade. Houve um par de cabeças que se virou para nós, embora não todas. É como se a capa de camuflagem que uso há dois anos se tivesse deslocado um pouco, deixando-me a descoberto.

Isto não é bom, isto não é bom, isto não é bom.

— Olá, Lin. Importas-te que rapte a tua amiga por uns minutos? — pergunta, sem afastar os olhos de mim por um segundo que seja. O olhar dele é tão intenso que sinto um calafrio percorrer-me as costas. Demoro uns segundos a assimilar o que ele disse. Ato contínuo, viro a cabeça para a Lin e tento dar-lhe a entender, sem palavras, que me importo, mas ela não está a olhar para mim; está de olhos postos no James.

— Claro que não — resmunga ela. — Vão-se embora.

Só tenho tempo para pegar na mochila que está no chão, depois o James Beaufort põe a mão na parte inferior das minhas costas e empurra-me para fora do refeitório. Acelero o passo para me desembaraçar da mão dele, mas, mesmo depois disso, continuo a sentir o seu contacto, como se me tivesse queimado a pele através do tecido do *blazer*. Conduz-me em volta da grande escadaria do vestíbulo e para atrás dela, para um sítio onde os nossos colegas, que entram e saem do refeitório, não conseguem ver-nos.

Já imagino o que é que ele quer. Tendo em conta que, nos dois últimos anos, não olhou para mim uma única vez, isto tem que ver com o assunto entre a irmã dele e o professor Sutton.

Depois de me certificar de que ninguém nos consegue ouvir, viro-me para ele.

— Acho que já sei o que é que queres de mim.

Os lábios dele esboçam um pequeno sorriso.

— Sabes?

— Ouve, Beaufort...

— Lamento, mas vou ter de te interromper, Robyn. — Avança um passo na minha direção. Eu não retrocedo, e fico a olhar para ele com as sobrancelhas arqueadas. — Vais esquecer o mais depressa possível o que viste ontem, estamos entendidos? Se eu vier a saber que deixaste escapar o mínimo dos comentários, certificar-me-ei de que deixas de frequentar o colégio.

Depois, põe-me qualquer coisa na mão. Atordoada, baixo os olhos e fico crispada quando me dou conta do que é: um grosso maço de notas de cinquenta libras. Engulo em seco. Nunca tive tanto dinheiro na mão.

Levanto o olhar. O sorriso arrogante do James diz tudo. Expressa, sem quaisquer rodeios, que sabe perfeitamente o quanto eu poderia precisar deste dinheiro. E que não é a primeira vez que compra o silêncio de alguém. O olhar dele e toda a sua atitude são tão autocomplacentes que, subitamente, me sinto invadida por uma raiva indescritível.

— Estás a falar a sério? — pergunto-lhe, com os dentes cerrados, levantando o maço de notas; estou tão furiosa que até tenho as mãos a tremer.

Agora, o olhar dele é pensativo. Leva a mão ao bolso interior do *blazer*, pega noutro maço de notas e estende-mo.

— Posso ir até aos dez mil. — Perplexa, olho para o dinheiro e depois para o rosto dele. — Se mantiveres o bico calado até ao fim do semestre, duplicaremos o valor. Se conseguires ficar em silêncio até ao fim do curso, quadruplicá-lo-emos.

As palavras dele ressoam uma e outra vez na minha cabeça e sinto o sangue fervilhar-me nas veias. Como é que ele pode estar aqui à minha frente, atirar-me dez mil libras aos pés e querer fechar-me a boca desta maneira... como se nada fosse. Como se fosse o que se faz quando se vem de uma família rica. De repente, o que sinto torna-se claro: não suporto o James Beaufort. Detesto-o. A ele e a tudo o que representa.

O seu modo de vida, sem consideração por ninguém e sem medo das consequências. Quando uma pessoa tem o apelido Beaufort, não importa o que faça… de algum modo, o dinheiro do papá resolverá tudo. Enquanto eu me ando a esfalfar neste colégio há dois anos para ter uma ínfima

oportunidade de ser aceite em Oxford, para ele o secundário não passa de um passeio turístico. É uma injustiça. E quanto mais olho para ele, mais raiva sinto.

Aperto os dedos em volta do maço de notas. Cerro os dentes com força e arranco as finas tiras de papel que envolvem o maço.

O James franze o sobrolho.

— O que é que...

Subitamente, levanto a mão e atiro o dinheiro ao ar.

Com uma expressão inflexível, o James devolve o meu olhar firme; a única reação que tem é um ligeiro palpitar do maxilar. Enquanto as notas vão caindo lentamente, viro-lhe as costas e vou-me embora.

4

Ruby

Um rabo de cavalo de tom loiro-acobreado baloiça diante da minha cara. Direciono toda a minha raiva para aí.

A Lydia é a culpada de tudo! Se não se tivesse enrolado com o nosso professor, eu não os teria apanhado em flagrante e ela não teria ido chibar-se ao irmão. Se isso não tivesse acontecido, poderia concentrar-me na aula e não ficaria nervosa ao lembrar-me de que ele me tinha chamado «Robyn». Ou de que tinha atirado cinco mil libras ao ar.

Enterro o rosto nas mãos. Quando me lembro disso, passo-me da cabeça. Como é evidente, fiz o correto ao não aceitar o dinheiro. Mas, apesar disso, desde ontem à tarde que me ocorre uma quantidade de coisas em que o podia ter gastado. Por exemplo, em nossa casa. Desde que o meu pai teve o acidente, há oito anos, que temos reformado a casa a pouco e pouco, eliminando os obstáculos, mas ainda há algumas coisas que podíamos melhorar. Além disso, o nosso automóvel está prestes a dar o seu último suspiro e todos dependemos dele. Sobretudo o meu pai. Com as quarenta mil libras que o James me teria dado no fim do curso, poderia comprar um monovolume novo.

Abano a cabeça. Não, os Beauforts nunca comprarão o meu silêncio. Eu não me vendo.

Tiro a agenda de debaixo do livro de História e abro-a. Todas as tarefas de hoje já estão assinaladas como feitas. Só falta uma, que parece gozar comigo: ir buscar a carta de recomendação ao gabinete do professor Sutton.

Olho para as letras com os dentes cerrados. Adoraria fazê-las desaparecer, e fazer o mesmo à memória do professor Sutton e da Lydia.

Pela primeira vez desde que a aula começou, atrevo-me a desviar o olhar da cabeça da Lydia e a olhar para a frente.

O professor Sutton está parado junto do quadro branco. Tem vestida uma camisa aos quadrados, com um casaco de malha cinzento-escuro por cima,

além dos óculos que usa sempre. A barba de três dias é cuidada e, nas maçãs do rosto, veem-se aquelas duas covinhas que toda a nossa turma adora.

De repente, oiço gargalhadas à minha volta. O professor disse uma piada.

É uma das razões pelas quais sempre gostei tanto dele.

E agora nem sequer consigo olhar para ele.

Não entendo. O professor Sutton é suficientemente bom para ter conseguido estudar em Oxford, estudou lá durante anos, está a dar aulas num dos colégios privados mais conceituados de Inglaterra, e a primeira coisa que faz é envolver-se com uma aluna? Pode saber-se porquê?

O olhar dele cruza-se com o meu e, um instante depois, o sorriso desaparece do seu rosto.

À minha frente, a Lydia fica tensa. Contrai os ombros e o pescoço, como se estivesse a lutar com todas as suas forças para não se virar para trás.

Baixo os olhos tão depressa que o cabelo me cai sobre a cara como uma nuvem escura. Mantenho-me nessa posição durante o resto da aula.

Quando por fim oiço o toque de saída, sinto-me como se tivessem passado dias e não apenas noventa minutos. Demoro o máximo de tempo possível. Recolho as minhas coisas em câmara lenta e guardo-as meticulosamente na mochila. Depois puxo o fecho de correr tão lentamente que consigo ouvir o encaixe de cada um dos dentes.

Só me levanto quando os passos e as vozes dos meus colegas se afastam. O professor Sutton está ensimesmado, a pôr os papéis dentro de uma pasta. Parece tenso e todos os traços de humor que mostrou há pouco desapareceram das suas feições.

A única aluna que ainda está na sala connosco é a Lydia Beaufort. Fica parada junto da porta, a olhar para mim e para o professor com uma expressão inquieta.

Quando ponho a mochila ao ombro e avanço na direção do professor, sinto o coração a bater-me na garganta. Quando chego a uma distância prudente da secretária dele, paro e pigarreio. O professor Sutton olha para mim. Os olhos dele, de um tom castanho-dourado, estão cheios de arrependimento. Sinto que lhe pesa a consciência. Move-se como um robô.

— Lydia, importas-te de nos deixar a sós? — pergunta-lhe, sem olhar para ela.

— Mas...

— Por favor — acrescenta com suavidade, olhando para ela por breves segundos.

Ela anui com os lábios cerrados e dá meia-volta. Fecha a porta da sala sem fazer barulho. O professor Sutton vira-se novamente para mim. Abre a boca para dizer qualquer coisa, mas eu adianto-me.

— Queria que me desse a carta de recomendação para Oxford — digo-lhe muito depressa.

Pestaneja, perplexo, e demora um momento a reagir.

— Eu... claro.

Nervoso, rebusca a pasta na qual antes guardou os papéis da aula. Como não encontra o que procura, inclina-se, levanta do chão a pasta de cabedal castanha e pousa-a em cima da secretária. Abre-a e rebusca no interior durante um bocado. Tem as mãos a tremer e noto um pequeno rubor no seu rosto.

— Aqui está a cópia — murmura, quando por fim pega numa mica com uma folha dentro. — Queria discuti-la contigo ponto por ponto antes de a enviar, mas depois... — Pigarreia. — Acabei por enviá-la, porque não sabia se ainda querias vir buscá-la.

Pego na folha com os dedos rígidos. Engulo em seco.

— Obrigada.

Ele torna a pigarrear. É uma situação incómoda.

— Gostava que soubesses que eu...

— Não. — O som da minha voz é rouco. — Por favor... não.

— Ruby... — Subitamente, além do arrependimento, distingo outra emoção nos olhos do professor Sutton: medo. Tem medo de mim. Ou, melhor dizendo, tem medo do que eu possa fazer com o que sei sobre ele e a Lydia. — Eu só queria...

— Não — repito, e, desta vez, o meu tom de voz é mais firme. Levanto a mão na defensiva. — Não faço tenções de contar nada a ninguém. A sério que não. Eu... só quero esquecer o que aconteceu. — Ele abre a boca e torna

a fechá-la. O seu olhar denota simultaneamente surpresa e dúvida. — Não é um assunto que me diga respeito — prossigo. — Aliás, não diz respeito a ninguém.

Sumimo-nos num silêncio durante o qual o professor Sutton me observa de uma forma tão intensa que não sei para onde olhar. É como se quisesse ver nos meus olhos a confirmação de que estou realmente a falar a sério. No fim, diz-me em voz baixa:

— Sabes que continuarei a ser teu professor.

Claro que sei. E a perspetiva de ter de passar várias horas por semana enfiada numa sala com ele e com a Lydia não me agrada nada. Mas a outra opção seria comunicar o acontecido ao diretor do colégio, e o encontro com o James Beaufort deu-me uma ideia clara do que me aconteceria se o fizesse. Já para não falar de eu ser realmente da opinião de que a vida privada do professor Sutton não me diz respeito.

— Quero esquecer tudo, apenas isso — repito.

Ele dá um grande suspiro.

— E sem... condições?

Quando vê a minha expressão de indignação, acrescenta a toda a pressa:

— Não porque não fosses ter nota positiva na minha cadeira. És uma das melhores alunas desta turma, sabes disso. Só pensava que... eu...

Com um suspiro abatido, para de falar. Tem as maçãs do rosto coradas, está inseguro e o seu olhar é quase desesperado. De repente, parece-me incrivelmente jovem e, pela primeira vez, pergunto-me que idade terá. Imagino que, no máximo, deve ter uns vinte e cinco anos. Tento sorrir, mas falho por completo.

— Só quero terminar o ano tranquilamente, professor Sutton — respondo-lhe, enquanto guardo a cópia da carta na mochila. Como não me responde, dirijo-me para a porta da sala. Quando lá chego, viro a cabeça e torno a olhar para ele. — Por favor, trate-me como sempre me tratou. — Ele olha para mim como se eu fosse uma aparição, e não das boas. O olhar dele é desconfiado e não o posso censurar. — Muito obrigada pela carta de recomendação.

Vejo-o engolir em seco. Depois faz um gesto de assentimento. Dou meia-

volta e saio da sala. Depois de fechar a porta, apoio-me contra ela, fecho os olhos e respiro fundo várias vezes.

Logo a seguir, apercebo-me de que não estou sozinha. Um som baixo obriga-me a abrir os olhos imediatamente.

À minha frente, o James Beaufort está encostado à parede. Tem os braços cruzados sobre o peito e um pé apoiado na parede. Os olhos dele estão pousados em mim, e o olhar é mais duro, mais sombrio. Não resta nenhum sinal do sorriso de cumplicidade com que quis dar-me o dinheiro.

Empurra o pé contra a parede, para se endireitar e se aproximar de mim. Caminha lentamente e com um passo quase ameaçador. O tempo passa em câmara lenta. Começo a ficar com o coração acelerado. Este é o reino dele. E sinto-me como uma intrusa.

Para muito perto de mim. Baixa os olhos sem dizer palavra e, por uns segundos, esqueço-me de respirar. Quando torno a fazê-lo, apercebo-me de quão bem ele cheira. Parece anis-estrelado. É simultaneamente picante e ácido, mas agradável. Teria adorado aproximar um pouco mais o nariz do corpo dele, mas depois lembro-me de quem é o rapaz que está à minha frente.

O James leva a mão ao bolso interior do *blazer*. Esse gesto liberta-me da imobilidade provocada pelo susto. Olho para ele com os olhos semicerrados.

— Se voltas a pôr-me dinheiro na mão, juro-te que o vais engolir.

A mão dele para por um segundo, ainda dentro do bolso, e depois tira-a para fora. Os seus olhos ficam mais escuros.

— Para de fazer o número de Madre Teresa e diz-me o que queres da minha família. — Tem uma voz aveludada e profunda, que contradiz estranhamente a dureza das suas palavras.

— Não quero absolutamente nada da tua família — digo-lhe, contente por ter a porta atrás de mim. — Exceto, talvez, que me deixem em paz. E a Madre Teresa teria pegado no dinheiro e tê-lo-ia repartido pelo refeitório ou tê-lo-ia dado às pessoas necessitadas que vivem na rua. Tu sabes. Essa história do amor ao próximo e tudo o mais.

O rosto do James fica como que de pedra.

— Achas isto divertido? — pergunta-me.

Está furioso e isso percebe-se claramente na voz dele. Avança mais um passo na minha direção, ficando tão próximo que as biqueiras dos sapatos dele tocam nas dos meus. Se se atrever a aproximar-se mais um milímetro que seja, vou dar-lhe um pontapé nas partes baixas, e é-me indiferente que, em Maxton Hall, passem a saber quem eu sou.

— Não quero problemas contigo, Beaufort — digo-lhe, esforçando-me por manter a calma. — Nem com a tua irmã. E, acima de tudo, não quero o vosso dinheiro. A única coisa que quero é acabar este último ano do secundário.

— A sério que não queres o dinheiro? — pergunta-me, e parece tão incrédulo que, automaticamente, pergunto-me o que é que ele e a família terão vivido no passado. Ou com que género de pessoas se dão.

É-me indiferente, é-me indiferente, é-me indiferente!

— Não, não quero o teu dinheiro. — Talvez acredite se lho repetir várias vezes, olhando-o fixamente nos olhos.

Fica a olhar para mim durante o que me parece uma eternidade, como se estivesse a estudar cada centímetro do meu rosto e a tentar descobrir quais são as minhas intenções. A seguir, baixa os olhos para a minha boca, depois para o meu queixo e para o pescoço, e desce ainda mais. Centímetro a centímetro.

Quando torna a levantar os olhos, a expressão do seu rosto reflete qualquer coisa diferente. Afasta-se um pouco.

— Estou a perceber. — Suspira e olha para os dois lados do corredor. — Onde é que queres?

Não faço a mais pequena ideia de a que é que ele se está a referir.

— O quê?

— É onde quiseres. — Coça a nuca. — Acho que, ali atrás, há uma das salas de professores que está livre. Tenho uma chave-mestra. — Olha para mim atentamente. — Gritas muito? É que ao lado é o gabinete da professora Wakefield e ela costuma ficar até mais tarde.

Não consigo fazer mais nada senão ficar a olhar para ele, enquanto pergunto a mim mesma que diabos quer de mim.

— Não faço a mais pequena ideia do que estás a falar.

Levanta uma sobrancelha, com uma expressão gozona.

— Claro. Ouve, eu já conheço o truque do «não quero dinheiro».

E, depois, agarra-me repentinamente na mão e arrasta-me pelo corredor fora. Quando chegamos diante da sala que referiu, tira a chave do bolso das calças e abre a porta. Com a mão livre, começa a desapertar a gravata.

Onde é que queres?

Quando percebo a que é que ele se estava a referir, o horror deixa-me sem respiração. Mas, então, ele torna a dar-me a mão e puxa-me para o interior da sala. Agarro-me à ombreira da porta e solto-me da mão dele.

— O que é que estás a fazer? — pergunto-lhe rispidamente.

— Estamos a voltar a negociar — responde-me. Depois olha de relance para o relógio de pulso. Tem uma bracelete preta e um mostrador de bronze, muito elegante. E incrivelmente caro. — Daqui a nada tenho treino, portanto seria excelente se pudéssemos agilizar a coisa.

Segura a porta aberta para eu entrar e aponta com o queixo para a sala, enquanto acaba de desfazer o nó da gravata e começa a desabotoar a camisa. Quando me mostra o tronco nu e lhe vejo os músculos, o meu cérebro sofre um curto-circuito. Tenho a sensação de ter a boca cheia de serradura.

— Passaste-te completamente dos carretos? — pergunto-lhe com voz rouca, dando um passo atrás antes que ele desabotoe o último botão da camisa.

Trespassa-me com o olhar.

— Não finjas que não sabes o que é que se está a passar.

Bufo de maneira depreciativa.

— Estás completamente doido se pensas que vais obrigar-me a ficar calada em troca de um servicinho sexual. Quem é que pensas que és, vaidoso de merda?

O James pestaneja várias vezes. Abre a boca e torna a fechá-la. No fim, encolhe os ombros. Tenho as maçãs do rosto a arder. Não sei se isto me mete nojo ou se estou envergonhada. Acho que sinto um misto de asco e de vergonha.

— Mas o que é que se passa contigo? — murmuro, abanando a cabeça.

— Toda a gente tem um preço, Robyn. Qual é o teu? — responde-me, bufando.

— Chamo-me Ruby, porra! — exclamo, bufando em resposta e cerrando os punhos. — A partir de agora, a única coisa que tens de fazer é deixar-me em paz, é esse o meu preço. E, na verdade, não posso permitir-me ser vista contigo.

Os olhos dele lançam chispas.

— Não podes permitir-te ser vista comigo?

Na verdade, a incredulidade que oiço na voz dele devia indignar-me, mas, por esta altura, só consigo sentir pena dele. Quase.

— Já é suficiente que me tenhas abordado no refeitório. Não quero fazer parte do teu mundo.

— O meu mundo — repete ele secamente.

— Tu sabes... as festas, as drogas e todas essas merdas. Não quero ter nada que ver com isso.

De repente, ouvimos uns passos no corredor. O meu coração dá um salto e quase me sai pela boca. Empurro o James para dentro da sala e fecho a porta atrás de nós. Sustendo a respiração, fico à escuta atentamente, na esperança de que a pessoa que se aproxima não entre na sala.

Não, por favor; não, por favor; não, por favor.

O som dos passos torna-se cada vez mais alto, e fecho os olhos com força. Param diante da porta. Depois tornam a afastar-se e desaparecem por completo. Suspiro de alívio.

— Estás mesmo a falar a sério. — O tom de voz do James é insondável, tal como o seu olhar.

— Sim — respondo-lhe. — Portanto, podes voltar a abotoar a camisa, se não te importas.

Faz lentamente o que lhe pedi, sem desviar os olhos de mim. Como se estivesse a procurar um indício qualquer de que eu tenha mudado de ideias. Não parece encontrar nenhum.

— Está bem.

Subitamente, a pressão que sinto no peito acalma-se.

— Está bem. Fantástico. Agora tenho de ir para casa, os meus pais estão à minha espera.

Aponto para trás com o polegar, por cima do ombro. Como ele não diz nada, levanto a mão torpemente para me despedir. Depois, viro-me para a porta.

— Seja como for, não confio em ti. — O tom de voz sombrio do James faz-me ficar com pele de galinha.

Rodo a maçaneta da porta.

— Digo-te o mesmo.

5

James

O ambiente no balneário é tenso, é como se o ar estivesse cheio de eletricidade por causa do nosso elevado nível de adrenalina. Estes minutos, pouco antes de o treinador nos dar a instruções e de por fim sairmos para o campo são, ao mesmo tempo, os piores e os melhores. Nestes minutos tudo parece possível: a vitória e a derrota, o orgulho e a vergonha, a alegria se vencermos e a insuportável frustração se perdermos. Em nenhum outro momento o espírito de equipa é maior ou a motivação mais elevada.

Do exterior, chegam-nos os gritos de apoio dos nossos colegas e também os dos apoiantes da equipa adversária. Parece incrível que há cinco anos ninguém se interessasse por lacrosse em Maxton Hall. Nessa altura, era o desporto dos falhados: só quem não tinha sucesso como jogador de râguebi ou de futebol é que entrava para a equipa de lacrosse, que era bastante fraca. Era composta por uma miscelânea de adolescentes magritos e cheios de acne, que não sabiam o que fazer com os braços e as pernas demasiado compridos.

Pensei que seria engraçado entrar para a equipa. Acima de tudo, esperava irritar o meu pai. Nunca teria imaginado que, na verdade, me iria divertir. Ou que, no espaço de poucas semanas, começasse a ter a ambição de transformar essa equipa em algo mais. Convenci os meus amigos a mudarem de desporto, ameacei o diretor Lexington com a cólera dos meus pais se não nos arranjasse um treinador melhor e pedi ao nosso melhor *designer* que criasse uma nova camisola.

Foi a primeira vez na vida que me envolvi apaixonadamente em alguma coisa. E valeu a pena. Porque hoje, cinco anos mais tarde, depois de treinar várias horas por semana, à base de sangue, suor, lágrimas, alguns ossos partidos e três campeonatos vencidos, somos o porta-estandarte do colégio.

Todos demos o litro para chegar aonde chegámos. E fico sempre cheio de orgulho ao ver os rostos decididos dos membros da minha equipa antes de

cada jogo. Como agora.

Apesar disso, hoje também tenho outro sentimento. É sombrio e doloroso, e faz com que, pela primeira vez em todos estes anos, me custe pôr o capacete: este vai ser o primeiro jogo do meu último ano no colégio.

Quando a temporada terminar, já não voltarei a jogar. Nessa altura, o lacrosse não fará parte desta contagem decrescente lenta e cruel que não posso parar. Por mais que tente.

— Está tudo claro? — pergunta-me o Wren, batendo com o ombro no meu.

Fazendo um grande esforço, afasto os pensamentos que estava a ter. Ainda tenho tempo, ainda tenho diante de mim um ano inteiro durante o qual poderei fazer o que me apetecer. Com um sorriso algo forçado, viro-me para o Wren.

— Vamos dar uma lição a esses idiotas do Eastview.

— O McCormack é meu — intromete-se imediatamente o Alistair, como se tivesse estado à espera desta deixa. — Ainda tenho contas a ajustar com ele.

— Alistair… — intervém o Kesh, à minha esquerda. Esfrega a cana do nariz com os dedos, precisamente no sítio onde a partiu há um ano. — Deixa-o em paz. — O tom de voz do Kesh e o olhar expressivo que lança ao Alistair não deixam margem de dúvida de que esta não é a primeira vez que falam sobre este assunto.

— Nem pensar! — responde-lhe desembaraçadamente o Alistair.

O McCormack, com quem, infelizmente, partilho o primeiro nome, atacou o Kesh à traição, dando-lhe uma pancada na cara com o taco logo depois de ele ter tirado o capacete. Ainda me lembro do susto que apanhámos quando o Kesh caiu redondo no chão. De como o sangue jorrava aos borbotões do nariz dele e lhe salpicava a camisola. Dos minutos em que esteve inconsciente à nossa frente.

Embora o McCormack tenha sido castigado e tenha passado os três jogos seguintes no banco, basta lembrar-me do rosto magoado do Kesh para me sentir invadido pela raiva, e é evidente que acontece o mesmo ao Alistair, que olha agora para o Kesh com uma expressão decidida.

— Não faças nada irrefletido — diz o Kesh, enquanto veste a camisola azul. Depois apanha o cabelo num carrapito pequeno e despenteado e fecha a porta do cacifo.

— Já sabes como ele é — murmura o Wren, encostando-se de lado ao cacifo, com um esgar nos lábios.

— É-me indiferente que me castiguem para o resto da temporada. O McCormack vai pagar com juros. — O Alistair dá uma pequena palmada no ombro do Kesh. — Podes alegrar-te por eu me preocupar tanto contigo e com a tua honra.

Antes de o Alistair conseguir afastar a mão, o Kesh agarra-a e lança-lhe um olhar por cima do ombro.

— Estou a falar a sério.

O Alistair semicerra os olhos ambarinos, formando duas fendas estreitas.

— Eu também.

Olham fixamente um para o outro durante demasiado tempo e o ambiente, já de si carregado, torna-se ainda mais tenso. Chegou o momento de irmos para o campo.

— Mais vale pouparem a vossa energia para o jogo — digo-lhes, num tom que deixa claro que, neste momento, não lhes falo como amigo mas sim como capitão de equipa. Dois pares de olhos indignados viram-se para mim e, antes que possam responder-me, bato palmas sonoramente.

A equipa reúne-se imediatamente no meio do balneário. Enquanto caminho, visto a camisola com o número dezassete. O contacto da pele com o tecido é-me familiar, como se fizesse parte de mim. Aquele sentimento sombrio de há pouco tenta impor-se novamente, mas reprimo-o com todas as minhas forças e concentro-me no treinador Freeman, que, nesse momento, sai do seu gabinete e aproxima-se de nós. É um homem alto e magro, que, pelo comprimento das pernas, poderia ser tomado mais por um corredor de fundo ou por um atleta do que por um jogador de lacrosse. Tem na mão um boné com que depois tapa o cabelo, que, nestes últimos anos, tem ficado cada vez mais escasso e grisalho, depois endireita a pala e põe os braços à minha volta e do Cyril, que somos o capitão e o subcapitão.

Passa os olhos pelo balneário.

— Para alguns de vocês, esta é a primeira temporada e, para outros, a última. O nosso objetivo é o campeonato — diz num tom ríspido. — Tudo o resto é inaceitável. Portanto, tentem dar cabo destes tipos.

O treinador Freeman não é um homem de grandes palavras, mas também não são precisas. As poucas frases que pronuncia são suficientes para provocar um forte grito de aprovação entre nós.

— Esta temporada tem de ser a melhor a que Maxton Hall alguma vez assistiu — acrescento eu, num tom um bocado mais alto do que o do treinador. — Está claro?

Os rapazes tornam a gritar, mas para o Cyril ainda não o fazem suficientemente alto.

— Está claro? — repete ele.

Desta vez, a gritaria é tão forte que ecoa nos meus ouvidos. Ou seja, é precisamente como deve ser.

A seguir, colocamos os capacetes e pegamos nos tacos. Ao sair do balneário e ao percorrer o caminho de saída para o campo, em que temos de atravessar um túnel estreito, sentimo-nos como se estivéssemos a fazer mergulho: os sons do exterior chegam-nos abafados, quase como se sentíssemos a pressão nos ouvidos. Seguro o taco com mais força e conduzo a minha equipa para o exterior, para o campo.

As bancadas estão a abarrotar de gente. O público solta vivas quando saímos para o campo, e as animadoras começam a dançar. A música ressoa pelos altifalantes e faz com que o chão vibre debaixo dos nossos pés. O ar fresco entra-me para os pulmões e, pela primeira vez em semanas, sinto-me vivo.

Enquanto os suplentes e o treinador se posicionam na parte lateral do campo, nós vamos para o centro e plantamo-nos em frente dos membros da outra equipa, que parecem tão motivados quanto nós.

— Vai ser um bom jogo — murmura o Cyril ao meu lado, expressando o que eu penso.

Enquanto esperamos pelo árbitro, passo o olhar pelas bancadas. Daqui de baixo, quase não reconheço ninguém, com exceção da Lydia, que, como sempre, está sentada na última bancada de cima, com as amigas dela, a

fazer de conta que se está nas tintas para todo o espetáculo. Olho para o outro lado do campo e observo os suplentes da outra equipa e o treinador deles, que agora se dirige para o Freeman para o cumprimentar.

É então que uma cabeleira castanha atrai a minha atenção. Uma rapariga aproxima-se dos dois treinadores. Troca algumas palavras com eles e faz sinal para qualquer coisa que tem na mão. Quando o vento lhe afasta o cabelo do rosto, reconheço-a.

Não posso permitir-me ser vista contigo.

A recordação dessas palavras atinge-me como um pontapé na barriga. Nunca ninguém me tinha dito algo assim.

Regra geral, costuma acontecer-me exatamente o contrário. As pessoas querem ser vistas comigo a todo o custo. Desde o momento em que pus os pés no colégio que os meus colegas me perseguem e tentam despertar o meu interesse. É o que acontece quando se tem o apelido Beaufort. Desde que, há cento e cinquenta anos, a minha família do lado materno fundou a loja de roupa clássica para homem e, a partir daí, conseguiu criar um império que vale milhões, não há ninguém neste país que não conheça o nosso apelido. O nome Beaufort está aliado a riqueza. A influência. A poder. E, em Maxton Hall, há uma série de pessoas que pensa que posso facultar-lhes estas coisas — ou, pelo menos, umas migalhas — se me derem graxa suficiente.

Já não consigo contar pelos dedos das mãos a quantidade de vezes que, depois de uma noite de borga, alguém me mostrou esboços de roupas. A quantidade de vezes que se dirigiram a mim usando um pretexto qualquer, para depois, no decurso da conversa, me pedirem os contactos dos meus pais. A quantidade de vezes que tentaram entrar para o círculo da minha família, para depois darem à imprensa informações privilegiadas sobre mim e sobre a Lydia. A fotografia tirada há dois anos, no aniversário dos dezasseis anos do Wren, em que estou a snifar um traço de coca, é apenas um exemplo entre muitos. Já para não falar de tudo o que a Lydia teve de sofrer.

É por isso que escolho os meus amigos com muito cuidado. O Wren, o Alistair, o Cyril e o Kesh não se interessam pelo meu dinheiro, têm-no de

sobra. Os antepassados do Alistair e do Cyril pertencem à aristocracia inglesa, o pai do Wren acumulou uma fortuna incrível com a compra e venda de ações, e o pai do Kesh é um famoso produtor de cinema.

As pessoas reclamam a nossa atenção.

Todas menos...

O meu olhar detém-se na Ruby. O cabelo escuro brilha à luz do sol e o vento despenteia-o. Está a travar uma batalha inglória com a franja, penteando-a com a mão, apesar de isso não lhe servir de nada porque, dois segundos depois, o vento sopra-a em todas as direções. Tenho quase a certeza de que nunca tinha reparado nela antes do que aconteceu com a Lydia. E, agora, pergunto a mim mesmo como pude não me dar conta da sua existência.

Não posso permitir-me ser vista contigo.

Tudo nela me provoca desconfiança, é tão simples quanto isso… sobretudo, aqueles olhos verdes e penetrantes. Quero aproximar-me dela para me certificar se olha para as outras pessoas da mesma maneira que olha para mim: com fogo nos olhos e um desprezo total.

Esta rapariga viu a minha irmã a enrolar-se com o professor. Pergunto-me o que é que terá em mente. Se estará à espera do momento certo para fazer rebentar a bomba. Não seriam as primeiras gordas a aparecer na imprensa sobre a minha família.

«O *affaire* de Mortimer Beaufort com uma rapariga de vinte anos.»

«Cordelia Beaufort cai numa depressão.»

«A adição vai destruí-lo! A história de toxicodependência de James Beaufort!»

Depois de o meu pai ter ido jantar com uma funcionária, a imprensa noticiou que tinham uma relação amorosa; transformaram uma zanga entre os meus pais numa depressão profunda; e, a mim, transformaram-me num agarrado que estava à beira de sofrer uma *overdose* e que precisava de ser salvo urgentemente. Nem sequer quero pensar no que iria ler nos jornais se os jornalistas descobrissem o que aconteceu entre a Lydia e o professor Sutton.

Continuo a observar a Ruby. Tira uma máquina fotográfica da mochila e

tira uma fotografia aos treinadores enquanto estes dão um novo aperto de mão. Agarro o taco com tanta força que as luvas até rangem. Não consigo avaliar a Ruby, não faço a mais pequena ideia se me disse a verdade ou se, por trás daquela fachada desinteressada, se esconde uma pessoa fria e calculista.

Talvez devesse ter-lhe oferecido mais dinheiro. Ou, se calhar, quer outra coisa e está à espera do momento certo para ma pedir.

Não me agrada nada que o destino da minha família e, em especial, o da Lydia, estejam nas mãos desta rapariga.

Não posso permitir-me ser vista contigo.

Veremos se isso é verdade.

Ruby

Estou totalmente às aranhas.

O lacrosse é um desporto rápido. A bola vai de uma baliza para a outra e eu mal consigo acompanhá-la, nem com a máquina fotográfica nem com o olhar. Desde o início que devia ter percebido que, sem a Lin, não conseguiria documentar este jogo sozinha. Normalmente, dividimos os artigos sobre atividades desportivas: uma relata o que está a acontecer no jogo e a outra tira as fotografias. Mas, à última hora, a mãe da Lin pediu-lhe que fosse a Londres e, em tão pouco tempo, não conseguimos contactar alguém da comissão de eventos que pudesse substituí-la.

Como os artigos sobre a equipa de lacrosse são, de longe, os que têm mais visualizações no nosso blogue de atividades, não queríamos deixar de publicar o relato deste jogo. O problema é que, para escrever uma crónica com o título «Maxton Hall contra Eastview: duelo de titãs», eu devia entender o que está a acontecer no campo. Mas, entre os gritos dos jogadores, as imprecações dos treinadores e os vivas e os apupos dos espectadores, é-me difícil ter uma visão geral das jogadas concretas, já para não falar da dificuldade de tirar boas fotografias dos momentos importantes. Sobretudo porque tenho de as tirar com uma máquina fotográfica que tem, certamente, mais de dez anos.

— Que grande fantochada! — exclama o treinador Freeman, dando berros tão altos que apanho um susto de morte.

De máquina fotográfica em punho, levanto os olhos e verifico que perdi o segundo golo de Eastview. Merda: a Lin vai-me matar. Aproximo-me um pouco mais do treinador. Quando se está a ver um jogo no campo, não há repetições das jogadas como na televisão, mas talvez ele consiga explicar-me o que aconteceu. No entanto, antes de eu poder abrir a boca, ele já está novamente aos berros:

— Passa a bola de uma maldita vez, Ellington!

Viro os olhos para a área. O Alistair Ellington corre em direção ao meio-campo rival, tão depressa que nem sequer tento levantar a máquina fotográfica, porque é impossível retratar a jogada numa só imagem. Depois tenta abrir caminho entre dois defesas, mas, subitamente, aparece um terceiro jogador que se põe à frente dele. Embora o Ellington seja incrivelmente veloz, comparativamente aos colegas é baixinho. Até eu vejo claramente que não tem qualquer hipótese de sair airoso contra três adversários.

Um dos defesas arremete pesadamente contra o ombro do Ellington, que aguenta o embate mas retrocede meio metro.

— Passa a bola! — torna a gritar o treinador.

O Alistair continua a enfrentar o adversário e, mesmo da lateral do campo, consigo ouvi-los a picar-se mutuamente. De repente, a postura do Alistair, que já era tensa, torna-se ainda mais rígida e, por um segundo, ele e o adversário ficam imóveis nas suas posições. O Freeman respira fundo, certamente para poder continuar a gritar mais instruções, mas, nesse momento, o Alistair puxa o taco atrás, toma balanço e, descarregando toda a sua raiva, bate com o taco nas costelas do adversário.

Fico horrorizada, sem fôlego. O Alistair dá um segundo golpe, desta vez acertando na barriga do outro jogador, que grita de dor e cai sobre os joelhos. O outro defesa atira-se ao Alistair, cai com ele ao chão e começa a bater-lhe com os punhos protegidos por luvas. O Alistair também lhe bate com o taco. Ouve-se o assobio estridente de um apito, mas são precisos vários jogadores para separar os combatentes. Oiço a voz sombria do James

Beaufort. Grita com o Ellington e imagino que, enquanto capitão da equipa, esteja com vontade de o esganar.

Ao meu lado, o treinador Freeman não para de soltar impropérios. Entre outros, «que grande fantochada» é o mais suave, os restantes, definitivamente, não são adequados para menores de idade. Tirou o boné e puxa os cabelos com tanta violência que vejo um punhado deles cair ao chão. Pouco depois, o árbitro expulsa o Alistair do campo.

O Ellington aproxima-se de nós pela lateral do campo, tirando o capacete e a proteção da boca. Depois, atira-os despreocupadamente para o chão.

— Que diabos aconteceu, Ellington? — ruge o treinador.

Prudentemente, retrocedo um passo para não ficar no meio do fogo cruzado.

— Ele estava a pedi-las — responde o rapaz. O tom de voz é totalmente sereno, como se não tivesse acabado de se envolver numa cena de pancadaria.

— Estás...

— De castigo durante os próximos três jogos? — o Alistair encolhe os ombros. — Se acha que a equipa pode passar sem mim... — Depois, passa em frente do treinador, atira o taco para o chão e tira as luvas. Apercebe-se de que estou a olhar para ele e para. — Passa-se alguma coisa? — pergunta-me num tom desafiante.

Abano a cabeça numa negativa silenciosa. Por sorte, o apito do árbitro livra-me de ter de lhe dar uma resposta. Volto o mais rapidamente possível para a minha posição inicial. Preciso de um par de segundos para descobrir onde está a bola: dentro da rede do taco do Wren Fitzgerald. Não é tão rápido como o Alistair, mas é mais forte. Afasta da sua frente um jogador do Eastview, usando o ombro, mas, pouco depois, há outro que lhe tira a bola. No entanto, o Beaufort já está no seu encalço e torna a recuperar a bola quando o adversário tenta passá-la.

A contragosto, esboço um meio-sorriso. O Beaufort é realmente bom. Mesmo muito bom. Movimenta-se com agilidade e elegância, ajusta os passos aos dos adversários e é brutal quando alguém se interpõe no seu caminho. Não consigo ver-lhe o rosto por trás do capacete, mas tenho a

certeza de que adora estar no campo. Quando está a competir, parece que toda a vida não fez mais do que correr com um taco de lacrosse na mão.

— O que é que estás aqui a fazer? — soa de repente a voz do Alistair ao meu lado. Não só me sobressalta, como também me faz recordar o motivo pelo qual estou aqui. Rapidamente, volto a abrir o bloco de notas.

— Estou a escrever um artigo sobre o jogo, para o *Blogue Maxton* — respondo-lhe, sem levantar os olhos. — Como é que se chama o defesa que acabou de tirar a bola ao Wren?

— Harrington — responde-me o Alistair.

Sinto os olhos dele pousados em mim, enquanto o treinador Freeman lança outra litania de impropérios. Pelos vistos, enquanto eu me dedicava a tirar apontamentos, o Beaufort perdeu a bola. Que está novamente na posse do Eastview.

— Vá lá, Kesh — murmura o Alistair.

O avançado do Eastview dá um salto no ar, de quase metro e meio, para apanhar a bola. Quando volta a tocar no chão, dá dois passos curtos e lança a bola para a frente com um movimento poderoso. Acontece tudo tão depressa que, a princípio, não consigo perceber se a bola entrou na baliza ou não. Mas depois, nas bancadas, a zona onde estão os apoiantes de Maxton Hall aplaude fervorosamente quando o Keshav levanta o taco bem alto. Pelos vistos, o pedido que o Alistair fez em voz baixa resultou e o Kesh conseguiu parar a bola.

— Deixa-me ler o artigo, quando o acabares — diz-me o Alistair, enquanto eu escrevo no bloco «o Kesh para a bola no último segundo».

Olho para ele com ceticismo. É a primeira vez que o vejo tão ao perto e chama-me a atenção que os olhos dele sejam da cor do uísque.

— Bateste noutro jogador sem provocação nenhuma. Porque é que hei de dar ouvidos à tua opinião?

O rosto dele fica toldado por uma sombra e volta a fixar o olhar no Keshav.

— Quem é que te disse que lhe bati sem provocação?

Encolho os ombros.

— Visto daqui, pelo menos, não parecia que tivesses refletido muito sobre

o que estavas a fazer.

O Alistair olha para mim, levantando uma sobrancelha.

— Esperei vários meses para poder dar uma boa carga de porrada ao McCormack. E, quando ele abriu a boca e me ofendeu, a mim e aos meus amigos, tive a minha oportunidade.

Um dos caracóis loiros cai-lhe sobre a testa e ele afasta-o com a mão. Depois, fixa o olhar nas minhas notas. Franze o nariz.

— Como é que vais decifrar isso tudo? É impossível perceber o que quer que seja.

Gostava de poder protestar, mas ele tem razão. Em circunstâncias normais, a minha caligrafia é boa e, quando me esforço, é realmente bonita. No entanto, à velocidade a que tive de anotar tudo, as letras transformaram-se em gatafunhos.

— Normalmente somos duas a fazer isto — justifico-me, embora devesse ser-me indiferente o que o Alistair Ellington pensa sobre a minha caligrafia. — E não é nada fácil tirar fotografias, observar o jogo e seguir todas as jogadas ao mesmo tempo, para depois as poder descrever.

— E porque é que não te limitaste a gravar o jogo? — pergunta-me. Parece realmente interessado e não estar à procura de um motivo para gozar comigo. Sem fazer comentários, levanto a máquina fotográfica. O Alistair franze o sobrolho. — Quanto anos tem isso?

— Acho que a minha mãe a comprou antes do nascimento da minha irmã — respondo-lhe.

— E... quantos anos tem a tua irmã? Cinco?

— Dezasseis.

O Alistair pestaneja um par de vezes e depois um sorriso abre-se no seu rosto. Assim, já não parece o duro jogador de lacrosse que, há apenas uns minutos, estava a dar cabo do adversário com o taco. Parece mais um... anjo. Tem umas feições bonitas e harmoniosas que, em conjunto com os caracóis loiros, lhe dão um aspeto inofensivo. Mas sei que esse aspeto é enganoso. O Alistair é um dos melhores amigos do James Beaufort, pelo que deve ser exatamente o contrário de inofensivo.

— Espera um segundo — diz-me de repente, dando meia-volta e

desaparecendo pela porta que conduz aos balneários. Antes de eu ter tempo de me perguntar o que é que ele estará a planear, aparece novamente ao meu lado. Traz na mão um iPhone preto.

— Não tenho memória suficiente para gravar o jogo todo, mas posso tirar algumas fotografias — explica-me. Desbloqueia o telemóvel, abre a *app* da máquina fotográfica e vira o telemóvel para que a lente esteja apontada para o campo. Quando se apercebe de que eu não me mexo, levanta uma sobrancelha. — És tu que tens de olhar para o jogo, não eu.

Pestanejo, perplexa. Estou tão surpreendida que nem sequer me incomoda que me tenha apanhado novamente a olhar para ele.

— Vais ajudar-me?

— De qualquer maneira, agora não tenho nada melhor para fazer — responde-me, encolhendo os ombros.

— É... é muito simpático da tua parte. Obrigada.

Tento não parecer demasiado desconfiada, mas não consigo, de todo. A situação parece-me simplesmente irreal. Não posso acreditar que ele seja irmão da Elaine Ellington. Ela nunca me teria ajudado. Pelo contrário, teria gozado com a minha máquina fotográfica e ter-se-ia encarregado de que, no dia seguinte, todo o colégio soubesse da história.

Passo algum tempo a observar o Alistair pelo canto do olho e parece-me que está a levar a sério a sua nova tarefa. Tira fotografia atrás de fotografia e, às vezes, baixa o telemóvel para animar a sua equipa ou para apupar os adversários.

Entretanto, dedico-me a tirar apontamentos, o que agora é muito mais fácil. Quando o treinador se aproxima de nós, inicialmente penso que vai expulsar o Alistair do campo por causa das obscenidades que gritou a um dos avançados do Eastview. No entanto, em vez disso, começa a falar comigo e a explicar-me as jogadas, dizendo-me os nomes de algumas delas.

Durante os últimos dez minutos começa a chover, mas isso não parece desalentar ninguém, nem nas bancadas nem no campo, antes pelo contrário. Quando, depois de um passe do Cyril Vega para o Beaufort, em frente da baliza, a equipa de Maxton Hall ganha o jogo, o público enlouquece. O treinador dá um grito selvagem, vira-se para os jogadores com os punhos

cerrados e levanta os braços.

Fecho o bloco a toda a velocidade e guardo-o na mochila. Por esta altura, tenho o cabelo ensopado e a franja colada à testa. É absurdo tentar pentear-me e recuso-me a puxar o cabelo para trás, porque herdei a testa alta do meu pai.

Um após outro, os jogadores vão saindo do campo e aplaudem o Alistair… todos menos o Keshav, que avança para o balneário sem sequer olhar para ele. O rosto do Alistair reflete uma emoção que não sei definir. Por uma fração de segundo, o sorriso desaparece e os seus olhos escurecem e ficam opacos. Mas depois pestaneja e tudo se desvanece tão depressa que penso que deve ter sido imaginação minha.

O Alistair torna a apanhar-me a olhar para ele. Levanta o sobrolho.

— Obrigada, mais uma vez — apresso-me a dizer, antes que ele se adiante. Não sei se continuará a ser simpático comigo quando tiver os amigos por perto e prefiro não esperar para ver o que acontece. — Pelas fotografias.

— De nada. — Dá uns toques no ecrã tátil do telemóvel e depois estende-mo. O ecrã mostra o teclado numérico. — Dá-me o teu número, para poder enviar-te as fotografias.

Pego no telemóvel. Imediatamente antes de inserir o último número, oiço uma voz que agora já me é familiar.

— O que é que estão a fazer?

Levanto os olhos. O James Beaufort está à minha frente. Ensopado pela chuva: o cabelo loiro-acobreado está mais escuro do que de costume e cai-lhe sobre a testa, o que torna as suas feições ainda mais marcadas. Tem o taco numa das mãos e o capacete na outra, e não parece importar-se que a água lhe escorra pela cara e por todo o corpo e se misture com a lama que se acumulou na camisola durante o jogo.

Fico a olhar para o seu corpo molhado, apesar de não querer fazê-lo. Esta visão desperta algo em mim… algo que não tem nada que ver com desconfiança nem com repúdio. É uma emoção que não conheço, mas tenho bastante certeza de que o James Beaufort é a última pessoa em cuja presença devo senti-la.

Com determinação, afasto qualquer pensamento sobre o que essa sensação deve significar e tento mostrar-me o mais indiferente possível. Por sorte, o Alistair responde à pergunta dele.

— Ela está a escrever um artigo sobre o jogo, para o *Blogue Maxton*. — Tira-me o telemóvel da mão e olha para o número e o nome que gravei. Duvido que, antes disto, soubesse o meu nome. — Envio-te as fotografias mais logo, Ruby.

— Ótimo, muito obrigada — respondo-lhe, embora já me esteja a preparar mentalmente para que, quase de certeza, não o faça. Por muito que me tenha surpreendido na última meia hora, não deixa de ser o Alistair Ellington.

— Vou ver se o Kesh ainda está muito zangado — anuncia então, virando-se para o James.

— Está furioso — avisa-o o James, dirigindo um olhar frio ao amigo e colega de equipa. — Tal como eu e todos os outros. Tinha-te dito que não tocasses no McCormack.

— E eu não te dei ouvidos. — O Alistair encolhe os ombros. — Podes ser meu capitão, James, mas não és minha mãe.

Dir-se-ia que lhe é totalmente indiferente o que o James pense dele, mas quando lhe dá uma pequena palmada no ombro, fico com a impressão de que se está a desculpar. Depois, vira-se e dirige-se para o balneário.

O James torna a pousar os olhos em mim, e parecem mais gélidos do que nunca. Não sei se é por minha causa ou pela pequena discussão com o Alistair, mas quero pirar-me daqui o mais depressa possível.

— O que é que isto significa? — pergunta-me.

De repente, a chuva parece-me muito mais fria.

— Não sei do que é que estás a falar — respondo-lhe, com mais audácia do que a que, na verdade, sinto.

Faz um som breve que se supõe ser uma gargalhada. Ou um latido? Não tenho a certeza. Só me dou conta de que está mais tenso e de que o seu rosto tem uma expressão mais inflexível.

— Não te aproximes dos meus amigos, Ruby.

Antes que lhe possa responder, passa ao meu lado e, no meio das ovações

dos espectadores, dirige-se para o balneário.

6

James

— Esta festa é patética.

O Wren bebe um grande gole da garrafa de bolso e passa-a ao Cyril, que está ao lado dele, apoiado na balaustrada e com a mesma expressão enojada no rosto.

O Weston Hall estende-se diante de nós: é um salão de baile amplo e sumptuoso, com as janelas renascentistas de Maxton Hall, o soalho em parquê com desenhos cruzados, e adornos de estuque nas paredes. Como o resto do *campus*, esta sala tem um ambiente que parece ter retrocedido ao século XV... pelo menos, habitualmente.

Contudo, hoje, a sensação é a de termos aterrado numa festa de aniversário infantil. A decoração é alegre e no bufete há ponche sem álcool e entradas em pequenas tigelas de vidro decoradas com laços coloridos. A música é horrível. O que o DJ está a fazer ali em baixo, na sua mesa de mistura, é um enigma para mim. Não há nenhuma transição entre as canções, é como se tivesse posto a tocar uma lista de reprodução do Spotify em modo aleatório. Quase espero que, de um momento para o outro, uma voz irritante anuncie outro novato medíocre que está a ser um sucesso de vendas. Além disso, os convidados não parecem saber qual é o código de indumentária da festa. Alguns estão demasiado formais e outros demasiado informais.

Resumindo, a festa é um fracasso total. Dá a impressão de que alguém tentou trazer uma lufada de ar fresco para Maxton Hall, mas não se atreveu a atirar a tradição borda fora. Daí que o resultado seja um curioso misto de refinamento e inovação, que desconcerta os convidados e impede que haja um bocadinho de ambiente.

— Vá, para. Também não está assim tão mal — diz-me o Alistair, interrompendo os meus pensamentos.

Enfia as mãos nos bolsos e baloiça-se para trás e para a frente sobre as

pontas dos pés, com o olhar cravado para lá da balaustrada, sobre a pista de dança, para onde algumas pessoas acabam de se dirigir.

— És o único de nós que tem vontade de vir a estas festas — comenta o Kesh, revirando os olhos.

— Porque são divertidas — replica o Alistair, encolhendo os ombros.

O Kesh contrai a boca. Pega na garrafa de bolso que o Cyril lhe dá e passa-ma, sem beber nada.

— Acredita no que te digo, vai acabar por ficar animada. — Bebo um grande gole de uísque e desfruto da sensação de calor que me desce pela garganta.

O Wren olha alternadamente para mim e para o Alistair. Depois, abre muito os olhos.

— Tens alguma coisa planeada?

Ignoro a pergunta e encolho ligeiramente os ombros, mas, como sempre, o Alistair não sabe disfarçar. Não é preciso conhecê-lo muito bem para perceber que está a tramar alguma. Os olhos dele têm um brilho conspirativo e a inquietação delata-o por completo.

— Não posso acreditar. Planeaste alguma coisa, e contaste ao Alistair mas não a mim? — O Wren aponta um dedo acusador, primeiro para o Alistair e depois para mim. — És o meu melhor amigo. Considero que isso é uma traição à minha pessoa.

— Traição? — pergunto-lhe, esboçando um sorriso de satisfação.

Assente com veemência.

— Alta traição. Uma violação da sagrada fraternidade que nos une desde a infância.

— Só dizes disparates.

O meu tom seco vale-me um forte soco no ombro.

— Tens de encarar a coisa desta maneira, Wren, ele está a preparar uma surpresa fabulosa — diz-lhe o Alistair, dando-lhe um beliscão na bochecha. O Wren faz um esgar.

— Para vosso bem, espero valha a pena.

O Wren já está a arrastar um bocado as palavras e, no entanto, ainda só bebeu três tragos da garrafa de bolso. Mesmo assim, quando torna a

estender a mão, passo-lha. Na verdade, é um pecado ter de estar a beber este caro *Bowmore* aqui cima, às escondidas, em vez de o bebermos num copo de cristal, mas, nas festas de Maxton Hall, só servem bebidas alcoólicas aos pais e aos ex-alunos. Os alunos estão terminantemente proibidos de beber ou, sequer, de se aproximarem do bar. Claro que essa proibição nunca nos impediu de arranjarmos maneira de passar um bom bocado, e a maior parte dos professores fecha os olhos quando se dá conta de que estivemos a beber. Até à data, a pior coisa que nos aconteceu foi terem-nos feito uma advertência.

Os meus pais doam tanto dinheiro a Maxton Hall todos os anos que o colégio não tem outro remédio senão ser tolerante. A direção não pode, simplesmente, permitir-se entrar em conflito com a minha família ou com os nossos amigos.

— Onde é que a Lydia se meteu? — pergunta-me o Cyril.

Há uma despreocupação forçada no tom de voz dele, mas não nos engana. Há anos que está caidinho pela minha irmã. E o facto de, há dois anos, ter havido qualquer coisa entre os dois piorou imenso a situação. A Lydia, que só queria divertir-se, acabou com a história ao fim de duas semanas, sem suspeitar de que o Cyril estava perdidamente apaixonado e que lhe estava a partir o coração.

Às vezes tenho pena dele, verdadeiramente. Sobretudo quando penso que há mais de dois anos que não se interessa por mais ninguém e que é evidente que ainda se sente triste por ter perdido a Lydia.

— Não achas que já é altura de... não sei... de partires para outra? — pergunta-lhe o Alistair.

O Cyril lança-lhe um olhar assassino com os seus olhos azul-gelo.

— A Lydia foi a casa de uma amiga, acho que vem mais tarde — respondo-lhe, antes que a situação se agrave. De cada vez que tocamos sequer no tema da Lydia, o Cyril reage como se o tivéssemos ofendido profundamente.

Não pode descobrir, de maneira alguma, que a minha irmã teve um caso com o idiota do professor.

O que me lembra que tenho de dizer um par de coisas ao professor Sutton.

O cabrão que não volte a tocar nem num cabelo da minha irmã, caso contrário certificar-me-ei de que o tempo que lhe resta em Maxton Hall seja um inferno.

Sinto raiva por não lhe ter dado uma bronca antes. Mas era prioritário certificar-me de que a Ruby mantinha o bico calado. Sobretudo porque há algo nela que me provoca desconfiança.

Há uns dias, cruzei-me com ela no corredor, quando ia acompanhar a Lydia à aula de Filosofia. Enquanto a minha irmã baixava os olhos para o chão, eu tratei de observar a Ruby. Os nossos olhares cruzaram-se, mas ela nem sequer pestanejou, os olhos dela atravessaram-me como se fosse transparente. Eu fiz precisamente o contrário: fixei os olhos nela até ter de virar a cabeça. O que me chamou especialmente a atenção foi a sua atitude orgulhosa. A maneira como punha com firmeza a pasta debaixo do braço, o passo seguro, o queixo levantado. Parecia que se estava a preparar para um combate.

Automaticamente, procuro-a com o olhar. Os meus sensores devem estar orientados para ela porque, entre uma multidão de mais de cem pessoas, não preciso de mais do que uns poucos segundos para a encontrar. Apoio os braços no corrimão da balaustrada e inclino-me um pouco para a frente.

A Ruby está ao pé do bufete e anota qualquer coisa numa folha apoiada numa prancheta, com um ar inquieto. Levanta a vista, olha em volta e começa novamente a escrever. Depois, vira-se bruscamente e corre na direção do equipamento de música, atrás do qual está o DJ. Troca algumas palavras com ele e aponta para as notas.

Ligo os pontos mentalmente. Merda. Deve fazer parte da comissão de eventos. Os cantos dos meus lábios levantam-se. Isto vai ser divertido.

A Ruby diz mais qualquer coisa ao DJ e ele assente. Depois atravessa a pista de dança e volta para o seu lugar junto do bufete, um pouco afastada de tudo. Procura qualquer coisa no decote do vestido verde-escuro e tira-a para fora. É um telemóvel. Escreve uma mensagem e torna a guardá-lo. Nesse momento, um tipo de fato aproxima-se dela. Quando reconheço quem é, agarro com mais força o corrimão de madeira.

É o Graham Sutton.

Sem contar com o facto de desconfiar de todos os tipos que se aproximam demasiado da minha irmã, tratando-se do Sutton é ainda pior. Sobretudo agora que o vejo falar veementemente com a Ruby. Embora ela evite o olhar dele, não parece especialmente chateada.

Semicerro os olhos e praguejo para dentro, por estar aqui em cima e não lá em baixo, junto ao bufete, onde podia ouvir de que é que estes dois estão a falar. Se calhar, é de algo tão banal como a festa. O talvez estejam a falar da minha irmã?

E se estiverem a tramar fazer qualquer coisa juntos? E se o Sutton tiver chegado a um acordo com a Ruby? Isso ainda não me tinha ocorrido e duvido de que a Lydia tenha sequer pensado nisso. Não me explicou como é que se enrolou com o professor, mas conheço a minha irmã suficientemente bem para saber que, para ela, este homem é algo mais do que um pouco de adrenalina temporária.

Sinto nascer em mim uma necessidade irresistível de proteger a minha irmã. Com um gesto mecânico, levo a mão ao bolso interior do *blazer* e pego no telemóvel. Desbloqueio-o com os polegares e deslizo o ecrã para a esquerda para abrir a máquina fotográfica.

O canto onde a Ruby e o professor Sutton estão está escuro. Ele pôs-lhe a mão no ombro e tem a boca bastante próxima do rosto dela. Ao observá-los com mais atenção, vejo que a Ruby tem a prancheta entre os dois e que estão ambos a olhar para ela. Pelos vistos, afinal estão a falar do evento.

A imagem que vejo na vida real é totalmente inofensiva. Mas, no ecrã do meu telemóvel, de um ângulo bem escolhido e com uma edição decente, a situação podia ser interpretada de maneira muito diferente. Carrego no obturador. Várias vezes.

— O que é que estás a fazer? — A voz do Alistair soa mesmo atrás de mim. Espreita para o telemóvel por cima do meu ombro.

— A certificar-me — respondo-lhe.

Franze o sobrolho.

— O que é que tens contra ela?

Respiro fundo. Teria gostado de beber um pouco mais de *Bowmore* para acalmar a minha mente de uma vez por todas. Há dias que não consigo

sossegá-la.

— Viu uma coisa que não devia ter visto.

O Alistair parece meditar durante uns segundos e depois anui.

— Está bem.

— Se contar a alguém o que viu, vai transformar a vida da Lydia num inferno.

O Alistair olha lá para baixo e observa a Ruby, que continua a falar com o professor Sutton.

— Estou a ver.

Tiro uma última fotografia e torno a guardar o telemóvel no bolso interior do *blazer*. Depois, passo os olhos pela entrada da sala.

— Chegaram os meus convidados.

Um sorriso desenha-se no rosto do Alistair.

— Que comece o espetáculo.

Ruby

A festa é um sucesso tremendo. Às onze, os convidados enchem Maxton Hall, bebendo e comendo, conversando ou dançando. Até agora, nada correu terrivelmente mal e o diretor Lexington acabou de nos felicitar, a mim e à Lin, por este serão fantástico. Sinto-me tão aliviada que, por um breve instante, penso na possibilidade de também ir para a pista de dança e descontrair um bocadinho. Mas disse ao Doug e à Camille que não precisavam de trabalhar mais durante o resto da noite e alguém tem de vigiar o bufete, para que ninguém se atreva a deitar bebidas alcoólicas para dentro do ponche.

Nas primeiras duas horas, a pista de dança esteve completamente vazia e isso provocou-me autêntica preocupação. Mas o Kieran, que também faz parte da comissão de eventos e que está encarregado de pôr música, disse-me que era normal. E tinha razão. Desde há meia hora que os convidados estão a dançar ao ritmo das listas dos *remixes* mais variados, os quais, pessoalmente, não são do meu agrado, mas parecem funcionar bem no que respeita à festa.

Olho de relance em volta. Muitas das caras não me são familiares, mas isso é totalmente normal. O objetivo destas festas é reunir ex-alunos, arranjar patrocinadores e atrair os pais de futuros alunos. Foi a primeira coisa que o diretor Lexington me explicou há dois anos, quando me propus para fazer parte da comissão de eventos. O facto de nós, os atuais alunos, passarmos juntos um serão agradável não passa de um objetivo secundário no que respeita às atividades de Maxton Hall.

De repente, a luz apaga-se. A música para. Fico em estado de choque por um segundo e depois tiro o telemóvel do sutiã. *Merda, merda, merda*, murmuro enquanto tento acender a lanterna.

Um murmúrio de descontentamento estende-se pela sala e ressoa na minha cabeça como um eco. A festa tem de continuar a correr sobre rodas. Nada pode correr mal. Mesmo que falhe um gerador, seremos eu e a Lin a ser responsabilizadas, e já oiço mentalmente o tom dececionado do diretor Lexington a falar-nos sobre planeamento e previsão, e sobre como prejudicámos a imagem do colégio.

Afasto-me imediatamente do bufete. Agora não faz o menor sentido procurar a Lin; preciso de encontrar rapidamente o zelador, o Jones, para que me acompanhe à cave e verifique a caixa de eletricidade...

A luz torna a acender-se. Suspiro de alívio e levo a mão ao peito. No entanto, quando me viro e vejo o James Beaufort atrás da mesa do DJ, o meu coração dá um salto.

O Beaufort está a falar com o DJ e põe-lhe qualquer coisa na mão. Suponho que seja dinheiro. Cerro os dentes com força. Estou demasiado longe para intervir com suficiente rapidez. Olho para a pista de dança. Um par de convidados olha em volta com curiosidade; de certeza que se estão a perguntar o que é que terá acontecido à música. Outros dirigem-se para o bufete ou para o bar.

Nesse preciso momento, quando já é demasiado tarde, descubro umas pessoas que não têm aspeto de pertencer à clientela de Maxton Hall.

«Amigos», ouve-se a voz do DJ dizer, «como acabam de me comunicar, hoje temos uma surpresa muito especial reservada para todos vós. Estão preparados?» A minha barriga contrai-se. À minha frente, do outro lado da

pista, vejo a Lin e o Kieran, que, brancos como a cal, parecem estátuas. «Divirtam-se!»

A luz diminui, até que a sala fica mergulhada na penumbra. Entre as pessoas, circula um murmúrio de assombro. A canção que está a tocar tem uns graves profundos e um ritmo lento que faz tilintar os candelabros de cristal. Fico com os olhos cravados na pista de dança. Duas mulheres e dois homens começam a fazer uma dança lasciva. Subitamente, o ambiente da sala transforma-se por completo, ficando totalmente diferente do que era há dois minutos. Deixa de ser divertido e requintado e passa a ser sujo e grosseiro. Estou prestes a dirigir-me ao Beaufort para lhe dar uma bronca das antigas, quando alguém me agarra o braço.

— És a Ruby Bell? — pergunta-me o tipo que está ao meu lado.

Anuo, sem lhe prestar atenção. Na outra ponta da sala, uma rapariga pega no professor Sutton e no professor Cabot e puxa-os para o centro da pista.

— Isto é um presente do teu amigo James Beaufort — continua o tipo, pondo uma cadeira atrás de mim, para me obrigar a sentar. Perplexa, levanto os olhos para ele.

Deve ter pouco mais de vinte anos, usa o cabelo loiro claro penteado para trás e os olhos são de um azul-cristalino. Depois, põe-se à minha frente e... começa a dançar. Fico com a boca completamente seca. Tenho a mente em pausa. Não posso acreditar que isto esteja a acontecer. Mas está. O tipo despe lentamente o casaco e começa a desapertar o laço preto. Quando já está totalmente desapertado, atira-o para trás das costas, e há algumas mulheres que dão uns gritinhos, encantadas. A seguir, põe-se a brincar com os suspensórios, deixa um deles deslizar pelo ombro e, enquanto o faz, lança-me um sorriso sedutor. Quando leva a mão ao outro, roda suavemente sobre si mesmo e depois larga novamente o suspensório, encostando-o ao peito. Então, inclina-se por cima de mim e move as ancas ao ritmo lento da canção.

— Queres ajudar-me, Ruby? — sussurra-me ao ouvido, cobrindo a minha mão com a sua, que está surpreendentemente quente, e puxando-a para o suspensório.

— Vá, despe-o! — gritam-me algumas pessoas.

Isso desperta-me do meu imobilismo.

Levanto-me de um salto. O tipo dá um passo atrás. Por um instante, parece inseguro, mas depois os seus lábios recuperam o sorriso sedutor. Sem hesitar, faz deslizar o suspensório de cima do ombro e continua com o espetáculo como se nada se tivesse passado.

O meu coração quase para quando tiro os olhos dele e os viro para a pista de dança. Duas raparigas, vestidas apenas com umas tangas brilhantes e uns sutiãs de renda, estão a dançar em frente do professor Cabot.

Isto só pode ser um pesadelo, do qual vou acordar a qualquer momento, ensopada em suor. Mas, quando vejo o Ellington com um homem sentado ao colo, que tira os suspensórios e começa a desabotoar a camisa com ajuda do Alistair, deixo de ter ilusões. Isto é real.

Viro-me, furiosa. Vejo-o imediatamente. O James Beaufort está encostado a um canto da sala, a admirar o espetáculo. Tem na mão um copo com um líquido ambarino e a expressão do seu rosto é quase de felicidade. Os nossos olhares cruzam-se. Levanta o copo, a sorrir, e faz-me um brinde. A parte racional do meu cérebro aconselha-me a ir primeiro procurar a Lin e, depois, ir salvar os professores, para podermos acabar imediatamente com esta loucura. A parte irracional quer fazer qualquer coisa violenta ao James, qualquer coisa que lhe provoque muita dor. Apesar de essa parte ser muito mais poderosa, mudo de ideias e dou meia-volta.

Posso fazer mal ao James Beaufort mais tarde. E sei muito bem como o fazer.

7

James

Na segunda-feira de manhã, não se fala de outra coisa senão da festa. Depois de o fórum *online* do colégio quase explodir durante o fim de semana, porque toda a gente partilhou fotografias, vídeos e comentários, os nossos colegas, quando passavam por nós, aplaudiam-nos e agradeciam-nos o sucesso do serão. A montagem fotográfica não só chegou às páginas do jornal do colégio como também chegou a outras escolas do país.

Como é evidente, os meus pais não acreditaram numa só palavra quando lhes garanti que não tinha tido nada que ver com o que aconteceu, mas, no fim, acabaram por ficar mais zangados com a Lydia, que nem sequer apareceu na festa.

Portanto, em geral, o espetáculo foi um total sucesso.

Pelo menos, até os altifalantes dos corredores terem chiado e transmitido um comunicado que ecoou pelo colégio inteiro: «James Beaufort, apresente-se imediatamente no gabinete do diretor Lexington.»

Já estava à espera de que isto acontecesse. Na assembleia que se celebra todas as segundas-feiras no Boyd Hall, antes do início das aulas, o Lexington expressou a sua deceção em relação ao que aconteceu e, num tom mais do que expressivo, recordou a todos os alunos o código de valores de Maxton Hall. É sempre a mesma coisa: armamos um sarilho qualquer, ele explica diante de todos quão aborrecido está, convoca-nos ao seu gabinete para nos repreender e, cinco minutos depois, manda-nos sair.

— Vamos lá ver se nos dá o mesmo sermão de sempre — diz-me o Wren, pondo um braço por cima do meu ombro. Aperta-me contra si momentaneamente. — Não te deixes intimidar.

— Nunca! — respondo-lhe.

Despeço-me dele e dos outros, e empreendo o caminho para o gabinete do diretor. Quando lá chego, a secretária aponta para a porta, sem dizer palavra. Bato duas vezes, sem hesitar.

— Entre.

Entro e fecho a porta atrás de mim. Quando me viro, sou apanhado de surpresa. O treinador Freeman está sentado ao lado da secretária do diretor e, mesmo em frente... a Ruby. Lança-me um breve olhar por cima do ombro e vira novamente os olhos para a frente.

— Queria falar comigo? — pergunto, dirigindo-me ao diretor e sentindo-me algo incomodado por ter público.

O Lexington indica-me que me sente à direita da Ruby, em frente da secretária dele.

— Sente-se. — O tom de voz dele é diferente do habitual. Normalmente, quando fala comigo, soa entre o nervoso e o irritado, como se achasse que tudo isto é demasiado pesado e preferisse dedicar-se o mais depressa possível às tarefas importantes do seu trabalho. As rugas que tem no rosto também parecem mais profundas. Pelos vistos, não o apanhei num dia bom para o discurso que tem preparado. Sento-me na cadeira diante da secretária dele. — É verdade que foi o senhor que contratou uns... — pigarreia, é óbvio que tem de escolher a palavra adequada para esta situação — … animadores que provocaram um alvoroço?

Ao ouvir a palavra *animadores*, tenho de me esforçar por conter uma gargalhada.

— Depende do que quer dizer com *animadores*, senhor diretor — respondo lentamente. — Juro que não tenho nada que ver com o DJ.

O Lexington assente e olha para mim com uns olhos de um cinzento de aço.

— Parece-lhe que estamos a brincar, senhor Beaufort?

Encolho os ombros, indeciso.

— Em certos dias, sim, senhor.

A Ruby bufa de indignação. Olho para ela, mas afasto imediatamente a vista.

O diretor Lexington inclina-se por cima da secretária de mogno escuro. A luz que entra na sala vinda do exterior só lhe ilumina metade do rosto. O silêncio que reina no interior da sala parece-me quase espectral.

— Diga-me, senhor Beaufort, que consequências pensa que este incidente

terá no que toca ao prestígio do nosso colégio?

Tenho de refletir sobre a resposta durante uns segundos.

— Acho que uma coisa destas será muito benéfica para a nossa imagem. No colégio, é tudo demasiado rígido, um pouco de descontração de vez em quando não faz mal a ninguém.

— Tu não estás bom da cabeça — resmunga a Ruby, baixinho.

— Menina Bell! — ladra o diretor Lexington. — Não é a sua vez de falar.

O rosto da Ruby fica branco como a cal. Cerra os lábios com força e baixa os olhos para a mochila verde que tem ao colo. A qual parece que se vai desintegrar a qualquer momento.

— Senhor Beaufort, o que fez ultrapassou todos os limites. Não posso tolerar que esse tipo de coisas aconteça no Maxton Hall College.

» Por isso, aviso-o desde já que, se tornar a comportar-se desta maneira, terá de sofrer as consequências.

Sei de cor os discursos do Lexington. Adoraria dizê-los em uníssono com ele, para ver a sua reação.

— O senhor é um homem adulto e este é o seu último ano no colégio. Tem de começar, de uma vez por todas, a assumir responsabilidades e a reconhecer que os seus atos têm consequências — continua o Lexington. *Oh, este fragmento é novo.* — Dado que arruinou o primeiro evento do ano escolar, parece-me justo que, a partir de agora e até ao fim do trimestre, dê apoio à comissão de eventos. Digamos que irá prestar um serviço à comunidade escolar, sob a supervisão da menina Bell.

Há um segundo de silêncio. E depois:

— Como? — gritamos eu e a Ruby ao mesmo tempo.

Ato contínuo, olhamos um para o outro.

— Não pode estar a falar a sério — digo eu, enquanto a Ruby murmura:

— Senhor diretor, não sei...

O Lexington levanta a mão e indica-nos que fiquemos em silêncio. Olha para mim por cima dos óculos e os seus olhos parecem perfurar os meus.

— Senhor Beaufort, frequenta este colégio há já cinco anos. Durante esse tempo, permitiu-se fazer as coisas mais inconcebíveis — começa — sem que eu lhe tenha pedido contas nem uma só vez. Fiz vista grossa quando o

senhor organizou uma corrida de automóveis no pátio do colégio. Deixei passar em branco quando o senhor e os seus amigos pensaram que seria uma ideia divertida vestir a estátua do fundador do colégio com um uniforme de animadora e uma peruca. E também quando o senhor criou um perfil meu e de outros professores numa página de encontros da Internet. Ou quando celebrou, sem autorização, uma festa em Boyd Hall. Já para não falar das incontáveis ocasiões em que apareceu embriagado nas festas oficiais. Portanto, precisa de aprender, de uma vez por todas, que as suas ações têm consequências. Que, durante os dois últimos séculos, o Colégio Maxton Hall criou uma boa reputação. Advogamos a disciplina e a excelência, e não posso permitir que o senhor, com a sua insensatez juvenil, ponha repetidamente em causa a reputação do colégio. — O Lexington faz uma pausa e olha para o treinador Freeman, que anui brevemente. Depois torna a dirigir o olhar para mim. Uma sensação desagradável espalha-se pela minha barriga. — Senhor Beaufort, informo-o de que está suspenso da equipa de lacrosse, com efeitos imediatos e durante o resto do trimestre.

Sinto os ouvidos a zumbir. Vejo que o Lexington abre a boca e continua a falar, mas não oiço uma única palavra do que diz.

Na última época, um jogador da equipa adversária arremeteu contra mim com o taco com tanta força que ambos caíamos ao chão, caindo ele com todo o peso em cima de mim. Nunca tinha sentido uma dor tão forte e, durante meio minuto, quase não consegui respirar.

É precisamente assim que me sinto agora.

— Não... não pode fazer isso — grasno, detestando o modo como a minha voz soa miserável ao dizer aquilo. Pigarreio, respiro fundo e obrigo-me a arvorar uma máscara de impenetrabilidade, tal como o meu pai me ensinou a fazer.

— Posso, sim, senhor Beaufort. Posso, sim — responde-me o diretor num tom contido, entrelaçando as mãos em cima da barriga. — E antes que me ameace com os seus pais, devo dizer-lhe que falei com o seu pai esta manhã. E que ele me garantiu que apoia qualquer castigo que eu decida impor-lhe.

Também não estava à espera disto.

— Senhor diretor, com todo o respeito, é nossa última época. Sou o capitão da equipa, os rapazes precisam de mim.

Levanto os olhos para o treinador Freeman, em busca de apoio. O pesar refletido nos olhos dele atinge-me como um soco na barriga.

— Foste tu que provocaste isto, Beaufort — diz-me o treinador.

— O Alistair está suspenso durante os próximos três jogos. Se eu não estiver na equipa...

— O Cyril vai substituir-te como capitão e vou pôr um dos novos jogadores na tua posição.

Fico com a garganta seca. Sinto o rosto a arder de raiva e as mãos a começar a tremer. Cerro os punhos, enterro as unhas curtas na pele até sentir dor e os nós dos dedos estalarem.

— Por favor, treinador.

Pelo canto do olho, vejo que a Ruby se mexe na cadeira. Dir-se-ia que a situação é extremamente incómoda para ela, mas, neste momento, é-me indiferente o que ela pense de mim.

É o meu último ano no colégio. Os últimos meses antes de a minha vida se precipitar encosta abaixo. Faria tudo pelo lacrosse — por este último e despreocupado período que passarei com os meus amigos. Mesmo que isso signifique ter de suplicar diante dos olhos da Ruby Bell.

Para meu horror, o Freeman não se deixa convencer. Faz um gesto negativo com a cabeça e cruza os braços.

— Menina Bell, confio em si para explicar ao senhor Beaufort tudo o que diz respeito à comissão de eventos — continua o diretor Lexington, como se não tivesse acabado de me destruir a vida. — Ele deverá participar em todas as reuniões e envolver-se em todas as comemorações, até ao fim do trimestre. Caso se recuse ou lhe cause problemas, quero que me informe imediatamente, estamos entendidos?

— Sim, senhor diretor — responde-lhe a Ruby, em voz baixa mas decidida.

— Quando será a próxima reunião? Para que o senhor Beaufort a possa apontar imediatamente na sua agenda.

A Ruby pigarreia e, embora na verdade não queira fazê-lo, viro a cabeça

para ela. O olhar dela é duro. O meu ainda mais.

— A próxima reunião é hoje, depois da pausa da hora de almoço, na sala onze da biblioteca — diz, sem deixar que a voz expresse qualquer emoção.

Cerro os dentes com força. Procuro desesperadamente uma solução para esta situação, mas é impossível. Além disso, não faço a mais pequena ideia de como vou explicar isto aos meus pais.

Desta vez, lixei mesmo tudo.

*

Ruby

— Como?!

A Lin dá um grito tão alto na sala de grupos que de certeza que as pessoas que estão na biblioteca também o ouvem. O resto da equipa fica a olhar para mim, depois de eu lhes comunicar a notícia.

— A partir deste preciso momento, o James Beaufort é membro da comissão de eventos — repito, num tom tão neutro como da primeira vez.

A Lin dá uma gargalhada sonora. Depois de ela se acalmar um pouco, prossigo.

— Por favor, quando ele chegar, comportem-se com toda a normalidade.

Enquanto digo esta última frase, vejo a Jessalyn Keswick retocar o *gloss* de lábios. O rosa-claro favorece muito a sua pele negra, tal como o resto da maquilhagem que usa. A Jessalyn é lindíssima e carismática, e cativa toda a gente, incluindo eu. Podia passar horas a olhar para ela.

— Que foi? — pergunta-me com um sorriso inocente. — Só quero estar com o melhor aspeto possível quando o Beaufort aparecer.

Lança-me um beijo com a mão. Reviro os olhos, mas faço de conta que apanho o beijo e que o guardo cuidadosamente no estojo. O resto da equipa ri-se.

— O que é que o Lexington espera conseguir com isto? — pergunta-me o Kieran Rutherford, um jovem do ano anterior ao nosso. Com a tez pálida, os olhos muito negros e perspicazes, e o cabelo um bocadinho comprido de mais, parece um vampiro, um jovem conde Drácula de feições marcadas.

Também é bolseiro em Maxton Hall e é o único da equipa que, além de mim e da Lin, trabalha de forma fiável e exigente. — Que o convertamos e levemos por bons caminhos?

A Lin bufa.

— Ouve o que te digo, neste caso, não nos serve de nada tentar convertê-lo.

Aí está. A razão pela qual a Lin é a minha melhor amiga em Maxton Hall.

— Ei! — indigna-se a Camille, como que a defender o Beaufort.

Não estranho que o faça, no fim de contas é uma das melhores amigas da Elaine Ellington e, consequentemente, pertence ao grupo do James. E acrescenta-se a isso o facto de não nos suportar, a mim e à Lin, e de detestar que nos tenham encarregado de dirigir a comissão de eventos. Não sei porque é que continua na comissão, mas suspeito de que é apenas para ganhar pontos para o diploma. Seja como for, não é uma participante entusiástica.

— Isso não interessa — apresso-me a intervir. — Quer nos agrade quer não, ele vai participar nas nossas reuniões. Além disso, suspenderam-no da equipa de lacrosse até ao fim do trimestre.

A Jessalyn dá um assobio, espantada.

— O Lexington tomou mesmo medidas duras.

Um murmúrio de concordância espalha-se pela sala.

— O Beaufort fez a sua própria cama — comenta a Lin. — Passámos metade das férias a planear a festa de regresso às aulas e ele estragou tudo com a sua brincadeirinha. Além disso, hoje a Ruby apanhou uma tareia de meia hora a ouvir as reprimendas do Lexington.

— A sério?! — pergunta-lhe o Kieran, incrédulo. Quando a Lin anui, diz-me num tom indignado: — Mas tu não tens culpa de que o Beaufort tenha metido aqueles tipos na festa!

Encolho os ombros, hesitante.

— Fomos nós que organizámos a festa, portanto eu e a Lin somos responsáveis pelo que aconteceu. Além disso, a entrada devia ter tido melhor vigilância. Considerado desse ponto de vista, nós as duas também temos parte da culpa. O Lexington quer que nos desculpemos publicamente

no *Blogue Maxton* para que se saiba que o que aconteceu não foi planeado pela comissão de eventos.

O que ainda me enfurece mais contra o Beaufort. Desde que estou em Maxton Hall, nunca me tinham repreendido, nenhum professor o fez e menos ainda o diretor em pessoa. Se ainda quero ter uma réstia de esperança de que me aceitem em Oxford, preciso de ter um cadastro impecável, e o James, com a sua conduta infantil, pôs isso em causa. Não vou permitir que um idiota que tem muito tempo e dinheiro e que não sabe o que fazer com eles destrua o meu futuro.

— Isso não tem pés nem cabeça, é absurdo. És a última pessoa que deve assumir a responsabilidade por esta merda. — O Kieran franze o sobrolho, irritado.

Lanço-lhe um sorriso, agradecida, e ignoro o olhar expressivo da Lin. Desde o fim do ano passado que tenta fazer-me acreditar que o Kieran está perdidamente apaixonado por mim. Mas é um disparate. Simplesmente é um bom rapaz.

— Vamos começar? — pergunto, pigarreando.

Os outros anuem e leio em voz alta os pontos da ordem do dia, que a Lin já tinha anotado no quadro para esta reunião.

— Primeiro, temos de rever a festa: o que funcionou bem e o que não funcionou. Com exceção da fantochada do Beaufort, claro. Camille, queres ser tu a escrever a ata?

A Camille lança-me um olhar assassino, mas abre o caderno e pega na caneta. A Lin começa a dar a sua opinião sobre a festa e eu olho de relance para o relógio. Passam poucos minutos das duas. A pausa da hora de almoço já terminou. O Beaufort devia aparecer de um momento para o outro. Tenho uma sensação desagradável. Qualquer coisa que me perturba e me agonia, como se estivesse... alterada.

Tento esquecer essa sensação e participar na discussão. Demoramos tanto tempo a recolher as opiniões de todos e a decidir as tarefas futuras que temos de adiar os outros pontos para o fim da semana. Distribuímos alguns trabalhos e damos a reunião por terminada. Depois, eu e a Lin ficamos na sala de grupos para redigir o comunicado de desculpas.

Nas duas horas e meia que dura isto tudo, o James Beaufort não aparece.

Depois de enviarmos o comunicado ao Lexington, eu e a Lin despedimo-nos e ela vai-se embora no seu carro. Embora não viva longe do colégio, não há nenhum autocarro que vá para a zona onde mora, portanto, no verão passado, a mãe comprou-lhe um carro.

A pequena cidade onde nasci fica a meia hora de Maxton Hall. Com as suas casas com fachadas cheias de rachas e ruas mal conservadas, Gormsey é o oposto de uma cidade glamorosa, mas, apesar disso, gosto de lá viver. E as duas viagens de autocarro que faço diariamente — para ir até Pemwick, onde se situa o colégio, e para voltar para Gormsey — também não me incomodam. Pelo contrário, são os momentos mais descontraídos do dia. Durante o trajeto, não tenho de ser nem a Ruby que não conta nada a ninguém sobre a sua família, nem a Ruby que não pode partilhar com os pais as experiências que vive no colégio. Em vez disso, sou simplesmente... a Ruby.

A caminho da paragem de autocarro, passo pela zona de desportos, onde neste momento a equipa de lacrosse está a treinar. Observo os jogadores que correm de um lado para o outro do campo com os seus equipamentos.

Salta-me à vista o jogador que tem a camisola com o número dezassete.

Subitamente, estaco. Depois, aproximo-me da cerca e agarro-me à rede metálica. Este tipo não me larga.

De boca aberta, vejo o Beaufort correr e passar a bola ao Cyril Vega. Do sítio onde estou, consigo ouvir o seu riso estúpido.

Só pode ser... só pode ser um... idiota!

Nesse preciso momento, o Beaufort vira-se e vê-me. Como está de capacete, não consigo distinguir a expressão do rosto dele, mas percebo que muda de atitude. Fica rígido e levanta um pouco o queixo, quase desafiante. É um idiota! Atrás de mim, oiço o som do autocarro do colégio a aproximar-se. Apesar da raiva que se apodera de mim, afasto os olhos do Beaufort e encaminho-me para a paragem.

Ele que faça o que bem entender.

8

Ruby

Enquanto a Ember lê a minha carta de apresentação, em que solicito a admissão em Oxford, uso o marcador dourado para traçar no meu caderno um círculo em volta do nome dela. Agora, a anotação Pedir à Ember para ler a minha carta tem um aspeto muito mais oficial e solene.

— «A minha paixão por política, desde os princípios filosóficos aos aspetos económicos relativos à sua aplicação, faz com que o curso de Filosofia, Ciências Políticas e Economia seja perfeito para mim. Reúne todas as disciplinas que me interessam e espero ter oportunidade de estudar os temas mais importantes da sociedade atual com a profundidade que apenas Oxford permite» — lê a minha irmã em voz alta, deitada de costas em cima da cama. Depois, põe o lápis entre os lábios e vira-se de barriga para baixo para olhar para mim.

Sustenho a respiração. A Ember começa a sorrir. Apanho do chão uma das suas sandálias com plataforma e atiro-lha.

— Vá lá, Ember — murmuro.

São duas da manhã e já devíamos estar a dormir há muito tempo. Mas estive a rever a minha carta de apresentação até há poucos minutos e como, de qualquer maneira, a minha irmã é notívaga e muitas vezes fica acordada até de madrugada a escrever no blogue, entrei sem hesitar no quarto dela e pedi-lhe que lesse a carta.

— É um bocadinho longa de mais — responde-me, também num tom muito baixo e com o lápis entre os dentes, portanto quase não entendo o que diz.

— Tem de ser.

— Também parece um bocado pretensiosa. Como se quisesses gabar-te dos teus conhecimentos e de todos os livros especializados que já leste.

— Isso também faz parte do protocolo.

Levanto-me e aproximo-me da cama dela. Solta um grunhido, pensativa, e

faz um círculo em volta de algumas palavras.

— Seja como for, eu eliminaria isto — diz-me, estendendo-me a folha. — Não tens de elogiar e mencionar uma e outra vez a universidade para a qual queres entrar. Já sabem que é Oxford. Não precisas de o repetir mil vezes.

Coro.

— Tens razão. — Pego na carta e pouso-a em cima da secretária dela, juntamente com a minha agenda. — És a maior, obrigada.

— De nada. E além disso, já sei como podes devolver-me o favor — diz-me, sorrindo.

É assim que tudo funciona sempre entre mim e a Ember. Se uma de nós faz qualquer coisa pela outra, depois diz o que quer que a outra faça por ela, portanto depois a primeira pode pedir um novo favor. É uma espécie de troca, um contínuo ir e vir de favores. Mas, se eu e a Ember formos sinceras, o que acontece é que gostamos de nos ajudar mutuamente, apenas isso.

— Dispara.

— Podias levar-me a uma das festas do teu colégio, por uma vez na vida — sugere, num tom marcadamente descontraído.

Fico tensa. Não é a primeira vez que a Ember me pede isto e, de cada vez que o faz, custa-me ter de a dececionar, porque é o único favor que nunca lhe farei.

Nunca esquecerei o dia da reunião de pais, quando a minha mãe e o meu pai foram a Maxton Hall para se apresentarem aos meus professores e conhecerem os pais dos meus colegas. Foi horrível. Sem contar com o facto de o edifício principal ter vários séculos e ser o oposto de um edifício com acessos para pessoas com deficiência, os olhares que as pessoas nos lançaram não podiam ter sido mais depreciativos. Os meus pais tinham-se aperaltado para a ocasião, mas, nesse dia, aprendi que a elegância dos Bells não se pode comparar à elegância de Maxton Hall. Enquanto os outros pais apareceram com vestidos e fatos da marca *Beaufort*, o meu pai estava de calças de ganga e blusão de cabedal. A minha mãe tinha posto um vestido muito bonito, mas estava polvilhado de farinha da padaria, coisa de que só nos demos conta quando uma senhora lhe lançou um olhar de desprezo e

nos virou costas, para ir trocar bisbilhotices com os seus conhecidos.

Ainda hoje se me encolhe o coração quando penso na expressão magoada do rosto da minha mãe, que tentou esconder atrás de um sorriso forçado. Ou no queixo esticado do meu pai, quando, pela enésima vez, não conseguiu entrar numa sala com a cadeira de rodas e eu e a minha mãe tivemos de o ajudar. Ambos se esforçaram por não mostrar o quanto os magoava o facto de os outros pais lhes franzirem o nariz e lhes virarem as costas. Mas a mim não me enganaram.

Nesse dia, decidi que, a partir daí, para mim haveria dois mundos — a minha família e Maxton Hall — e que ia mantê-los cuidadosamente separados. Os meus pais não pertencem à elite inglesa e não há problema nenhum nisso. Não quero tornar a pô-los numa situação em que se sintam desconfortáveis. Depois do acidente de barco do meu pai, já tiveram de sofrer o suficiente, e as merdas que acontecem em Maxton Hall são a última coisa com que precisam de se preocupar.

E o mesmo se aplica à Ember. A minha irmã é como um pirilampo: com a sua personalidade resplandecente e o seu caráter aberto, desperta sempre as atenções. Sei exatamente o que pode acontecer em Maxton Hall e eu própria senti na pele as coisas que estes tipos são capazes de fazer só porque acham que o mundo lhes pertence. As histórias que ouvi na casa de banho das raparigas, nos últimos dois anos, deram-me a volta à barriga. Não vou permitir que isso aconteça à Ember.

Para a minha irmã, só quero o melhor. E nem o meu colégio nem quem o frequenta fazem parte desse «melhor», de maneira nenhuma.

— Sabes perfeitamente que não permitem a entrada de pessoas de fora — demoro a responder-lhe.

— Na semana passada, a Maisie foi à vossa festa de regresso às aulas — responde-me a Ember com secura. — Contou-me que foi fantástica.

— Aposto que entrou às escondidas, sem que os seguranças se apercebessem. Além disso, já te contei que a festa foi um fracasso total.

A Ember franze o sobrolho.

— Pois olha que, segundo a Maisie, não foi fracasso nenhum. Antes pelo contrário. — Cerro os lábios firmemente e fecho a agenda. — Vá lá, Ruby!

Durante quanto tempo pensas continuar a dar-me negas? Prometo portar-me bem. A sério. Vou fazer de conta que também ando lá.

As palavras dela magoam-me. Magoa-me que pense que não quero que vá por ter medo de que me faça passar por ridícula. Ao ver o olhar esperançoso da minha irmã, forma-se-me um nó na garganta.

— Desculpa, mas não pode ser — digo-lhe em voz baixa.

Numa fração de segundo, a esperança transforma-se em raiva incontida.

— Estás completamente doida, a sério.

— Ember...

— Admite que não queres que eu vá contigo às tuas malditas festas! — diz-me, num tom acusador.

Não posso responder-lhe. Mentir não é uma opção e a verdade iria magoá-la.

— Se soubesses o que acontece nos bastidores, não estarias constantemente a pedir-me para te levar comigo — sussurro.

— Se voltares a precisar de alguma coisa a meio da noite, vai pedir ajuda aos teus estúpidos amigos do colégio — sibila ela, e depois tapa a cabeça com a manta e vira-se para a parede.

Tento ignorar a dor que se estende pelo meu peito. Silenciosamente, pego no meu caderno de tarefas e na folha de papel que estão na secretária dela, desligo a luz e saio do quarto.

No dia seguinte, estou um farrapo, e até tive de usar corretor para disfarçar as olheiras. Depois da discussão com a minha irmã não consegui adormecer e passei a noite quase toda sem pregar olho. A Lin percebe imediatamente que algo não está bem, mas pensa que ainda se trata do Beaufort e da catástrofe do fim de semana, e deixo-a acreditar nisso.

Depois das aulas, vou diretamente para a biblioteca. Quero aproveitar a meia hora antes da próxima reunião para devolver os livros e pedir emprestados alguns novos, que não estavam disponíveis da última vez.

A biblioteca é o meu sítio preferido de Maxton Hall e aquele onde, até agora, passei a maior parte do tempo. Tem o teto abobadado e uma varanda aberta e, apesar de as estantes serem de madeira escura, não é lúgubre, é acolhedora. Assim que se entra, nota-se que reina aqui um ambiente

agradável e edificante, em que simplesmente nos sentimos bem. Sem contar com a quantidade interminável de livros a que temos acesso. Na minibiblioteca de Gormsey não há um único livro que me pudesse ter ajudado a escrever a carta de apresentação, enquanto aqui, inicialmente, até me senti assoberbada quando tive de decidir qual o título melhor para começar.

Passei dias inteiros no meu lugar preferido, junto da janela: por um lado, porque este é o único sítio de Maxton Hall onde me sinto confortável e, por outro, porque não podemos levar para casa os livros centenários, que não estão disponíveis para empréstimo. Às vezes, quando estou aqui, gostava que o meu dia tivesse mais horas. Para mim, isto é como uma antecipação de tudo o que me espera em Oxford. Só que em Oxford, de acordo com as informações que encontrei na Internet, as bibliotecas ainda são maiores e mais bem abastecidas. E estão abertas vinte e quatro horas por dia.

Estudar a fundo a literatura de introdução que está indicada na página da universidade provoca-me uma certa angústia. Muitos livros são complicados e há alguns parágrafos que preciso de ler várias vezes para conseguir entender o texto. Mas também é divertido e habituei-me a escrever pequenos resumos do conteúdo, além de reflexões e notas.

Estou com sorte, porque os três livros que quero ler a todo o custo já voltaram a estar disponíveis. Depois de os pedir à bibliotecária, dirijo-me para a sala de grupos. Chego um pouco antes da hora, o que me dá tempo para escrever a ordem do dia no quadro e organizar as minhas notas. Como na segunda-feira passámos tanto tempo a discutir a festa de regresso às aulas, hoje temos de recuperar alguns temas.

Abro a porta com uma das mãos, enquanto com a outra aperto os livros contra o peito. Pouso-os em cima de uma mesa, mas, ainda antes de tirar a mochila, acaricio com os dedos a capa de *Modelos de Democracia*, de Arend Lijphart.

— Temos encontro marcado neste fim de semana — murmuro.

Atrás de mim, alguém bufa.

Viro-me rapidamente. Nesse momento, a mochila escorrega-me do braço e cai ao chão com estrépito.

Na outra ponta da sala, o James está encostado ao parapeito da janela, de braços cruzados. Olha para mim com curiosidade.

— É uma beca triste — diz-me.

Preciso de um momento para recuperar a compostura.

— O que é que é triste? — pergunto-lhe, enquanto levanto a mochila do chão e a pouso em cima da mesa, ao pé dos livros. Um dos buracos que tinha na parte de baixo rasgou-se mais um bocado, e praguejo em voz baixa. Vou ter de pedir à Ember que me ajude a cosê-lo.

— Que digas com alegria que vais passar o fim de semana com coisas do colégio. — Aproxima-se lentamente. — A mim, ocorrer-me-iam de forma espontânea outras coisas melhores com que ocupar o meu tempo nesses dois dias.

— O que é que estás aqui a fazer? — pergunto-lhe num tom imperturbável, sem responder às suas alusões.

— Não ouviste o que o Lexington disse? Tenho de começar a assumir responsabilidades e perceber que os meus atos têm consequências — diz, repetindo as palavras do diretor com um sorriso gozão.

Abro a mochila e começo a tirar para fora, um após o outro, a agenda, o estojo e a pasta da comissão de eventos.

— Por acaso agora decidiste, à força e de repente, que vais dar ouvidos aos que os outros te dizem?

Quando o James se planta à minha frente, o seu olhar é impenetrável. Nesse momento, não consigo avaliar as emoções dele.

— Não me parece que tenha outra opção, não achas?

Olho para ele com ceticismo.

— Anteontem tomaste claramente uma decisão.

Encolhe os ombros. É provável que o treinador lhe tenha dado um sermão quando soube que ele tinha ido ao campo. E bem o mereceu.

— Estou aqui. Podes ficar contente.

Nesse momento, inclina-se e apanha qualquer coisa do chão. É um marcador. Deve ter caído da minha mochila. Entrega-mo. Como me parece um gesto simpático, pigarreio e procuro qualquer coisa para lhe dizer.

— O castigo só vai durar um trimestre, James — comento; é a primeira

vez que o trato pelo primeiro nome.

Isso fá-lo mudar de expressão. De repente, já não parece estar a olhar através de mim, mas sim diretamente para mim, para o meu interior. Nos olhos dele, há um fogo que me incendeia e que me sacode o corpo todo. A minha barriga encolhe-se de excitação. Subitamente, ele afasta os olhos e roda sobre os calcanhares, voltando para junto da janela.

— Isso não muda o facto de eu detestar isto — diz.

O meu coração bate descompassadamente e engulo em seco com dificuldade, enquanto ele se senta numa cadeira, cruzando os braços e olhando lá para fora.

Não sei a que é que se refere com o «isto». Se ao facto de não poder jogar lacrosse, se ao facto de ter de estar aqui. Mas também não me interessa.

Tenho demasiadas coisas em jogo para me deixar confundir por um fedelho rico e mimado. Quer queiramos quer não, ambos temos de passar por isto e, quanto mais depressa o aceitarmos, mais facilmente iremos superar esta etapa.

Sem dizer mais nada, viro-me para o quadro e escrevo os pontos que temos de abordar na reunião. Sinto-me nervosa por não saber se o James está ou não a observar-me, mas o meu orgulho não me deixa virar para ver. Por sorte, a porta da sala não demora a abrir-se.

— Desculpa, a minha impressora de casa enlouqueceu e tive de ir à papelaria para imprimir a carta de apresentação, mas agora já a tenho e... — quando vê o James, a Lin deixa a frase a meio.

— Oi — cumprimenta-a ele.

Pergunto a mim mesma se será assim que ele cumprimenta toda a gente. De certeza que também vai dizer «oi» aos professores, quando for convocado para as entrevistas em Oxford.

— O que é que este está aqui a fazer? — pergunta-me a Lin, sem deixar de olhar para o James com desconfiança.

— Está a cumprir o castigo — respondo-lhe.

O James não diz nada. Em vez disso, inclina-se para a frente, abre a mochila e tira um caderno de apontamentos. Pousa-o à sua frente, em cima da mesa. É um caderno preto, encadernado a pele, e na capa tem um B

sinuoso que representa a marca *Beaufort*. De certeza que custa uma fortuna. Certa vez, eu e os meus pais fomos a uma loja da *Beaufort* em Londres, quando procurávamos um fato novo para o meu pai. Foi há dois anos, quando ele ainda tinha de ir ao tribunal com frequência, por causa do acidente. Ainda me lembro perfeitamente das etiquetas com os preços, todas elas com quatro dígitos, graças às quais não ficámos na loja mais de dois minutos e saímos o mais depressa e discretamente que conseguimos por onde tínhamos entrado.

Ao meu lado, a Lin pigarreia. Apanhada em flagrante, afasto os olhos do James e maldigo mentalmente o calor que, pela enésima vez, me invade o rosto. Tenho de dar graças pelo facto de a minha amiga ter tato suficiente para não fazer comentários.

— Toma — diz a Lin, estendendo-me uma mica transparente com várias folhas no interior. — A minha apresentação.

Tiro a minha da pasta e dou-lha.

— Aqui tens a minha. Mas ainda não está perfeita.

— A minha também não — admite a Lin. — É por isso que nos revemos uma à outra. Achas que consegues dar-lhe uma vista de olhos ainda esta tarde?

— De certeza que sim. Amanhã podemos revê-las na hora que temos livre, depois da aula de Matemática. — Imediatamente, pego no marcador dourado e aponto na minha agenda: ler e corrigir a carta de apresentação da Lin.

— Sinto-me muito honrada por ver o meu nome escrito com um marcador ultrafino — murmura a Lin, lançando-me um sorriso.

Olho para ela, também a sorrir, e depois acabo de escrever a ordem do dia no quadro enquanto, a pouco e pouco, os restantes membros da nossa equipa vão aparecendo. Todos olham de soslaio para o James, com exceção da Camille, que o cumprimenta com dois beijos no rosto.

Quando já estamos todos presentes, começamos a reunião.

— Na verdade, o ponto mais importante que temos de discutir hoje é o segundo grande evento do ano escolar — começa a Lin, e o rosto ilumina-se-lhe. — A festa de Halloween.

O Kieran solta um fantasmagórico «buuuuu», e todos os presentes dão

uma gargalhada.

— No ano passado, o baile de máscaras correu bastante bem — continua a Lin, pegando no portátil e abrindo um ficheiro com diapositivos do ano anterior. Depois vira o ecrã e levanta-o, para que todos possam ver as imagens.

— Não podíamos limitar-nos a fazer a mesma coisa? Quer dizer, se correu tão bem... — propõe a Camille. — Ia poupar-nos imenso trabalho.

— Nem pensar nisso.

A Lin olha para ela com um ar escandalizado e a Camille encolhe os ombros. Entretanto, dirijo-me para o lado direito do quadro, que ainda está livre, e escrevo «Halloween» no meio. Depois faço um círculo em volta da palavra.

— Hoje temos de chegar a acordo quanto ao tema — anuncia a Lin. — Vamos fazer um *brainstorming*, está bem?

Por uns minutos, ficamos todos em silêncio.

— Só sei o que não quero — anuncia a Jessalyn.

— Então vamos começar por aí. Assim já podemos traçar limites — digo-lhe, incentivando-a a começar.

— Não quero, de todo, que usemos cor de laranja. A decoração a preto e laranja é de aniversário infantil, não encaixa nada com Maxton Hall.

Anuo e, no canto superior direito do quadro, escrevo: «Decoração com estilo.»

— O que é que vos parece preto e branco? — sugere o Doug. É o membro mais calado da equipa e quase nunca fala, portanto a sua intervenção surpreende-me. Faço-lhe um sorriso e volto para junto do quadro.

— O preto e branco está muito visto.

De repente, não se ouve nem uma mosca na sala.

Torno a virar-me lentamente. O James está recostado na cadeira, com uma atitude descontraída que contrasta com o ambiente tenso que, de repente, se faz sentir na sala.

— Como? — pergunta a Lin, expressando precisamente o que eu estou a pensar.

— O preto e branco está muito visto — repete o James, num tom tão seco

como da primeira vez.

— Já te tinha ouvido — resmunga a Lin.

Ele olha para ela de sobrolho franzido.

— Nesse caso, não entendo a pergunta.

— Estamos a fazer um *brainstorming*, Beaufort. Para isso, as pessoas dizem a sua ideia e tomamos nota de todas, *sem fazer comentários*, para encontrarmos uma solução de forma espontânea — explico, com toda a calma de que sou capaz.

— Eu sei o que é um *brainstorming*, Bell — responde-me ele, levantando o queixo para o quadro. — E posso dizer-te desde já que, daí, não vai sair nada.

— Diz o tipo que pensa que são precisas *strippers* para criar bom ambiente — resmunga o Kieran.

— Só o fiz porque sabia que a vossa festa ia ser supersecante.

Ninguém diz nada, mas sinto que o ambiente da sala vai ficando cada vez mais carregado. Com exceção da Camille, todos olham para o James com um ar irritado, embora isso não pareça preocupá-lo. Olha para o grupo com curiosidade.

— Ora, vá lá. Até vocês se devem ter apercebido disso.

— Se achas mesmo que isso é verdade, é porque não estás bom da cabeça — diz-lhe o Kieran, e a Jessalyn abana a cabeça, concordando com ele.

— Meninos — intervenho. Olho para os dois, consternada. — Acalmem-se. — Os cantos dos lábios do James levantam-se de maneira suspeita e aponto para ele com o marcador, como se fosse uma arma. — Não precisas de te rir. Passámos grande parte das férias a planear a festa. Não era secante.

O James inclina-se para a frente, apoiando os braços na mesa.

— É uma questão de gosto.

Sinto uma veia a começar a palpitar na minha testa.

— Ah, sim?

Ele assente.

— E porquê, se é que posso perguntar? — insiste a Lin, num tom agridoce.

Conheço este tom. Não prenuncia nada de bom e faz-me ficar com pele de

galinha. O James levanta a mão e começa a enumerar.

— O bufete era rasca. A música era uma merda. Faltava um código de indumentária, claro. E só houve ambiente demasiado tarde.

Ao meu lado, sinto a Lin começar a tremer. Se estivéssemos sozinhas, ter-se-ia atirado à jugular do James ao ouvir esta dura crítica. Cada um de nós investiu tanto esforço naquela festa que não é justo classificá-la como um completo desastre. Sobretudo porque não é verdade. Mas, como chefe da equipa, tenho de responder com uma certa sensatez. Algumas coisas não funcionaram de forma ótima e confirmámos isso na segunda-feira, quando revimos o evento.

— No que respeita à música, estou de acordo contigo — digo num tom de voz calmo. — Não era perfeita. Mas, apesar de tudo, as pessoas dançaram, portanto não diria que foi um fracasso total.

— Porque é precisamente isso que se faz numa festa. Mas o ambiente não era tão bom, nem pouco mais ou menos, como poderia ter sido com a música adequada.

Há três anos, na minha antiga escola, assisti a um seminário sobre mediação. O ateliê durou cinco tardes e ensinaram-nos métodos para resolver conflitos. Já não me lembro de tudo, mas houve uma coisa que me ficou gravada na memória: é preciso transmitir, a todos os envolvidos, que os estamos a ouvir, e desviar a energia que provocou o conflito para o que é importante.

Com esse objetivo em mente, respiro fundo e olho fixamente para o James.

— Estou a ouvir as tuas críticas e a levá-las em conta. No entanto, isso não muda o facto de ainda estarmos a tentar decidir o tema para o Halloween. Pessoalmente, a ideia do Doug parece-me realmente boa e vou anotá-la. Tal como anotarei todas as outras propostas que surjam, para que no fim possamos decidir quais as que são mais ou menos adequadas. — Dito isto, escrevo «branco e preto» no quadro. Depois torno a virar-me para eles. — Há mais sugestões?

— Sim, eu tenho uma ideia — intervém a Jessalyn, levantando as mãos como se tivesse uma visão inovadora. — Chique clássico com um toque de

grotesco. Velas de cemitério, flores pretas. Uma versão modernizada da festa de Halloween tradicional.

Escrevo imediatamente a ideia no quadro.

— É tão chata quanto a outra.

— Se não tens nada de positivo para dizer, cala o bico, Beaufort — resmunga a Lin.

— Uma festa de vampiros em tons de vermelho e preto — sugere o Kieran.

— Outra seca — resmunga o James.

Vou resistir. Não lhe vou espetar um marcador no olho.

— O que é uma seca é a maneira como implicas com todas as nossas propostas — contra-ataca a Jessalyn. — Propõe tu alguma, para variar, em vez de nos contagiares com a tua energia negativa.

O James endireita-se e olha para o seu bloco de notas. Duvido que lá tenha escrito uma palavra que seja que tenha que ver com o planeamento da festa de Halloween.

— Sugiro uma festa vitoriana. O Weston Hall seria perfeito para isso. Podíamos arranjar loiça e talheres de época, taças para o ponche, guardanapos rendados e coisas assim. Pretos, de preferência. As principais fontes de luz seriam velas, como nessa altura: isso criaria um ambiente espectral. Naturalmente, teríamos de ter cuidado para não incendiar o colégio, mas é um plano viável, se cumprirmos as normas relativas a incêndios. O código de indumentária seria o equivalente ao dessa época, decadente e refinado. E os vitorianos jogavam uma série de jogos no Halloween. Podíamos incluí-los e jogá-los durante a festa.

Quando o James acaba de falar, seguem-se uns minutos de silêncio.

— É... é realmente uma ideia fabulosa — digo, quase a gaguejar.

Quando olha para mim, os seus olhos brilham.

— Pensava que nos limitávamos a anotar as ideias, sem fazer comentários.

Evito o olhar dele e escrevo a proposta no quadro.

— Uma vez li que, no século XIX, faziam uns bolos nos quais escondiam cinco objetos — diz o Kieran. — Dizia-se que quem encontrasse um dos

objetos na sua fatia de bolo seria bafejado pela sorte. Podíamos modernizar a coisa e dar um prémio a quem encontrar o objeto.

— Mas temos de avisar as pessoas antes de comerem. Caso contrário, alguém pode engasgar-se — objeta a Camille, franzindo o nariz.

— E que música vamos pôr? — pergunta a Jessalyn.

— Que tal música clássica, um pouco modernizada? — proponho.

— Mas não aqueles *remixes* estranhíssimos de *dubstep*-eletrónica-clássica que tu ouves — diz a Lin, dando um gemido.

— Ei! São bestiais. Além disso, consigo concentrar-me lindamente quando os oiço. — Todos os membros da equipa olham para mim incrédulos. Procurando apoio, viro-me para o Kieran, que, na maior parte dos casos, costuma ter gostos semelhantes aos meus. — Vá, Kieran. Diz-lhes.

— Há uns *remixes* fantásticos de música vitoriana. Há uns tempos ouvi um muito bom, do Caplet.

Lanço-lhe um sorriso, agradecida, e articulo com os lábios «Manda-me o *link*».

— Se dependesse de mim, contrataria uma orquestra — intervém o James. — E estudaria uma dança para abrir a festa.

Um murmúrio de aprovação percorre a sala, o que me cai um pouco mal. Não tenho jeito nenhum para dançar.

— Muito bem, quando oiço isto, quase tenho a impressão de que já decidimos qual vai ser o tema — comenta a Lin, e dir-se-ia que, neste momento, está tão surpreendida quanto eu. Depois aponta para o quadro. — Apesar disso, gostava que votássemos. Quem vota no tema «preto e branco»?

Ninguém diz nada.

— Quem é a favor da festa clássica chique?

Novamente, ficam todos calados.

— E que tal a festa louca dos vampiros?

Ninguém levanta a mão.

— E o que é que acham da festa de Halloween ao estilo vitoriano? — pergunto-lhes e, quase antes de terminar a frase, já há quatro braços no ar.

Por momentos, é como se o James achasse demasiado estúpido dar a sua opinião, mas acaba por o fazer.

Eu não estava à espera da reviravolta que aconteceu nesta reunião. Olho para a Lin com uma expressão surpreendida.

— Diria que já temos um tema para a festa de Halloween deste ano em Maxton Hall.

9

James

O Percy estacionou o *Rolls-Royce* no pátio em frente da entrada principal do colégio. Está apoiado no carro, com o telemóvel numa mão e o boné na outra. Parece que o número de cãs que tem no cabelo escuro aumenta a cada dia que passa. Quando me vê, guarda imediatamente o telemóvel, torna a pôr o boné e endireita as costas. Na verdade, não precisa de o fazer e sabe-o.

Começo a descer as escadas e as pessoas que estão à minha volta vão-se afastando solicitamente do meu caminho. Pelos vistos, tenho aspeto de estar tão mal como na verdade me sinto. E a culpa é toda daquela maldita comissão de eventos! Já estou a começar a ficar arrependido de não ter ficado de boca fechada e de não ter guardado para mim a proposta da festa vitoriana. Quando penso na lista de coisas que é preciso fazer, dá-me a volta à barriga. Se fizesse a festa em minha casa, delegaria tudo nos empregados e não teria de mexer um dedo. Mas, neste caso, sou eu o empregado, como me deu a entender a Ruby, com as sobrancelhas arqueadas.

Quando penso que ainda me falta um trimestre inteiro cheio de reuniões destas, a única coisa que me apetece fazer é gritar. E, além disso, é-me insuportável faltar aos treinos com os meus colegas.

Definitivamente, não teria imaginado que o meu último ano no colégio fosse ser assim.

Quando chego ao carro, a única coisa que me apetece é deixar-me cair no banco traseiro, mas, antes de entrar, o Percy agarra-me no braço.

— Senhor, está com um ar muito desanimado.

— Tens uma magnífica capacidade de observação, Percy.

Desvia o olhar de mim para a porta do carro e de volta para mim.

— Talvez queira conter um pouco o seu temperamento. A menina Beaufort não está no seu melhor momento.

Esqueço imediatamente a maldita comissão de eventos.

— O que é que aconteceu?

Por uns segundos, o Percy parece indeciso, como se não tivesse a certeza do que deve ou não contar-me. No fim, dá um passo para junto de mim.

— Acaba de falar com alguém. Com um jovem. Dir-se-ia que estavam a discutir.

Assinto e o Percy abre a porta para eu entrar.

Por sorte, os vidros são escurecidos. A Lydia está com um aspeto horrível. Os olhos e o nariz estão vermelhíssimos, e as lágrimas deixaram-lhe umas riscas cinzento-escuras no rosto. Nunca a vi chorar tanto como nas últimas semanas, e fico superfurioso ao vê-la assim e, ao mesmo tempo, ter consciência de que não posso fazer nada para evitar isso.

Eu e a Lydia sempre fomos inseparáveis. Quando se tem uma família como a nossa, não nos resta outra opção senão mantermo-nos unidos, aconteça o que acontecer. Conto pelos dedos de uma mão os dias da minha vida em que não estive com a minha irmã gémea. Sempre que a vida lhe corre mal, fico com uma sensação estranha no peito, e a ela acontece-lhe exatamente o mesmo em relação a mim. A nossa mãe explicou-nos que é uma coisa que acontece com frequência entre gémeos e desde muito pequenos que nos fez jurar que cuidaríamos sempre desta união e que não a poríamos em risco de maneira insensata.

— O que é que se passa? — pergunto-lhe, depois de o Percy arrancar. Não me responde. — Lydia...

— Não te diz respeito — murmura ela.

Levanto uma sobrancelha e fico a observá-la, até que me vira as costas e se põe a olhar pela janela. E, assim, dá por concluída a nossa conversa.

Recosto-me e também olho lá para fora. As árvores tingidas de cores passam tão depressa que se fundem numa mancha desfocada e penso que gostava que o Percy conduzisse mais devagar. Não só porque me sinto mal só de pensar que vou chegar a casa, mas também para ganhar mais tempo e quebrar o silêncio da Lydia.

Gostava de a ajudar, mas não faço ideia de como o fazer. Nestas últimas semanas tentei de tudo para averiguar o que é que aconteceu entre ela e o professor Sutton, mas a Lydia fechou-se em copas. Na verdade, não devia

estranhar. Embora sejamos inseparáveis, nunca conversámos sobre a nossa vida sentimental. Há coisas que, simplesmente, não queremos saber sobre a nossa irmã... e vice-versa. Mas esta situação é diferente. Está feita num farrapo e só a vi assim uma única vez, precisamente há dois anos. E, nessa altura, isso quase destruiu a nossa família.

— O Graham está a enlouquecer — murmura de repente a Lydia, quando eu já não contava que dissesse algo. Viro-me novamente para ela e espero que continue. A cólera que sinto em relação àquele maldito professor entra novamente em ebulição dentro de mim, mas contenho-a. Não quero que a Lydia se feche ainda mais do que já faz. — Tenho tanto medo de que a Ruby vá contar ao Lexington... — diz num tom nasalado.

— Não fará isso.

— Como é que sabes?

Distingo no olhar dela a mesma incredulidade que eu próprio senti diante da Ruby, da primeira vez que falei com ela.

— Porque continuo a vigiá-la — respondo-lhe passado um bocado.

A Lydia não parece convencida.

— Não podes estar constantemente a controlá-la, James.

— Não preciso de o fazer. Ela está na comissão de eventos.

A Lydia olha para mim surpreendida e esboço um sorriso retorcido. É bom ver que, embora a tensão não desapareça totalmente, parece atenuar-se um pouco na zona dos ombros. Passados uns minutos, diz-me em voz baixa:

— Tinha-me esquecido completamente disso da comissão de eventos. É muito horrível? — Limito-me a soltar um grunhido. — Já falaste com o papá? — pergunta-me com prudência.

Abano negativamente a cabeça e, quando o *Rolls-Royce* para, olho pela janela. À nossa frente, eleva-se a fachada da nossa residência, contra o fundo de um céu escuro e carregado de nuvens que mais parece um reflexo do meu estado de espírito e do que ainda me espera neste dia.

— Como me descreverias em poucas palavras? — pergunta-me o Alistair, sobrepondo-se ao som alto da música da minha aparelhagem. Está sentado

no sofá, inclinado sobre o telemóvel, e os caracóis loiros caem-lhe para a testa quando inclina a cabeça para o lado e olha para o ecrã.

Acabei de preparar dois *gins* tónicos e regresso ao sofá trazendo os copos. Sem levantar os olhos, o Alistair estica o braço e pega num deles. É nossa terceira rodada e, por fim, instala-se na minha cabeça essa vaga sensação que estou sempre à espera de atingir. Ajuda-me a esquecer que, neste momento, os outros estão no treino de lacrosse. E, sobretudo, abafa a memória das últimas duas horas. Agora, a voz do meu pai é apenas um murmúrio abafado.

— O que achas de «tarado e gosta de riscos»?

O Alistair esboça um sorriso.

— É uma descrição correta. Mas é provável que, com modéstia, consiga chegar mais longe.

Também a sorrir, sento-me no sofá ao lado dele. Continuo a ter a impressão de que ele já tinha bebido um ou dois copos quando lhe mandei uma mensagem a perguntar se queria passar por cá. Pelos vistos, o facto de o terem suspendido da equipa também o afetou, por muito que queira fazer-nos acreditar no contrário.

Seja como for, entrou de rompante no meu quarto com a notícia de que, a partir de agora, nunca mais tocará em nenhum dos rapazes de Maxton Hall e, em vez disso, vai concentrar-se neste *site* de encontros. Disse-me tudo isto com um grande sorriso, como se não estivesse realmente a falar a sério e só estivesse a criar um perfil porque está entediado.

Mas conheço-o suficientemente bem para saber que este assunto não o deixa indiferente, de todo. Está farto dos rapazes de Maxton Hall porque só querem enrolar-se com ele às escondidas. Contrariamente à maior parte desses rapazes, há dois anos que o Alistair começou a assumir publicamente a sua sexualidade, para horror dos idiotas dos pais dele, que, desde então, o tratam como se fosse um proscrito.

Se ele encontrar alguém na Internet que não aja como se a relação fosse um segredo sujo, pode contar com todo o meu apoio. Além de que me distrai dos meus próprios problemas, o que é excelente.

— Têm mesmo de ser poucas palavras? — pergunto-lhe. Abana

negativamente a cabeça. — Nesse caso... «rapaz simpático, joga lacrosse, é desportista e procura contactos excitantes, blá-blá-blá».

Faz um sorriso de esguelha.

— A parte do *blá-blá-blá* é evidente.

Aproximo-me ligeiramente dele e, ao mexer-me, entorno um pouco de *gin* tónico na mão. Digo uma asneira, enquanto limpo a mão nas calças e olho para o telemóvel do Alistair. Quando vejo o esboço do perfil dele, dou uma gargalhada.

— O que é que foi? — pergunta-me, desafiante.

— Tu não medes um metro e oitenta e cinco, mentiroso.

Ele bufa.

— Meço.

— Não, meu, eu meço um metro e oitenta e quatro e tu és meia cabeça mais baixo do que eu. Tira-lhe dez centímetros e então talvez indiques a altura certa.

Dá-me uma cotovelada nas costelas e volto a entornar *gin* nos dedos.

— Deixa de ser um desmancha-prazeres.

— Está bem, está bem.

Bebo um grande gole de *gin* e pouso o copo na mesa. Depois, pego no portátil que está em cima da mesinha baixa, abro-o e começo a procurar perfis que pareçam mais ou menos razoáveis.

Perguntar ao Alistair se queria vir ter comigo foi a decisão certa. O motorista veio logo trazê-lo e, a partir daí, não fez outra coisa senão distrair-me, sem me fazer uma única pergunta.

— Céus... — murmuro.

O Alistair faz um som interrogativo e inclina-se para mim, para conseguir ver o ecrã do meu portátil. Viro-o ligeiramente para ele.

— Estava à procura de inspiração para escrever o teu perfil, mas agora desejava nunca ter clicado neste *link*. Quem é que se lembra de escrever, na sua descrição, «o ideal para mim seria enrolar-me com o meu irmão gémeo, mas, como sou filho único, tenho de me contentar contigo»?

O Alistair dá uma gargalhada.

— Já estou farto. Vou escrever apenas: «18, lacrosse, aberto a tudo.»

— Não, meu, não — digo-lhe, abanando negativamente a cabeça. — Com «aberto a tudo» dás carta branca para que te peçam coisas esquisitas.

Encolhe os ombros. Passados uns minutos, diz-me, sem levantar os olhos do telemóvel:

— É verdade, a Elaine perguntou-me por ti. — Levanto uma sobrancelha, mas não digo nada. É a primeira vez desde a festa do Wren que o Alistair toca no assunto, e não sou capaz de perceber, pelo tom de voz dele, se a conversa vai ser séria ou não. — Está preocupada com o teu coração jovem e frágil, e gostava de saber se ainda pensas nela muitas vezes.

Muito bem, definitivamente não é séria.

— Deve estar preocupadíssima — respondo-lhe.

Duvido que a Elaine tenha perdido sequer um segundo a pensar na noite que passámos juntos. Provavelmente, deve ser o Alistair que está a dar voltas ao assunto, porque despertou nele o instinto de irmão protetor.

— Continuo a não conseguir acreditar que tiveste relações sexuais com a minha irmã. — Abana a cabeça e bufa de asco. — Não podias comprometer-te com ela? Acho que, desse modo, conseguiria assimilar melhor este assunto.

Sorrindo, dou-lhe uma palmada no ombro.

— Se algum dia me comprometer com alguém, de certeza que não vai ser para tu conseguires dormir melhor.

O Alistair suspira, fingindo desespero. Depois, passa-me o telemóvel.

— Ao menos, podes ajudar-me a escolher uma fotografia?

Mostra-me duas: uma em que está de tronco nu e com os braços cruzados atrás da cabeça, deitado numa cama de rede, e outra em que tirou um autorretrato ao espelho e está de fato.

— A da cama de rede — digo-lhe. — Na outra estás demasiado vestido.

— O teu espírito de equipa agrada-me, Beaufort.

Depois disto, por sorte, o assunto da Elaine fica encerrado e vou buscar uma quarta rodada de *gins* tónicos. Brindamos e o Alistair volta a dedicar-se ao seu novo passatempo, enquanto eu me ponho a ver os *e-mails* sem grande entusiasmo.

Fico gelado quando vejo que recebi um convite dos Beaufort Offices.

Com má vontade, abro a mensagem e leio-a:

> Próxima sexta-feira, às 19 horas, jantar de negócios com a direção de vendas em Londres. Sê pontual.

Num abrir e fechar de olhos, o meu bom humor esfuma-se. Em contrapartida, um calafrio percorre-me as costas quando me lembro da discussão que tive esta tarde com o meu pai.

«Estás a expor-nos ao ridículo.»

«Temos uma reputação a defender.»

«Um rapaz tonto e infantil.»

Fico irritado por me ter encolhido quando se aproximou de mim com a mão levantada, porque, na verdade, sei o que me convém: na presença do Mortimer Beaufort, não se pode mostrar fraqueza nem medo.

A reunião não passa de um castigo. Ele sabe perfeitamente que isto me afeta mais do que as suas palavras ou bofetadas alguma vez me afetariam. Na verdade, temos um acordo: enquanto eu frequentar o Maxton Hall, ele não pode moer-me o juízo com o que quer que seja que diga respeito à nossa empresa. O facto de agora ter de ir a este jantar é a forma dele de me dizer: «Sou eu quem decide a tua vida e, se não te portares à altura, isso vai acontecer mais cedo do que pensas.»

Abatido, tiro o portátil do colo e dirijo-me para o bar. Encho um copo com uísque e, durante uns segundos, fico a olhar fixamente para o líquido ambarino. Depois, dou meia-volta e regresso ao sofá.

O Alistair olha para mim. No rosto dele não há nenhuma réstia do sorriso de antes.

— Está tudo bem?

Encolho os ombros. Quis que o Alistair viesse ter comigo para esquecer o assunto com meu pai, não para falar dele.

O Alistair não insiste. Em vez disso, passa-me o telemóvel.

— Tenho um encontro — diz, mostrando-me o ecrã, onde vejo a imagem de um tipo moreno e muito musculado.

Deslizo um pouco mais para baixo, até conseguir apoiar a cabeça nas costas do sofá.

— O que é que ele escreveu no perfil?

— Que precisa de alguém que se ocupe do seu coração. E do seu pénis.

— Muito criativo...

— Oh. E acabou de... me enviar uma fotografia do dito cujo. E que tal se, antes de me mostrares os teus genitais, me dissesses como te chamas? — murmura o Alistair, e não consigo evitar desatar a rir.

Esta é uma das razões pelas quais o Alistair é um dos meus melhores amigos. Se quisesse, podia conversar com ele sobre o assunto que anda constantemente às voltas na minha cabeça. Podia conversar com ele sobre tudo, mas não devo fazê-lo. Somos amigos há tanto tempo que estamos quase sempre em sintonia um com o outro e conhecemos os limites de cada um — e respeitamo-los, mesmo que às vezes os ponhamos à prova. Duvido que consiga voltar a construir uma amizade deste tipo com outra pessoa.

— Tens fome? — pergunto-lhe passado um bocado.

O Alistair diz que sim, e ligo para a cozinha. Depois da discussão com o meu pai, perdi o apetite, portanto agora estou cheio de fome.

Enquanto esperamos que a ajudante de cozinha nos traga a comida, o Alistair continua a ver fotografias de tipos seminus e eu vou vendo a minha lista de blogues no portátil. Além de algumas páginas de lacrosse e dos blogues de amigos, há uns meses que também sigo, sobretudo, blogues de viagens. Não há nada melhor para esquecer os problemas do que as crónicas e imagens de países distantes. Guardo algumas páginas novas para ver mais tarde, agora estou demasiado bêbedo para conseguir absorver a informação.

Também incluí o blogue do colégio na minha lista. Na verdade, fi-lo só para me rir um bocado, mas, agora que vejo o logótipo na lista, o rosto da Ruby aparece de repente na minha mente. Sinto um espasmo na barriga, mas não sei se é por estar com fome, se é do álcool ou talvez outra coisa.

O meu indicador toma a iniciativa por vontade própria e abro o blogue.

Vou clicando nos vários eventos do colégio — todos eles secantes, sem exceção —, passo os olhos pelos artigos — insuportavelmente chatos —, e vejo as fotografias, procurando a cara da Ruby. Embora o nome dela apareça em muitas entradas e seja mencionado nos eventos do colégio, não encontro uma única fotografia dela. Pouco depois de a Lydia me ter contado

que a Ruby a tinha visto com o Sutton, fiz uma pesquisa no Google e tentei descobrir o máximo possível sobre ela. Mas não encontrei nada. Não tem uma única conta nas redes sociais, nem no Facebook, nem no Twitter, nem no Instagram, pelo menos, que tenham o seu nome.

A Ruby Bell é um fantasma.

Continuo a navegar. Por esta altura, já vi todos os artigos do ano passado e ainda não encontrei o que procuro. Seja o que for. Quanto mais leio, mais irritado fico. Por que diabos não encontro nada sobre ela?

— Estás à procura de alguma coisa no blogue do colégio? — pergunta-me de repente o Alistair.

Ao ser apanhado, levanto os olhos. O Alistair está a olhar para o meu portátil com cara de nojo. Mas quando os olhos dele se detêm na palavra que escrevi no campo de pesquisa do navegador, o seu rosto ilumina-se.

— Ah, é isso...

— Isso o quê?

O sorriso dele aumenta de tamanho.

— Quando contar aos outros...

Fecho o portátil.

— Não há nada para contar.

A Mary, a nossa ajudante de cozinha, bate à porta, interrompendo a resposta do Alistair. Enquanto ela atravessa o meu quarto com o carrinho, levanto-me a cambalear para tornar a encher o copo. Agora, além da voz do meu pai, tenho de afastar do pensamento a imagem do rosto altivo da Ruby.

10

Ruby

A anotação a rosa na minha agenda ri-se de mim. O que lá está escrito é nada mais, nada menos do que: perguntar ao Beaufort pela indumentária vitoriana. Infelizmente, não quero fazê-lo, de maneira nenhuma.

Esta semana, já tive uma *overdose* do James Beaufort e estou preparada para o fim de semana. Desde que decidimos o tema da festa de Halloween que se comporta como um perfeito idiota durante as reuniões. Ou se põe a fazer um comentário desagradável atrás de outro ou nos ignora por completo. Isso ser-me-ia totalmente indiferente se, ontem, não tivéssemos decidido que, no cartaz que queremos fazer para a festa, deve figurar um casalinho vestido com roupa verdadeiramente vitoriana. E o caminho mais simples para chegar rapidamente — e, acima de tudo, sem custos — a esse tipo de indumentária é através da imensa coleção privada dos Beauforts.

Depois da reunião, eu e a Lin tirámos à sorte qual das duas ia pedir esse favor ao James; como é evidente, perdi. Desde então que estou a pensar em qual é a forma mais inteligente de o abordar. Se calhar, limito-me a enviar-lhe um *e-mail*. Assim, não terei de lhe perguntar diante de toda a gente e, muito provavelmente, ouvir uma fanfarronada qualquer.

Fecho o caderno de tarefas com toda a força e guardo-o na mochila.

— Podemos trocar — sugere-me a Lin, pondo a carteira ao ombro; depois pega no tabuleiro, põe-no em cima do meu e leva os dois para o carrinho de recolha.

Pondero brevemente se a alternativa — ter de ouvir o Lexington dar-me uma preleção de uma hora sobre as normas relativas à proteção contra incêndios — seria melhor.

— Espera lá — diz-me a Lin, enquanto saímos do refeitório e nos dirigimos para o centro de aprendizagem. — Retiro o que disse. Não quero trocar.

— Que pena. Estava a preparar-me para aceitar a tua oferta.

O *campus* está banhado pela luz outonal, avermelhada e dourada, e as primeiras folhas dos carvalhos estão a começar a perder o verde brilhante e a ficar amareladas ou vermelho-escuras.

— Vá lá, também não é assim tão horrível.

— Diz isso a ti própria, que gritaste «bingo» quando tirámos à sorte e te calhou a preleção sobre proteção contra incêndios — respondo-lhe secamente.

A Lin esboça um sorriso, porque a apanhei em flagrante.

— É que acho o tipo tão arrogante... Quer dizer, até ao fim do trimestre vai ser um membro de pleno direito da nossa equipa. Portanto, podia dar um contributo qualquer de vez em quando, não achas? Sobretudo, tendo em conta que a proposta foi dele.

— Sim. Infelizmente, foi uma proposta realmente boa.

Encosto o cartão de estudante ao sensor da porta do centro de aprendizagem, até que a luzinha da maçaneta fique verde.

O centro é um pequeno edifício que só é utilizado pelos alunos dos dois últimos anos do secundário. Podemos reunir-nos aqui quando temos de preparar uma apresentação ou quando precisamos de um sítio tranquilo para estudar para os exames finais. Hoje, numa das salas de tutores, vai realizar-se a primeira reunião de um grupo de aprendizagem em que vamos preparar-nos para o processo de candidatura a Oxford.

— Oh! — exclama a Lin em voz baixa quando entramos na sala e no preciso momento em que eu fico tensa.

Por falar no diabo...

A sala tem vinte mesas individuais e as únicas pessoas que lá estão são o Keshav, a Lydia, o Alistair, o Wren, o Cyril e... o James. Além de duas raparigas e de um rapaz que só conheço de vista e de uma mulher jovem que suponho ser a nossa tutora. É a única que nos cumprimenta.

Dirijo-me para uma das mesas mais afastadas do grupinho do Beaufort. A Lin vem atrás de mim e senta-se ao meu lado. Com um gesto mecânico, tiro da mochila a minha agenda, os marcadores e um caderno de apontamentos novo, que comprei precisamente para este grupo de trabalho. Enquanto ordeno tudo à minha frente — as coisas têm de ficar paralelas às bordas da

mesa —, esforço-me ao máximo para fazer de conta que os outros não existem. Não quero ter nada que ver com o James e, menos ainda, com os amigos dele. Até fico maldisposta só de pensar que, no processo de candidatura, tenho de competir com pessoas como ele, com pessoas de famílias riquíssimas que, geração após geração, estudaram em Oxford.

Não sei qual é a postura da Lin em relação a isto ou sequer se é diferente da minha. Antigamente, embora não fizesse parte do grupinho do James, frequentava os mesmos círculos do que eles porque era amiga da Elaine Ellington e de um par de raparigas do ano a seguir ao nosso. Mas, depois, o pai dela abandonou a mãe por outra mulher, que depois se veio a descobrir ser uma vigarista. Ao fim de um ano, o pai da Lin perdeu a fortuna toda para essa mulher, o que, na altura, provocou um grande escândalo e foi a razão pela qual mais ninguém se quis relacionar com os Wangs. Nem no âmbito dos negócios, nem socialmente, nem neste colégio.

Para que a Lin pudesse continuar a estudar em Maxton Hall, a mãe teve de vender a quinta e mudar-se para perto de Pemwick. No entanto, apesar de tudo, vivem as duas numa casa que é quatro vezes maior do que a nossa, mas, para a Lin, deve ter sido uma mudança horrível. Não só perdeu repentinamente a família e a vida que havia levado até à data, como também perdeu todos os amigos.

Na maior parte das vezes, a Lin age como se nada disso tivesse acontecido. Como se as coisas nunca tivessem sido diferentes. Mas, às vezes, distingo laivos de nostalgia nos olhos dela, o que me faz supor que tem saudades da vida que tinha antigamente. Sobretudo quando vejo a melancolia com que olha para o lugar vazio ao lado do Cyril. Há muito tempo que me pergunto se ambos teriam algum tipo de relação, mas, sempre que a conversa se desvia nesse sentido, mesmo que seja apenas um pouco, a Lin muda de assunto. Não a censuro, no fim de contas, eu própria nunca lhe conto nada sobre minha vida privada. Mas isso não quer dizer que, às vezes, não sinta curiosidade.

Por iniciativa própria, os meus olhos desviam-se para o James. Enquanto os amigos conversam e não param quietos, ele está totalmente imóvel na cadeira. O Wren está a falar com ele, mas tenho quase a certeza de que o

James não está a prestar atenção. Pergunto-me em que é que estará a pensar, para ter uma expressão tão lúgubre.

— Ainda bem que estão todos presentes — começa a dizer a tutora, e afasto o olhar do James. — Chamo-me Philippa Winfield, mas podem tratar-me por Pippa. Na verdade, estou no segundo semestre do curso de Oxford e também tive de fazer todo o processo de candidatura. Por isso, sei como se sentem.

O Wren murmura qualquer coisa que faz com que o Cyril se ria. Depois, pigarreia para tentar disfarçar o riso. De certeza que estão a falar de quão bonita é a Pippa. Com o cabelo loiro escuro ondulado, com um corte curto, e a pele de porcelana, quase parece uma boneca. Uma boneca muito bonita e cara.

— Nas próximas semanas, irei ajudar-vos a prepararem-se para o *Thinking Skills Assessment* e para as entrevistas. O TSA é um exame de duas horas que têm de fazer para frequentar determinados cursos em Oxford. A universidade utiliza esse exame para determinar se vocês têm as capacidades e o espírito crítico necessários para estudar em Oxford.

Apontei na minha agenda que o exame será pouco depois do Halloween, e começo logo a ficar nervosa quando penso nas tarefas que temos de fazer. Nos trinta minutos que se seguem, a Pippa explica-nos qual é a estrutura do exame e quanto tempo teremos para cada secção, elementos, todos eles, que já conheço há algum tempo. Não quero saber nada sobre o processo do exame, o que quero é aprender como ter positiva. Como se me tivesse lido o pensamento, a Pippa bate palmas.

— O melhor é darmos uma vista de olhos ao modelo de uma das perguntas que vos podem pedir para desenvolver. A mim, ajudou-me imenso discutir determinadas perguntas com outros candidatos, porque todos temos diferentes formas de raciocinar e essas discussões podem ser muito esclarecedoras. Portanto, pensei que o melhor seria fazermos o mesmo. — Abre a pasta e tira para fora um monte de folhas que distribui entre nós. — Na segunda página, vão encontrar a primeira pergunta. Tu — diz, apontando para o Wren, que acabou de cochichar mais qualquer coisa. — Lê a pergunta, por favor.

— Com todo o prazer — responde-lhe ele com um sorriso insolente, antes de pegar na folha e ler em voz alta: — A primeira pergunta diz o seguinte: «O facto de uma pessoa poder definir as causas das suas ações significa que estas são racionais?»

A Lin levanta o braço com entusiasmo.

— Não precisas de pedir a palavra, a discussão está aberta — diz a Pippa, apontando para a Lin.

— Todas as ações têm uma origem emocional — começa a explicar a minha amiga. — Embora se diga sempre que é preciso refletir para tomar uma decisão sensata, em vez de se ouvir o que diz o coração, no fim todas as decisões são guiadas por sentimentos, daí que não sejam racionais.

— Isso seria um ensaio muito breve — comenta o Alistair.

Os amigos dele desatam a rir. Todos exceto o James. Pestaneja umas quantas vezes, como se estivesse a acordar de um sonho.

— É uma hipótese que agora podem desenvolver ou que algum de vós também pode refutar — comenta a Pippa.

— Para poder responder a essa pergunta, primeiro seria necessário definir qual é o significado da palavra *racional* nesse contexto — diz a Lydia de repente. Tem um marcador atrás da orelha e segura a folha com a pergunta entre as mãos. A que curso quererá candidatar-se?

— *Racionalidade* significa pensar ou comportar-se com senso comum — murmura o Kesh.

— Neste contexto, *racionalidade* significa senso comum — digo. — Mas o senso comum é algo subjetivo. Como se pode definir o senso comum, se cada pessoa tem diferentes regras, princípios e valores?

— Seja como for, eu diria que todos temos mais ou menos a mesma ideia dos valores fundamentais — intervém o Wren.

Encolho os ombros, hesitando.

— Acho que depende da maneira como foste educado e do tipo de pessoas que faz parte do teu círculo.

— Todas as pessoas aprendem, desde tenra idade, que não devem matar outro ser humano e outras regras semelhantes. Quando uma pessoa age de acordo com esses princípios, é, objetivamente, racional — responde-me ele.

— Mas nem todas as ações podem remeter-se a esses princípios — objeta a Lin.

— Quando faço qualquer coisa que me destrói, mas que sei que obedece a um determinado princípio, estou a tomar uma decisão racional? — pergunta a Lydia.

Olho para ela, perplexa, mas crava os olhos na folha das perguntas.

— Quando isso corresponde à tua noção básica de bom senso, sim — respondo, depois de uma pequena pausa. — Nessa situação, vê-se claramente quão diferentes podem ser os princípios de diferentes pessoas. Eu nunca faria voluntariamente qualquer coisa que me pudesse destruir.

— Então, estás a dizer que a minha noção básica de senso comum tem menos valor do que a tua?

De repente, a Lydia olha para mim com um ar bastante irritado e fica com umas manchas vermelhas no rosto pálido.

— Com isso quero dizer que, em minha opinião, uma ação não pode ser racional se ferir alguém. Quer esse alguém seja o próprio ou outra pessoa. Mas é apenas a minha opinião.

— E a tua opinião é mais importante do que a das outras pessoas, certo?

Olho para o James, totalmente surpreendida. Falou tão baixinho que quase não o ouvi. Já não parece estar a pensar noutra coisa. Agora está aqui, nesta sala, a dirigir o olhar frio para mim.

Seguro o marcador com força.

— Não relacionei a pergunta comigo, mas sim, em geral, com o facto de todos pensarmos e agirmos de forma diferente.

— Consideremos a possibilidade de eu introduzir sub-repticiamente umas *strippers* numa festa, para criar um bom ambiente e proporcionar um serão agradável aos presentes — diz lentamente o James. — Nesse caso, segundo a tua forma de entender a pergunta, seria uma decisão claramente racional.

De um momento para o outro, vou partir o marcador.

— Não foi uma decisão racional, foi simplesmente uma imoralidade e uma merda.

— É melhor não utilizarem palavras como *merda*, nem no ensaio nem na entrevista de candidatura — intervém a Pippa.

— Estás a levar o debate para um aspeto que não está em discussão aqui — responde-me o James secamente. — Imaginemos, a título de exemplo, que tens duas ofertas de emprego, uma tem um salário melhor, mas a outra, embora seja mais mal paga, far-te-ia mais feliz. A decisão racional seria optar pelo emprego mais bem pago.

— Isso seria no caso de o senso comum se basear num princípio monetário, o que, no teu caso, não seria de estranhar.

Tenho o corpo a transbordar de energia, e é como se nesta sala apenas estivéssemos eu e o James. Ele levanta uma sobrancelha.

— Primeiro: tu não me conheces, de todo. Segundo, o ato racional é optar pelo emprego mais bem pago.

— Porquê, se é que posso perguntar?

Olha-me nos olhos.

— Porque, neste mundo, ninguém se interessa por ti se não tiveres dinheiro.

Ao ouvir estas palavras, dou-me conta de quão gastas estão as solas dos meus sapatos e de quão esburacada está a minha mochila. Uma cólera ardente apodera-se de mim a uma velocidade vertiginosa.

— Assim se vê quem te educou.

— O que é que isso significa? — pergunta-me, num tom de voz perigosamente sereno.

Encolho os ombros.

— Se, desde pequeno, te incutiram que ninguém se interessará por ti se não tiveres dinheiro, é evidente que irás agir com base num senso comum em que nada mais importa. Na verdade, isso é bastante pobre.

Um músculo começa a tremer no maxilar do James.

— É melhor parares de falar, Ruby.

— Em Oxford também não podes proibir ninguém de falar. Na melhor das hipóteses, terias de te habituar a ser contrariado ou terias de te familiarizar com a ideia de seres rejeitado. O que, para ti, não devia ser problema nenhum; no fim de contas, continuarias a ser rico e toda a gente continuaria a interessar-se por ti.

O James estremece como se tivesse sido esbofeteado. Na sala reina um

silêncio sepulcral. O único som que oiço é o dos batimentos acelerados do meu coração e um zumbido ensurdecedor nos ouvidos. Nos segundos que se seguem, o James levanta-se tão bruscamente que empurra a cadeira para trás e esta cai no chão com estrépito. Sustenho a respiração quando ele sai da sala a passos largos, batendo sonoramente a porta atrás de si.

De repente, tenho consciência de onde estou. Os amigos do James pestanejam, perplexos, como se perguntassem a si mesmos que diabos acabou de acontecer. Neste momento, pela expressão que arvora, diria que a Lydia está em estado de choque. Um calafrio percorre-me as costas. A descarga de adrenalina diminui lentamente e dou-me conta do que disse.

Acabou-se a ideia de «passar despercebida». Em vez de ter uma discussão normal, usei argumentos pessoais porque o James me enfureceu. O que ele disse é verdade. Na realidade, não o conheço. Não tenho direito de lhe atirar à cara este tipo de coisas, só porque se comporta como um idiota sem cérebro. Isso faz com que eu não seja nem um milímetro melhor do que ele.

Pode saber-se que diabos me passou pela cabeça?

11

James

Por esta altura, o desenho que ocupa toda a minha folha tem um aspeto bastante impressionante. Os dentes pretos e pontiagudos, as pequenas espirais e os círculos descontrolados quase parecem tridimensionais. Como se me bastasse esticar a mão para agarrar a imagem. Fico sempre surpreendido com as coisas que surgem quando me ponho a fazer rabiscos. E com o modo como isso desvia a minha atenção de outros assuntos. Por exemplo, do facto de os meus amigos estarem no campo de jogos a menos de cem metros, a treinar para o jogo do próximo fim de semana. Ou do facto de ainda ter de passar uma hora e onze minutos fechado nesta sala.

— James!

Levanto os olhos. Todos os membros da comissão de eventos estão a olhar para mim.

— O que foi?

— Nem sequer ouviu! — exclama a Jessalyn, olhando para a Ruby com uma expressão indignada, como se ela tivesse a culpa de não me apetecer assistir a estas reuniões que não servem para nada.

— Vou repetir o que disse — diz a Ruby calmamente, olhando para mim do outro lado da mesa. — Precisamos de roupa para tirar a fotografia para o nosso cartaz. Em Gormsey, há uma empresa que aluga trajes, mas nota-se que não são originais e que o tecido é rasca.

— Gormsey? — pergunto-lhe, desconcertado.

— Foi onde nasci — responde-me pacientemente.

É a primeira vez que oiço tal nome.

Dou por mim a perguntar-me em que tipo de casa vive a Ruby. Como serão os pais dela. Se terá irmãos. Tudo assuntos que não deviam interessar-me.

— Na última reunião, dissemos que queríamos uma fotografia o mais autêntica possível. Mas não é muito fácil encontrar vestuário de qualidade.

A marca *Beaufort* existe há mais de cento e cinquenta anos, certo? — A Ruby faz um grande esforço por falar comigo com simpatia, mas isso não muda o facto de que as minhas veias sejam percorridas por uma sensação de frio que já conheço muito bem. Já suspeito do que lá vem. — Achas que podias perguntar aos teus pais se nos podem emprestar algumas roupas?

Quem me dera poder continuar a fazer desenhos no meu caderno de apontamentos. Ou estar noutro sítio qualquer, a jogar lacrosse, por exemplo. Aí ninguém me pede nada, posso limitar-me a correr, a competir, a driblar, a tentar acertar na baliza e a ser livre. No campo, posso esquecer tudo. Aqui, lembram-me quem sou e o que me espera no futuro. Pigarreio.

— Infelizmente, não posso.

Tenho a sensação de que a Ruby já contava com esta resposta.

— Está bem. Posso perguntar porquê?

— Não, não podes.

— Por outras palavras, não queres ajudar-nos — diz-me, com uma calma forçada.

— Entre «querer» e «poder» não há diferença nenhuma. A minha resposta continua a ser a mesma.

A Ruby abre ligeiramente as narinas, enquanto se obriga a manter a calma. Não consegue totalmente e, de certa maneira, diverte-me verificar que a irrito. Procuro ignorar o facto de ela ser verdadeiramente bonita. Nunca tinha visto uma cara como a dela: o nariz arrebitado não condiz com a expressão orgulhosa da boca, os olhos de gato não condizem com as sardas que tem no nariz, e a franja cortada a direito não condiz com o rosto em forma de coração. Mas, surpreendentemente, tudo se coaduna perfeitamente. E, quanto mais olho para ela, mais atraente me parece.

Não consigo explicar porque é que ontem perdi o controlo daquela maneira. Não foi a primeira vez que alguém me atirou à cara que sou um sacana rico e mimado. Aliás, não foi a primeira vez que, precisamente, a Ruby me atirou isso à cara. Não sei porque é que as palavras dela me afetaram tanto, mas mexeram com qualquer coisa em mim... e não gostei nada! Não me reconheço a mim mesmo... e os meus amigos também não. Hoje nenhum deles me falou do sucedido, até estava à espera de que se

rissem disso, que se metessem comigo pela maneira como reagi e que, desse modo, retirassem importância ao assunto. Mas, com o silêncio deles e os seus olhares expressivos, apenas aumentaram o peso e a importância das palavras da Ruby.

Dou um suspiro interno. Porra, queria gozar o último ano do colégio, não me preocupar com nada e com ninguém e divertir-me, nada mais do que isso. Em contrapartida, não posso jogar lacrosse, tenho de me reunir com este grupo de merda, em que o ambiente até mete dó, e tenho de aguentar que a Ruby me diga que...

A Ruby estala os dedos em frente dos meus olhos.

— Desculpa — digo-lhe, esfregando a cara com as duas mãos. — O que é que disseste?

— Meninos, podemos passar bem sem ele — diz o Kieran num tom irritado.

— Eu também passaria muito bem sem vocês, mas, infelizmente, tenho de vos aturar até ao fim do trimestre — respondo-lhe, olhando para ele com frieza.

— James! — exclama a Ruby num tom indignado.

— O que foi? Só estou a ser sincero.

— Há momentos na vida em que a sinceridade é descabida.

Tenho a resposta na ponta da língua: «Olha quem fala.» Mas contenho-me. De certa maneira, acho atraente que fale comigo com tanta severidade. O que, de certeza, se deve ao facto de já fazer duas semanas que não saio com os rapazes e de ter demasiada energia acumulada. É urgente pensar noutra coisa. Tentando passar despercebido, tiro o telemóvel do bolso das calças e mando uma mensagem ao grupo.

Esta noite, festa em minha casa.

— Vamos buscar a roupa à empresa de aluguer e resolve-se o assunto — propõe a Lin. — Com um pouco de Photoshop, conseguiremos que pareçam autênticas.

O Kieran suspira.

— Isto é absurdo. O James Beaufort pertence ao nosso grupo.

— Nesse caso, se o James não quer ajudar-nos, eu própria contactarei a empresa Beaufort — diz de repente a Ruby.

— Não vais fazer isso — digo-lhe num tom ausente, sem desviar os olhos do telemóvel: o Alistair acaba de me enviar uma mensagem a dizer que os jogadores novos são péssimos e que o treinador está a dar em doido.

— Não me podes proibir, como é evidente.

Não quero, de maneira nenhuma, que ela fale com os meus pais. Não quero que ninguém se aproxime dos meus pais. Claro que isso é quase impossível, quando se pensa que as doações deles financiam uma parte nada insignificante deste colégio e que aparecem em todas as festas. Mas a simples ideia de que a Ruby se possa aproximar do meu pai dá-me a volta à barriga.

— Queres mesmo que, na reunião semanal com o Lexington, eu lhe comunique o pouco que te empenhas na comissão de eventos?

Levanto a vista lentamente e olho para a Ruby com os olhos semicerrados. Não posso acreditar que esteja realmente a tentar fazer chantagem comigo. Se não estivesse tão furioso, ficaria impressionado.

— Faz o que entenderes — respondo-lhe, dando um grunhido.

No tempo que resta até ao fim da reunião, ignoro a Ruby, e mais ninguém me dirige a palavra. Furioso, vou desenhando no meu caderno de apontamentos círculos e objetos pontiagudos dos quais surgem pequenos monstros de dentes afiados, que seguram tacos de lacrosse entre as garras. Quando a Ruby dá a reunião por terminada, levanto-me tão depressa que a Camille, que está ao meu lado, apanha um susto. Já estou quase a chegar à porta quando a Ruby se põe à minha frente.

— Importas-te de ficar mais um bocado?

— Estou com pressa — respondo-lhe entre dentes.

Tento esquivar-me dando um passo para o lado, mas ela faz o mesmo.

— Por favor.

A voz dela já não tem o tom exasperado de há alguns minutos. Agora parece cansada, como se estivesse tão impaciente quanto eu por sair desta sala de uma vez por todas. Talvez seja por isso que anuo, desviando-me para deixar passar os outros. Mas, se calhar, também é por pensar no diretor

Lexington e pelo facto de querer evitar, com todas as minhas forças, ter de participar nestas reuniões da comissão de eventos durante mais tempo do que o necessário. O Kieran é o último a sair e, antes de fechar a porta, lança-me um olhar estranho. Se tivesse de apostar, diria que tem ciúmes de mim. Interessante...

A Ruby pigarreia. Encosta a anca a uma das mesas e cruza os braços.

— Se estás zangado comigo, não despejes na equipa. Os outros não podem fazer nada e é indecente que lhes dificultes o trabalho.

Quando penso no dia de ontem, quase me sinto mal. Lembro-me de cada uma das palavras que ela me disse. Mas não quero que saiba que fiquei transtornado com isso e, portanto, respondo ao olhar dela com frieza.

— Não estou zangado contigo.

— Devo dizer que não transmites uma impressão especialmente amistosa.

Olho para ela, levantando as sobrancelhas.

— Tivemos uma discussão idiota durante uma sessão de estudo, Ruby Bell. Uma discussão que, a dado momento, me pareceu tornar-se demasiado cretina. O que é que queres?

— Só queria pedir-te desculpa. Fui injusta, usei argumentos pessoais e lamento tê-lo feito.

Está bem, não é o que eu esperava. Preciso de um momento para encontrar as palavras certas.

— Achas-te muito importante, se pensas que ainda estou a pensar nisso.

Pestaneja várias vezes, obviamente desconcertada com a minha resposta mordaz.

— Sabes que mais? Limita-te a esquecer o que aconteceu.

— Não tens de me pedir desculpa só porque queres qualquer coisa de mim.

— Não te estou a pedir desculpa por querer pedir-te alguma coisa, James — protesta —, mas sim porque realmente lamento o que aconteceu. Ontem fui... fui indecente.

Ficamos a olhar um para o outro durante um bocado e tento distinguir alguma intenção secreta nos olhos dela. Mas não encontro nenhuma. Tem uma expressão franca e honesta. Calculo rapidamente as minhas

possibilidades. Podia continuar a ignorá-la e a fazer de conta que me estou nas tintas para o que me disse, mas assim corro o risco de que realmente fale mal de mim ao Lexington e este aumente o tempo que tenho de passar nesta comissão de eventos. Além disso, verifico que não é realmente o que quero fazer. Discutir com a Ruby Bell é tremendamente cansativo. Acho que será tudo mais fácil se fizer algumas concessões.

— Está bem — acabo por lhe dizer.

De repente, o ambiente deixa de estar tão carregado como estava há dois minutos. Tenho a sensação de que consigo voltar a respirar, e os ombros da Ruby também parecem mais descontraídos.

— Ótimo — responde-me.

Por uns segundos, parece indecisa, como se não soubesse o que fazer. Depois faz um aceno de cabeça e volta para a mesa dela. Pega na sua agenda, abre-a e risca qualquer coisa. Pergunto a mim mesmo se pedir-me desculpa era o primeiro ponto da sua lista de tarefas pendentes. Não estranharia se o fosse.

Com efeito, já podia ir-me embora. Já dissemos tudo o que tínhamos a dizer um ao outro. Não percebo porque é que fico parado no mesmo sítio e continuo a vê-la guardar as suas coisas. Naquela mochila horrorosa, tudo parece ter o seu sítio, e ver desaparecer lá dentro, a pouco e pouco, uma pasta, um caderno de apontamentos, os marcadores, a garrafa de água e, no fim, a agenda tem qualquer coisa de estranhamente tranquilizador, quase hipnótico.

— De quantos fatos precisas para o cartaz? — oiço-me a perguntar repentinamente.

A Ruby para a meio de um movimento. Vira lentamente a cabeça para olhar para mim.

— Dois — diz num tom cauteloso. — Um de homem e um de mulher.

Vejo que tenta, em vão, não ter demasiada esperança, e decido não a deixar muito tempo na incerteza.

— Vou falar com os meus pais — anuncio depois de uma breve pausa.

Os olhos da Ruby iluminam-se e é evidente que tem muita dificuldade em não sorrir de orelha a orelha.

— A sério?

Anuo em silêncio.

— Já estás contente?

A Ruby fecha a mochila e põe-na ao ombro. Dá uns passos para mim.

— Obrigada. É uma grande ajuda.

Encolho os ombros e depois, pela primeira vez desde que participo nas reuniões da comissão de eventos, saímos juntos da sala de grupos.

— O planeamento está a correr muito bem, não achas? Para o Halloween.

Olha para mim com um ar surpreendido. Eu também estou perplexo com a minha pergunta. Pode saber-se por que diabos não me vou embora?

— Sim, está mesmo. Mas acho que só vou voltar a dormir sossegada depois de a festa ser um sucesso.

— Porque é que lhe dás tanta importância?

Antes de responder, pensa durante uns minutos.

— Quero demonstrar que tenho jeito para liderar uma equipa. Que mereço este cargo. Tive de lutar para mo darem e depois tive de voltar a lutar para não me deixar avassalar pela Elaine. — Lança-me um olhar de desculpa. — Sei que vocês são amigos, mas a sério que ela não era uma boa chefe de equipa. Não quero que todo o trabalho e entusiasmo que tenho investido na comissão de eventos, e que continuo a investir, não sirvam para nada.

Murmuro qualquer coisa, pensativo, e ela lança-me um olhar interrogativo.

— Estou a pensar se há alguma coisa pela qual eu me interesse tanto.

— O lacrosse? — pergunta-me ela.

Faço um gesto de ignorância.

— Talvez.

Descemos as escadas, atravessamos a biblioteca e saímos, e, pela primeira vez, tenho consciência de que as atividades que a mim me parecem tão absurdas e aborrecidas são uma componente importante da vida de outras pessoas.

— Oh, que horas são? — pergunta-me repentinamente a Ruby.

Olho para o relógio.

— Quase quatro.

Solta um impropério em voz baixa e começa a correr.

— Vou perder o autocarro!

A mochila verde saltita contra as costas dela e o cabelo castanho balouça no ar, enquanto corre a toda a velocidade em direção à paragem do autocarro.

Dirijo-me para o parque de estacionamento, onde o motorista me espera no nosso *Rolls-Royce*. De repente, pedir a roupa aos meus pais já não me parece uma carga assim tão pesada.

Ruby

O meu telemóvel começa a vibrar precisamente quando estou sentada diante do televisor, com meus pais e com a Ember, a ver o *The Voice Kids*. Tiro-o do bolso das calças. O botão de desbloqueio fica um bocado preso e tenho a sensação de que todos os dias tenho de o premir com um pouco mais de força. Quando, finalmente, o telemóvel reage, fico gelada.

A mensagem que recebi é de um número desconhecido.

> Os fatos para o cartaz já estão prontos.
> Podemos ir buscá-los amanhã, a Londres. J.

— Não posso acreditar que esta miúda tenha oito anos — soa junto do meu ouvido a voz surpreendida da minha mãe.

— Como é que nenhuma de vocês as duas sabe cantar? — pergunta o meu pai. — Se soubessem, tê-las-ia levado a um programa como este.

— O nosso talento manifesta-se noutras áreas, papá — responde-lhe a Ember.

— Ah, sim? O que é que tu sabes fazer?

Oiço um som abafado e levanto os olhos. A Ember acaba de atirar uma almofada do sofá ao nosso pai, que dá uma gargalhada.

— O meu blogue tem mais de quinhentos seguidores, papá. Sei costurar e sirvo para provar às pessoas que, com um corpo como o meu, posso vestir o que quiser. Já é alguma coisa, não achas?

— Já são mais de quinhentos? — pergunto-lhe, surpreendida.

A minha irmã anui, lacónica. Desde que discutimos que não voltámos a falar muito. A Ember continua muito zangada por eu me recusar a convidá-la para a próxima festa de Maxton Hall, daí que me tenha passado ao lado que ela tenha superado este grande marco.

— Isso é fantástico. Muitos parabéns — digo-lhe.

Não percebo porquê, mas as minhas palavras parecem forçadas, apesar de as dizer com toda a sinceridade. Há mais de um ano que a Ember anda a trabalhar no *Bellbird*. Investe tanto esforço e amor no blogue que merece que tenha sucesso.

— Obrigada.

A Ember baixa os olhos para o comando da televisão e começa a batucar com ele.

— Acham que a Ember podia ir ao programa com a máquina de costura e participar no concurso? — pergunta de repente o meu pai. — Ou talvez pudesse apresentar uma conferência. Seria excelente se pudesse explicar a toda a gente aquilo que nos explicou, incluindo a comparação com o Voldemort e todas as outras coisas que as pessoas conseguem entender.

A Ember dá uma sonora gargalhada.

— Não acho que funcione, papá. É um espetáculo musical.

— Ah. Sim. É um bom argumento. E que tal participares no *Britain's Got Talent*? É um concurso de talentos e, se o que tu fazes não se encaixa ali, terás de me dizer o que se encaixa. Em caso de necessidade, convidamos os teus quinhentos seguidores para fazerem de público. E depois animamos-te todos juntos.

— O pai tem toda a razão! — concordo. — Devias pegar nos teus esboços e concorrer a um destes programas. Eu posso fazer uns cartazes coloridos e distribuí-los pelos teus seguidores.

A minha irmã faz um esgar. Deito-lhe a língua de fora. Os olhos dela começam a brilhar e um sorriso prudente começa a desenhar-se nos seus lábios. Nesse momento, tenho a sensação de que tudo volta a estar bem. Fizemos as pazes em silêncio, como sempre. Sinto que me sai um peso de cima.

O meu pai diz mais qualquer coisa, mas, nesse preciso momento, a minha

atenção desvia-se para o telemóvel, cujo ecrã se ilumina com uma nova mensagem. Começo a responder, mas apago imediatamente o que escrevi. Não sei como reagir. A ideia de ir a Londres com o James e passar o dia todo com ele, fora das fronteiras que Maxton Hall estabelece normalmente à nossa volta, parece-me estranha. Estranha, mas também... emocionante, se pensar mais a sério nela. Torno a escrever algumas palavras.

De repente, uma almofada aterra na minha cara.

— Ei! — exclamo.

— Ainda não tínhamos acabado a nossa conversa, Ruby — diz o meu pai num tom sério. — Também tens de participar.

— Não, papá, eu não sei cantar, e não, não vou participar num concurso de talentos para depois vocês poderem gozar comigo.

— Humm — diz ele, olhando para mim com um ar pensativo, enquanto a minha mãe faz um som de satisfação. — Uma menina tão pequena com uma voz tão maravilhosa!

— Há outras possibilidades de ganhar uma competição deste tipo. Se a história da máquina de costura não funcionar, também podemos aprender a fazer malabarismos.

— Se queres participar a todo o custo num concurso de talentos, devias inscrever-te por tua conta e risco — digo-lhe secamente.

— Sabem que mais? Se calhar quem se inscreve sou eu — responde-me o meu pai, num tom de obstinação fingida.

— E... em que especialidade? — pergunta a minha mãe num tom ausente, sem afastar os olhos do ecrã.

— Que tal com...?

Nesse momento, o Danny Jones, um dos membros do júri, prime o botão e a cadeira começa a virar. A minha mãe dá gritos de alegria e o meu pai também levanta os braços num gesto eufórico.

Eu e a Ember olhamos uma para a outra e desatamos a rir ao mesmo tempo.

— Tínhamos alguma coisa combinada para amanhã? — pergunto-lhes depois de a miúda ter saído do palco e de o ambiente estar mais calmo.

O meu pai abana negativamente a cabeça.

— Não, porquê?

— Estamos a planear a festa de Halloween e andamos à procura de roupa. Um colega do colégio conseguiu arranjar uns trajes e está a perguntar-me se posso ir com ele a Londres amanhã, para os ir buscar.

— É uma viagem de duas horas. É o teu horrível colega que leva o carro ou vão de comboio? — pergunta-me a minha mãe.

Levanto o dedo, para lhes indicar que esperem um momento. E depois escrevo a resposta.

Está bem. Como é que vamos para Londres? R. B.

Espero que entenda que as minhas iniciais são uma brincadeira.

O meu motorista vai buscar-te por volta das 10. Pode ser? J. M. B.

Bufo e reparo imediatamente no olhar inquisitivo da Ember.

Por momentos, quase abro o Google para pesquisar o James, só para saber qual é o nome a que o M se refere, mas contenho-me. Isso seria ultrapassar outro limite. Não quero saber tudo o que há sobre ele na Internet. No colégio, já correm centenas de rumores. Tenho cusquices sobre o James Beaufort suficientes para o resto da minha vida.

— Pelos vistos, o meu colega tem motorista — respondo passado um bocado.

— Motorista? — pergunta-me a Ember, incrédula. — Ah, deve ser um desses betinhos.

— A família dele é proprietária das lojas Beaufort.

— Vais a Londres com o filho dos Beauforts? — insiste o meu pai, num tom que é um misto de surpresa e de desconfiança.

Anuo lentamente.

— Sim. Podemos arranjar os trajes nos armazéns da marca.

O meu pai franze o sobrolho.

— E vão fazer a viagem... sozinhos?

— Já chega, Angus — intromete-se a minha mãe. — Deixa a Ruby em paz.

— Qual é o problema? Se ela tem um encontro com um rapaz, quero

saber.

Sinto-me corar.

— Não vou ter um encontro com um rapaz, papá. É uma coisa do colégio.

Ele dá um grunhido. Por seu lado, a Ember olha para mim com os olhos muito abertos.

— É incrível. — Reclina-se para trás no sofá e cruza os braços. — Isto é... Deus do céu. Não sabes a sorte que tens, Ruby.

— Vou tirar fotografias para te mostrar — respondo-lhe, mas a Ember tem os olhos colados ao televisor. — Então posso ir? — pergunto dirigindo-me à minha mãe: parece-me ser a única pessoa sensata nesta sala de estar.

— Claro que sim — responde-me imediatamente, lançando um olhar de advertência ao meu pai quando este torna a abrir a boca. — Já tens idade suficiente para decidir com quem, quando e aonde vais.

Por algum motivo, as palavras dela ainda me fazem corar mais. Sem prestar muita atenção, escrevo uma resposta:

Está bem.
É verdade: em vez de champanhe, preferia Ben & Jerry's. R. J. B.
P.S.: Se me responderes com mais alguma inicial, vou dar em doida.

Hesito momentaneamente, perguntando a mim mesma se posso mesmo enviar a mensagem tal como está. Eu e o James não somos dessas pessoas que se metem uma com a outra num *chat*. Ou seremos?

Até amanhã, Ruby.

Não, não somos esse tipo de pessoas, de maneira nenhuma.

12

Ruby

Na manhã seguinte, estou quase a dar em doida porque não faço a mais pequena ideia do que vestir para ir à Beaufort. Não sei se há um código de indumentária e, nesse caso, quão elegante deve ser a roupa. Além disso, pergunto a mim mesma se o James irá de fato. Nunca nos vimos fora do colégio, o que significa que só nos conhecemos de uniforme.

No fim, decido-me por uma saia preta, meias acima do joelho e uma camisola de malha ocre com uma gola de croché branca e um laço preto. Além disso, calço os sapatos *Oxford* pretos que comprei há uns meses na loja de artigos em segunda mão de Gormsey.

No que toca à moda, não me arrisco, nem de longe, tanto como a Ember. Prefiro comprar peças de roupa com que me sinta segura e que sei que poderei usar durante muito tempo. Mas, apesar de tudo, gosto de andar arranjada e de me vestir bem; é provável que isso também se deva à minha mania da organização.

Quando acabo de me vestir, dirijo-me cautelosamente ao quarto da minha irmã. Quando meto a cabeça pela porta, vejo que já está acordada e sentada na pequena secretária ao pé da janela.

— O que foi? — pergunta-me, sem se virar.

— O que é que achas deste conjunto?

Vira a cadeira para mim e abro completamente a porta, para que consiga ver-me.

— Estás muito bonita — confirma, depois de me examinar da cabeça aos pés.

— A sério? — pergunto-lhe, dando uma voltinha.

Quando olho para a Ember, ela semicerra os olhos.

— Com que então não é um encontro, hem? — diz-me, num tom brincalhão.

Reviro os olhos.

— Ember, não suporto o tipo.

— Isso ficou bem claro — responde-me, levantando-se.

Dirige-se para o guarda-vestidos, um pequeno armário encastrado na parede, e abre a porta. Depois, inclina-se para a frente até quase desaparecer no interior e põe-se a procurar qualquer coisa. Aproximo-me por trás e tento espreitar por cima do ombro dela, para ver o que está a fazer. Ao fim de meio minuto, endireita-se e estende-me uma carteira pequena de cor *bordeaux*.

— A minha carteira!

— Não te finjas indignada. Andas sempre de um lado para o outro com a mochila. — Aponta para a minha indumentária. — A carteira combina muito bem com essa roupa.

— Na verdade, devia cobrar-te juros por teres ficado com ela tanto tempo.

Sacudo a fina camada de pó que se formou no cabedal falso. Comprei este acessório na loja de artigos em segunda mão do centro da cidade. Usei-o orgulhosamente durante duas semanas, até que a nossa vizinha, a Sra. Felton, me viu na padaria onde a minha mãe trabalha e desatou aos gritos, gabando-se de que a carteira tinha sido dela há cinquenta anos. Depois, emprestei-a à Ember com a maior das boas vontades, e, em princípio, não queria que ma devolvesse. Mas, agora que a tenho mão, fico contente por a recuperar.

— Não vou pagar juros por uma coisa que nem sequer sabias que estava em meu poder — responde-me a Ember.

O toque da campainha da porta de casa deixa-me paralisada. Olho de relance para o relógio. São dez menos um quarto.

— Chegou mais cedo — queixo-me, e vou a correr para o meu quarto, para passar a toda a velocidade o telemóvel e o porta-moedas da mochila para a carteira.

— Ruby! — soa a voz da minha mãe.

Enquanto desço as escadas, obrigo-me a manter a calma. Não há a mínima razão para estar nervosa. É apenas uma viagem escolar. Eu e a Lin já fizemos viagens semelhantes centenas de vezes, e, com o James, não vai ser diferente.

Respiro fundo e desço os últimos degraus. A minha mãe já abriu a porta e, quando chego ao corredor, está a falar com um homem. Fico boquiaberta.

Primeiro: o James não mentiu. É verdade que tem um motorista. E, além disso, com uniforme, boné e toda a demais parafernália. Segundo: o motorista é parecido com o Antonio Banderas. Tem pele morena, olhos castanho-escuros e uma boca muito expressiva, quase sensual. Deve andar pelos quarenta e é extremamente atraente. Se estou a interpretar bem o rubor que vejo no rosto da minha mãe, é evidente que ela pensa exatamente o mesmo que eu.

— Bom dia, menina — diz o Zorro-motorista, tirando o boné para me cumprimentar.

— Bom dia...

— Percy... — diz a minha mãe, dando-me uma ajuda, ao mesmo tempo que olha para mim com um ar resplandecente.

— Percy — concluo com um sorriso, enquanto tiro a parca do armário. — Bem, mamã, vemo-nos mais logo.

— Diverte-te, meu amor. E tira uma fotografia para nos mostrares.

A minha mãe dá-me um beijo no rosto e saio de casa, acompanhando o Percy. Um segundo depois, como que por artes de magia, ele abre um enorme guarda-chuva preto por cima da minha cabeça.

— Muito obrigada — digo-lhe.

— É um prazer, menina. O carro está mesmo aqui à frente.

Sigo o movimento da mão dele e quase estaco com o impacto. Na rua, em frente de nossa casa, está parado um *Rolls-Royce*. De um preto reluzente e com um tamanho enorme, parece, entre os outros automóveis estacionados junto ao passeio, uma espécie de corpo estranho, até para mim, que já estou habituada a ver limusinas e automóveis caros.

O Percy abre uma das portas traseiras e segura o guarda-chuva, para me proteger até eu entrar. Agradeço-lhe novamente, responde-me com uma inclinação da cabeça e torna a fechar a porta com cuidado atrás de mim. Não passa nem meio minuto e o carro já está em andamento.

Nervosa, aliso a saia e verifico se, depois de me ter sentado, tudo continua em ordem.

Depois, olho para o James.

Está sentado no banco lateral, com uma expressão imperscrutável no rosto. Parece que nem ele próprio sabe o que pensar do facto de eu ter acabado de entrar no seu carro.

Tem vestido um fato cinzento-escuro de um tecido fino, uma camisa branca e uma gravata de seda escura com um alfinete. Tem um copo na mão, que espero do fundo do coração que esteja cheio de sumo de maçã, e chama-me a atenção o anel de brasão que usa na mão esquerda e que nunca tinha visto. De certeza que o brasão é da sua família.

Quanto mais olho para ele, mais mal vestida me vejo com esta mistura de roupas *vintage*. Contrariamente a mim, tudo no James revela dinheiro, desde o cimo da cabeça até às pontas dos reluzentes sapatos de cabedal preto. Tento não me deixar impressionar por tudo aquilo porque, no fim de contas, já sabia no que me estava a meter.

No entanto, quando olho para ele com mais atenção, dou-me conta de que parece muito cansado. Os olhos azul-turquesa estão raiados de vermelho e, por baixo, têm duas sombras escuras.

— Bom dia — diz-me com voz rouca.

Se calhar, acabou de acordar. Ou passou a noite na borga e não dormiu.

— Bom dia — respondo-lhe. — Obrigada por me vires buscar.

Como não me responde e, em vez disso, se põe a examinar-me como eu fiz antes com ele, dedico-me a dar uma vista de olhos à limusina. Os bancos são de cabedal e, em frente do James, há um pequeno bar com copos e uma caixa com uma porta que suponho ser um pequeno frigorífico. Entre a traseira e o lugar do motorista há uma divisória escura.

Quando o silêncio ameaça tornar-se incómodo, aponto para o Percy com o queixo e digo:

— O teu motorista podia ser uma estrela de Hollywood. Nunca tinha visto um quarentão tão atraente.

— Que grande elogio, menina. Tenho cinquenta e dois anos — soa a voz do Percy através de um altifalante no teto.

Olho para o James, estupefacta. O rosto dele exibe um sorriso de orelha a orelha. Um calor incrível sobe-me pelas maçãs do rosto.

— Quando quiseres dizer essas coisas, é melhor desligares primeiro o intercomunicador, Ruby Bell — comenta o James, apontando para cima. Sigo o olhar dele e vejo uma pequena lâmpada com a luz vermelha.

— Oh.

— Eu trato disso, senhor — diz o Percy, e, um segundo depois, a luz apaga-se.

Enterro o rosto nas mãos e abano a cabeça.

— Nos filmes, a divisória sobe e desce, como é que eu ia adivinhar que também é preciso carregar num botão?

— Não te preocupes. Eu raramente digo esse tipo de piropos ao Percy. Tenho a certeza de que ficou contente.

Abano a cabeça.

— Acho que tenho de sair do carro.

— Demasiado tarde. Nas próximas duas horas, vais ficar aqui presa comigo. — Oiço um leve tilintar. — Toma, é para ti.

Afasto lentamente as mãos da cara. O James estende-me um pequeno copo azul.

— Não me digas que me trouxeste mesmo um gelado — digo-lhe, incrédula.

— Ainda havia alguns lá em casa — responde-me, sem mais. — Toma, senão como-o eu.

Sem dizer palavra, pego no copo. O James torna a inclinar-se para o frigorífico e, pouco depois, endireita-se e traz segundo copinho de *Ben & Jerry's* na mão. Observo com interesse a maneira como abre a tampa e tira a película de plástico. Vê-lo com o fato e o gelado na mão parece-me tão irreal que, por uns segundos, pergunto a mim mesma se estou acordada ou se ainda estou a dormir.

O gelado condensa-se na minha mão e uma gota fria cai-me na saia. Olho em volta à procura de um guardanapo.

— Aí à frente, à direita — diz-me o James, apontando para o bar.

Estico-me, tiro um guardanapo branco casca de ovo do montinho e desdobro-o sobre a saia. Depois, tiro a tampa do copo de gelado e provo a primeira colherada. Fecho os olhos, deliciada.

— Humm. *Cookie Dough*.

— Tive de adivinhar qual era o teu sabor preferido — diz-me o James. — Acertei?

— Sim. *Cookie Dough*, evidentemente — respondo-lhe, convencida, mas, um segundo depois, hesito. — Embora... o novo sabor de caramelo salgado também seja muito bom. Já provaste?

O James abana negativamente a cabeça. Durante uns momentos, ficamos em silêncio. Depois diz-me:

— Este é o melhor pequeno-almoço para curar a ressaca, há já muito tempo que é o que faço para isso.

Portanto, ontem foi dia de festa.

— Tiveste uma noite comprida?

Arrependo-me imediatamente de lhe ter feito esta pergunta; o James esboça um sorriso ambíguo, com o gelado próximo da boca.

— Pode dizer-se que sim.

— Portanto, essa parte dos rumores sobre o abominável James Beaufort é verdadeira.

— Rumores sobre o abominável James Beaufort? — pergunta-me, divertido.

Levanto uma sobrancelha.

— Vá, admite que é verdade.

— Não faço a mais pequena ideia de que é que estás a falar.

— Como se não soubesses que circulam imensos rumores sobre ti e o teu grupinho.

— Como por exemplo?

— Que de manhã comes caviar, que tomas banho com champanhe, que destruíste uma cama de água enquanto tinhas sexo... e por aí adiante.

Para, com a colher a meio caminho dos lábios. Passa-se um segundo e depois outro. No fim, leva a colher à boca e come lentamente o gelado, enquanto faz de conta que está a refletir intensamente. Parece que está a acordar a pouco e pouco. Os olhos perderam o véu nublado.

— Está bem, então vamos acabar com esses rumores — diz. — Detesto caviar. Acho a ideia de comer ovas de peixe simplesmente asquerosa. Ao

pequeno-almoço, bebo um batido, com um ovo escalfado ou *muesli*.

— No batido? — Faço um esgar de repugnância.

— Claro que não. A acompanhar o batido.

— Ah, está bem.

Torna a refletir por uns instantes.

— O rumor do champanhe também não é verdade. Bem, pelo menos, não totalmente. Certa vez, deixei cair uma garrafa tremendamente cara de champanhe dos pais do Wren na piscina e depois atirei-me à água. Mas não foi intencional.

— De certeza que os pais do Wren te adoram.

— Se soubesses... — Esboça um sorriso satisfeito e torna a enfiar a colher no gelado.

— E... a história da cama de água? — pergunto-lhe hesitantemente.

O James para e olha para mim com os olhos cintilantes.

— Isso interessa-te mesmo, não é?

— Para ser franca, sim — admito sem desviar o olhar. — Quer dizer, imagino que os colchões de água... não devam rasgar-se assim tão facilmente, certo? Ouvi dizer que são muito estáveis.

— Não era uma cama de água, era uma cama normal.

Engulo em seco. Há qualquer coisa nos olhos do James que nunca tinha visto. Qualquer coisa escura, pesada, que desperta um frémito na minha barriga.

— Oh, que seca — digo num tom rouco, mas a minha voz revela que estou a mentir.

Não quero imaginar o James a ter sexo. A sério que não.

Infelizmente, nesse mesmo momento penso no que terá feito para estragar a cama. E que aspeto teria enquanto isso acontecia. Já tive um vislumbre e sei que tem um corpo de cair para o lado. E observei vezes suficientes a agilidade com que se move ao praticar desporto. De certeza que sabe o que faz.

Nesse momento, fico grata por ter o gelado na mão. O que mais me apetecia era meter a cara dentro do copo, para voltar a pôr os pés na terra.

— Na maior parte das vezes, os rumores não correspondem à verdade, ou

correspondem apenas a uma verdade parcial.

O sorriso cúmplice que me lança faz-me temer que saiba, até ao mais ínfimo pormenor, no que eu estava a pensar. Pela parte que me toca, decido que já é altura de arquivar o tema «camas de água».

— Nesse caso, fico contente por não correrem rumores sobre mim.

O James torna a guardar o gelado no frigorífico e pousa a colher em cima do bar. Depois, recosta-se e olha para mim com uma expressão pensativa.

— Depois do que aconteceu com a Lydia, andei a informar-me sobre ti.

— Não sei se quero saber o que as pessoas dizem sobre mim — admito em voz baixa.

— A maior parte delas não te conhecia. E, quando falavam de ti, não diziam nada de mal.

— A sério? — pergunto, suspirando de alívio.

O James assente.

— Também era por isso que desconfiava tanto de ti. Alguém com tão boa fama só pode estar a esconder qualquer coisa.

— Eu não escondo nada — digo, fazendo um esgar.

— Claro que não. — Olha para mim divertido e inclina-se para a frente. — Vá lá, Ruby. Conta-me qualquer coisa que nenhum dos nossos colegas saiba.

Abano a cabeça automaticamente. Não. Não vou jogar este jogo, de maneira nenhuma.

— Conta-me tu qualquer coisa sobre ti que mais ninguém saiba.

Espero que ele proteste, mas, em vez disso, parece refletir sobre a pergunta.

— Se não me aceitarem em Oxford, o meu pai mata-me.

Diz aquilo descontraidamente, como se já tivesse aceitado essa possibilidade há muito tempo. Mas os olhos dele contam-me outra verdade.

— Porque ele também estudou em Oxford? — pergunto-lhe com cautela.

— Ambos os meus pais estudaram em Oxford. E os pais deles também.

A verdade é que sempre invejei o James e os amigos dele, porque, devido às suas origens, têm de antemão as melhores condições para serem aceites numa universidade prestigiada como Oxford. Mas, agora, dou-me conta de

que há um reverso da medalha. Um reverso que está ligado a uma enorme pressão e que me faz entender um pouco melhor a violenta reação do James no grupo de preparação para a universidade. As minhas palavras devem tê-lo magoado muito.

— Eu sempre quis ir para Oxford. Desde que tenho uso da razão — começo a dizer passado um bocado.

De repente, tenho a sensação de que não há problema nenhum em confiar-lhe esta parte de mim. No fim de contas, ele acaba de o fazer e isso ajudou-me a compreendê-lo um pouco melhor. Desde a primeira vez que nos cruzámos que não fizemos outra coisa que não discutir. Ninguém vai ficar prejudicado se tentarmos libertar-nos de, pelo menos, uma parte dos preconceitos que temos em relação um ao outro.

— Os meus pais sempre me incentivaram, mesmo quando era evidente que, provavelmente, isso não passaria de um sonho.

» Embora sempre tenha tido boas notas, por si só isso não é suficiente para entrar em Oxford. Mas, depois, ouviram falar das bolsas que são atribuídas todos os anos a alguns alunos, para frequentarem Maxton Hall, e solicitaram uma para mim. Não pensámos que fosse resultar, mas devo ter feito alguma coisa bem durante as entrevistas pessoais. Desde então, a ideia já não parece tão descabida e propus-me a fazer tudo o que esteja ao meu alcance para poder estudar em Oxford.

» Quero que os meus pais se sintam orgulhosos. E também quero orgulhar-me de mim mesma.

Por momentos, o James fica calado. Olha para mim e há uma tal intensidade nos seus olhos azuis que um calafrio me percorre a costas.

— Há quanto tempo estás no colégio?

— Há dois anos.

Resmunga qualquer coisa.

— Porque é que estás a resmungar? — pergunto-lhe.

Encolhe os ombros, indeciso.

— Estava a perguntar-me como é possível que não tenha reparado em ti há mais tempo.

O meu coração dá um salto. E, ao mesmo tempo, felicito-me a mim

mesma: pelos vistos, a minha regra de passar despercebida funciona muito bem.

— Tenho o dom de me deslocar pelos corredores como uma sombra e de me fundir com as paredes.

Os cantos dos lábios dele levantam-se ligeiramente.

— Dito assim, parece que és o fantasma de Maxton Hall. Ou um camaleão. Mas voltemos à vaca-fria: é a tua vez.

— A minha vez de quê? — Olho para ele, perplexa.

— De me contares algo sobre ti que mais ninguém saiba.

— Foi o que acabei de fazer!

Abana negativamente a cabeça.

— Isso não conta. Limitaste-te a reagir a uma coisa que eu te disse.

Respiro fundo e expiro lentamente, enquanto penso no que lhe vou revelar. O facto de ele ter os olhos cravados em mim não facilita especialmente a tarefa. Pelo contrário. Abano a cabeça, resignada.

— Não tenho nada para contar.

— Não acredito. — Torna a recostar-se, com os braços cruzados sobre o peito. — Vá lá, não é possível que só estudes.

Sim, passa-me pela cabeça, *sim é possível*. Mas, por sorte, outra ideia surge imediatamente na minha mente.

— Leio livros de manga.

O James fica a olhar para mim como se não tivesse ouvido bem. Depois, esboça um sorriso.

— Já é qualquer coisa. Embora eu não considerasse que isso fosse algo que devesses esconder, mas... está bem. Qual é a tua manga preferida?

Pestanejo, surpreendida. Não estava à espera de que me perguntasse isto.

— *Death Note* — respondo-lhe passado um bocado.

— Recomendas-ma?

Não faço ideia de como passámos de «o James a destruir camas enquanto pratica sexo» para «as mangas preferidas da Ruby». A sério, não faço a mais pequena ideia. Mas anuo lentamente.

— Em minha opinião, uma pessoa tem uma grande lacuna ao nível da sua formação geral se não conhecer a *Death Note*.

O James parece impressionado.

— Isso seria horrível.

Os cantos dos meus lábios levantam-se por vontade própria. Não posso evitar sorrir. O James Beaufort fez-me sorrir.

Quando me dou conta disso, viro-me de repente e ponho-me a olhar pela janela, mas tenho bastante certeza de que ele viu o sorriso. Nos olhos dele resplandece claramente qualquer coisa de triunfal.

Pergunto-mo o que será.

13

Ruby

BEAUFORT.

O apelido do James resplandece nas imponentes letras da fachada da sede principal da empresa. Enquanto ele sai do carro e se dirige para a entrada com um passo seguro, fico parada a olhar embasbacada, primeiro para o nome e depois para o edifício enorme e moderno, onde — como o James me explicou durante o trajeto — nos pisos inferiores se situa a maior filial da Beaufort em Inglaterra e, nos de cima, os gabinetes dos vários departamentos, como o de *design*, distribuição, atendimento ao cliente, além de, como é evidente, a alfaiataria, que fica no último piso. Há montras espalhadas pelos seis andares do edifício; atrás das quais se veem manequins vestidos nesse estilo clássico que tornou a marca famosa.

— Vens? — pergunta-me o James da porta de entrada.

Passámos o resto da viagem a conversar. Não muito, mas mais do que eu teria esperado. A sensação de estar realmente num sonho empenha-se em não desaparecer.

Estou em Londres. Com o James Beaufort. Não posso acreditar.

— Ruby! — chama-me o James, apontando para o relógio ao mesmo tempo que levanta uma sobrancelha.

Aquilo tira-me do transe. Começo a andar rapidamente e vou ter com ele. Segura-me na porta e entro hesitantemente na loja. Depois, olho em volta.

É, sem dúvida alguma, maior do que a loja onde estive com os meus pais. A zona de vendas, com os tetos altos, as paredes brancas e o cuidado chão de madeira maciça é acolhedora e espaçosa, apesar de a maior parte dos móveis ser preta. Na parede de trás, há uns grandes expositores que vão do chão ao teto, onde repousam incontáveis camisas. Por cima dos expositores, há uma barra de latão em cuja extremidade, do lado esquerdo, está fixada uma escada. Mesmo atrás da zona da entrada, há uma grande mesa redonda no centro da qual está uma escultura de um cervo e, em volta dela,

pequenas pilhas de calças dobradas com todo o cuidado. Por cima da mesa, está pendurado um lustre cuja luz suave transmite um ambiente cálido. O ar tem um aroma peculiar, a ervas, mas que não é penetrante e se mistura com os cheiros naturais dos tecidos, e também uma fragrância que deve ser de algum ambientador.

O James empurra-me suavemente o braço. Levanto os olhos para ele e, com um movimento da cabeça, indica-me a parte de trás da loja. Sigo-o lentamente. À nossa direita há mais paredes com expositores. No meio, há um espaço livre onde estão penduradas fotografias de homens com diferentes fatos, iluminadas lateralmente por dois candeeiros de latão. Mesmo por baixo delas, há um sofá de veludo verde-escuro com almofadas quadradas, uma cama japonesa coberta por uma manta de peles, e uma mesa de vidro onde estão pousados uns copos de cristal e um jarro com água.

À nossa volta, por toda a parte, vejo *tweed* robusto, sedas nobres, peles finas... Os tecidos com os quais a Beaufort trabalha são os melhores; a empresa é coerente com a qualidade que promete. Não há dúvida de que estou numa loja frequentada por aristocratas e políticos, portanto, mesmo que não queira, sinto-me um pouco deslocada.

Talvez isso também se deva ao facto de aqui só haver homens. A fazer compras, em cima de bancos colocados diante de grandes espelhos, aos pés dos quais há outros homens a tirar medidas... além do que está comigo.

De repente, um dos homens levanta-se. Diz qualquer coisa ao cliente a quem acabou de marcar a bainha das calças e depois fixa o olhar em nós. Quando reconhece o James, fica teso como um pau.

— Senhor Beaufort! — Com o rosto branco como a cal, consulta o relógio de pulso.

— Calma, Tristan, temos tempo — diz-lhe o James.

Não reconheço, de todo, o tom de voz que usa. Fala como se fosse outra pessoa. De maneira altiva e autoritária. Quando olho para ele de soslaio, a sua postura muito altiva chama-me a atenção. Embora tenha metido descontraidamente as mãos nos bolsos das calças, percebe-se que é alguém importante nesta loja. Pergunto a mim mesma como o faz. Parece que

transforma todos os sítios por onde passa no seu reino. O colégio, o campo de lacrosse, esta empresa. Será que acontece o mesmo quando entra numa geladaria? Talvez deva verificar se isso é verdade, se tiver oportunidade de o fazer.

Com um gesto, o Tristan chama outro alfaiate e dá-lhe a fita métrica. Um instante depois, aproxima-se de nós a toda a velocidade e aperta a mão ao James.

— Desculpe não ter ido recebê-lo à porta.

— Não se preocupe, Tristan — responde-lhe o James. — Pode dispensar-nos algum tempo ou está muito ocupado?

O alfaiate olha para ele com um ar ofendido.

— Claro que tenho tempo para si.

O James vira-se para mim.

— Ruby, apresento-te o Tristan MacIntyre, o primeiro alfaiate da Beaufort. E, Tristan, apresento-te a Ruby Bell. É a diretora da comissão de eventos de Maxton Hall.

Olho para o James com curiosidade. Surpreende-me que me tenha apresentado desta maneira. Poderia simplesmente ter dito que frequentamos o mesmo colégio. Ou apenas o meu nome.

O Tristan endireita o *blazer* e, ao olhar para mim, a sua atitude descontrai-se um pouco. Um sorriso estudado aparece-lhe nos lábios.

— O senhor Beaufort não costuma trazer colegas do colégio à loja, portanto é um prazer extraordinário conhecê-la, menina Bell.

Devolvo-lhe o sorriso e estendo-lhe a mão. Ele pega nela e, em vez de ma apertar, como eu esperava que fizesse, vira-a ligeiramente e faz de conta que lhe dá um beijo. De repente, sinto que devo dobrar o joelho e fazer uma vénia. Por sorte, contenho-me a tempo e, em vez disso, digo:

— O prazer é todo meu, senhor MacIntyre.

— Trate-me por Tristan.

— Só se o senhor me tratar por Ruby.

Faz um sorriso ainda maior e vira-se para o James, lançando-lhe um olhar significativo.

— Pedimos que nos trouxessem alguns trajes da coleção privada. Estão lá

em cima, na alfaiataria. Queiram acompanhar-me.

Dá meia-volta e conduz-nos pela loja, em direção às traseiras, a uma porta de madeira escura que abre para umas escadas.

— Espero que gostem dos trajes que escolhemos — diz o Tristan, enquanto subimos as escadas. — Foram desenhados pelo seu trisavô, senhor Beaufort.

Olho para o James com um ar surpreendido, mas o rosto dele não reflete nenhuma emoção quando diz:

— Tenho a certeza de que serão adequados para a ocasião.

— Foi esse trisavô que fundou a Beaufort? — pergunto com curiosidade.

O Tristan assente.

— Precisamente, em conjunto com a esposa, no ano de 1857. Sabia que, inicialmente, a Beaufort era uma casa de moda tanto para homens como para mulheres? Só no início do século XX é que decidiram especializar-se em roupa masculina.

Esta parte eu já sabia, porque a Lin me contou quando propôs que pedíssemos os trajes ao James. Disse-lhe que isso não resolveria nada, porque continuava a faltar-nos a roupa de mulher, ao que ela me respondeu contando-me as origens da casa de modas Beaufort e mostrando-me imagens dos opulentos vestidos que vendiam na época.

— Sabia — respondo-lhe passados uns segundos. — Mas não sei porquê.

— Estávamos a atravessar um período de dificuldades económicas — responde-me o James. — O meu bisavô tomou algumas decisões erradas e estivemos à beira da falência. A única solução foi especializarmo-nos.

— A partir daí, a *Beaufort* transformou-se na marca que é agora — explica-me o Tristan, como se tivesse estado presente nessa altura. — Ninguém confeciona fatos como os nossos. Nesta empresa, os clientes encontram tudo o que desejam, desde fatos para o dia a dia a fatos para ocasiões formais. Em termos de qualidade, os nossos acabamentos são incomparavelmente melhores do que outros produtos disponíveis no mercado, além de personalizarmos todas as peças com as iniciais do cliente. Senhor Beaufort, mostre-lhe as suas.

Paro e viro-me para o James, que está um degrau mais abaixo. Agora,

temos os olhos à mesma altura. Os meus olhos cruzam-se com os dele e aí permanecem uns segundos mais do que o necessário, e vejo neles uma expressão que não sei definir. Depois, baixo a vista para o bolso do peito do fato cinzento-escuro, onde estão bordadas as iniciais JMB.

— Desde ontem que pergunto a mim mesmo o que significa o M — confesso.

Torno a levantar os olhos e, de repente, estou tão próxima dele que até consigo distinguir no seu rosto pormenores em que não tinha reparado antes. Por exemplo, que, em comparação com o cabelo, a cor das pestanas é surpreendentemente escura. Ou que tem umas sardas pálidas espalhadas pelas maçãs do rosto.

— Mortimer — responde-me a meia-voz.

— Como o teu pai?

Anui e olha para o Tristan. Um sinal claro de que não quer continuar a aprofundar o assunto.

Enquanto continuamos a subir as escadas, o Tristan descreve-me os tecidos especiais com que os alfaiates da Beaufort trabalham e o elevado número de pares de tecidos entre os quais se pode escolher.

Até agora, para mim, um fato era apenas... um fato. Nunca notei grandes diferenças, já para não falar da quantidade de decisões que é preciso tomar para desenhar cada um. Ou de quantas maneiras diferentes podem ser confecionados.

— Medimos cada pedaço de tecido, não deixamos nada ao acaso — continua o Tristan, depois de subirmos as escadas e entrarmos num corredor iluminado. — Sempre foi esse o princípio da Beaufort. Trabalhamos com o máximo de esmero e oferecemos a melhor qualidade. É por isso que vestimos até a família real.

Para junto de uma fotografia que está pendurada na parede. Aproximo-me um pouco mais e fico boquiaberta. É uma fotografia do herdeiro da Coroa.

— Não me digam que o vestiram! — exclamo, cheia de admiração.

O James não diz nada, mas o Tristan esboça um sorriso orgulhoso.

— Não foi só a ele.

Continuamos a avançar pelo corredor, em cujas paredes estão pendurados,

do princípio ao fim, retratos de personagens ilustres, políticos e membros da aristocracia, todos eles vestidos com um fato da Beaufort. Vejo o Pierce Brosnan, os Beatles e até uma fotografia do primeiro-ministro. Além de uma série de homens cujos rostos não me dizem nada, mas cuja atitude nas fotografias me transmite que são poderosos e muito ricos.

— Conheceste estas pessoas todas? — pergunto ao James, virando-me para ele.

Faz um gesto de indiferença.

— Algumas.

— É fantástico — murmuro, e quase sinto alguma pena quando o Tristan abre uma porta no fim do corredor e nos encaminha para a alfaiataria.

Olho em volta com curiosidade: o espaço é amplo e faz lembrar um enorme e luminoso armazém industrial. Embora seja sábado, há cerca de cinquenta pessoas a trabalhar entre manequins e mesas cobertas de tecidos.

— Venham, os trajes estão ali atrás. — O Tristan adianta-se e atravessa a sala, e nós seguimo-lo. Quando passamos pelos funcionários, estes cumprimentam o James educadamente, mas com uma certa rigidez. Quando lhes lanço um olhar por cima do ombro, vejo que juntam as cabeças e cochicham. Observo o James de sobrolho franzido. Arvora uma máscara de arrogância despreocupada, a mesma expressão que vi no seu rosto no colégio. Pergunto a mim mesma o que será que anda às voltas na cabeça dele. Diria que não lhe agrada o facto de os funcionários parecerem ter medo dele.

De repente, dou-me conta de que quero saber mais sobre ele. Mais sobre o James, a Beaufort e o que acontece nos bastidores desta família endinheirada.

Subitamente, o Tristan estaca e arranca-me dos meus pensamentos.

— *Voilà* — diz, e aponta para um manequim que...

Fico sem respiração.

O manequim tem um vestido vitoriano. É de seda verde, de duas peças, tem mangas curtas e umas pregas de renda preta. A parte superior é justa, o decote é discreto e em forma de coração, e está adornado com cristais pretos. A saia é pomposa e, por causa do saiote, ainda parece maior e mais

pesada. O tecido verde drapeado em pregas alterna com fitas de renda e chega ao chão. É, de longe, o vestido mais bonito que vi em toda a vida.

Não sei como o levar para casa ou para o colégio. Nem sequer me atrevo a tocar-lhe, com medo de o sujar.

Atrás do primeiro manequim está outro vestido com um fato de homem composto por um fraque, um colete, uma camisa e umas calças. O fraque é ligeiramente cintado e dir-se-ia que é de um tecido de lã suave. O colete preto tem vários bolsos e as abas inferiores acabam em pontas. No pequeno colarinho da camisa há uma gravata preta que parece mais larga e que tem um formato diferente do das gravatas que conheço.

— Antes, quando os cavalheiros se vestiam, não deixavam nada ao acaso. Todos os detalhes tinham de ser perfeitos — explica-nos o Tristan, começando a tirar o fato do manequim. Quando termina, indica ao James que o siga até atrás de um biombo. — Venha, senhor Beaufort. Vamos prová-lo, para ver se lhe assenta bem.

O James não olha para mim antes de seguir o Tristan para trás do biombo. Fico com a impressão de que está alheado, como se não estivesse presente a cem por cento. Desde que saímos do *Rolls-Royce* que ainda não vi uma única emoção no rosto dele. Como se o seu principal objetivo fosse não partilhar os seus pensamentos e os seus sentimentos com ninguém.

Enquanto oiço os leves murmúrios do Tristan e o restolhar do tecido, atrevo-me a dar um passo e a aproximar-me do vestido. Pergunto a mim mesma que tipo de mulher o terá usado, e que vida teria: se teria sonhos e se terá conseguido realizá-los.

Passam cerca de cinco minutos até o Tristan tornar a aparecer.

— Fica-lhe magnífico — diz num tom triunfal.

— Tens as minhas medidas, Tristan — responde-lhe o James secamente. — De certeza que modificaste alguma coisa.

E, nesse momento, também sai de trás do biombo. Fico estupefacta.

O James parece ter retrocedido ao século XIX. O fato assenta-lhe como uma luva e o Tristan até lhe penteou o cabelo para o lado, e pôs-lhe uma bengala na mão. Passo lentamente os olhos pelo corpo dele, admirando-o da cabeça aos pés.

O James está com um ar fabuloso.

Só quando torno a levantar os olhos e vejo a cara do James é que me dou conta da maneira como devo ter estado a olhar para ele e, a julgar pelo sorriso brejeiro, o James sabe exatamente o que me passou pela cabeça. Oh, que horror.

— Agora é a sua vez, Ruby — diz-me de repente o Tristan.

— Como? — Olho para ele, desconcertada. — De quê?

— De mudar de roupa, evidentemente.

Aponta para o vestido. Fico a olhar para ele, embasbacada, e depois olho para o James. Que tenta, sem grande sucesso, conter o riso. Nesse momento, dou-me conta do que ambos querem que eu faça.

— Nem pensar! — exclamo, com a voz alterada pelo pânico.

Falaram-me em arranjar o vestido; ninguém disse que tinha de o vestir.

— Pensaste que eu ia ser o único a viajar no tempo? De certeza que não... — O James estica a bengala e dá-me um toque um pouco forte de mais no tornozelo. — Portanto, faz o favor de ires mudar de roupa.

— Um verdadeiro cavalheiro nunca usaria a bengala para incitar uma dama, senhor Beaufort — intervém o Tristan.

O James bufa.

— A Ruby não é uma dama, Tristan. É uma tirana.

— Ainda não viste a minha faceta tirânica. Mas terei todo o prazer em mostrar-ta. — Olho para o James com os olhos semicerrados. — Tristan, por acaso não terá por aí outra bengala?

— Temo que não. Mas também, para este maravilhoso vestido, não precisa de uma. Acompanhe-me — diz-me, e parece tão esperançoso que não consigo recusar-me a segui-lo.

Vou para trás do biombo e ele vai-se embora; volta pouco depois, acompanhado de uma mulher que me apresenta como sua assistente e que me ajuda a vestir o traje de duas peças. É evidente que, sozinha, não conseguiria vesti-lo. Fechar os incontáveis colchetes é uma arte em si mesma, já para não falar do facto de a peça superior, tal como a saia, estar reforçada por dentro com varetas de metal. Tenho de me contorcer para que uma das peças me passe pelos ombros e a outra pelas ancas. Depois de me

vestir com ajuda, o perímetro da bainha do vestido é tão grande que mal consigo passar no espaço estreito entre o biombo e a parede.

— Está pronta, chefe — anuncia a assistente do Tristan, que se aproxima de nós. Quando me vê, bate palmas de satisfação e fica com o rosto iluminado. — Oh, que maravilha! Só faltam uns retoques finais...

Do nada, pega numa peineta e põe-se atrás de mim. Pega na parte de cima do meu cabelo — ou, pelo menos, é o que me parece que faz —, puxa-a para trás e fixa-a com a peineta. Depois, põe-se novamente à minha frente e solta umas quantas madeixas, até ficar satisfeito com o que vê. Depois, posso finalmente virar-me para o espelho que está pendurado na parede atrás de mim.

Fico petrificada.

Não fazia ideia de que fosse possível ter este aspeto. Sem contar com o facto de o vestido acentuar as minhas curvas como se tivesse sido feito especialmente para mim, tenho a sensação de conseguir canalizar o espírito da mulher que o usou naquela época. Sinto-me bonita, imponente e forte ao mesmo tempo. Como se toda a gente se tivesse atirado para os meus pés e só tivesse de estalar os dedos para obter o que quero. Viro-me calmamente para o Tristan e sorrio.

— Obrigada por ter insistido para eu experimentar o vestido.

Faz uma pequena vénia.

— Senhor Beaufort — diz solenemente. — Apresento-lhe a menina Ruby Bell.

Começo a caminhar cuidadosamente. Um passo, dois passos, dou a volta ao biombo, quatro passos, cinco passos... até que paro e me atrevo a levantar os olhos.

O James está a falar com a assistente do Tristan, mas, quando me vê, para a meio da frase. Levanta as sobrancelhas e abre ligeiramente os lábios. Olha para mim de cima a baixo, como se tivesse todo o tempo do mundo, e engulo em seco. Depois, murmura qualquer coisa que não entendo.

— O quê?

Pigarreia.

— Estás muito... muito bonita.

O meu coração dá um salto. Não é a primeira vez que um rapaz me diz um piropo, mas é como se fosse. Também não acho que o James os diga muitas vezes. Tenho a impressão de que as palavras dele são... sinceras. E francas.

— O vestido parece ter sido feito para si — comenta o Tristan. Empurra-me um pouco mais para a frente, em direção ao James, e pega no telemóvel. — Agora parecem realmente uma dama e um cavalheiro do século XIX.

Ao meu lado, o James dá um suspiro quase inaudível, mas quando me atrevo a olhar para ele, vejo que olha para a câmara como se não tivesse feito outra coisa toda a vida. Lembro-me das fotografias que circularam por Maxton Hall no ano passado. Nelas, o James e a Lydia serviam de modelos para a nova coleção dos pais e ele estava com a mesma *poker face* com que está agora. Viro-me para o Tristan e tento parecer digna e séria. Não sei se o faço bem, mas ele continua a tirar fotografias umas atrás das outras.

— Mudem outra vez de pose. Podiam aproximar-se mais, e o James pode estender-lhe a mão, como se estivesse a convidá-la para dançar — sugere passados uns minutos.

Quando obedece à indicação, o James age como um profissional. Duvido que haja muitos rapazes de dezoito anos que fossem capazes de fazer uma vénia com tanta elegância quanto ele, com ou sem traje de época. Mas o James leva isto a sério. Surpreende-me que, de repente, me dê a mão e, ainda inclinado, levante a vista para olhar para mim. A pele dele está quente e, embora só me roce ligeiramente os dedos, sinto um arrepio subir-me pelo braço.

Quando olha para mim assim, consigo imaginar a cena. Uma sala cheia de gente vestida de época, música de orquestra animada e o James e eu. Põe-me a mão nas costas e conduz-me pela pista de dança. De certeza que sabe dançar. Não me custaria nada imaginar-me a perder o controlo ao dançar com ele.

Engulo em seco. A ideia agrada-me mais do que devia.

— E que tal se agora tirássemos uma fotografia com os dois virados um para o outro? — propõe o Tristan, e o James torna a endireitar-se. O lenço de seda que tem no bolso do peito está um pouco torto e, automaticamente,

endireito-lho.

Algo brilha nos olhos do James. Apresso-me a retirar a mão e depois já não sei como pôr os braços, portanto deixo-os cair pesadamente ao lado do corpo.

Inesperadamente, o James torna a dar-me a mão. E depois agarra-me pela cintura: sustenho a respiração. O meu coração bate cada vez mais depressa e não sei como isso é possível, mas o toque dele é surpreendentemente agradável. Nesse momento, já nem sequer me consigo lembrar de porque é que antipatizava tanto com ele.

O que é que ele está a fazer comigo?

O James responde ao meu olhar exatamente com o mesmo misto de deslumbramento e de observação com que olho para ele. Quanto mais olhamos um para o outro, mais os sons que nos rodeiam se vão tornando abafados. Só consigo sentir. Os dedos dele pousados na minha cintura e a acariciar-me ligeiramente; a mão que envolve a minha com firmeza. O olhar dele quase parece um desafio ao qual quero responder a todo o custo.

— James — soa atrás de nós uma voz profunda.

O fogo dos olhos dele desaparece. Num segundo. Tal como a atitude descontraída. De repente, fica teso como um pau e larga-me, como se se tivesse queimado.

Um segundo. Não demorou nem um segundo a voltar a transformar-se no James Beaufort que eu conheço. A expressão arrogante da sua boca e a frieza dos olhos, estando vestido como está, dão-lhe um aspeto quase ameaçador.

— Mamã, papá. Não sabia que vinham à loja hoje.

Deus do céu! Começo a virar-me, puxando o enorme vestido, e, quando por fim consigo, encolhe-se-me o coração. O Mortimer e a Cordelia Beaufort, os pais do James e da Lydia, estão parados à minha frente. São os administradores de uma das empresas de maior sucesso de toda a Inglaterra. De repente, já não me sinto tão imponente e forte como há pouco, sobretudo quando comparada com a Cordelia Beaufort. Tudo nela tem estilo, elegância e é sublime. Tem um rosto fino e, nos lábios, o mesmo sorriso arrogante que o James, mas no caso dela está pintado de vermelho-escuro.

Tem uma tez de porcelana e usa um vestido tubular justo e branco, que, seguramente, é obra de um estilista famoso. O cabelo brilhante e castanho-acobreado dá-lhe pelos ombros e cai em ondas perfeitas, como se tivesse acabado de sair do cabeleireiro.

O pai do James tem o cabelo louro-areia, uns olhos azul-gelo e os cantos dos lábios ligeiramente inclinados para baixo. Altivo e orgulhoso, com o seu fato *Beaufort* feito à medida, parece que vai para uma importante reunião de negócios. O rosto dele não expressa a menor emoção quando olha para mim de cima a baixo: agora sei de quem é que o James herdou esta máscara impenetrável.

— Viemos à loja porque tínhamos uma reunião com a China — explica a mãe do James. Depois avança e dá um beijo ao filho, e a fragrância do seu perfume chega até mim. Cheira a maquilhagem em pó e a um ramo de rosas frescas. — O Percival disse-nos que tu e a tua... — olha para mim de relance — colega do colégio estavam cá.

O James não lhe responde. Como não faz menção de me apresentar aos pais, avanço um passo e, com as maçãs do rosto a arder, estendo a mão à mãe dele.

— Sou a Ruby Bell. É um prazer conhecê-la, senhora Beaufort.

Ela contempla a minha mão durante demasiado tempo, antes de ma apertar.

— O prazer é meu. — Esboça um sorriso e expõe uma fileira de dentes brancos como pérolas.

Quero ser como ela, penso. Quero entrar como ela numa sala e quero que, imediatamente, todos os que me rodeiem me considerem uma mulher forte e digna de respeito, apenas com base no meu aspeto.

O que não quero é que a minha mera presença provoque em todos medo e terror, como se diria que sucede no caso do Sr. Beaufort. Baixa momentaneamente a cabeça quando também lhe estendo a mão e depois torna a passar os olhos pela alfaiataria, como se já se tivesse fartado de mim.

— Pelos vistos, pediram duas peças da coleção privada — comenta a Sra. Beaufort, observando-nos com a cabeça inclinada. Dá um passo em frente e

puxa a saia do meu vestido. Uma ruga forma-se entre as sobrancelhas dela. — A saia está demasiado comprida. Por favor, senhor MacIntyre, corrija a altura.

O Tristan, que desde a chegada dos Beauforts não disse uma só palavra, anui imediatamente.

— Com certeza, minha senhora.

A Sra. Beaufort faz-me um gesto de mão, indicando-me que me vire. Faço o que me pede, sentindo uma sensação desagradável na barriga.

— Para que é que precisam dos trajes?

— Para a festa vitoriana em fins de outubro — responde-lhe o James. Está completamente mudado e o seu tom de voz monocórdico faz-me lembrar um robô.

— Está a referir-se à festa que tem de organizar porque se comportou como uma criança malcriada — comenta o Sr. Beaufort.

A Sra. Beaufort dá um estalinho com a língua. Acabo de me virar, o que com o vestido não foi nada fácil, e observo-os discretamente. O James não mostra a menor reação diante das palavras do pai. A Sra. Beaufort, pelo contrário, lança um breve olhar de advertência ao marido. Depois, dirige-se novamente para mim. Põe as mãos nas mangas curtas do vestido e começa a puxá-lo para um lado e para o outro, até que, por fim, diz ao Tristan:

— É preciso alargá-lo um bocado aqui à frente. Assim está apertado e a... — olha para mim com uma expressão interrogativa.

— A Ruby — ajudo-a.

— A Ruby não consegue respirar bem — conclui.

O Tristan anui e, chamando a assistente, leva-me para trás do biombo. Olho de relance para o James por cima do ombro, mas ele não está a olhar para mim, está totalmente concentrado nos pais. O pai está a falar com ele, mas tem os olhos postos em mim. Fala num murmúrio e num tom zangado, mas não consigo ouvir o que diz ao James.

Afasto os olhos e dirijo-me ao Tristan.

— Parecem os dois... muito importantes. — No último segundo, consigo substituir as palavras «infundir medo» por outras mais positivas. O Tristan já está ocupado a encurtar cuidadosamente a bainha do vestido com os

alfinetes de uma almofadinha que usa presa ao pulso.

— Tem toda a razão, menina. — E não diz mais.

O silêncio em que a enorme sala se sumiu desde a entrada dos Beauforts é espectral. Não há ninguém que converse, até o Tristan se limita a lançar-me um sorriso, antes de se ir embora e deixar a assistente ajudar-me a despir o vestido. É evidente que é muito mais fácil despi-lo do que vesti-lo. Demoro apenas dez minutos até tornar a vestir a minha roupa e poder sair de trás do biombo.

Ponho-me ao lado do James, que entretanto despiu o fraque e o segura dobrado sobre o braço.

A Sra. Beaufort desliza os olhos para mim e depois põe a mão no braço do filho.

— Vemo-nos lá em baixo.

O James anui brevemente. Ela vira-se para mim.

— Foi um gosto conhecê-la, menina Bell.

O pai do James não diz nada. Dão os dois meia-volta e saem da alfaiataria. Só consigo voltar a respirar depois de a porta se fechar atrás deles.

— Podias ter-me avisado, sabes? — digo-lhe em voz baixa.

O James vira-se rígido para mim. Gostava de conseguir identificar o olhar dele, mas não vejo mais do que um turquesa gélido.

— O Percy está à tua espera lá em baixo.

— Bem, eu já estou pronta. Tu é que ficaste preso no século XIX.

Lanço-lhe um sorriso prudente. Em contrapartida, ele não me sorri.

— A nossa excursão terminou — diz-me, e o tom de voz é igual à expressão do seu rosto: frio e distante. — Agora, é melhor ires-te embora.

— O quê? — pergunto-lhe, de sobrolho franzido.

— Tens de te ir embora, Ruby. — Diz aquilo lentamente e acentuando cada uma das sílabas, como se eu fosse de compreensão lenta. — Vemo-nos no colégio.

O James roda sobre os calcanhares e dirige-se para o biombo, para ir trocar de roupa. Durante uns segundos, não consigo parar de olhar para o sítio de onde ele desapareceu. Subitamente, dou-me conta do que acabou de

fazer. Da maneira como falou comigo.

A raiva começa a apoderar-se de mim e dou um passo em frente para lhe ir dizer umas quantas coisas. Mas não chego longe. O Tristan segura-me no braço e impede-me de avançar. Quando olha para mim, tem nos olhos uma expressão de pena mas também de severidade.

— Venha, menina. Eu acompanho-a lá abaixo.

Puxa-me ligeiramente o braço. De má vontade, deixo que me leve dali para fora. Enquanto atravessamos a alfaiataria, sinto pousados em mim os olhares apiedados de todos os funcionários.

14

Ruby

A minha capa de invisibilidade caiu por terra.

Correu a notícia de que, no fim de semana, estive em Londres com o James. Ao que parece, até andam a circular fotografias nossas, a entrar juntos na loja. De repente, há pessoas em Maxton Hall que sabem o meu nome, embora eu ainda não lhes tenha visto os rostos. Alguns cumprimentam-me simpaticamente nos corredores, outros — a maior parte — cochicham nas minhas costas. O pior é durante as aulas, quando não consigo concentrar-me porque os meus colegas não param de olhar para mim. Como se estivessem à espera de que, de um momento para o outro, eu me fosse levantar e bradar aos quatro ventos o que aconteceu neste fim de semana entre mim e o James.

Mas o que quero é esquecer o mais depressa possível o sábado passado. Ainda me sinto humilhada e, quanto mais penso no pavoroso comportamento do James, mais zangada fico.

Quando toca a campainha que anuncia a pausa da hora de almoço, pondero seriamente a ideia de não comer, mas estou com demasiada fome para não ir ao refeitório. Além disso, a Lin prometeu-me que se vai transformar numa espécie de escudo protetor à minha volta e que me vai contar a última cusquice relativa ao pai dela.

— Já tem uma amiga nova — anuncia depois de já estarmos a comer em silêncio há algum tempo.

Levanto os olhos do meu prato.

— Mas não é uma vigarista ou é? — pergunto-lhe com a boca cheia.

— Não. — Faz um esgar. — Bem, pelo menos, espero que não.

— E? — insisto com prudência.

A Lin encolhe os ombros. Deixa a sanduíche a meio e limpa os dedos com um guardanapo.

— Não sei. Acho que depois da maneira tão má como as coisas correram

com a última mulher, podia tirar umas férias de tantos encontros.

A Lin está com o pai uma vez por mês, para não perderem totalmente o contacto. E sinto admiração por ela e pela forma tão pragmática como encara toda esta situação. Não sei se seria capaz de olhar o meu pai nos olhos, se ele nos tivesse tratado tão mal quanto o pai da Lin a tratou e à mãe dela.

— Foi simpático contigo? — pergunto-lhe depois.

— Sim. Talvez até demasiado simpático — responde-me ela, encolhendo os ombros.

— O que é que queres dizer com isso?

— Não sei. Não foi muito fluido. — Começa a arrancar pedacinhos do guardanapo. — Mas não faz mal. Não podemos dar-nos bem com toda a gente.

Penso por momentos.

— Há pessoas com quem criamos laços ao fim de pouco tempo, de maneira surpreendente.

Automaticamente, o meu olhar desvia-se para o James e para os amigos dele. Sentaram-se numa das melhores mesas, junto das grandes janelas, e conversam animadamente. Quando o James diz qualquer coisa, o Wren ri-se tanto que se engasga e o Kesh tem de lhe dar umas palmadinhas nas costas.

— Parece que estás a falar por experiência própria — diz-me a Lin, olhando eloquentemente para o James. Abano energicamente a cabeça, negando, e torno a baixar os olhos para o esparguete. — Vá lá. Não vais contar-me o que se passou?

— Já te contei.

A Lin levanta uma sobrancelha.

— Tudo o que disseste foi: «Fomos buscar os trajes», mas eu não sou parva.

Respiro fundo.

— Correu bem. Mais do que bem, até. Só que, de repente, os pais dele apareceram.

A Lin inspira entre dentes.

— Conheceste os Beauforts?

Anuo lentamente.

— São... muito imponentes. Sobretudo a mãe dele — digo-lhe. — Não tive grande oportunidade de falar com eles, porque não ficaram muito tempo. E depois o James voltou a ser como sempre.

— O que é que ele fez? — pergunta-me a Lin, lembrando-se de que ainda tem um tabuleiro com comida à sua frente. Enquanto olha para mim com impaciência, dá uma dentada na sanduíche.

— Expulsou-me. Escoltaram-me à saída. — A Lin fica a olhar para mim com a boca cheia de comida. Faço um gesto de impotência. Não quero pensar demasiado na horrível viagem de regresso de sábado, durante a qual tive de me obrigar a inspirar e expirar profundamente para me acalmar. — Foi a experiência mais penosa da minha vida — murmuro, atrevendo-me a olhar novamente para o James.

Nesse preciso momento, ele também olha para mim. Quando os nossos olhares se cruzam, a fúria toma outra vez conta de mim e estou prestes a levantar-me e a bater-lhe com o tabuleiro. Mas depois ele pestaneja e torna a centrar a atenção nos amigos.

— Como assim, expulsou-te? — pergunta-me a Lin.

Foi precisamente essa pergunta que passou o resto do fim de semana a dar-me cabo da cabeça. E só cheguei a uma conclusão que me parece plausível.

— Acho que teve vergonha de mim. Havias de ter visto a maneira como o pai dele olhou para mim. Como se eu fosse um pedaço de caca colada à sola do sapato dele.

Pego na taça da sobremesa: *mousse* de chocolate com natas, decorada com um morango e uma folha de menta. Pelo menos, o dia reservou-me uma coisa boa.

— Isso é indecente. Não podes permitir que ninguém te inspire um sentimento desses — diz-me a Lin, num tom tão indignado que levanto os olhos.

— É a verdade dos factos — replico. — Tu também não me terias dado bola, se não tivesse acontecido o que aconteceu com os teus pais.

A Lin estremece, como se eu lhe tivesse atirado a *mousse* de chocolate à

cara. Empalidece e, nesse momento, dou-me conta do que acabei de dizer. Abro imediatamente a boca para lhe pedir desculpa, mas ela levanta-se bruscamente.

— Não sabia que me tinhas em tão baixa conta — diz-me, bufando e pegando no tabuleiro, apesar de ainda não ter acabado de comer. Vai pô-lo no carrinho e sai do refeitório sem se virar uma única vez para olhar para mim.

Olho para a sobremesa e percebo que perdi o apetite. Que dia de merda.

Ao meio-dia, quando me dirijo para a biblioteca, já quase estou habituada aos cochichos e olhares que os meus colegas me lançam nos corredores. É-me cada vez mais fácil ignorá-los, apesar de o eco das suas vozes ressoar nos meus ouvidos. Inicialmente, não dediquei um só pensamento aos efeitos que o facto de ter passado um dia com o James poderiam ter na minha vida em Maxton Hall. Como é que não pensei nisso? O James é o rei deste colégio, portanto é evidente que as pessoas se interessem pelo que faz nos tempos livres. Cometi um erro tremendo ao entrar para o carro com ele. E, agora, estou a pagar com a perda da minha invisibilidade.

A reunião da comissão de eventos é uma autêntica tortura. A Lin não olha para mim e eu sou incapaz de olhar para o James. Custa-me imenso falar com os outros sobre os trajes sem que se note quão magoada e zangada estou. Mas, aparentemente, consigo, porque no fim todos parecem ficar contentes ao ver as fotografias. Depois, a Camille diz-nos que os pais dela conhecem o proprietário de uma grande fábrica de talheres que se disponibilizou para nos fornecer tudo aquilo de que precisarmos para a festa. A Jessalyn recolheu vários orçamentos de empresas de aluguer de decorações e revemo-las em conjunto, e o Kieran põe a tocar no portátil a música que escolheu.

Não presto atenção nem a metade do que é dito.

Depois de distribuir as tarefas para a próxima reunião e de dar esta por terminada, pego no braço da Lin para a impedir de sair. Continua a evitar olhar para mim, mas espera que o resto da equipa saia da sala. Fecho a porta e viro-me para a minha amiga.

— Não disse aquilo com má intenção — admito. — Mas lamento tê-lo dito. Só pensei... que antes eras amiga de pessoas muito diferentes. Simplesmente não sei se nos teríamos tornado tão amigas se não tivesse acontecido o que aconteceu com os teus pais.

A Lin fica a olhar fixamente para mim durante vários segundos. Depois, dá um suspiro e murmura:

— Tens razão.

— Tenho? — pergunto-lhe, surpreendida.

Assente.

— Se, naquele dia, não te tivesses aproximado de mim, nunca seríamos tão amigas como somos agora — diz, olhando-me nos olhos pela primeira vez desde o meio-dia. — Estou-te muito grata por teres falado comigo na casa de banho.

A voz quebra-se-lhe e engole em seco. Ainda me lembro perfeitamente daquele dia, há um ano e meio, quando fui à casa de banho do primeiro piso e ouvi alguém a chorar. Não fazia ideia de quem estava num dos compartimentos, mas percebi que devia estar a sentir-se realmente mal. Portanto, cautelosamente, perguntei à pessoa se estava bem, e a Lin limitou-se a responder-me que a deixasse em paz. Não lhe dei ouvidos. Em vez disso, sentei-me no chão em frente do compartimento onde ela estava e fui-lhe passando lenços de papel por baixo da porta, esperando até que estivesse pronta para voltar a sair. Foi o princípio da nossa amizade.

— Eu também fico contente por ter falado contigo. E a sério que lamento imenso o que disse.

— Eu também. Não queria discutir contigo.

— O que se passa é que hoje estou a ter um dia mau — digo-lhe, num tom abatido.

Tiro o telemóvel da mochila e tiro uma fotografia das notas que escrevemos no quadro ao longo da reunião. Depois, sento-me junto do portátil e envio aos outros membros a fotografia e a ata que a Lin escreveu. Ela apaga o quadro.

— O Beaufort passou a hora inteira a olhar para ti — comenta de repente.

— Estava à minha frente. Estavam todos a olhar para mim — respondo-

lhe, dando um suspiro.

— Não como ele. Quase te suplicava com os olhos que olhasses para ele.

— Que disparate.

A Lin faz um gesto de impotência.

— Diz isso a ti mesma. Mesmo assim, a maneira como o ignoraste foi fantástica. É o que ele merece.

Fecho o portátil e guardo-o na mochila.

— A única coisa que quero é que tudo volte a ser como antes — digo-lhe, enquanto apagamos a luz da sala. — Agora, as pessoas olham para mim como si tivéssemos feito outra coisa no sábado. E fazem-no apesar de não fazerem a mínima ideia do que realmente aconteceu. Ou seja: nada.

— Eu sei. Mas já sabes como são estas pessoas. Atiram-se a qualquer insignificância como se fossem abutres. Sobretudo se estiver relacionada com o James Beaufort — resmunga, pensativa.

— Humm. — Olho para ela mal-humorada.

Dá-me uma pequena cotovelada nas costelas e segura a porta aberta para eu passar.

— Não te preocupes. Assim que começar a correr o próximo rumor, todos te esquecerão.

Já estamos no corredor e estou prestes a responder-lhe, quando vejo alguém encostado à parede ao lado da porta: é o James. Olho para ele. Quase lhe pergunto que diabo ainda está aqui a fazer, mas, no último segundo, lembro-me de que me estou nas tintas para ele. Portanto, afasto o olhar e sigo o meu caminho. Ele desencosta-se da parede e aproxima-se de mim.

— Tens um momento? — pergunta-me.

A suavidade do tom com que fala deixa-me desconcertada. Não se enquadra no tom do James que, há quarenta e oito horas, me tratou como se eu fosse lixo.

Agora tens de te ir embora, Ruby.

Adoraria gritar-lhe a minha opinião, mas tenho demasiado amor ao meu cartão da biblioteca e ao cartão de entrada na sala de grupos.

— Não, não tenho tempo — respondo-lhe concisamente. Estou orgulhosa

de ter conseguido manter um tom de voz calmo, mas colocando ênfase nas palavras. Ele tem de perceber que não pode tratar-me como me tratou.

— Temos de conversar — continua o James, olhando de relance para a Lin. — A sós.

Abano negativamente a cabeça.

— Não temos de fazer nada de nada, James.

A Lin toca-me no braço, um gesto de apoio que me mostra que não estou sozinha. De repente, sinto-me muito cansada.

— Sabes que mais? — digo, olhando-o fixamente nos olhos. — Talvez fosse melhor voltarmos à situação anterior.

— Voltarmos à situação anterior? — pergunta-me o James, franzindo a testa.

Tenho de pigarrear. Tenho um nó na garganta que não para de aumentar de tamanho.

— Refiro-me aos tempos em que não sabias que eu existia. Talvez fosse melhor retrocedermos ambos a esses tempos. Para mim, era muito melhor do que agora.

Abre a boca para responder qualquer coisa, depois pensa melhor e franze ainda mais a testa. Finalmente, assente lentamente.

— Estou a ver.

Ótimo. Entende qual é o meu problema. Portanto, não terei de discutir com ele no futuro. Seja como for, quando dou meia-volta e me encaminho para a saída com a Lin, sinto alguma mágoa.

15

Ruby

— O que é que se passa contigo? — pergunta-me a Ember, pregando-me um susto.

Estava tão imersa nos meus pensamentos enquanto mexia a compota que nem me dei conta de que se aproximou de mim, vinda de trás, e de que está a espreitar para a panela por cima do meu ombro.

— Nada — respondo-lhe.

O meu pai aponta com um pacote de açúcar para a gelatina ainda por abrir.

— Algo não anda bem, estou de acordo com a tua irmã.

Reviro os olhos.

— O que se passa é que vocês me põem nervosa.

Mexo a compota de maçã com demasiada força e esta salpica-me a mão. Inspiro entre dentes.

— Põe já a mão debaixo de água fria — diz-me a minha mãe, tirando-me a colher, dando-a à Ember e puxando-me para o lava-loiças, onde abre a torneira.

— Deixem-me tratar de mim sozinha — resmungo.

— Por mim, tudo bem — diz-me o meu pai. — Mas estás assim desde sábado e gostava de saber porquê.

Limito-me a dar um grunhido. Nem sequer em casa estou sossegada.

Nunca percebi porque é que toda a gente se queixa das segundas-feiras. Para mim, a segunda-feira simboliza um novo começo, em que podemos encaminhar-nos para uma semana excelente. Normalmente, adoro as segundas-feiras. Mas hoje tudo me irrita. As pessoas do colégio, as recordações de sábado, os olhares inquisitivos da Ember. Até a pequena queimadura na mão, que me provoca dores infernais. Maldita compota de maçã.

O que mais queria era trancar-me no quarto e atirar-me aos estudos, para

decorar todo o material dos próximos três meses, mas a minha família obrigou-me a ajudá-los a fazer compotas. No entanto, tenho a certeza de que a compota não passa de uma desculpa para me fazerem falar, de uma vez por todas.

— Porque é que não nos contas o que aconteceu? — pergunta-me a Ember um segundo depois, confirmando as minhas suspeitas.

— Porque, na verdade, não queres saber como estou — respondo-lhe. — Só me perguntas porque queres sacar-me informações sobre a Beaufort.

— Não é verdade!

— Não? — pergunto-lhe, provocadora. — Então não te interessa saber como é?

Agora a minha irmã põe-se a alternar o peso entre uma perna e outra, mostrando-se insegura.

— Sim, claro. Mas uma coisa não exclui a outra. Posso interessar-me por uma das maiores casas de moda masculina de Inglaterra e, ao mesmo tempo, pelo teu bem-estar. No meu coração há espaço para as duas coisas, maninha.

— Que amor — diz o meu pai, passando ao nosso lado com a cadeira de rodas e encaminhando-se para o fogão. Pega numa colher limpa e põe-na dentro da compota que está a ferver. Para mim, é sempre um fascínio vê-lo saborear as coisas. Quando provo um prato, tenho uma expressão... normal. Mas, no caso do meu pai, percebe-se imediatamente que é um profissional. A expressão do rosto dele muda, como se estivesse a distinguir todos os ingredientes e a decidir se falta algum e qual é.

Como agora. Inclinou a cabeça para o lado e olhamos para ele com atenção. Um segundo depois, o rosto dele ilumina-se e anda um pouco para trás com a cadeira de rodas, até chegar ao carrinho de metal onde estão todas as especiarias. Pega num pacote de canela e deita uma pitada na panela de ferro. O cheiro faz-me lembrar o Natal, a minha festa preferida.

— Não tenho nada para te dizer, Ember — respondo um pouco depois, enquanto a minha irmã dá um suspiro frustrado. — Já sabes tudo o que há para saber sobre a Beaufort.

— Gostava de, um dia, visitar a alfaiataria — diz-me, suspirando e

apoiando o queixo na palma da mão.

— Não seria aborrecido para ti? Queres especializar-te em roupa de mulher, não é? — intervém o meu pai.

Ouvimos a campainha da porta tocar e olhamos uns para os outros, surpreendidos.

— Quem será? — pergunta a minha mãe, saindo da cozinha e avançando pelo corredor.

— É por causa do ambiente, papá. Para ver como as pessoas trabalham, que materiais e padrões é que usam. De certeza que, apesar de tudo, seria superinteressante.

Custa-me ver a Ember tão ansiosa por saber coisas sobre a empresa. Percebo que ela ache injusto que eu tenha tido a oportunidade de visitar a sede de uma grande empresa de *design* de roupa sem ter feito nada para o merecer, coisa que, muito provavelmente, ela não conseguiria com tanta rapidez. Por outro lado, também penso na maneira como a excursão acabou para mim. E não quero, de maneira nenhuma, que a minha irmã se sinta tão humilhada como eu me senti naquele momento.

— Tenho uma ideia. Não podes perguntar ao James se também me podia levar a fazer uma visita? — pergunta-me a Ember, e o facto de estar a falar muito a sério inquieta-me.

— Podes perguntar-lhe tu mesma, Ember — diz subitamente a minha mãe.

Viro-me para ela com o sobrolho franzido.

— Como?

— O rapaz está à nossa porta — explica-me, apontando com o polegar por cima do ombro. — Não nos tinhas dito que era tão bonito.

Fico a olhar para ela e o meu instinto de proteção dispara.

— Não o deixaste entrar, pois não?

— Claro que não. Podes fazer isso tu mesma... ou não, se é o que preferes.

A minha mãe aproxima-se de mim e dá-me um beijo no cimo da cabeça. Quando atravesso a cozinha e saio para o corredor, sinto os olhares curiosos da minha família nas minhas costas. Sentindo-me aturdida, dirijo-me para a porta de casa.

O James está parado nas escadas que levam à porta de entrada. É a primeira vez que o vejo com roupa normal. As calças de ganga escuras e a *T-shirt* branca fazem-no parecer um rapaz como qualquer outro. Se me tivesse cruzado com ele na rua, assim vestido, de certeza que não o teria reconhecido.

Tem no braço uma grande capa de proteção com o logótipo da *Beaufort*. Por momentos, fico a olhar fixamente para o B retorcido e, de repente, sou invadida por uma fúria indescritível.

Ele não tem nada que vir aqui. Não quero que se aproxime da minha família. A minha vida de casa não tem nada que ver com a minha vida no colégio e não lhe vou permitir que apareça à minha frente e elimine a fronteira que tracei há anos, menos ainda depois do que aconteceu no último sábado.

Quando me preparo para abrir a boca, para lhe exigir que se explique, ele afasta os olhos dos nossos roseirais e vê-me parada à porta. Nos olhos dele brilha uma emoção que não consigo identificar — nunca consigo — e depois sobe mais um degrau, e os nossos olhos ficam à mesma altura. Pigarreia e estende-me a capa.

— Vim trazer-te o vestido. O Tristan já o arranjou. Agora deve estar perfeito.

Não faço nenhum gesto para pegar no vestido.

— E, para isso, vieste a minha casa?

Respira fundo e depois expira bruscamente, esfregando a nuca com a mão.

— Também queria falar contigo sobre sábado. Portei-me como um idiota e estou a sentir-me mal por isso.

Durante uns minutos, só consigo olhar para ele. É a primeira vez que o oiço dizer uma coisa destas e não posso evitar perguntar a mim mesma quantas vezes na vida terá pedido desculpa a alguém. Quando penso em todas as coisas que se permitiu fazer só no colégio nos últimos anos, concluo que o limite moral dele deve ser bastante inferior ao meu. Mas, neste momento, tenho a impressão de que está realmente arrependido.

— Não entendo porque é que fizeste aquilo — murmuro.

Sobretudo, depois de me ter dado a mão e de termos tido aquele momento de cumplicidade. Vi perfeitamente o carinho no olhar dele e senti claramente as faíscas que surgiram entre nós. Não foi imaginação minha.

O James arvora uma expressão de arrependimento. Durante um minuto, que me parece muito comprido, não diz nada, só olha para mim com aqueles olhos imperscrutáveis. Depois, murmura em voz tão baixa que mal consigo distinguir as palavras:

— Às vezes, nem eu próprio me entendo, Ruby Bell.

Preparo-me para dizer qualquer coisa, mas contenho-me. Tenho a impressão de que, pela primeira vez, está a ser sincero comigo, e não quero estragar tudo recusando-me a aceitar o seu pedido de desculpa. Portanto, não digo nada. Fico em silêncio durante tanto tempo que, com outra pessoa, de certeza que a situação se teria tornado embaraçosa, mas comigo e com o James... acho que podíamos passar horas a olhar um para o outro, só para tentar ultrapassar os muros que erguemos à nossa volta.

— Porque é que vieste, realmente? — pergunto-lhe.

— O que me disseste hoje ao meio-dia... — gagueja. — O que é que acontece se eu não quiser voltar à nossa situação de antes?

Dou uma gargalhada abafada.

— Puseste-me na rua. E, antes disso, ridicularizaste-me em frente dos teus pais. Deste a entender que eu não tinha valor suficiente para me apresentares a eles.

Abana negativamente a cabeça.

— Não foi essa a minha intenção. — Vejo que baloiça sobre os calcanhares, de forma quase impercetível. Parece nervoso. — Gostei muito de sábado. Até que... até que os meus pais chegaram. — Pigarreia. — Seria uma pena que agora fizéssemos de conta que não nos conhecemos. Para mim, tu já não és invisível. E não quero comportar-me como se fosses.

Embora ainda sinta o sabor amargo do que aconteceu no sábado, as palavras dele provocam um formigueiro de excitação dentro de mim.

— Não percebo o que é que esperas de mim neste momento, James — digo a meia-voz.

— Não espero nada. A única coisa que não quero é voltar a como éramos

antes. Não achas que podemos... conhecer-nos a partir de agora?

Olho para ele em silêncio. *Não está a falar a sério,* penso.

Não pode estar a falar a sério. Não sou idiota. Sei que o James não me suporta, apesar de no sábado nos termos divertido. Foi por minha causa que o castigaram e que o proibiram de jogar lacrosse; além disso, sei o maior segredo da irmã dele e represento um perigo para eles e para a família. De certeza que a única coisa que quer é não me perder de vista.

— Se isto é um dos teus truques... — digo-lhe, incrédula, mas o James interrompe-me.

— Não — diz, e sobe o último degrau.

Sei perfeitamente que não devo levar a sério as palavras dele. Não consigo discernir o que pensa e duvido que alguém consiga. E, no entanto, neste momento vejo qualquer coisa nos olhos dele, qualquer coisa que mostra honestidade e arrependimento, e que me deixa sem fôlego durante uns segundos.

Como é que isto aconteceu? Como é que, no espaço de um mês, passámos de não nos conhecer, do suborno e do ódio, e chegámos a este ponto?

Atrás de mim, a porta abre-se.

— Ruby? Está tudo bem?

Fico rígida. À minha frente está o James Beaufort, com um vestido de há cento e cinquenta anos no braço e um olhar que faz com que os meus joelhos fraquejem. Atrás de mim está a minha irmã, com quem discuti há poucos minutos em frente da compota do meu pai. Os meus dois mundos colidem com força e sinto calafrios. Não sei como agir, portanto faço um gesto afirmativa na direção da Ember, acompanhado de um sorriso forçado, e tento transmitir-lhe sem palavras que deve voltar para dentro. Ela olha alternadamente para mim e para o James, curiosa e incrédula ao mesmo tempo, mas depois vai-se embora, deixando a porta encostada.

Só então me viro novamente para o James. Preciso de uns segundos para me recompor. Lembro-me de que ainda lhe devo uma resposta.

— Não sei — digo-lhe com franqueza.

O James assente, pensativo.

— Está bem. Na verdade, só vim cá para te pedir desculpa pelo que

aconteceu no sábado.

— Só pelo que aconteceu no sábado?

Agora, esboça um sorriso atrevido.

— Como é evidente, não vou pedir desculpa por te ter convidado para um *striptease*.

Quando ele diz estas coisas, não sei se consigo aceitar o seu pedido de desculpa. Não sei se está a falar a sério ou se, simplesmente, pretende acalmar os ânimos para eu não contar a ninguém o que aconteceu com a Lydia. No entanto, a minha vida seria mais fácil se não estivesse constantemente a ser perturbada por ele. Ou talvez se conversássemos de vez em quando sobre assuntos do colégio. No sábado, dei-me conta de que ele não é apenas esperto, também é inteligente. Gostei de conversar com ele. E, além disso, há esse não sei quê que me faz sentir um formigueiro e que me desperta a curiosidade de saber mais.

Sei que é insensato e que não posso confiar nele nem um bocadinho. Mas, quanto mais penso no assunto, mais me dou conta de que também não quero voltar ao que éramos antes.

Olho fixamente para ele, olhos nos olhos, para que perceba que estou a falar muito a sério.

— Não vou permitir que tornes a fazer-me algo assim uma segunda vez.

— Entendido — responde-me em voz baixa, estendendo-me o vestido.

Nesse momento, começa a chover. Não chove torrencialmente, mas é o suficiente para eu temer que aconteça alguma coisa ao vestido, apesar da capa de proteção. Pego nele a toda a pressa e guardo-o no nosso armário.

Quando volto para a porta, o cabelo do James já está cheio de gotas de água que vão escorrendo para o seu rosto. Passa as costas da mão pela bochecha e depois passa a mão pelo cabelo, sem desviar os olhos de mim. As minhas boas maneiras dizem-me que devia convidá-lo a entrar, antes de ficar ensopado pela chuva, mas não sou capaz de o fazer. Não me sai. Não posso apresentá-lo aos meus pais e à minha irmã. Talvez nunca possa fazê-lo.

— Aceito o teu pedido de desculpa — digo-lhe por fim.

Os olhos dele iluminam-se. É a primeira vez que vejo esta expressão no

seu rosto.

Depois, ficamos os dois à chuva, ele nas escadas de minha casa e eu junto à porta, incapaz de o convidar a entrar. Mas é um começo.

16

James

Ter de ver um jogo de lacrosse sem poder jogar é uma merda, é tão simples quanto isso.

A minha equipa tem a adrenalina ao rubro quando sai do balneário e todos os jogadores me aplaudem, um a seguir ao outro, enquanto estou parado junto ao campo, nas bancadas, como se fosse um mero espectador. Custa-me aguentar a situação, mas aguento-a, embora nesse momento me arrependa de tudo, sobretudo de ter decidido armar um sarilho na festa de regresso às aulas.

O pior de tudo é que o Roger Cree, um dos novatos, ocupou a minha posição e é tão bom que se tornou um sério concorrente para mim. Se ele tivesse jogado mal, eu teria, garantidamente, mantido o meu lugar na equipa, mas assim? Como é que vou saber se, depois do castigo, o treinador ainda vai querer manter-me na equipa? Além disso, desde há pouco tempo que o Cree também parece entender-se bem com o Cyril e com os outros.

Quando chega ao pé de mim e me estende o punho, bato-lhe com o meu de má vontade e sento-me no banco, na lateral da área. Cruzo os calcanhares e vejo a equipa adversária correr pelo campo e distribuir-se em frente dos rapazes. É uma boa equipa e reconheço muitos jogadores da época passada. Sobretudo um dos avançados, que é imprevisível e incrivelmente rápido. Espero que o Cyril não o perca de vista.

— Olá, Beaufort. É uma pena que não possas jogar — diz-me de repente um dos suplementes; chama-se Matthew, mas duvido de que alguma vez tenhamos trocado uma palavra.

— Sim, meu. É uma merda — diz outro, dando-lhe razão.

— Não entendo a que se deve este castigo. O que fizeste foi genial.

— Sobretudo porque é o teu último ano. É terrível teres de passar a última época no banco.

Pronto, já chega. Levanto-me repentinamente. Sem sequer lhes responder,

aproximo-me da beira do campo. Ainda bem que pus os óculos escuros. Não só porque hoje está um sol deslumbrante para um dia de outubro, mas também porque assim ninguém conseguirá ver quão em baixo me sinto.

Fico a uma certa distância do treinador Freeman e observo o campo com os braços cruzados. É terrível ter de ver a minha equipa sem poder intervir. Ainda não passaram nem cinco minutos desde o apito inicial quando a equipa contrária marca o primeiro golo.

De repente oiço uns passos nas minhas costas. Olho para trás e vejo a Ruby e a amiga dela, a Lin, a correrem para a área. Estão as duas cheias de calor e despenteadas. Quando param, a Ruby solta um impropério. Ainda não me viu, portanto tenho oportunidade de a observar sem ela se dar conta disso.

Tem vestido o uniforme do colégio, apesar de a maior parte dos nossos colegas vir ver o jogo com a roupa normal ou com as camisolas da equipa. Numa das mãos segura um tripé e na outra um bloco de notas, e, como sempre, tem às costas aquela horrível mochila que parece que vai desintegrar-se de um momento para o outro. Tem uma cor de vómito bastante acertada, mas, mesmo assim, a Ruby está bonita. Como uma tartaruga ninja. Uma tartaruga ninja com o cabelo despenteado e o rosto vermelho como um tomate.

Aproximo-me cautelosamente das duas e fico a vê-las montar o tripé e uma máquina fotográfica com ar de ser cara.

— Posso ajudar-vos? — pergunto-lhes.

A Ruby vira-se para mim com os olhos muito abertos. É evidente que ainda não se habituou às minhas tentativas de travar amizade com ela. Durante toda a semana, cumprimentei-a sempre que me cruzei com ela nos corredores e, de cada vez, apanhou um susto, como se não estivesse habituada a que alguém falasse com ela fora das aulas.

— Perdemos alguma coisa? — pergunta-me, preocupada.

Desvia rapidamente o olhar para o campo e depois para o treinador Freeman, embora este esteja tão concentrado no jogo que não se apercebe de que a Ruby e a Lin chegaram atrasadas.

— Ridgeview já marcou um golo — respondo-lhe.

A Ruby assente e anota qualquer coisa no bloco.

— Ótimo, obrigada.

Entretanto, a Lin prepara a máquina fotográfica e verifica os ajustes, antes de começar a disparar. Num instante, ficam as duas concentradíssimas a documentar o jogo.

Verifico que, na verdade, prefiro olhar para a Ruby do que para a minha equipa. Pelo menos, olhar para ela não me magoa. A equipa já recuperou há algum tempo e estamos prestes a ganhar a Ridgeview, mas, por muito que queira, não consigo sentir-me contente. Quando o Cree lidera a equipa e esta marca dois golos, e depois ele próprio marca mais um no segundo tempo, percebo claramente que os rapazes não precisam de mim para nada. Apetece-me desaparecer e não percebo porque não o faço.

Em vez disso, fico parado na lateral do campo, com o rosto petrificado e indiferente a tudo, apesar de aplaudir quando metemos um golo e de dizer um palavrão quando os adversários fazem uma jogada contra nós, enquanto respondo a todas as perguntas que a Ruby e a Lin me fazem.

Depois de apenas hora e meia, não me sinto como se tivesse conquistado o mundo, como me acontecia antes, quando ganhávamos um jogo. Estou feito num oito e já não suporto ficar aqui nem mais um segundo. A ideia de ir esta noite à festa do Cyril, e de todos os que me viram hoje no banco me darem os pêsames, deixa-me doente. Antes que a equipa venha para o banco, viro-me sem dizer palavra e encaminho-me para o colégio. Tiro o telemóvel do bolso e primo a tecla de marcação rápida para dizer ao Percy que me venha buscar.

— James!

Olho para trás. A Ruby vem a correr atrás de mim. A franja dela e o vento não se dão especialmente bem e tem algumas madeixas todas soltas para cima. Dá-se conta de que estou a olhar para ela e alisa o cabelo sobre a testa. Nesta última semana, reparei que é uma das manias que tem. Por esta altura, já me dei conta do pequeno pente que guarda no estojo e que usa quando pensa que ninguém está a vê-la.

— O que é que se passa? — pergunto-lhe.

— Estás bem?

Porque é que me pergunta isto? Ninguém me pergunta uma coisa destas, simplesmente porque ninguém se interessa por saber como estou. E, mesmo que se interessassem, teriam demasiado medo ou respeito e não se atreveriam a fazer-me uma pergunta deste tipo.

— Deve ser bastante desagradável ver os outros jogar, não? — pergunta-me num tom carinhoso.

— Sim.

Muda o peso de uma perna para a outra.

— Preferes ficar sozinho?

Coço a nuca, hesitando, e encolho os ombros. Felizmente, o Alistair livra-me de ter de lhe responder. Com a cara muito vermelha, corre pelo relvado e para à nossa frente.

— Beaufort! Para onde vais, meu?

Está bem, a pergunta ainda é pior do que a da Ruby.

— Para casa.

— Esqueceste-te? Hoje há festa em casa do Cy.

Não me esqueci, mas, infelizmente, ir à festa do Cyril é a coisa que menos me apetece neste momento. Contudo, não posso dizer isso ao Alistair. A equipa venceu e eu continuo a ser o capitão, apesar de neste momento estar suspenso. Não celebrar esta vitória com os meus companheiros de equipa seria injusto. Já para não falar do facto de não me apetecer responder às perguntas que me fariam sobre o porquê de não ter aparecido na festa.

— Claro, eu vou lá ter. — Pelo canto do olho, vejo que a expressão da Ruby muda e evito cruzar o olhar com o dela.

— Não faças essa cara, meu. Vai ser fabuloso. Temos a casa toda para nós. — Limito-me a dar um grunhido. — Ei, porque é que não vens também, Ruby?

Lanço um olhar de advertência ao Alistair, mas ele olha alternadamente para ela e para mim, com um sorriso estampado no rosto.

— Não tens de vir — apresso-me a dizer. A festa do Cyril não é o sítio adequado para uma pessoa como a Ruby. — Não acho que vás gostar.

Quando a Ruby franze o sobrolho, percebo que disse o que não devia. É como se a tivesse provocado, e isso é o contrário do que eu queria fazer.

— Como é que sabes de que é que eu gosto ou deixo de gostar?

O Alistair tosse ligeiramente e lanço-lhe um olhar assassino. Fez a pergunta de propósito. Sabe exatamente o que acontece nestas festas e como as pessoas se comportam.

— Terei todo o prazer em ir, Alistair. Obrigada pelo convite — diz a Ruby, com um sorriso demasiado encantador para ser autêntico. — A que horas e onde?

O Alistair abre a boca para lhe responder, mas adianto-me:

— Vou buscar-te a casa.

As costas da Ruby ficam rígidas.

— A sério que não é preciso, James.

— Fica-me em caminho, não me custa nada.

Ela levanta o sobrolho.

— Tens carta de condução?

O Alistair dá um assobio de aprovação. Pelos vistos, dá-lhe gozo ver alguém dar-me pancada verbalmente. Abanando negativamente a cabeça, olho para a Ruby.

— O Percy leva-nos, se achares bem.

Agora faz um sorriso de orelha a orelha.

— Parece-me muito bem.

— Com que então o Percy, hein? Eu também não o acho nada mau. Tem um ar de Antonio Banderas — comenta o Alistair.

— Foi precisamente o que eu disse!

A Ruby dá uma gargalhada e enterneço-me. Merda. Porque é que não consigo ter as ideias claras quando ela está presente? Prometi à Lydia que iria vigiá-la, mais nada. A única coisa que tenho de fazer é lembrar-me disso com mais frequência.

— Bem, o Percy vai-te buscar por volta das oito.

A Ruby assente.

— Ótimo.

Ruby

O Cyril Vega vive na vivenda maior e mais sumptuosa que alguma vez vi. Nem sequer tenho a certeza de que *vivenda* seja a palavra certa para descrever o que tenho diante dos olhos. A propriedade onde entrámos, depois de um segurança ter verificado com uma câmara a matrícula do Percy, parece não ter fim. Quando olho para a direita e para a esquerda, vejo apenas um relvado bem cuidado, e arbustos e árvores simetricamente plantados.

Quando eu e o James saímos do carro, fico quieta por um momento e inclino a cabeça para trás, admirando a fachada extraordinária. As colunas altas à direita e à esquerda da entrada e a varanda que espreita diretamente por cima delas conferem a esta mansão senhorial um caráter de outra era.

Ao meu lado, o James não parece nada impressionado quando subimos os degraus de pedra branca diante da porta desmesuradamente grande. Mas é normal. Por um lado, o Cyril é um dos melhores amigos dele e, por outro, a casa onde o James vive é, de certeza, no mínimo tão grande quanto esta. Sinto as palmas das mãos frias e húmidas: o que é que estou aqui a fazer?

Jurei a mim mesma que nunca viria a uma destas festas. Mas bastou um único e estúpido comentário do James para despertar o meu espírito combativo. Simplesmente, tinha de fazer o contrário do que ele queria, o que, percebo agora, é totalmente absurdo. Desde segunda-feira que estou irritada porque a saída com o James destruiu a minha invisibilidade em Maxton Hall, e agora dou por mim a acompanhá-lo a esta festa, onde estarão imensos dos meus colegas do colégio. Esta tarde, não pensei nem por um segundo no que isto significará para mim. De certeza que as pessoas se vão pôr novamente a falar de nós e é provável que cusquem ainda mais.

Aqui fora, já se ouve a música e as vozes dos convidados. Por uma fração de segundo, passa-me pela cabeça fingir que estou maldisposta e pirar-me daqui. Mas não quero dar essa satisfação ao James. Portanto, esfrego rapidamente as mãos na saia e pigarreio. O James olha para mim de soslaio e não lhe ligo. Depois abre a porta da casa usando, para minha surpresa, uma das chaves do seu porta-chaves.

Entramos no vestíbulo e é tão imponente que, por um instante, esqueço quão nervosa estou. O chão é de mármore e a decoração é faustosa: além do

mobiliário de cores discretas, há por todo o lado pormenores em dourado e branco. Do teto pende um lustre enorme e, à direita e à esquerda, duas escadarias curvas conduzem ao piso de cima, a uma galeria.

À primeira vista, dir-se-ia que a festa está a decorrer pela casa toda. A música parece sair de uma sala, mas aqui, no vestíbulo, também há alguns convidados. Nenhum deles nos presta atenção. Suspiro de alívio.

— O que é que eles estão a fazer ali em cima? — pergunto ao James, apontando para um grupo de mais de vinte rapazes e raparigas que está na galeria.

— Estão a jogar uma estranha versão de pingue-pongue de cerveja que só se joga em casa do Cyril — responde-me.

Vejo um tipo deixar cair qualquer coisa lá de cima, uma bola de ténis de mesa, como confirmo depois. Atiram-nas cá para baixo, para o vestíbulo, onde colocaram uma série de copos em fila. Um par de bolas acerta diretamente nos copos, embora a maior parte caia ao lado, e depois os rapazes gritam de júbilo, enquanto algumas raparigas dão pequenos gritinhos, e todos eles, segundo me parece, bebem.

— Não entendo.

— Eu também não — responde-me o James.

— Conseguiste! — grita alguém lá de cima.

Levanto os olhos para a galeria, mesmo a tempo de ver o Cyril subir para cima de um dos corrimãos. Agarra-se com força e desliza até cá abaixo. Fico agoniada só de olhar para ele. O Wren aparece atrás dele, mas opta por uma variante mais segura e desce as escadas normalmente. Enquanto avança, inclina a cabeça para trás e esvazia o copo.

O Cyril é o primeiro a chegar junto a nós e cumprimenta o James com um meio-abraço, dando-lhe umas palmadas nas costas.

— Espero que hoje te tenhas sentido orgulhoso de nós.

Sinto que o James fica tenso ao meu lado.

— Claro — responde-lhe, num tom neutro que não revela nem alegria transbordante nem a frustração que sentiu por não ter podido jogar.

O Cyril pousa o olhar em mim.

— E... tu és...? — pergunta-me, enquanto os seus olhos de um azul gélido

me observam da cabeça aos pés. Examina a minha camisa branca de riscas azuis e a saia preta plissada e suspeito de que, de um momento para o outro, vai franzir o nariz.

Idiota. Como se tivesse melhor aspeto só porque a camisa preta que usa custou seguramente mais do que toda a minha roupa junta.

— É a Ruby — intervém o James, apresentando-nos. — Ruby, este é o Cyril.

— Ruby! O Alistair disse-me que te tinha convidado.

O Wren aproxima-se de nós a sorrir. Contenho o impulso de desviar o olhar.

— Olá — respondo, forçando um sorriso.

O Wren cumprimenta rapidamente o James, enquanto o Cyril torna a pousar os olhos em mim. A mensagem que me transmite, com o seu sorriso de superioridade, é inequívoca: «Este é meu reino. Aqui sou eu que mando.»

Um instante depois, o James põe-me a mão nas costas.

— Cy, vê lá se te comportas como um bom anfitrião e nos convidas para beber um copo.

Fala usando o tom de «Sou o James Beaufort» e, enquanto eu nunca permitiria que ele me desse ordens, os amigos dele não parecem importar-se. Riem-se e conduzem-nos para a parte de trás do vestíbulo, atrás das escadarias. Pelo caminho, o Cyril apanha algumas bolas e atira-as para a galeria, antes de abrir uma porta que dá para uma grande sala de estar.

Embora seja mais pequena do que o vestíbulo, lá dentro devem estar umas cinquenta pessoas, a conversar e a dançar. A música é ensurdecedora e o fumo mete-se-me no nariz e faz-me chorar.

Posso contar pelos dedos de uma só mão as festas a que já fui. Foram, sobretudo, pequenos encontros no parque de Gormsey e — uma única vez — a comemoração do décimo quinto aniversário de uma colega de turma. Convidara-me por amabilidade e eu fora porque a minha mãe insistira em que devia tentar dar-me mais com as minhas colegas de turma. Acabei por passar metade da noite de pé a um canto, a balouçar ao ritmo de uma música péssima, enquanto contava para dentro os minutos que faltavam até

voltar para casa.

O panorama de hoje não tem nada que ver com isso. Em vez de cerveja barata em copos de plástico, os convidados bebem licores caros em copos de cristal. A música não vem de um gravador mas de um sistema de som cujas colunas estão distribuídas pelas várias paredes.

Isto, sim, é uma festa de elite.

Olho em volta e tento assimilar tudo. Os graves da música são tão fortes que sinto o chão vibrar por baixo dos pés.

Depois de olhar à volta uma segunda vez, descubro uma estufa envidraçada ao lado da sala. No interior tem uma piscina enorme e iluminada, da qual faço tenções de me manter afastada.

Alguns convidados estão a nadar de roupa interior e salpicam os que estão à beira da piscina. Outros estão a fumar e a beber, sentados em sofás forrados a veludo, que parecem antiguidades e que, com toda a certeza, custaram uma fortuna.

Estou tão assoberbada com tudo que só me dou conta, demasiado tarde, de que o James me disse qualquer coisa.

— Desculpa?

Inclina-se um pouco para mais perto de mim, pondo a boca à altura da minha orelha.

— Perguntei-te o que queres beber, Ruby Bell.

Um calafrio percorre-me as costas e fico com os braços em pele de galinha. Evito pensar nisso.

— Uma *Coca-Cola*, se houver. Se não, água.

O James recua um pouco e olha-me nos olhos.

— Incomoda-te que eu beba?

— Não — digo, abanando negativamente a cabeça.

— Está bem. Volto já.

E, ato contínuo, ele e o Cyril desaparecem. O Wren fica ao pé de mim e torna a observar-me com aquela expressão de chico-esperto.

— Não bebes nada? — O tom de voz é de pura provocação.

Recorro a toda a minha força de vontade para não dar meia-volta e deixá-lo ali plantado. Ou para não lhe dar um grito diante desta gente toda. Mas

consegui ignorá-lo durante dois anos, portanto não vou estragar tudo agora por causa de um par de frases idiotas.

— Não — respondo-lhe num tom lacónico.

O Wren aproxima-se mais um bocado. Recuo imediatamente.

— Porque é que não bebes, Ruby? — pergunta-me, avançando mais um passo, até que sinto a parede atrás de mim. — Tiveste más experiências com a bebida?

Sinto o cheiro do álcool no hálito dele e, além disso, vejo que está com as pupilas muito dilatadas. Pergunto-me se terá consumido mais alguma coisa além do uísque escocês.

— Sabes perfeitamente porque é que não bebo, Wren — respondo-lhe com frieza, ficando com os ombros tensos.

Se não me deixar em paz, juro que lhe vou bater. À minha esquerda, vi pelo canto do olho uma cómoda de madeira escura em cima da qual há várias estatuetas e um candeeiro. Sei defender-me.

— Lembro-me muito bem daquela noite — responde-me o Wren. Levanta o braço esquerdo e apoia-o na parede, ao lado da minha cabeça.

— Pois eu, não — digo-lhe entre dentes. Até agora, sempre me deixou em paz no colégio. Nunca falou sequer sobre o que aconteceu naquela noite há dois anos... O que é que lhe passou pela cabeça para me falar disso, precisamente hoje?

— A sério que não? — murmura, aproximando-se ainda mais de mim.

Levanto as duas mãos e empurro-o com força.

— Não me apetece nada repetir, Wren.

Segura-me as mãos e entrelaça os dedos nos meus. Olho em volta, aterrada.

— Ainda me lembro muito bem do que me sussurraste daquela vez.

— Só o fiz porque me embebedaste.

— A sério? — Aquele sorriso sujo aparece-lhe novamente na cara. — O álcool faz vir à tona os pensamentos mais secretos. Tinhas tanta vontade como eu, Ruby.

Fico imóvel quando a memória daquela noite surge por fim na minha cabeça: a respiração ofegante do Wren, as mãos dele a passar-me pelo corpo

todo. Só de pensar nisso, quase sufoco. Por um lado, porque sinto vergonha e, por outro, porque é verdade que gostei. A única coisa que me desagrada é a maneira como aconteceu.

O Wren torna a abrir a boca, mas uma voz atrás dele fala num tom simultaneamente ríspido e cansado.

— Deixa-a em paz, Fitzgerald.

Ele abre muito os olhos e eu espreito por cima do seu ombro, surpreendida. A Lydia está ao pé de nós. Lança um olhar furioso ao Wren, antes de me pegar na mão sem dizer mais nada e me arrastar para longe dele, levando-me para o meio da sala. Só quando estamos fora do alcance dos ouvidos do Wren é que olha para mim com as sobrancelhas levantadas.

— Quem diria que precisamente alguém como tu tem um segredo obscuro. — O pânico apodera-se de mim e cerro os punhos atrás das costas. Mas, antes que possa dizer seja o que for, a Lydia levanta as mãos. Tem um sorriso divertido nos lábios. — Não te preocupes. Não vou contar a ninguém.

Fico a olhar para ela e demoro uns minutos a entender o que acabou de me dizer.

— É-me indiferente que contes a quem quer que seja — digo-lhe num tom obstinado, embora ambas saibamos que é mentira.

Se pudesse, apagaria essa noite da minha memória. Tinha quinze anos e tinha acabado de chegar a Maxton Hall. Era o primeiro evento em que participava e estava tão emocionada e nervosa que bebi alegremente todos os copos de ponche que o Wren me levou. Não sabia que lhes tinha juntado álcool, de uma garrafa de bolso que tinha consigo, com o intuito de me embebedar. E, quando me puxou para o corredor e me beijou, eu estava completamente eufórica. O Wren era um dos rapazes mais atraentes do colégio. E escolhera-me. O primeiro beijo que me deu levou-me ao êxtase.

No dia seguinte, apercebera-me de quão falso ele fora, ao embebedar-me sem eu dar por isso, e também de quão ingénua tinha sido. Desde então, nunca mais voltei a tocar em álcool.

À minha frente, a Lydia levanta uma sobrancelha.

— A sério? Pensava que davas mais importância à tua reputação.

— O facto de alguém me ter embebedado e me ter dado uns beijos não vai manchar a minha reputação. Não é o mesmo que enrolar-se com um professor.

Arrependo-me imediatamente do que acabei de dizer. A Lydia fica branca como a cal. Um segundo depois, dá um passo para mim, com uma expressão ameaçadora.

— Disseste que ias manter a boca fechada. Eu... — Subitamente, cala-se e afasta-se um pouco.

— Ah, estão aqui. — O James aproxima-se de nós e estende-me um copo com *Coca-Cola*, cubos de gelo e uma rodela de limão. Tem na mão um copo de cristal de aspeto caro, com um líquido ambarino. Lentamente, passa os olhos alternadamente entre mim e a Lydia. — Está tudo bem?

— Maninho, não te importas de ir buscar qualquer coisa para eu beber? — diz-lhe a Lydia, pestanejando exageradamente um par de vezes.

O James revira os olhos, mas pega no copo da irmã e torna a encaminhar-se para o bar. Assim que ele desaparece, o sorriso da Lydia evapora-se novamente. Olha para mim com frieza e engole em seco. Quem me dera não ter vindo à festa. Não quero estar nesta sala, quero estar em casa, onde me sinto segura e protegida. Isto é o oposto, é uma aventura que não me vejo capaz de viver.

— Ouve — digo-lhe, antes que volte a ameaçar-me. — Peço desculpa pelo que acabei de dizer.

Ela abre a boca e torna a fechá-la. Depois olha para mim, incrédula.

— Como?

— Não sou tua inimiga — continuo. — E é-me indiferente o que acontece entre ti e o professor Sutton. Não vou revelar o teu segredo. — Cerra os lábios com força. — Só quero estar sossegada — insisto.

— Porque é que havia de acreditar em ti? — pergunta-me, semicerrando os olhos. — Não te conheço.

— É verdade — digo-lhe. — Mas o James conhece-me. E prometi-lhe que não o faria.

— Prometeste-lhe — repete ela, como se não entendesse minimamente o significado das palavras.

— Sim — respondo-lhe num tom hesitante.

Por momentos, fica calada e olha para mim com desconfiança. Mas, subitamente, muda de expressão. De repente, já não olha para mim com incredulidade mas sim como se uma peça de um quebra-cabeças tivesse encaixado na sua mente. Afasta os olhos dos meus e dirige-os para um ponto por cima do meu ombro.

— Então é isso.

Confusa, viro-me para tentar perceber a que se refere. Vejo o James junto ao bar. Pega numa garrafa atrás de outra, levantando-as para ler as etiquetas.

— Isso o quê? — pergunto-lhe.

Lança-me um sorriso tranquilizador.

— Não te preocupes, não és a primeira. — Não sei do que é que está a falar. — Há imensas raparigas que sucumbem muito mais depressa aos encantos dele.

De repente, percebo tudo. E, sem conseguir conter-me, desato a rir. A Lydia fica espantada.

— O que é que é tão divertido?

— Não sei se alguém alguma vez te disse, mas o teu irmão é o oposto de tudo o que é encantador.

Olha para mim e parece não saber se deve dar-me uma bronca ou desatar a rir. O James toma a decisão por ela, porque, nesse momento, volta para junto de nós.

— Toma — diz, estendendo a bebida à Lydia. — Para ti, maninha.

Ela levanta os olhos momentaneamente para ele e depois torna a olhar para mim.

— Não vou tirar os olhos de ti, Ruby. — E, dizendo aquilo, roda sobre os calcanhares e desaparece no meio das pessoas.

— O que é que se estava a passar? — pergunta-me o James, olhando com uma expressão consternada para a cabeleira loira acobreada que desaparece ao fim de uns segundos. Quando encolho os ombros, franze o sobrolho. — O que é que ela te disse?

— Nada. Não confia em mim e acha que não vou manter a boca fechada.

O James passa os olhos pela sala. Parece estar a pensar no que vai dizer,

como se não tivesse a certeza do que pode ou não contar-me.

— A minha irmã tem dificuldade em confiar nas pessoas. — Olho para ele com uma expressão inquisitiva. — Pouquíssima gente guardaria esse segredo, Ruby. — Faz um gesto de impotência. — Pelo contrário. Noventa por cento das pessoas tentariam vendê-lo à imprensa ou fazer chantagem connosco. Não seria a primeira vez que alguém passa tempo connosco só para descobrir os segredos da família.

Enquanto diz isto, desvia o olhar do meu e, em vez disso, observa as pessoas que estão a dançar no meio da sala.

— Isso é asqueroso.

Os cantos dos lábios dele levantam-se ligeiramente.

— Podes crer.

Nunca tinha pensado nisso. Embora isso não desculpe o comportamento do James, graças a esta informação consigo entendê-lo um bocadinho melhor, a ele... e à Lydia.

— Pergunto-me o que é que estou aqui a fazer, se toda a gente desconfia tanto de mim.

Percorre-me o rosto com o olhar, com uma expressão pensativa. Levanta a mão, como se fosse tocar-me, mas depois deixa-a cair e, em vez disso, bebe um gole da bebida que, na verdade, era para a Lydia. É o segundo copo que bebe.

— Estás aqui porque o Alistair te convidou — diz por fim.

— É verdade — respondo, pondo atrás da orelha uma madeixa que não para de me fazer cócegas no queixo. — Foi o Alistair. Se fosse por tua vontade, eu não estaria aqui.

— Não é isso.

— Então o que é?

Não percebo porque é que a ideia de ele não querer que eu esteja aqui me perturba tanto.

— Tu não pertences aqui, Ruby. — É como se me tivesse cravado uma faca no peito. Tenho de fazer um grande esforço para não mostrar quão magoada me sinto. — Não... não foi isso que eu quis dizer — acrescenta imediatamente; pelos vistos, não consegui disfarçar a mágoa tão bem

quanto pensava.

— É evidente.

Dou meia-volta e olho para a piscina pelas grandes janelas, vendo que alguém acabou de saltar lá para dentro totalmente vestido. Poucos segundos depois, o James põe-se à minha frente, tapando-me o campo de visão.

— Vá lá, por favor. Só queria dizer que me dá uma má sensação ver-te ao pé desta gente. No fim, vão acabar por inventar qualquer coisa desagradável sobre ti. Sinto-me responsável por ti.

— Sei cuidar de mim mesma, muito obrigada — respondo-lhe num tom mordaz. Torna a observar-me com insistência e bebo um gole de *Coca-Cola*, para quebrar o contacto visual. Quando olha para mim assim, fico nervosa, e já está um calor asfixiante nesta sala sem ser preciso isso. — Não quero ser um estorvo para ti, de todo. Comporta-te como te comportas normalmente — digo-lhe por fim, fazendo um gesto com a mão que abarca toda a sala.

Seja o que for que ele costuma fazer nestas festas, que o faça. Não quero que aja como se fosse a minha ama-seca.

Assente e acaba a segunda bebida. Depois, pega no meu copo e pousa-o ao lado do dele. A seguir, volta para junto de mim e dá-me a mão. Puxa-me para o meio da sala, para o meio das pessoas que estão a dançar. O meu coração bate loucamente e pergunto a mim mesma que diabos se propõe fazer quando me puxa para mais perto dele. O seu peito toca suavemente no meu e aperta-me a mão por uns segundos, antes de a largar e começar a dançar ao ritmo da música.

O James Beaufort planta-se à minha frente. Com um sorriso nos lábios, passa os olhos pelo meu corpo e começa a descrever círculos com as ancas.

— Pode saber-se o que é que estás a fazer? — pergunto-lhe, consternada. Na pista de dança, sou a única que está tesa como um pau.

— O que se costuma fazer nas festas — responde-me o James.

Olha novamente para mim com uma expressão que parece um desafio ao qual tenho de responder. Tento mexer-me da mesma maneira que o James. Quando alguém me empurra por trás, tropeço e caio em cima dele, e ele põe-me a mão na cintura para me segurar. Fico sem respiração e o meu

coração bate mais depressa. Quando levanto os olhos para o James, sou invadida por um estranho calor. Estamos tão encostados um ao outro que nem uma folha de papel caberia entre os dois.

Ao nosso lado, alguém grita de alegria. Afasto o olhar do rosto do James e olho em volta. Há, pelo menos, cinco pares de olhos que nos estão a observar.

Não percebo nada. Pode ser que, agora, eu e o James possamos manter uma coexistência pacífica, mas isto é totalmente diferente. E se não quero que os rumores sobre nós se espalhem pelo colégio como um rastilho de pólvora, tenho de sair imediatamente desta pista de dança.

— Tenho de ir à casa de banho — digo-lhe.

O James afasta-se imediatamente. Os olhos dele têm um brilho inteligente, mas, neste momento, estou demasiado confusa para entender o que isso significa. Faz-me sinal com o queixo para o canto esquerdo da sala de estar, onde, a seguir a um arco alto, começa um corredor.

— Primeira porta à direita e segunda à esquerda.

Deslizo entre os rapazes e as raparigas que estão a dançar e percorro o corredor. Na parede, há retratos a óleo de membros da família Vega e, à luz dos candeeiros, o papel pintado reluz em tons de verdes e dourados. O tapete grená que se estende debaixo dos meus pés tem um estampado muito elaborado, que faz lembrar diferentes formas abstratas de animais. Viro à direita, como o James me disse. Esta parte do corredor está completamente vazia e encosto-me à parede.

Não faço a mais pequena ideia do que estou aqui a fazer, a sério. Além de me sentir totalmente deslocada, o James provoca-me insegurança. A maneira como me toca, como olha para mim, as palavras que me murmura… se não o conhecesse, diria que está a atirar-se a mim.

Na segunda-feira, quando apareceu à porta de minha casa e me disse que não queria voltar à situação de antes, não pensei que iria acontecer uma coisa destas. Será que dança desta maneira com todas as pessoas que conhece? Suponho que sim.

Talvez deva encarar isto como um exercício. Quer me agrade quer não, estas pessoas são meus colegas de estudos. E, se conseguir entrar em

Oxford, terei de me dar com eles e com muitos outros rapazes e raparigas de famílias ricas.

Respiro fundo, cerro os punhos e afasto-me da parede com um ânimo renovado. Vou-me refrescar, vou voltar para a sala de estar, beber a minha *Coca-Cola* e dançar com o James. O que é que pode acontecer? De qualquer maneira, vai haver coscuvilhices, portanto, pelo menos, vou divertir-me um bocado.

Decidida, aproximo-me da porta que fica uns metros mais à frente, do lado esquerdo do corredor, e abro-a, na esperança de entrar na casa de banho. Com exceção da luz do corredor, a divisão está escura como breu. Os meus olhos precisam de um momento para se adaptar à escuridão, mas depois distingo os contornos de uma grande escrivaninha antiga, um canto com cadeirões forrados e... imensas estantes cheias de livros.

É evidente que isto não é a casa de banho, é a biblioteca! Hesito um instante, mas depois avanço com curiosidade e olho à minha volta. Só na primeira estante há mais livros do que todos os que temos em nossa casa. Um sorriso ilumina-me o rosto e atrevo-me a avançar mais um passo... e é então que oiço aquilo.

Uma respiração entrecortada. Um suspiro abafado.

Dá meia-volta e sai daqui, avisa-me uma voz estridente na minha cabeça, mas já é demasiado tarde. O meu olhar cai sobre o Alistair, que está ao fundo da sala, encostado a uma das estantes. Tem a cabeça inclinada para trás e, nesse preciso momento, lança um forte gemido.

Oiço um som suave.

— Se continuares a gritar dessa maneira, paro.

Fico imóvel, gelada. Conheço esta voz. É suave e profunda, um pouco rouca.

— Continua — diz o Alistair, inclinando a cabeça para baixo.

O tipo que está ajoelhado em frente dele levanta-se.

— Só se me pedires com carinho.

O Alistair agarra-lhe no cabelo e puxa-o para si, para lhe dar um beijo. O rapaz aproxima-se, apoia as duas mãos na estante, ao lado da cabeça do Alistair, para corresponder ao beijo. É nesse momento que o reconheço: é o

Keshav.

Solto um arquejo quando a boca do Keshav desliza pelo rosto do Alistair e lhe desce para o pescoço.

Nesse momento, o Alistair vê-me junto à porta.

— Kesh, para — murmura aterrado, afastando bruscamente o amigo.

Viro-me muito depressa e fujo da biblioteca, entrando novamente no corredor. Horrorizada, olho para os dois lados e decido voltar para a sala de estar. Abro caminho entre os dançarinos, cujos rostos se esbatem diante dos meus olhos, e procuro o James na sala.

Descubro-o ao pé da piscina, com a irmã, o Cyril e o Wren. Estão a conversar. O Wren gesticula, agitando as mãos no ar como um louco.

Preciso de uns minutos para me recompor do choque.

Por que diabos não faço mais nada a não ser apanhar pessoas que estão a enrolar-se e que, como é evidente, não querem ter público? Desde quando é que coleciono segredos de pessoas que não conheço? Isto não é normal.

Tenho de fazer um grande esforço para me acalmar, pelo menos até certo ponto. Acho que tenho de voltar atrás na decisão que acabei de tomar: não me sinto bem aqui e nunca me habituarei a esta gente.

Quero ir ter com o James e pedir-lhe que me leve a casa, mas está tão próximo da piscina que hesito. Quando vejo a água, sinto um buraco na barriga. No fim, recorro a toda a minha coragem e entro cautelosamente na estufa. Fico junto da parede, um pouco afastada do grupo. O Wren é o primeiro a ver-me.

— Aqui está ela.

Inclino brevemente a cabeça para ele e quase suspiro de alívio quando o James percorre os dois passos que nos separam. Nunca teria imaginado que ele seria a pessoa com quem melhor me iria sentir numa festa, mas, hoje, isso é mesmo verdade. Transformou-se no meu porto seguro e tenho de me conter para não lhe dar a mão.

— Está tudo bem? — pergunta-me o James.

Tem outro copo na mão, desta vez, novamente, com um líquido ambarino. Por esta altura, já tem as maçãs do rosto ligeiramente coradas.

— Gostava de ir já para casa — murmuro, ainda ofegante.

O James franze o sobrolho, mas só por um segundo. Aparentemente, nota-se que estou à beira de um ataque de nervos. Esvazia o copo antes de o pousar na mesa mais próxima.

— Está bem.

— Ei, então?! Desde quando é que sais das minhas festas antes das quatro da manhã? — pergunta-lhe o Cyril num tom ofendido.

— Desde que estou com alguém que quer ir para casa — responde-lhe o James, olhando para ele com um ar inexpressivo. Lá está novamente aquele muro de arrogância intransponível.

— Vá lá, Ruby. Não sejas desmancha-prazeres. Deixa-nos ficar o nosso amigo — diz-me o Wren, agachando-se e salpicando-nos com a água da piscina. Um par de gotas molha-me o pescoço e sinto-me como se ficasse sem ar.

— Não faças isso! — exclamo, num tom de voz tão agudo que nem o reconheço.

— És feita de açúcar ou quê? — pergunta-me o Cyril, rindo-se. Já despiu a camisa e tem apenas uns calções de banho pretos. Ainda tem o cabelo molhado por ter estado a nadar. Aproxima-se um passo. Eu recuo e agarro-me com força ao braço do James. Estou-me nas tintas para o que os outros pensem.

— Vá lá, Cy. Deixa-a em paz — diz-lhe o James, mas agora nem o seu tom autoritário surte qualquer efeito. O Cyril olha para mim como um predador. Subitamente, salta na minha direção, tira-me a carteira e passa-a à Lydia, que está a sorrir.

— Cyril, estou a avisar-te... — ameaço sem conseguir respirar, mas já é tarde. Abraça-me de uma maneira que não tem nada de carinhoso e arrasta-me com ele para dentro da piscina. Dou um berro estridente quando embato na água com todo o meu peso e, tomada de pânico, agito as pernas e os braços.

Depois, começamos a afundar-nos e o meu coração para um segundo. De repente, já não estou na casa dos Vegas mas sim num mar agitado de cor verde-amarelada. Já não tenho dezassete anos mas sim oito. Já não sei nadar e estou desamparada, à mercê da água terrivelmente gelada.

Não consigo respirar.

As algas puxam-me para o fundo e não consigo mexer-me. Os meus braços não funcionam e as pernas também não reagem. Sou incapaz de controlar o meu corpo.

A pressão que sinto no peito aumenta a toda a velocidade. E depois não tenho outro remédio senão inspirar água.

17

James

Enquanto o Wren e a minha irmã se riem às gargalhadas quando o Cyril torna a vir à tona e nos salpica com água, olho para a Ruby, que se transformou numa mancha escura e imprecisa no fundo da piscina. Ao princípio estava a mexer-se loucamente, mas agora está imóvel.

Algo não está bem.

— Se ela soubesse que já conhecemos o truque de se fazer de morta, não faria este número — comenta o Wren, estendendo a mão para o Cyril, para o ajudar a sair da piscina.

A Ruby não vem à superfície. No meu interior, percebo que qualquer coisa não está bem. O meu coração começa a bater muito depressa e desato a correr.

— James, a sério que não acho que ela precise...

Já não oiço o resto da frase da Lydia, porque me atiro de cabeça para a água. Nado para junto da Ruby com grandes braçadas, rodeio-lhe o tronco com um braço e puxo-a para cima.

Não se mexe.

— Ruby — digo, ofegante, quando ambos vimos à tona. Abano-a. — Ruby!

De repente, começa a esbracejar. Tosse e tenta recuperar a respiração, enquanto a seguro com força contra mim, para não voltar a ir ao fundo. Está totalmente fora de si.

— Tira-me daqui! — pede-me num grito agudo. — Tenho de sair daqui!

Assinto e nado com ela até à beira da piscina. Depois, levanto-a pela cintura e sento-a no chão. Tosse muito e com força para deitar para fora a água que engoliu nestes breves minutos. Tomo impulso e sento-me ao lado dela na beira da piscina. Depois levanto-me e ajudo-a a fazer o mesmo. Baixa a cabeça, mas distingo no rosto dela as lágrimas que se misturam com as gotas de água. Quando já está de pé, cambaleia para o lado. Vejo

que tem o corpo todo a tremer violentamente e agacho-me um pouco para lhe pegar ao colo. Nem sequer protesta. Em vez disso, enterra o rosto no meu pescoço para que ninguém veja que está a chorar.

Com um ar furioso, viro-me para o Cyril, que já perdeu o sorriso.

— Cabrão de merda — digo-lhe em voz baixa.

Teria adorado gritar-lhe isto na cara, mas não quero assustar a Ruby. Viro-me, ainda com ela ao colo, e saio pela porta das traseiras da estufa.

O Percy demora um bocado a chegar, mas, em contrapartida, traz toalhas e roupa lavada. A Ruby evita o meu olhar quando a embrulho em várias toalhas e a seco. Ainda tem o corpo todo a tremer. Sem dizer palavra, o Percy estende-me outra toalha; desdobro-a e tapo a cabeça da Ruby, enquanto faço pressão para lhe secar o cabelo. Talvez esteja a exagerar, mas não vou parar de a esfregar até que deixe de tremer. Mesmo que demore a noite toda.

De repente, o corpo dela é sacudido por um soluço abafado. Fico gelado. É surpreendentemente doloroso ver alguém tão forte como ela a chorar e não sei o que fazer. Só posso secá-la, acariciar-lhe as costas descrevendo pequenos círculos com a mão e pedir ao Percy que me passe a *sweatshirt* de Maxton Hall, que também trouxe.

— Consegues desabotoar a camisa? — pergunto-lhe com prudência.

A Ruby não dá mostras de me ter ouvido. Como, de qualquer maneira, duvido que consiga fazê-lo com os dedos tão trémulos, enfio-lhe a *sweatshirt* pela cabeça sem hesitações. Puxo-a para baixo até lhe tapar a cintura e, com as mãos por dentro da *sweatshirt*, começo a desabotoar-lhe a camisa às cegas. Quando já está aberta, tiro-lha pelas costas e ajudo-a a enfiar os braços nas mangas da *sweatshirt*. Começo a puxar o capucho, mas ela levanta as mãos e segura-me os braços. Ainda tem os dedos gelados.

A seguir, inclina a cabeça para a frente, encosta-a ao meu peito e respira fundo. A respiração dela está tão trémula quanto o resto do corpo. É horrível vê-la assim.

— Foi tudo culpa minha — murmuro.

A Ruby levanta a cabeça do meu peito e olha para mim. Os olhos continuam húmidos, mas acho que está mais calma. Voltou a ser a Ruby. A

Ruby teimosa e lutadora, a quem ninguém dá lições. Descontraio-me e uma sensação simultaneamente leve e pesada espalha-se pelo meu tronco.

Afasto-me dela e desabotoo a minha camisa, para vestir a outra *sweatshirt* que o Percy trouxe.

— Anda. Vamos levar-te a casa — digo-lhe, abrindo a porta do *Rolls-Royce*.

Ela entra no carro e deslizo pelo banco, ficando ao lado dela. Quando o Percy arranca, apoio a cabeça no encosto. De repente, sinto o efeito do álcool e a minha cabeça começa a andar à roda mais depressa do que devia.

Ao meu lado, a Ruby mexe-se e olho para ela por uns segundos. Escondeu as mãos por baixo das mangas da minha *sweatshirt* azul. Sinto uma enorme vontade de me agarrar a ela. Afasto rapidamente os olhos.

— Tenho um medo horroroso de água — murmura a Ruby, quebrando o silêncio.

Tenho de me conter para não ficar a olhar para ela. Acho que se sente mais segura se eu continuar a olhar pela janela.

— Porquê?

Demora um momento a responder.

— O meu pai gosta de pescar. Levava-me sempre com ele no barco e passávamos fins de semana inteiros em vários lagos. Quando tinha oito anos, tivemos um acidente.

Ao meu lado, o corpo dela fica rígido e sinto que se some numa memória horrível. Começa a tremer novamente. Mas, desta vez, procuro a mão dela e ponho os dedos em volta do tecido que a cobre.

Parece pequena e frágil, e, no entanto, tenho a certeza de que a Ruby é tudo menos frágil.

— O que é que aconteceu?

— Um barco maior não nos viu e abalroou-nos. O nosso barco ficou completamente desfeito e o meu pai sofreu um impacto muito forte. O pescoço sofreu uma forte tensão e partiu uma vértebra. — Aperto-lhe a mão brevemente. — Desde então, ficou preso a uma cadeira de rodas. E eu tenho pânico de água — conclui apressadamente.

Acho que esta história tem muito mais que se lhe diga, mas não insisto. O

que ela me contou é suficiente para ter uma ideia do que deve ter sentido quando o Cyril a arrastou para dentro da piscina.

— Desculpa — digo-lhe, e, nesse momento, sinto-me completamente idiota. Acaba de partilhar comigo uma das experiências mais traumáticas da vida dela e a única coisa que me ocorre é um pedido de desculpas vago.

— Não faz mal. Tu não és como os teus amigos.

Tira a mão de dentro da *sweatshirt* e, cautelosamente, procura a minha. Entrelaço os nossos dedos e, hesitantemente, acaricio-lhe as costas da mão com o polegar.

— Não é verdade — murmuro, abanando negativamente a cabeça. — Sou exatamente igual a eles. Talvez até pior.

Ela faz um gesto de discórdia, de maneira quase impercetível.

— Neste momento, não és.

Ficamos em silêncio durante o resto do trajeto, enquanto eu vou dando voltas ao que acabou de me contar. A dado momento, a Ruby adormece com a cabeça encostada ao meu ombro. Não me larga a mão nem por um segundo e, pensativo, continuo a acariciar-lhe a pele, que agora, felizmente, já está a começar a ficar mais quente.

Passados vinte minutos, chegamos a casa da Ruby. Lá dentro ainda há luz e devia acordá-la. Mas ainda não tenho coragem para o fazer, não quando parece dormir tão tranquilamente.

— É uma rapariga encantadora, senhor Beaufort — soa de repente a voz do Percy no altifalante por cima da minha cabeça. Olho para a frente, apesar de a divisória estar subida. — Não estrague tudo.

— Não faço a mais pequena ideia do que estás a falar.

Mas não largo a mão da Ruby.

18

Ruby

Eu e a Ember passamos o sábado de pijama. Os nossos pais estão em casa de uns amigos e aproveitamos a oportunidade para tomarmos conta da cozinha e fazermos umas bolachas de chocolate. Estamos a certificar-nos de que a tigela da massa está realmente vazia, quando tocam à campainha. Apanhamos um susto e olhamos uma para a outra. Então, toco na ponta do nariz e digo, a toda a velocidade:

— Sorte a minha!

Quando se dá conta de que perdeu, a Ember solta um suspiro atormentado e corre para o corredor. Pouco depois, oiço uma voz enérgica que conheço muito bem.

— Olá, és a Ember? Sou a Lin. Onde é que está a tua irmã? Tenho de falar com ela urgentemente! — Num abrir e fechar de olhos, a Lin entra na cozinha e estende-me o telemóvel. — Não me digas que és tu!

Por momentos, só consigo ficar a olhar para ela. É a primeira vez que a Lin vem a minha casa. Até agora, embora já tivesse vindo buscar-me algumas vezes, esperava sempre na rua, dentro do carro. Na verdade, a presença dela devia pôr-me nervosa. Afinal, anda em Maxton Hall e, consequentemente, pertence a uma parte da minha vida que quero manter afastada da minha família a qualquer preço. No entanto, quanto mais a vejo na cozinha, mais evidente se torna que se trata do oposto. A discussão que tivemos recentemente demonstrou-me que não somos apenas amigas do colégio, mas que podemos ser muito mais. Talvez tenha chegado o momento de me atrever a abrir-me um pouco mais.

Propositadamente, levo outra vez a espátula à boca para não ter de lhe responder. Nada impressionada, a Lin aproxima-se mais uns passos, até ficar exatamente à minha frente e com o telemóvel debaixo do meu nariz, pelo que tenho de me inclinar para trás para conseguir ver o que quer que seja na imagem escura.

Na fotografia, vê-se o James de costas a levar ao colo uma pessoa que está muito abraçada a ele e que tem o rosto enterrado no seu pescoço. Não se consegue distinguir que essa pessoa sou eu, mas, apesar de tudo, coro. Pergunto a mim mesma quantas mais fotografias existirão desse momento. E se todos as terão visto.

— Ruby? — diz a Lin, e, de repente, o tom de voz dela é menos veemente. — O que é que aconteceu ontem?

— Estive na festa do Cyril — respondo-lhe. — Já te tinha contado.

— Sim, contaste. Mas o que quero saber é o que é que aconteceu aqui.

— O que é que aconteceu onde? — pergunta a Ember, tirando o telemóvel da mão da Lin. Ao ver a fotografia, fica boquiaberta. — Esta és mesmo tu?

— Sim — admito, engolindo em seco.

Este dia com a Ember tinha de servir para me distrair. Não queria pensar na noite passada e em tudo o que aconteceu e que não me saía da cabeça. O que sucedeu ontem foi... nem eu mesma sei o que aconteceu. Não sei gerir a situação e não sei explicá-la por palavras.

— Conta-me imediatamente o que aconteceu ontem — exige a minha irmã, naquele tom de «não vou tolerar uma recusa», que, claramente, herdou da minha mãe.

Inclino-me para o forno para ver as bolachas. Infelizmente, ainda não estão prontas, e não consigo livrar-me dos olhares inquisitivos da Lin e da Ember. Dou um pequeno suspiro, ponho a espátula dentro da tigela e aponto para a sala de jantar. Depois de nos sentarmos, começo a contar-lhes o que aconteceu.

Quando termino, ficam as duas a olhar para mim com expressões completamente diferentes. A da Lin é sobretudo de ceticismo. A Ember, pelo contrário, apoiou o queixo na mão e lança-me um sorriso sonhador.

— Esse Beaufort parece realmente simpático — diz, suspirando.

— Não é! — objeta a Lin, incrédula. — O tipo de quem acabas de falar não pode ter sido, de maneira nenhuma, o James Beaufort.

Encolho os ombros. *A posteriori,* também me parece inconcebível que ele me tenha protegido diante dos amigos, mas... foi o que fez. E mais do que isso. Cuidou de mim. Vestiu-me e portou-se como um verdadeiro

cavalheiro. Deu-me a mão enquanto eu lhe contava o que aconteceu ao meu pai.

Depois da noite passada, a minha relação com o James mudou. É essa a sensação que tenho. Quando penso no olhar dele e na maneira como os seus dedos acariciavam a minha pele, sinto um formigueiro percorrer-me o corpo todo. Lembro-me do calor que me sacudiu brevemente o corpo e de o James ter pensado que eu estava a tremer de frio, mas era precisamente o contrário. Lembro-me da maneira como me tocou, como se eu fosse um cristal delicado e frágil.

— Era precisamente a isto que eu me estava a referir quando te disse que tivesses cuidado — diz-me a Lin, abanando a cabeça e devolvendo-me novamente ao presente.

— Eu sei — murmuro. E gostava de conseguir esquecer o que senti quando fiquei submersa na piscina.

— Não posso acreditar que o Cyril tenha feito uma coisa destas — continua ela. — Quando o vir, vou torcer-lhe o pescoço.

Está tão consternada e dececionada que pergunto a mim mesma, pela enésima vez, se para ela o Cyril não será mais do que um simples colega de colégio. Se haverá uma história entre os dois e, se assim for, o que terá realmente acontecido. Até agora, sempre que começámos a falar da sua vida amorosa, a Lin fechou-se em copas. Talvez este seja o momento oportuno para tentar falar nisso outra vez, no fim de contas, acabei de me abrir com ela.

Mas a Ember interrompe os meus pensamentos, dizendo:

— Foi uma sorte o James estar lá. — Os olhos dela parecem estar prestes a transformar-se nuns coraçõezinhos vermelhos. — Não posso acreditar que realmente te tenha tirado da festa. Ao colo!

Eu também não. Sobretudo quando penso em quão frio e arrogante era comigo, ao princípio. A verdade é que não consigo conciliar esta versão dele com a do James de ontem, que me embrulhou num monte de toalhas e me acariciou as costas até eu parar de tremer. Esse James que semeia o caos na minha mente e que esta noite invadiu os meus sonhos, com as mãos quentes pousadas na minha pele nua.

Isto não é bom. Não é bom. Não é bom.

— Se não tivesse a fotografia como prova, não acreditaria — diz-me a Lin, olhando novamente para a imagem. — Como é que um tipo que está sempre a arranjar sarilhos pode, de repente, portar-se como um cavaleiro andante?

— Ao que parece, deu-se conta de que o Cyril passou dos limites com a Ruby e, por isso, interveio. Isso mostra que é bem-formado — sentencia a Ember. Olha para mim e, de repente, qualquer coisa muda no rosto dela. — Oh, oh.

— O que foi? — pergunta a Lin, levantando a cabeça. Quando pousa os olhos em mim, exclama: — Ruby!

É evidente que o meu caos sentimental está espelhado no meu rosto.

— Eu também não sei o que se passa, está bem? — digo-lhes. — No fundo, não o suporto, mas... — Não termino a frase e encolho os ombros, sentindo-me impotente.

Por momentos, parece-me que a Ember vai dizer qualquer coisa, mas depois levanta-se e diz:

— Vamos ver as bolachas.

Encaminhamo-nos as três para cozinha, onde há um aroma delicioso no ar. Enquanto eu e a Ember tiramos as bolachas do forno, a Lin coloca-as simetricamente em cima de um tabuleiro. Quando vamos para a sala de estar, de repente crava-me o cotovelo nas costelas.

— Não há mal nenhum em nos sentirmos atraídas por alguém que, na verdade, achamos que é um tolo.

Gostava tanto de lhe poder perguntar se fala por experiência própria. Mas, no que se refere à sua vida amorosa, a Lin é tão discreta que não me atrevo a perguntar-lhe nada.

— Achas?

Ela assente. Automaticamente, os meus pensamentos tornam a dirigir-se para o James. Sinto um formigueiro na mão, precisamente onde ele me acariciou; quando me lembro de como se despiu à minha frente, sinto uma sensação de calor na barriga.

— Mas ainda não consigo acreditar. Logo tinha de ser o Beaufort. O

maldito rei do colégio — murmura a Lin, deixando-se cair no sofá.

— Eu também não sei como é que isto pôde acontecer — respondo-lhe, enquanto pego numa bolacha; ainda está demasiado quente, mas dou uma dentada enorme para não ter de falar mais.

— Se é verdade que tratou tão bem de ti, parece-me ser boa pessoa — intervém a Ember, comendo também uma bolacha e cruzando as pernas em cima da mesinha baixa. — O que é que vais fazer agora? Voltaram a falar desde ontem?

Abano negativamente a cabeça.

— Na verdade, só queria passar um dia agradável com a minha irmã.

A Ember levanta-se de repente, como se tivesse molas no corpo.

— Tens de lhe ligar.

Abanando a cabeça, viro os olhos para a Lin e depois novamente para a minha irmã.

— Meninas, não se passa nada. Somos apenas... amigos.

Parece-me estranho qualificar o James de «amigo», mas, nesse momento, não me ocorre nada melhor.

— É evidente. Manda-lhe uma mensagem — incentiva-me agora também a Lin, e, entre suspiros, tiro o telemóvel do bolso das calças.

Fico uns segundos a pensar no que lhe vou escrever e depois decido-me pelo óbvio.

Obrigada. R. J. B.

— O que é que escreveste? — pergunta-me a Ember.

— Limitei-me a agradecer-lhe.

A Lin franze o nariz e pega numa bolacha. Divide-a em quatro pedaços e come um. Não é frequente a Lin permitir-se comer uma coisa doce. É muito rígida no que toca à alimentação e pode dizer-se que se proíbe de comer tudo o que seja delicioso. Acho que é uma pena, mas, até agora, nunca consegui convencê-la de que a vida com chocolate é muito mais divertida.

O meu telemóvel começa a vibrar. Tenho de fazer um enorme esforço por não me atirar a ele. Seria terrível que a Lin e a Ember me vissem assim tão ansiosa. Por sorte, nenhuma delas consegue ouvir o bater do meu coração,

quando desbloqueio o ecrã e leio a mensagem.

Nunca me disseste o que significa o «J». J. M. B.

Respondo-lhe imediatamente:

Adivinha. R. J. B.

James. J. M. B.

É uma resposta bastante egocêntrica, não achas? R. J. B.

Jenna. J. M. B.

Não. R. J. B.

Jemima. J. M. B.

Estou bastante impressionada… adivinhaste em apenas três tentativas. R. J. B.

Depois, durante algum tempo, não diz mais nada. Fico a olhar para o ecrã escuro, consciente de que a Ember e a Lin me observam, expectantes. Mas nem eu própria sei o que espero, até que o telemóvel tornar a vibrar ao fim de alguns minutos.

Estás melhor?

Nada de iniciais. Nada de brincadeiras. Subitamente, fico com a garganta seca. Não quero lembrar-me do que aconteceu ontem, não quero pensar na água nem no facto de ter feito uma figura ridícula diante de grande parte dos meus colegas, porque estava totalmente histérica. Sobretudo, não quero pensar em segunda-feira e no que, provavelmente, me vai cair em cima.

Tenho medo de segunda-feira.
Há fotografias nossas.

A Lin e a Ember começam a falar sobre qualquer coisa que não tem nada que ver com o James ou com a festa de ontem e, ao mesmo tempo, a Ember liga o televisor. Tira um DVD do armário e põe-no no leitor. Fico-lhes grata por respeitarem a minha privacidade, sobretudo quando leio a seguinte mensagem do James.

Não te preocupes.

Na fotografia só se vê as

minhas costas molhadas.

Sustenho a respiração. Devo interpretar a mensagem literalmente ou isto é uma forma indireta de namoriscar? Não faço a mais pequena ideia. Só sei que quero uma relação de igual para igual com ele.

Pelo menos, nesse sentido, posso estar contente com a fotografia.

Tenho de esperar um bom bocado até que a resposta chegue. Tanto que até me arrependo das palavras que escrevi. Já estamos a meio do filme quando o meu telemóvel torna a vibrar.

Ruby Bell, será que
estás a namoriscar comigo?

Os meus lábios formam um sorriso. Escondo-o com a gola da camisa do pijama. Depois, pouso o telemóvel e faço um enorme esforço para me concentrar no filme.

19

Ruby

Na segunda-feira, quando saio do autocarro, o James está encostado à rede do campo de jogos e cumprimenta-me com um sorriso irónico.

Depois do que aconteceu há uma semana, na presença dos pais dele, nunca teria acreditado que chegaria o momento em que ficasse contente por o ver vir esperar-me de manhã.

— Olá — digo-lhe, um pouco ofegante, quando paro à sua frente.

No rosto dele, o sorriso aumenta. Pelos vistos, também fica contente por me ver.

— Olá!

Passa os olhos pelo meu rosto e torno a sentir aquela sensação estranha na barriga. Pergunto a mim mesma se voltaria a sentir um formigueiro na pele se ele me tocasse como me tocou na sexta-feira. Empurro esse pensamento para o canto mais afastado da minha cabeça.

— Hoje vais ser a minha escolta?

O sorriso dele não vacila nem um milímetro.

— Pensei que podíamos ir juntos à assembleia e, desse modo, livrarmo-nos das perguntas dos outros.

Depois faz-me sinal com o queixo na direção do colégio e põe-se a caminho. Enfio os polegares nas alças da mochila e vou atrás dele.

— Como... como foi o resto do fim de semana? — pergunto-lhe num tom hesitante.

— Ontem tive um almoço de família. — Não diz mais nada. Olho para ele de soslaio, inquisitiva. Dá-se conta disso e o sorriso começa a desaparecer-lhe lentamente do rosto. — A minha tia Ophelia veio ver-nos. Ela e o meu pai não se dão lá muito bem.

O facto de me contar uma coisa tão privada deixa-me sem fala durante uns minutos. Não estava à espera disto, sobretudo depois de me ter dito que ele e a irmã tinham sido traídos por algumas pessoas em quem confiaram.

Por outro lado, na sexta-feira também lhe contei uma coisa muito pessoal. O James deve ter percebido o quanto me custou fazê-lo. E, se calhar, agora sente o mesmo que eu. Talvez sinta que algo mudou e não queira que voltemos a portar-nos de maneira forçada, como fazíamos antes.

No meu interior, começo a sentir esperança. Embora não faça a mínima ideia de como chamar ao que surgiu entre mim e o James... Amizade? Mais? Menos? O certo é que gostava de esclarecer essa dúvida, a pouco e pouco.

— Discutiram?

Enfia as mãos nos bolsos das calças.

— Os nossos encontros familiares nunca decorrem de forma pacífica. Na verdade, as empresas Beaufort pertencem à minha mãe e à irmã dela. Mas, desde que meus pais se casaram, o meu pai começou a tratar de muitas coisas e também fez muitas mudanças na empresa, que incomodaram algumas pessoas, sobretudo a Ophelia — explica-me.

— Ela também trabalha na empresa? — pergunto-lhe com curiosidade.

O James assente, dando um grunhido.

— Sim, mas não tem qualquer direito de intervenção no que respeita à empresa principal. É cinco anos mais nova do que minha mãe e sempre a deixaram um pouco à margem. Ocupa-se sobretudo das subsidiárias ou das empresas em que os meus pais têm ações.

Pergunto a mim mesma o que é que a Ember pensaria, se os nossos pais nos deixassem uma empresa de herança, na qual ela não tivesse direito de intervenção só porque é a mais jovem das duas. Não é de espantar que haja mau ambiente nas reuniões familiares dos Beauforts.

— Ultimamente, a Ophelia não concordou com uma série de decisões e, consequentemente, o ambiente esteve bastante carregado. Mas... não faz mal. Já tive serões familiares piores do que este — diz, encolhendo os ombros, enquanto viramos à esquerda, pelo caminho que conduz a Boyd Hall.

Somos ultrapassados por uma rapariga que é da minha turma de História. Quando nos vê juntos, fica com os olhos muito abertos. Agarro as alças da mochila com mais força e engulo em seco. Apesar de tudo, levanto o queixo

e olho para ela com um ar desafiante, até que nos vira costas e segue caminho apressadamente.

— Ei, não precisas de ser tão agressiva — diz-me o James, dando-me um pequeno empurrão com o ombro.

— Então, o que é que queres que faça? Se ela olha para mim, eu também olho para ela.

O James põe-se à minha frente, impedindo-me de continuar a avançar.

— Estás a dar-lhe demasiada importância, devia ser-te indiferente. Deixa-os dizer o que quiserem sobre ti.

— Mas não me é indiferente.

— E então? Eles não têm de saber isso. Só tens de dar a entender que nada te afeta. E, depois, vais ver que te deixam em paz.

De repente, a expressão do rosto dele muda: agora tem os olhos semicerrados, o sobrolho descontraído e os cantos dos lábios ligeiramente levantados. É a sua expressão de «estou-me nas tintas para tudo e todos». Tem um ar tão arrogante que até me apetece bater-lhe.

— Tens ar de quem merece uma boa sova.

— Tenho ar de estar desejoso que me deem uma boa sova. É essa a diferença — responde-me, e estica o queixo na minha direção. — Agora é a tua vez.

Tento imitar a expressão do rosto dele. Vejo que os cantos dos lábios dele estremecem e percebo que não devo estar a sair-me lá muito bem.

— *OK*. Para começar, talvez baste não olhares para toda a gente como se desejasses que fossem atingidos por um raio.

Continuamos a andar e tento levar a sério o conselho que me deu. No entanto, à medida que nos aproximamos do colégio, a minha ansiedade começa a aumentar.

Um pouco antes de chegarmos à entrada de Boyd Hall, o James põe-me a mão na nuca e faz-me uma carícia. Só por um segundo. É provável que seja apenas para me animar, mas, de repente, fico nervosa por outro motivo totalmente diferente. Não sei como é que o James faz isto, mas basta um toque diminuto dele para que todo o meu mundo se destabilize. Esta sensação é nova para mim, é diferente e estranha. Mas, de certa maneira,

também é bonita.

— Beaufort! — soa uma voz atrás de nós.

Estremeço. Uma série de alunos passa por nós a caminho da assembleia e desvia-se quando tornamos a parar. O James dá meia-volta e faço o mesmo, embora de má vontade.

O Wren e o Alistair sobem as escadas e param à nossa frente.

— Olá, Ruby. — O Wren coça a nuca, quase envergonhado. — Desculpa o que aconteceu na sexta-feira.

Não tenho a certeza se me está a pedir desculpa só pelo que aconteceu na piscina ou se também pela maneira como me atacou no início da festa. Mas, se lhe perguntasse, o James ficaria a saber o que aconteceu entre mim e o Wren. De certeza que o facto de ele me pedir desculpa é obra do James, mas, mesmo assim, fico contente que o faça. Portanto, limito-me a anuir e digo-lhe:

— *OK*. Não foste tu que me atiraste para a piscina.

O Wren esboça um sorriso surpreendido, como se estivesse à espera de uma reação totalmente diferente.

Como se tivessem vontade própria, os meus olhos dirigem-se para o Alistair, que me observa em silêncio. Basta-me ver de relance o rosto dele para perceber que sabe. Sabe que fui eu que os apanhei na biblioteca, a ele e ao Kesh. Esboço um sorriso prudente, mas o Alistair não sorri de volta. Os lábios dele são duas finas linhas exangues.

— Vamos entrar? — pergunta o James, olhando para o grupo. Anuímos e subimos os últimos degraus.

Quando entramos em Boyd Hall, a assembleia acaba de começar e sentamo-nos discretamente na última fila. Apesar disso, sinto os olhares dos meus colegas pousados em mim, enquanto corre a notícia de que estou sentada ao lado do James Beaufort. Uma após outra, as cabeças vão-se virando para nós, enquanto o diretor Lexington sobe ao palco e elogia a equipa de lacrosse pelo extraordinário resultado de sexta-feira.

Atrevo-me a olhar para o James, mas o rosto dele não mostra a mínima emoção, nada que possa indicar que a situação e o murmúrio que nos rodeia lhe desagradam. Portanto, engulo em seco, cerro os lábios e faço o mesmo

que ele.

Depois da reunião, o James e o Wren têm Matemática, enquanto eu e o Alistair vamos para a aula de Arte, na ala este. Antes de nos despedirmos, o James sussurra-me:

— Pensa na sova.

Apesar de as palavras dele serem totalmente inocentes, sinto calor nas maçãs do rosto. Ignoro-o e vou atrás do Alistair, que já começou a andar. O ambiente entre nós continua tenso e tenho a sensação de que devo dizer-lhe alguma coisa. Mas, por muito boa vontade que tenha, não sei o que dizer e, portanto, não abro a boca.

O Alistair toma a decisão por mim, parando antes de chegar à sala de Arte. Puxa-me para o lado e olha para mim com um ar sério.

— O que viste na sexta-feira à noite — começa a dizer a meia-voz. Depois dirige o olhar para um par de alunos que acaba de virar a esquina. Cumprimenta-os com sorriso falso e espera que passem e entrem na sala. A seguir, vira-se novamente para mim. — Não podes contar a ninguém, a absolutamente ninguém.

— Claro que não vou contar — respondo-lhe, num tom igualmente baixo.

— Não, Ruby, não estás a perceber. Tens de me prometer. Jura-me que não vais contar a ninguém — murmura o Alistair, insistentemente.

— Porque é que achas que vou contar a alguém? — respondo-lhe.

— Eu... é só... — Tem de fazer outra pausa porque há um colega que passa e que o cumprimenta. — O Keshav não quer que ninguém saiba. — Vejo no seu olhar que lhe é muito difícil pronunciar estas palavras. De repente, deixa de ser o betinho arrogante e rico que dá porrada a todos no campo de lacrosse. Agora, parece extremamente jovem. E vulnerável.

Não me surpreende minimamente. De certeza que não gosta de estar com alguém que esconde a relação, como se fosse um segredo sujo.

— Não vou contar a ninguém, Alistair. Prometo.

Assente e, por instantes, vejo nitidamente um laivo de alívio no seu rosto. Depois, muda de expressão e olha para mim com um ar desafiante.

— Se vier a saber que contaste a alguém, faço-te a vida num inferno.

E, dizendo aquilo, entra na sala sem sequer se dignar a olhar novamente

para mim.

Consigo aguentar o resto do dia melhor do que esperava. Há algumas pessoas que me lançam olhares estranhos e que coscuvilham nas minhas costas, mas ninguém se atreve a falar comigo ou a mencionar o que aconteceu na sexta-feira. É possível que a escolta do James, de manhã, tenha surtido efeito.

No intervalo do meio-dia, almoço com a Lin, como sempre. Pelo menos, tudo se passa como habitualmente, até que alguém se aproxima da nossa mesa.

— Este lugar está livre? — pergunta-nos a Lydia Beaufort.

Eu e a Lin viramos a cabeça e ficamos a olhar para ela. Aponta com o tabuleiro para a cadeira ao lado da Lin.

— Sim? — respondo-lhe, embora soe mais como uma pergunta.

Sem hesitar, a Lydia senta-se à minha frente, põe o guardanapo no colo e começa a comer o prato de massa. A Lin lança-me um olhar inquisitivo, mas limito-me a encolher os ombros, sem saber o que dizer. Não faço a mais pequena ideia de porque é que a Lydia aqui está. Será que o James lhe cedeu o papel de escolta? Ou terá decidido pôr em prática o que me disse na sexta-feira e não me perder de vista?

Olho para o James, que está sentado com os amigos na outra ponta do refeitório. Talvez me engane, mas o ambiente entre eles parece menos descontraído do que é hábito. Tenho a sensação de que o James e o Alistair estão a ter uma discussão acalorada, enquanto o Keshav olha para o telemóvel e o Wren tem os olhos postos num livro. Não vejo o Cyril em lado nenhum.

— Ele não sabe que me vim sentar ao pé de vocês — diz a Lydia subitamente. Limpa delicadamente a boca com a guardanapo e bebe um gole da garrafa de água. — Estou aqui porque queria pedir-te desculpa pelo que aconteceu na sexta-feira.

— Mas tu não fizeste nada — respondo-lhe, perplexa.

— Eu e os meus amigos fizemos asneira — diz-me ela, abanando negativamente a cabeça.

— E foi por isso que vieste comer connosco? — pergunta-lhe a Lin,

incrédula.

A Lydia faz um gesto de indiferença.

— Vi aqueles abutres. Se estiver aqui sentada, não se atreverão a aproximar-se.

Faz um gesto de cabeça para um grupo de alunos que olha na nossa direção. Quando se apercebem de que me virei, desviam o olhar e juntam as cabeças, começando a cochichar.

— E, além disso, queria perguntar-te como estás — diz-me a Lydia.

Não consigo esconder a surpresa. Quando penso na nossa última conversa, só me lembro do seu olhar receoso. Não me deu a impressão de se interessar pelo meu bem-estar e, inevitavelmente, pergunto a mim mesma se a minha queda na piscina será a única razão de ela estar sentada na nossa mesa. Apesar disso, decido responder-lhe com franqueza:

— Quem me dera que o que aconteceu na sexta-feira não tivesse acontecido. Mas estou bem.

— Às vezes, o Cy não sabe que já chegou ao limite. — Encolhe os ombros. — Mas conheço-o desde pequena — continua. — Juro que ele pensou que era divertido.

— O que ele fez foi exatamente o contrário de divertido — intervém a Lin, e olha para a Lydia com um ar surpreendido quando ela concorda.

— Esteve muito mal. E eu disse-lhe isso mesmo.

Perplexa, levanto os olhos da sopa.

— A sério?

— Sim. Claro.

Por momentos, não sei o que dizer. Mas, depois, decido agradecer-lhe.

— Foi muito simpático da tua parte. Obrigada.

A Lydia esboça um sorriso e vira-se novamente para o prato de massa.

Olho para a Lin no preciso momento em que ela olha para mim. Encolho discretamente os ombros outra vez e depois concentramo-nos as duas na nossa comida.

Passado um bocado, a Lin começa a contar como lhe correu a manhã, que começou com o carro a não pegar. Ao princípio, parece-me estranho estar a conversar descontraidamente enquanto a Lydia está sentada ao nosso lado,

mas ela participa na nossa conversa como se fosse a coisa mais natural do mundo; no fim, deixo de perguntar a mim mesma quais serão as suas segundas intenções. Se calhar, é mesmo verdade que só queria ser simpática e pedir-me desculpa. Não seria a primeira da sua família a surpreender-me.

Quando acabamos de comer, ponho a mochila no colo e tiro uma pequena lata que pouso no meio da mesa.

— Ainda sobraram bolachas do fim de semana — anuncio, abrindo a tampa. — Querem uma para sobremesa?

Os olhos da Lydia iluminam-se.

— Foste tu que as fizeste?

— Com a Lin e com a minha irmã — respondo-lhe. — No sábado, de pijama.

— Parece excelente — diz, pegando numa bolacha. — Muito melhor do que o meu sábado. — E a saboreia-a. — Oh, que delícia, é maravilhosa.

— Obrigada. — Sorrio. — O James contou-me que tiveram a visita de um familiar.

— Sim, é sempre uma situação... especial. Para ser sincera, também teria preferido passar o dia de pijama.

Não consigo imaginar alguém como a Lydia de pijama e, quando tento fazê-lo, deixo escapar uma gargalhada.

*

Depois do almoço, eu e a Lin vamos para a sala de grupos para prepararmos a reunião. Enquanto escrevo a ordem do dia no quadro, ela distribui os folhetos que acabámos de imprimir na secretaria. Depois esperamos pelos outros, que vão entrando em sequência. Com sempre, o James senta-se ao pé da janela. Pousa o bloco de notas preto em cima da mesa e cruza os braços. Ao ver esta imagem já habitual, sinto uma pontada no peito, porque me dá a entender que é indiferente que eu e o James nos dêmos bem ou mal. Ele não está aqui por vontade própria. Pelo contrário, o facto de estar aqui implica que não pode ir ao treino de lacrosse, e é um castigo que detesta.

— Ruby? — Não me tinha dado conta de que o Kieran estava ao meu

lado.

— Humm? — murmuro, olhando para ele.

O Kieran é só um bocadinho mais alto do que eu; o cabelo preto e liso cai-lhe na cara e ele afasta-o com um movimento da cabeça.

— Queria saber se tens algum tempo livre depois da reunião. Encontrei muitas orquestras e queria falar contigo antes de selecionar as três finais.

— Espera um momento — murmuro, pegando na agenda. Só tenho planeado Organizar o aniversário com a mamã e o papá. Nada mais. — Sim, tenho.

— Ótimo — diz, sorrindo de alívio.

Volta para a sua carteira, na diagonal em relação à de James. Os meus olhos e os do James cruzam-se e um sorriso gozão aparece nos lábios dele, enquanto nos observa, a mim e ao Kieran.

— Que foi? — articulo com os lábios.

O James pega no telemóvel. Pouco depois, o meu ilumina-se em cima da mesa.

Ele gosta de ti.

Reviro os olhos e não lhe ligo.

— Muito bem, meninos. Vamos começar. — A Lin dá início à reunião e, pouco depois, faz um sinal de mão para a Jessalyn, que está sentada à sua direita.

— Recebi várias propostas para a decoração. Um dos contactos apresentou uma verdadeiramente boa. — A Jessa passa as folhas impressas ao grupo. — Obrigada novamente pelo conselho, Beaufort.

Olho para o James com uma expressão surpreendida, e vejo-o inclinar a cabeça para a Jessa. Com a quantidade de vezes que dirige o olhar para a janela e desta para o campo de jogos, nunca teria imaginado que se envolvesse num assunto sem que lho pedissem. E, menos ainda, sem que eu tivesse conhecimento disso.

— Fiz alguns esboços para o convite — anuncia o Doug quando chega a vez dele, passando uma *pen* à Lin. Ela põe a *pen* no portátil e abre a apresentação. — A primeira sugestão tem um *design* clássico e é bastante parecida com a do ano passado — explica-nos o Doug.

Observo as letras douradas cheias de arabescos, sobre um fundo preto, mas, antes que consiga dar a minha opinião, a Camille adianta-se e diz:

— Pensava que queríamos demarcar-nos da festa do último ano.

Ouve-se um murmúrio de aprovação.

— Bem, passemos à segunda sugestão — continua o Doug, fazendo um gesto para a Lin, que torna a clicar na apresentação.

O segundo convite tem as cores berrantes típicas do Halloween.

— Não tem a elegância que associo a uma festa vitoriana — comenta o Kieran, num tom de dúvida.

— Concordo contigo — respondo-lhe, fazendo um aceno de cabeça.

Seguindo as indicações do Doug, a Lin clica na proposta seguinte. Um murmúrio de aprovação espalha-se pela sala e sento-me com as costas muito direitas. Depois, inclino-me para o ecrã e olho para o convite semicerrando os olhos. O papel em que está escrito imita o papel antigo. O evento é anunciado numa letra cheia de floreados e, apesar disso, legível; e mesmo por baixo... apareço eu. Com o James, que se inclina e me segura suavemente na mão, como se me convidasse para dançar.

É uma das fotografias que tirámos no sábado em que fomos a Londres. Não posso acreditar que o James a tenha enviado ao Doug sem me dizer nada. Levanto os olhos do ecrã do portátil e olho para o James. Responde-me com um brilho nos olhos.

— Este convite é fantástico — diz a Jessa passado um bocado. Todos concordam. — O vestido é, simplesmente, um sonho. Por acaso não tens um a mais? — pergunta a Jessa ao James.

Ele abana negativamente a cabeça.

— Já posso dar-me por satisfeito por me terem emprestado estes dois trajes.

— O convite é maravilhoso, Doug. — A Lin vira-se para o ecrã, para ver a imagem em formato grande. Depois levanta-se e recua uns passos. — Mas acho que o texto podia ser um pouco mais moderno. Talvez pudesses usar outro tipo de letra?

— Concordo com a Lin — digo, tentando esconder a insegurança que sinto em relação à fotografia. Se todos concordarmos que o convite vai ser

este, o meu rosto ficará espalhado por todo o colégio e por toda a cidade de Pemwick! Não sei se estou preparada para chamar a atenção desta maneira. Infelizmente, não há discussão possível, a equipa está contentíssima e já estão a falar de contactar a mesma tipografia que usámos da última vez.

Torno a olhar para a fotografia. Para o James com o seu fato vitoriano, para a minha mão na dele. Quando penso no que senti ao estar tão perto dele, e em quão vibrante esse momento foi para nós, sou invadida por uma sensação de calor. Durante o resto da reunião, não me atrevo a olhar para o James nem mais uma vez.

Depois de terminarmos, a Jessa, a Camille e o Doug despedem-se. Enquanto o Kieran vem ter comigo para ouvirmos as orquestras no portátil da Lin, vejo pelo canto do olho que ela se aproxima do James. Senta-se ao lado dele e começam a conversar. Franzo o sobrolho quando o vejo anuir e tomar apontamentos no caderno. Só depois é que me dou conta de que o Kieran está a falar comigo.

— Desculpa, o que é que disseste? — pergunto-lhe.

— Que acho que esta festa é a melhor que alguma vez se fez em Maxton Hall — repete, sorrindo.

— Era fantástico que assim fosse. Andamos a planeá-la há tanto tempo... estou desejosa de que chegue o dia.

— Eu também. Nessa noite, tens de me conceder uma dança.

O Kieran continua a sorrir, olhando para mim por entre as pestanas pretas. Engulo em seco.

Ele gosta de ti.

Há meses que a Lin me diz a mesma coisa. Será que tem razão? Até agora, para mim, o Kieran era apenas um ambicioso vampirinho do ano anterior ao nosso. Pensava que era simpático comigo porque esperava que o propusesse para chefe da equipa no próximo ano. Nunca me teria passado pela cabeça que pudesse gostar de mim.

Subitamente, apercebo-me de que o Kieran está sentado muito próximo de mim e que os nossos joelhos quase se tocam por baixo da mesa. Afasto-me um pouco para o lado, mas depois paro. É uma situação totalmente inocente. Porque será que deixo que as palavras do James me confundam

tanto?

Lanço-lhe um olhar furioso, precisamente no momento em que ele olha para mim. Contrariamente ao meu, o olhar do James não é fugaz, mas realmente aberto. Adoraria deitar-lhe a língua de fora. Mas, como acho que não seria uma ação muito madura, olho para o Kieran com um sorriso resplandecente e anuo.

— Claro que sim. Mas, antes disso, tenho de aprender bem os passos.

— Eu ensino-te, quando fizermos o ensaio — responde-me o Kieran, e juraria que vejo um ligeiro rubor no rosto dele. *Céus*!

— Está bem. Combinado — digo, num tom um pouco mais alto do que queria. Pigarreio. — Vamos então ouvir a música?

Pomos os auscultadores e ouvimos as peças das orquestras que o Kieran selecionou. Depois, vemos as classificações que têm na Internet e fazemos a seleção.

— Eu proporia estas três aos outros. O melhor é reunires algumas e na quarta ou na sexta decidimos qual é a melhor — digo-lhe por fim.

O Kieran anui.

— Combinado.

— Ótimo — digo-lhe, sorrindo enquanto tiro os auscultadores. Abro a agenda e pego no marcador cor-de-rosa para anotar as tarefas que discutimos hoje.

— Fazes dezoito anos no sábado? — pergunta-me o Kieran, perplexo.

Fecho a agenda imediatamente. Tento que não se note, mas incomoda-me que o Kieran tenha visto o interior da agenda. É mais ou menos como se fosse o meu diário e não se destina, absolutamente, aos olhos de estranhos.

— Sim — respondo-lhe, depois de uma breve pausa.

— E o que é que vais fazer para comemorar?

A Lin escolhe esse momento para deixar o James e se juntar à nossa conversa.

— Vamos fazer... — Cala-se quando lhe lanço um olhar de advertência. Em Maxton Hall, ninguém tem nada que saber o que vou ou não fazer no meu aniversário. É a minha vida privada e não quero que ninguém saiba nada dela. — Nada de especial — termina, cerrando os lábios com força.

— Não nos tinhas dito que vais ser adulta não tarda nada — intromete-se o James. Levanta os braços por cima da cabeça e espreguiça-se. — Porque é que eu não fui convidado?

— Porque não sabes comportar-te — respondo-lhe.

— Vou mostrar-te quão bem sei comportar-me — diz-me, num tom que indica precisamente o contrário.

De repente, lembro-me novamente da festa. Não da piscina e de tudo o que aconteceu depois, mas daquele momento na pista de dança, quando tropecei e fique encostada ao James, sentindo o tronco dele contra o meu. Nesse momento, olhou para mim exatamente com este mesmo brilho insolente nos olhos, que me provoca cócegas na barriga. Antes de lhe responder, tenho de me controlar e de me lembrar de onde estamos:

— Tu não estás convidado, James.

— Está bem. — Uma vez mais, parece dizer «isso é o que veremos» e não «está bem».

O Kieran levanta-se e põe a carteira ao ombro.

— Falamos depois, está bem?

Anuo e ele sai da sala, fazendo um gesto com a mão que fica entre um adeus e um *high five*. Depois guardo a agenda na mochila e fecho o portátil da Lin. Ponho-o dentro da capa e levanto-me.

— Ainda ficam aqui mais um bocado ou posso trancar a porta?

O James e a Lin abanam negativamente a cabeça.

— Nós também já acabámos.

Enquanto ambos guardam as coisas, observo-os um pouco receosa. Quero saber de que é que estiveram a falar. Espero que a Lin não lhe tenha dito nada em relação aos meus planos para o aniversário. Apesar de, na sexta-feira, eu ter contado ao James uma parte importante da minha vida, há coisas que ele não tem por que saber. E o facto de eu querer passar a tarde do meu décimo oitavo aniversário a divertir-me com a minha família e a Lin é uma delas.

— O Rutherford está doido por ti — diz-me o James, depois de sairmos da biblioteca.

— Que disparate! — respondo-lhe, abanando a cabeça.

— Acho que ele tem uma surpresa reservada para ti — diz-me a Lin, concordando desnecessariamente com o James. Lanço-lhe um olhar assassino. — O que foi? Há anos que te digo isso. Senão, porque é que adivinha todos os teus desejos e é tão incrivelmente simpático? É muito, mas mesmo muito óbvio que gosta de ti.

— É óbvio?! Não é nada óbvio. É simpático comigo porque sou a chefe da equipa. Tem de ser simpático comigo.

A Lin lança-me um sorriso e dá-me uma palmadinha no braço.

— Está bem, eu corrijo o que disse. É óbvio para toda a gente menos para ti.

O James ri-se baixinho e fulmino-o com o olhar. Gostava de saber o que é que aconteceu para que, de repente, ele e a Lin se entendam tão bem. Não me lembro de, antes de hoje, concordarem no que quer que fosse e menos ainda de trocarem estes olhares divertidos por cima da minha cabeça. Não tenho a certeza que me agrade que a situação tenha evoluído desta maneira.

Quase me sinto aliviada quando, pouco depois, a Lin se despede de mim com um abraço e se encaminha para o parque de estacionamento. O James insiste em acompanhar-me à paragem do autocarro.

— Estás a dar esperanças ao pobre rapaz — diz-me de repente.

— O que é que se passa, James? Estás com ciúmes?

Assim de repente, é a única resposta que me ocorre. No entanto, quando não me responde e olho para ele de soslaio, vejo que enfiou as mãos nos bolsos das calças e que está de sobrolho franzido.

— Se alguém te vai ensinar a dançar — diz-me depois de uma breve pausa —, esse alguém sou eu.

— Não podes estar a falar a sério — respondo, sem lhe dar crédito. — Estás mesmo com ciúmes do Kieran?

— Não. — Continua a não olhar para mim. — Mas não quero que o miúdo tenha ilusões.

— Que tipo de ilusões? — pergunto-lhe.

— Que só é preciso dar-te um bocadinho de graxa para te fazer sorrir. É piroso.

Estaco repentinamente.

— O quê?! Também sorrio sem que ninguém me dê graxa!

No fim, o James vira-se para mim, mas não consigo perceber bem a expressão dos seus olhos escuros.

— A sério? A mim nunca me sorriste daquela maneira.

— Porque até agora não pode dizer-se que me tenhas dado muitas razões para te sorrir. — Fica a olhar para mim momentaneamente. Não entendo porque é que ficou assim. Parece magoado e não consigo acompanhar o seu raciocínio. Antes que o ambiente entre nós se torne mais pesado, decido mudar de assunto. — Obrigada por teres cuidado de mim hoje. — Ele limita-se a assentir. — A sério. Ninguém se meteu comigo. Se não me tivesses escoltado ao colégio e à assembleia, as coisas teriam sido muito diferentes — acrescento. Como ele continua calado, digo: — Hoje a tua irmã sentou-se na nossa mesa no refeitório e...

Subitamente, o James segura-me no braço e põe-se à minha frente. Surpreendida, sustenho a respiração e levanto os olhos para ele. Está muito sério.

— Desculpa — diz-me.

— Desculpo o quê? — pergunto-lhe a meia-voz.

— Não te ter dado, até agora, nenhum motivo para olhares para mim como olhaste para o Kieran.

— James...

— Vou mudar isso — acrescenta, olhando-me nos olhos.

Não sei o que fazer. Sinto um vazio na barriga e fraquejam-me os joelhos. Tenho consciência de que me está a tocar no braço, sinto nitidamente o seu toque leve através da malha da camisola. Fico com pele de galinha. Subitamente, a necessidade de lhe devolver o toque é mais forte do que eu e apanha-me de surpresa. Não sei o que fazer. Bastar-me-ia pôr as mãos na cintura dele, para me apoiar. Mas não posso. Simplesmente não é uma opção. Tal como não é uma opção ficar sem respiração de cada vez que ele se aproxima tanto de mim, nem sentir este formigueiro na barriga de cada vez que olha para mim assim.

— O meu autocarro está a chegar — digo então, afastando-me dele.

O olhar do James não perde a intensidade. Dou meia-volta e desato a

correr, para não me entregar àquele olhar, totalmente indefesa. Nunca me tinha sentido tão feliz por entrar no autocarro do colégio.

20

Ruby

No sábado, acordo às seis da manhã... e sem despertador. Acontece-me sempre a mesma coisa no dia do meu aniversário. Não paro de pensar no que os meus pais terão organizado para mim e não consigo dormir sossegada. A minha mãe trabalha numa padaria e, nesta data, traz sempre para casa os bolos mais deliciosos do mundo, enquanto o meu pai prepara um banquete e, além disso, com a ajuda da Ember ou com a minha, decora todo o piso inferior. Às sete já os oiço a andar de um lado para o outro lá em baixo e imagino que já estejam totalmente embrenhados nos preparativos. Afinal, só se faz dezoito anos uma vez na vida.

Tento perceber se me sinto diferente, mas vejo que não. Em agosto, aconteceu a mesma coisa à Lin. Pelo menos, foi o que me disse quando, depois do churrasco, nos deitámos na relva ao lado uma da outra e estivemos a olhar para as estrelas.

Viro-me de lado e pego no telemóvel. A Jessa já me escreveu uma SMS e a Lin deixou-me uma mensagem de voz pouco depois da uma e meia da manhã, em que canta em voz baixa e depois me deseja um feliz aniversário. No fim, sublinha que tem a certeza de que entraremos as duas em Oxford e que já quase não aguenta esperar mais.

A seguir, visto-me e sento-me à secretária, distraindo-me a folhear o calendário. Daqui a uma semana é a festa de Halloween. Tenho a sensação de estar há uma eternidade ocupada com a preparação do evento. Na sexta-feira de manhã, a tipografia entregou os cartazes e aproveitámos a reunião para os distribuir pela escola. Ninguém disse nada sobre a fotografia em que eu e o James estamos juntos, e também ninguém se meteu comigo por causa disso. Pelo contrário, em geral as reações foram positivas e o diretor Lexington escreveu-me um *e-mail* para me comunicar que o convite também recebeu inúmeros elogios dos convidados externos ao colégio.

Ainda não me habituei ao facto de toda a gente em Maxton Hall saber o

meu nome. Acho estranho que me cumprimentem ou que me ofereçam sítio para me sentar no refeitório. Não obstante, tento que não se perceba que isso me causa insegurança e tento comportar-me como sempre, como se toda essa atenção me fosse indiferente. O James faz o mesmo. Finge que absolutamente nada lhe interessa. Mas agora sei que não é verdade.

Por vontade própria, a minha mente evoca o momento da última segunda-feira. *Vou mudar isso.* Parecia extremamente decidido e olhou para mim com grande insistência. Como se, nesse instante, não tivesse nada mais importante para fazer do que convencer-me de que estava a falar a sério.

Abano a cabeça, para parar de pensar no James, mas sobressalto-me quando acordo dos meus devaneios.

James

Escrevi o nome dele no meu calendário. E nem sequer me dei conta disso! Sinto calor nas maçãs do rosto e tiro imediatamente o corretor de dentro do estojo. Preparo-me para apagar o que escrevi, mas paro nas primeiras letras. Lentamente, pouso o corretor ao lado do nome e acaricio-o suavemente. Sinto um formigueiro nas pontas dos dedos. Não é bom sinal. Há já dias que pergunto a mim mesma porque é que sinto isto. Afinal de contas, continua a ser... o James. Mas não posso negar que algo mudou. Há já algum tempo que não sinto cólera e desconfiança quando o vejo, mas qualquer coisa diferente. Qualquer coisa calorosa e emocionante.

E tenho de sorrir. Porque fico contente quando o vejo. Porque gosto da sua companhia. Porque é esperto e inteligente, e porque o acho interessante. Porque é como um enigma que quero resolver a qualquer custo.

Nunca teria pensado que seria possível, mas... já não detesto o James Beaufort. Antes pelo contrário.

De repente, a porta de meu quarto abre-se e a Ember entra. Apanha-me com as mãos na massa e fecho a agenda. Primeiro, olha para mim incrédula, mas, depois, o seu olhar dirige-se para a agenda, como se soubesse que lá está escrita qualquer coisa vergonhosa. Depois, aproxima-se de mim a rir e pega-me na mão, puxando-me para que me levante.

— Estou espantada por ainda não teres ido para baixo — diz-me.

Puxa-me o braço, embora não seja preciso. Estou contente por a acompanhar. Saímos do meu quarto e passo-lhe o braço pela cintura para a apertar contra mim.

— Hoje tens de satisfazer todos os meus desejos.

Apesar de estar contente, nesse momento também noto um sentimento de tristeza. É o último aniversário que vou passar com minha família e com a Ember. Quem sabe onde estarei no ano que vem. Estarei realmente em Oxford? Com a Lin? Ou totalmente sozinha? E o que irá acontecer se não me aceitarem? Para onde irei então?

A Ember impede-me de continuar a pensar nisso porque, assim que viramos à direita para entrar na sala de estar, anuncia:

— Aqui está a aniversariante!

Inspiro sonoramente.

— Surpresa! — grita a minha família.

Tapo a boca com a mão e sinto umas picadas nos olhos. Não choro com frequência e, se o faço, é quando estou sozinha no meu quarto e ninguém me pode ver. Mas, quando vejo os meus avós, os meus tios, o meu primo e os meus pais, que começam logo a cantar-me os «Parabéns a você», não consigo conter-me.

A decoração da sala está maravilhosa; este ano, o meu pai e a Ember superaram-se. Há pompons brancos e verde-menta pendurados do teto, uma grinalda com as mesmas cores em cima da mesa e, mais atrás, na mesinha da sala, por cima dos presentes, flutuam dois balões verde-menta com brilhos metálicos com os números correspondentes à minha idade.

A meia hora seguinte passa como se estivesse a sonhar. Todos me dão os parabéns, todos me abraçam, perguntam-me como me sinto e, no fim, dão-me as prendas. O tio Tom, a tia Trudy e o Max oferecem-me a coleção «My Hero Academia», uma série de manga na qual estou de olho há meses; a Ember oferece-me uns marcadores novos e uns autocolantes muito bonitos para a minha agenda; e os meus avós oferecem-me dois livros que constam da lista de leituras de Oxford. Os meus pais oferecem-me um disco rígido que eu estava desejosa de ter desde que, no início do ano, o portátil pifou sem razão aparente e perdi todos os ficheiros.

— De quem é isto? — pergunto, apontando para um grande embrulho que ainda está em cima da mesa.

— É de um admirador secreto — responde-me a minha mãe, levantando e baixando as sobrancelhas. Olho para ela e para o meu pai com uma expressão incrédula. Ele encolhe os ombros.

— Chegou por correio — explica-me a Ember.

— Sem remetente? — pergunto-lhe, olhando com ceticismo para o embrulho preto com um laço azul.

— Não acho que seja preciso, uma vez que já todos sabemos de quem é — intervém a Ember.

— Oh, céus, não me digas que tens namorado! — exclama o meu primo Max, olhando para mim com os olhos muito abertos.

No preciso momento em que lhe respondo com um «não», a Ember responde-lhe com um «sim».

— Abre-o — pede-me a Trudy, espreitando por cima do meu ombro. Depois estica a mão e faz de conta que vai desfazer o laço. Afasto o embrulho para longe dela. Depois pego nele e sento-me no sofá.

Desfaço o laço lentamente. Tenho a horrível sensação de que me estão a observar e, lançando um olhar à minha família, peço-lhes que parem de olhar fixamente para mim. Infelizmente, não serve de nada. Na sala reina um silêncio de morte. Dando um suspiro, abro a caixa.

No interior, encontro uma mala. Tiro-a da caixa sem respirar e pouso-a no colo. É de cabedal encerado castanho-escuro, tem um alça regulável e dois pequenos bolsos na parte da frente, por baixo de uma aba com fechos metálicos. Abro-a com cuidado. O forro interior é de tecido aos quadrados azuis e verdes e, à primeira vista, a distribuição dos compartimentos parece-me perfeita. Há um compartimento para o portátil, vários mais pequenos dos lados, que podem fechar-se com fecho de correr, e um compartimento principal com uma parte separada e mais pequena ao meio.

Tenho a certeza de que, com esta mala, podia conquistar o mundo. Fecho-a com cuidado e acaricio o bonito cabedal. Nesse momento, vejo qualquer coisa em que ainda não tinha reparado. No canto inferior direito da aba há três letras: RJB, as minhas iniciais.

Fico sem respiração. Sinto-me como se estivesse a sonhar e quase não oiço os «oh!» e «ah!» da minha família. Olho para a caixa que está no chão, forrada com papel de seda preto, e descubro um cartão. É de um tom branco-cremoso e tem um fino rebordo dourado. Escrito em letras pretas, leio:

Feliz aniversário, Ruby. J.

Nada mais. No entanto, dentro de mim explode uma série de sentimentos que me faz sentir um formigueiro no corpo todo. Não sei como reagir, só consigo olhar para a mala, até que, diante dos meus olhos, começam a dançar números e o símbolo da libra esterlina. Este é, sem dúvida alguma, o presente mais caro que alguma vez me ofereceram. Mas, na verdade, não quero pensar nisso.

E não quero pensar no que significa que o James se tenha lembrado de mim e me tenha oferecido esta prenda. Terá reparado que a minha mochila estava prestes a rasgar-se? Terá sabido que ando há meses a poupar dinheiro para comprar uma mala nova para o ano que vem? Terá tido pena de mim?

Não faço ideia, e pensar nisso deixa-me agoniada.

— O rapaz tem estilo, isso é evidente — suspira a Trudy.

— E dinheiro — acrescenta o Max, solícito.

— Não acho que lhe tenha custado nada, dado que os pais dele são os proprietários da empresa que faz as malas — comenta a Ember.

— Meninos! — interrompe-os a minha mãe, apontando para a mesa onde se preparou um abundante pequeno-almoço. — Deixem a Ruby em paz e sentem-se. — Aproxima-se de mim, tira-me a mala do colo, põe-na cuidadosamente dentro da caixa e dá-me a mão, para me ajudar a levantar. Rodeia-me os ombros com o braço e aperta-me contra si. — Não se fala dessa maneira de um presente. O rapaz teve esta amabilidade e é um gesto muito bonito e pelo qual devemos estar gratos. — Toca-me no nariz com as pontas dos dedos. — E, agora, vai apagar as velas.

Dirigimo-nos todos para a mesa. Desde há dez anos que só tenho um único desejo, que é aquele que peço sempre que apago as velas. «Oxford.» Mas, este ano, vem-me à mente outra palavra e tenho de parar um segundo

e concentrar-me.

— Quando fazes dezoito anos, podes pedir dois desejos — diz-me o meu pai num tom carinhoso. Não me dei conta de que se pôs ao meu lado com a cadeira de rodas, mas agora faz-me uma breve carícia nas costas. É evidente que a minha luta interior se refletiu no meu rosto.

— É verdade — diz a minha mãe. — São essas as regras.

Coro e desvio o olhar do deles. Recuso-me a analisar o porquê de o nome do James ter sido a primeira coisa em que pensei. Ou o porquê de levar a sério as palavras dos meus pais, quando fecho os olhos e sopro com força.

*

É um dos aniversários mais bonitos que celebrámos. Depois do pequeno-almoço, vamos dar um passeio e tiramos uma fotografia de família no parque de Gormsey, para a qual precisamos de, pelo menos, dez tentativas porque há sempre alguém que fica de olhos fechados. À tarde, a Lin vai a minha casa e, todos juntos, jogamos jogos de mesa e de mímica; no fim, eu e a Lin ganhámos ao Max e à tia Trudy por uma unha negra. À noite, eu e a Ember ajudamos o meu pai a confecionar um jantar de três pratos que já preparou parcialmente no dia anterior. Ficamos sentados à mesa durante bastante tempo e surpreendo-me com a facilidade com que a Lin se integra no nosso grupo. O facto de não estar a par de alguns assuntos pessoais da família não parece incomodá-la. Em vez disso, faz um monte de perguntas à minha mãe sobre o seu trabalho na padaria e conversa durante muito tempo com meu pai sobre a paraplegia. Pelos vistos, o tio da Lin também anda de cadeira de rodas, facto que eu desconhecia por completo. Fico maravilhada com a forma como ela aborda o assunto, sem se deixar perturbar pela incapacidade do meu pai.

Comi tanto e estou tão contente que, depois de todos se terem ido embora, estou pronta para adormecer imediatamente. Mas, quando visto o pijama, os meus olhos detêm-se na caixa preta pousada na minha secretária. Levanto-me e ponho-me diante dela. Hesitantemente, abro a tampa e pego na mala. Abro os dois fechos da frente com um leve clique. Tiro da gaveta da secretária as coisas de que vou precisar na segunda-feira para a escola e, a

pouco e pouco, começo a guardá-las nos compartimentos da mala de cabedal. Tenho de fazer várias tentativas, até ficar satisfeita com a distribuição. Contrariamente à minha mochila, em que tinha de guardar tudo no mesmo compartimento, esta mala é o paraíso. Até tem compartimentos para os marcadores, onde ponho aqueles que mais utilizo e também a minha agenda.

Não sei se o James sabe quão feliz estou com esta prenda. Agora que vejo a mala cheia, percebo que não posso devolvê-la, de maneira nenhuma. Inclino-me e abro o bolso dianteiro esquerdo para pegar no telemóvel que lá guardei à experiência. Não hesito mais de um segundo, procuro o número do James e carrego nele. Espero pelo sinal de chamada. Toca. E toca. E já me estou a preparar para desligar quando ele atende.

— Ruby Bell. — Dir-se-ia que estava à espera de que lhe ligasse.

— James Beaufort. — Se ele diz o meu nome completo, posso fazer o mesmo. Contrariamente ao que acontecia antes, quando cuspia o nome dele como se fosse um palavrão, as letras saem-me da boca de maneira totalmente diferente. Melhor.

— Estás bem? — pergunta-me, embora quase não o entenda. Em pano de fundo, oiço uma música cujo volume vai diminuindo lentamente. Pergunto a mim mesma onde é que ele estará e o que estará a fazer.

— Estou ótima. Acabei de arrumar a minha mala nova — respondo-lhe, enquanto acaricio com os dedos o rebordo do compartimento central. A costura é uniforme.

— Gostaste? — pergunta-me, e eu adorava poder ver a cara dele. O que tem vestido. Na minha cabeça, está com o uniforme do colégio, porque raramente o vi com outra roupa, mas esforço-me por me lembrar da imagem do James de calças de ganga pretas e *T-shirt* branca. Nesse dia, parado à porta de minha casa, parecia um rapaz normal e não o herdeiro de um empresário milionário. Parecia mais humano, mais acessível.

— É linda. Sabes que não precisavas de o ter feito, não sabes? — pergunto-lhe.

Fecho a mala e sento-me na cadeira da secretária, com os pés cruzados em cima da mesa.

— Queria oferecer-te uma prenda. E, para alguém como tu, que gosta tanto de organização, achei que o *James* era uma boa escolha.

— O *James*?

— É o nome desse modelo.

— Ofereces-me uma mala que tu mesmo batizaste com o teu nome?

— Não fui eu que escolhi o nome, foi a minha mãe. Também há um modelo *Lydia*. E outros que têm os nomes dos meus pais. Mas o *Lydia* é demasiado pequeno para ti e o *Mortimer* é demasiado grande. Além disso, agrada-me a ideia de te ver andar pelo colégio com o *James* ao ombro.

Não consigo conter um sorriso.

— Ofereces artigos da Beaufort a todos os teus amigos? — pergunto-lhe.

Por um momento, fica calado e só oiço uma música suave em pano de fundo.

— Não — responde-me.

Não diz mais nada. Não sei o que é que isto significa. Não sei o que é que está a acontecer entre nós e, menos ainda, o que quero. Só sei que transbordo alegria quando oiço a voz dele.

— Quando a empresa te pertencer, terás de dar o meu nome a uma mala — digo-lhe, para quebrar o silêncio.

— Posso contar-te um segredo, Ruby? — A voz dele torna-se rouca e áspera. Pergunto a mim mesma com quem estará. E se terá deixado alguém à espera para falar ao telefone comigo.

— Podes contar-me o que quiseres — murmuro.

Faz-se uma pequena pausa, durante a qual só consigo ouvir os passos dele. Parece estar a caminhar sobre gravilha. Depois esse som desaparece e também deixo de ouvir a música.

— Eu... eu não quero dirigir a empresa. — Se ele estivesse aqui, olharia para ele sem acreditar no que me diz. Mas não tenho outro remédio senão aproximar mais o telemóvel da orelha. — E, para ser sincero, também não quero ir para Oxford — continua.

O meu coração está a bater tão depressa que ecoa nos meus ouvidos.

— Então, o que é que queres?

Respira fundo.

— É a primeira vez em muito tempo que alguém me faz essa pergunta.

— É uma pergunta importante.

— E não sei o que te hei de responder. — Fica calado por uns minutos. — Há muitos anos que o meu futuro está planeado, sabes? Não importa nada que a Lydia gostasse muito mais de dirigir a Beaufort e que, além disso, o fosse fazer muito melhor do que eu. É ela que vive para a nossa empresa e, apesar disso, vou ser eu quem o meu pai vai pôr na direção no ano que vem. Toda a minha vida soube que isso ia acontecer e também já o aceitei. Mas não é o que quero. — Torna a fazer uma pausa. — Infelizmente, nunca terei oportunidade de descobrir o que quero fazer. Não sou eu que planeio a minha própria vida, alguém o faz por mim há já muito tempo: Maxton Hall, Oxford e a empresa. Para mim, não há mais opções.

Seguro o telemóvel com mais força, apertando-o contra a orelha para ter o James o mais próximo possível de mim. O que acaba de me confessar é, seguramente, a coisa mais sincera que alguma vez o ouvi dizer. Não posso acreditar que me tenha contado uma coisa destas. Que me tenha confiado este segredo.

— Os meus pais sempre me disseram que o mundo está à minha disposição. Que não importa de onde venha ou para onde vá. A minha mãe e o meu pai sempre me disseram que posso fazer e deixar de fazer tudo o que quiser, e que não há nenhum objetivo que seja inalcançável. Acho que todas as pessoas merecem um mundo cheio de possibilidades.

O James dá um pequeno gemido de desespero.

— Há certos dias... — começa a dizer, e depois para. Mas, logo a seguir, continua a falar, como se tivesse ganhado coragem para continuar a ser sincero: — Há certos dias em que tenho a sensação de não conseguir respirar bem porque tudo me oprime.

— Oh, James — murmuro.

Dói-me o coração quando o oiço dizer isto. Nunca teria pensado que ele sofresse tanta pressão e que as obrigações para com a família fossem um peso tão grande. Sempre tinha tido a impressão de que ele gostava do poder que o seu apelido lhe proporciona. Mas, a pouco e pouco, as peças do quebra-cabeças vão-se encaixando na minha mente: a tensão em que ele

fica de cada vez que se fala em Oxford; a sua expressão imperturbável quando os pais apareceram em Londres; o modo como o olhar dele se torna sombrio sempre que se fala na empresa.

Subitamente, compreendo-o. Compreendo porque é que se portou como portou no início do ano. E compreendo os motivos de ter feito tudo o que fez e a sua atitude de «estou-me nas tintas para tudo».

— Este ano... é o último em que ainda não terás de assumir nenhuma responsabilidade — murmuro.

— É a minha última oportunidade de ser livre — responde-me em voz baixa.

Gostava tanto de poder contradizê-lo, mas não posso. Tal como também não posso sugerir-lhe nenhuma solução para o seu problema: muito simplesmente, não há solução. Quando se tem de assumir um legado deste tipo, não basta sentarmo-nos à mesa com os nossos pais e conversarmos sobre o assunto. Além disso, tenho a certeza de que ele já considerou todas as opções possíveis. E, se conheço um pouco o James, irá fazer o que os pais lhe pedirem, sem mais. Ele nunca abandonaria a família.

— Neste momento, gostava de estar contigo.

As palavras saem-me da boca antes de ter refletido sobre o seu significado.

— O que é que farias, se estivesses comigo? — pergunta-me. Num abrir e fechar de olhos, a voz dele ganhou outro matiz. Agora já não soa desesperada, mas antes... brincalhona. Como se esperasse uma resposta indecente da minha parte.

— Abraçava-te.

Não é muito indecente, mas é sincera.

— Acho que gostava que o fizesses.

Ainda não nos abraçámos e, se ele estivesse à minha frente, também não me teria atrevido a dizer-lhe uma coisa destas. Mas agora, com a sua voz sombria no ouvido e sem ter de o olhar nos olhos, nada me parece impossível. Sinto-me corajosa, triste, nervosa e feliz, tudo ao mesmo tempo.

— Tiveste um bom dia de aniversário? — pergunta-me passado um bocado.

— Sim.

E começo a contar-lhe as prendas que recebi, e que eu e a Lin ganhámos o jogo de mímica. O James ri-se das histórias divertidas, parecendo claramente aliviado pela mudança de assunto. Depois, falamos de tudo e mais alguma coisa: que tal está a correr o fim de semana dele (aborrecido), do trabalho de Inglês (exigente, mas viável), dos nossos cantores e bandas preferidos (a minha: Iron & Wine; a dele: Death Cab for Cutie) e dos nossos filmes preferidos (o meu: *A Origem dos Guardiões*; o dele: *A Vida Secreta de Walter Mitty*). Descubro muitas coisas novas sobre ele. Por exemplo, que tem um fraquinho por blogues, como a Ember. Fala-me de um blogue de viagens que descobriu há pouco tempo e no qual, na verdade, só queria ler um artigo; no fim, esqueceu-se completamente de uma reunião que tinha no gabinete dos pais, porque esteve várias horas perdido nos textos sobre as viagens que o autor tinha feito pelo mundo e não se deu conta da passagem do tempo. E o que lhe aconteceu nesse dia é precisamente o que me está a acontecer agora. Sem me dar conta disso, já são três da manhã e estou meio acordada na minha cama, com a voz do James ainda no ouvido. Estou a olhar para a *sweatshirt* de lacrosse, que está dobrada em cima da minha mesinha de cabeceira.

E só penso no James.

21

Ruby

O olhar de aço do diretor Lexington perfura-me, enquanto tento estar quieta e não me mexer nervosamente na cadeira. Para mim, é sempre estranho vir ao gabinete dele. A sua atitude não muda: tem as mãos descontraidamente entrelaçadas em cima da secretária, à frente do corpo, mas, ao mesmo tempo, observa-me atentamente, como se não tivesse problema nenhum em passar por cima de um cadáver se isso beneficiasse o colégio. Não desejo a ninguém que o tenha como inimigo.

Duvido que alguma vez me habitue às reuniões semanais com ele. Sobretudo quando a Lin me deixa sozinha, como hoje, porque tem de ir a Londres ajudar a mãe na galeria durante uma receção.

Apesar disso, o facto de, neste momento, estar sentada sozinha diante da secretária do Lexington, a enfrentar os seus olhos de águia, também tem qualquer coisa de positivo. Pelo menos, assim pude fazer-lhe uma sugestão sem que a Lin olhasse para mim de soslaio, desconcertada, ou me desse um pontapé por baixo da mesa.

— Terei ouvido bem, menina Bell? — pergunta-me o Lexington, chegando-se um pouco para a frente. Observa-me com a testa enrugada. — Quer que eu retire o castigo ao senhor Beaufort?

Anuo lentamente.

— Sim, senhor diretor.

Semicerra um pouco mais os olhos.

— Em sua opinião, porque é que deveria fazê-lo? O prazo do castigo ainda não terminou.

— O Beaufort mostrou um grande empenho, senhor diretor — digo-lhe. — Eu não tinha contado com isso. Deu-nos ideias fantásticas e, graças a ele, as atividades de Maxton Hall para a festa de Halloween subiram a outro nível. — O Lexington recosta-se na cadeira e expira sonoramente. A ideia parece agradar-lhe. Sempre que se trata da imagem do colégio, o Lexington

reage como uma pega que descobriu um objeto brilhante. — Penso que o Beaufort pode ser mais valioso para a escola na equipa de lacrosse. A equipa precisa dele. Embora o Roger Cree seja um bom jogador, falta-lhe experiência. O treinador Freeman disse-nos o mesmo, quando o entrevistámos na sexta-feira para o *Blogue Maxton*.

As rugas da testa do Lexington ficam cada vez mais marcadas. Percebo que começou a pesar mentalmente os prós e os contras.

— E não me está a dizer isso só porque ele arma confusões e a menina se quer livrar dele? — insiste, incrédulo.

Pergunto a mim mesma o que é que o Lexington diria se soubesse que é precisamente o contrário. Não quero livrar-me do James. Por minha vontade, passaria cada minuto do meu tempo com ele.

Mas, desde que o James conversou comigo com toda a sinceridade e me dei conta do que significa para ele este último ano do colégio, não consegui evitar fazer o que estou a fazer. Tinha de falar com o diretor Lexington. Foi a única opção que me ocorreu para ajudar o James e aliviar, pelo menos, uma pequena parte do peso que carrega nos ombros, mesmo que seja por pouco tempo. Além disso, não estou a fazer isto por querer fazer-lhe um favor, mas sim porque o que disse também corresponde à verdade. O James esforçou-se muito e esse esforço deve ser recompensado. Deste modo, poderá jogar lacrosse durante o resto da época com os amigos e desfrutar do último ano.

Automaticamente, isso faz-me perguntar a mim mesma o que é que isso significará para nós. Ao fim e ao cabo, agora também somos amigos. Ou qualquer coisa parecida. Será que, depois, continuará a passar algum tempo comigo? É possível que não. Quando penso nisso, há qualquer coisa no meu peito que se encolhe, mas tento ignorar essa sensação com todas as minhas forças. Estou a fazer isto pelo James, não por mim.

— Menina Bell?

O diretor Lexington arranca-me aos meus pensamentos e demoro uns segundos a lembrar-me da pergunta que me fez. Abano negativamente a cabeça.

— Nem pouco mais ou menos, senhor diretor. Estou realmente a pensar

no que é melhor para o colégio. O Beaufort apoiou a equipa da comissão de eventos e, agora, deve apoiar a equipa de lacrosse. Não podemos permitir-nos uma derrota tão retumbante quanto a de sexta-feira passada, se não queremos perder a nossa reputação.

Com isto, acerto em cheio no alvo. Os olhos cinzentos do Lexington relampejam e, de repente, fica com as costas tensas.

— Estou a ver. — Assente e, instintivamente, sustenho a respiração. — Muito bem. O senhor Beaufort pode concluir as suas tarefas na comissão de eventos e voltar a jogar lacrosse antes do fim do castigo. — Uma sensação de alívio e de alegria antecipada espalha-se pelo meu corpo quando penso na reação que o James vai ter quando eu lhe contar a novidade. Faço um sorriso agradecido, mas o Lexington levanta um dedo admonitório. — Mas só o fará depois da próxima semana, depois da celebração da festa. Não vou correr o risco de ele se lembrar de fazer alguma coisa que ponha o nosso colégio em evidência.

O meu sorriso aumenta um pouco mais.

— Com certeza, senhor diretor.

— E, por agora, guarde tudo isto para si. — Levanta o auscultador do telefone, prime uma tecla e resmunga: — Por favor, diga ao treinador Freeman que se apresente no meu gabinete.

Indecisa, continuo sentada. Não sei se devo dar a conversa por terminada ou se o diretor ainda tem alguma coisa para falar comigo, mas, quando levanta os olhos, franze o sobrolho e depois faz um gesto com a mão, chego à conclusão de que é um sinal para eu sair.

Não estava a exagerar quando disse ao Lexington que, com a festa de Halloween, os eventos em Maxton Hall atingiram outro nível. Quando por fim chega o dia da festa, depois de acabarmos os últimos preparativos e de os convidados começarem a entrar aos poucos, é como se me livrasse de um peso enorme. A festa é um sucesso. Mais do que isso: é ainda melhor do que esperávamos.

A decoração que a Jessalyn e a Camille idealizaram é maravilhosa. No vestíbulo do Weston Hall penduraram retratos de família antigos, em

molduras *vintage* com arabescos, e também vários espelhos enormes iluminados de vários ângulos. Umas toalhas de mesa pretas e transparentes e uns individuais de renda adornam o bufete e as mesas que distribuímos em redor da pista de dança para os convidados. Por toda a sala, pusemos uma fina camada de teias de aranha falsas, bem como cinquenta grinaldas luminosas que, com as suas pequenas lâmpadas, imitam a luz das velas, proporcionando um brilho suave. Decidimos não acender os lustres de cristal e, em vez disso, pusemos perto das janelas e nas mesas uns grandes candelabros prateados que, embora não deem muita luz, criam um ambiente mais fantasmagórico e misterioso.

Passado pouco tempo, a sala já está muito cheia e quase todas as mesas estão ocupadas. O diretor Lexington apresenta o discurso oficial de boas-vindas, enquanto eu, a Lin e o resto da equipa recebemos as pessoas de um dos lados do bufete. Quando o diretor nos elogia pela qualidade da organização, a Camille dá um passo em frente e cumprimenta o público como se fosse uma rainha. Eu e a Lin olhamos uma para a outra e tentamos, sem sucesso, esconder um sorriso.

Por outro lado, tenho de admitir que hoje todos parecemos reis e rainhas. Eu uso o vestido da coleção privada dos Beauforts e a Camille tem um vestido cor de pêssego que condiz na perfeição com a sua tez clara. A Jessalyn usa um vestido amplo cor-de-rosa e a Lin um vestido azul-real, a cor oficial do colégio, pelo que pergunto a mim mesma se o terá escolhido essa cor propositadamente. Os rapazes também estão fantásticos. O Doug usa um discreto fato cor de areia, com o mesmo corte que o fato que o James usou para a fotografia do cartaz. E o Kieran... o Kieran, com a sua cartola, o fato preto com o colete de *jacquard* por baixo e o lenço bege ao pescoço, parece realmente saído de outra era.

Quando o diretor Lexington nos agradece, o Kieran levanta a cartola e faz uma vénia. Desta vez, evito olhar para a Lin, porque sei que não conseguiria reprimir uma gargalhada.

Estou supernervosa. Não sei se será porque tudo correu bem e já se pode considerar que a festa foi um sucesso ou porque tenho medo de que aconteça qualquer coisa inesperada. Não sei. Passo um olhar nervoso pela

sala.

— Ele já vem — sussurra-me a Lin ao ouvido.

— Não sei do que é que estás a falar — respondo-lhe no mesmo tom.

É mentira. Sei perfeitamente do que é que está a falar.

O James ainda não apareceu. Os amigos dele e a Lydia, também não. Em compensação, os pais dele, que pertencem ao conselho de administração, estão presentes. Sinto-me dolorosamente consciente da sua ausência e, apesar de não querer que isso me afete, sinto-me como se faltasse uma parte importante da festa; no fim de contas, ele trabalhou tão arduamente como nós para que fosse um sucesso.

Depois do discurso do Lexington, um aplauso estala na sala e nós afastamo-nos, indo cada um ocupar a sua posição. Enquanto vou com a Lin para junto do serviço de *catering* para controlar o bufete, vejo que a Jessalyn, a Camille, o Doug e o Kieran se juntam a alguns membros de uma companhia de teatro e dirigem-se para a pista de dança. A música começa a tocar e os cinco pares de bailarinos executam uma série de passos que me parecem incrivelmente complicados. De repente, sinto-me contente por o meu argumento de ser necessário alguém para vigiar os convidados ter sido convincente e por não ter de dançar com os outros.

O primeiro par é formado pelo Kieran e por uma rapariga da companhia de teatro que não conheço. São eles que dirigem os outros quatro pares, avançando pela pista de dança e separando-se quando chegam ao fim, de maneira que os rapazes e as raparigas se dividem em duas filas. Depois, cruzam-se na diagonal e dão uma volta, antes de voltarem a encontrar-se no centro, novamente frente a frente. A atenção de toda a sala está concentrada neles e os convidados observam a dança enfeitiçados.

Nesse preciso momento, a enorme porta dupla de Weston Hall abre-se. Alguns espectadores viram-se para a entrada, o que faz com que o Kieran e o seu par interrompam momentaneamente a dança. Olho para a porta de sobrolho franzido e o meu coração dá um salto.

O James entra na sala acompanhado do seu grupo de amigos, cada um mais bonito do que o outro. O James usa o fato da Beaufort, mas os outros também estão muito aprumados, não há um lenço de seda nem um botão

fora do sítio. A Lydia tem um vestido prateado maravilhoso e um penteado muito elaborado, que deve ter-lhe custado horas sentada no cabeleireiro sem se mexer. Têm todos uma aparência perfeita, como se tivessem saído de um filme vitoriano. Quando passam junto à pista de dança e se dirigem para o bufete, vê-se claramente nos seus rostos o que pensam desta festa. O Cyril franze o nariz, enquanto o Wren tem as maçãs do rosto coradas, o que me faz pensar que esteve a beber antes de vir para aqui. Os olhos pretos do Kesh percorrem impávidos a sala e os convidados. Quando me vê, fica com uma expressão mais fechada e afasta-se imediatamente do Alistair. Parece um ato reflexo e, ao lado dele, o Alistair franze o sobrolho, incomodado.

O James aproxima-se de mim e eu bebo, literalmente, a sua imagem. Apesar de, nestas últimas semanas, o ter visto com este fato em inúmeros cartazes, a realidade causa-me tanto impacto como da primeira vez que o vi em Londres. Quando para à minha frente, sinto o coração a bater depressa e irregularmente.

— E então? Que tal está isto a correr? — pergunta-me com um sorriso ligeiramente gozão. Age como se não tivesse chegado à festa com mais de uma hora de atraso.

— Fantasticamente! — responde-lhe a Lin por mim. Pelos vistos, fiquei a olhar para o James durante mais tempo do que devia.

— Parece-me bem — diz o James, assentindo.

— Espero que seja melhor do que a última festa. Ou então vamo-nos embora imediatamente — murmura o Cyril.

— Não finjas que és demasiado bom para esta festa — resmunga a Lin entre dentes.

Olho para ela, surpreendida.

— Não estou a fingir.

Ao ouvir estas palavras, as maçãs do rosto da Lin ficam tingidas de um tom de raiva avermelhado.

— És realmente...

— Ei, calma, rapazes! — O James fala em voz baixa mas com determinação. Lança um olhar ao Cyril e este vira as costas à Lin e dirige-se para junto do Wren, que ficou parado a uma certa distância de nós e está a

pedir que lhe sirvam um copo de ponche.

Basta uma palavra do James para que alguém como o Cyril Vega fique calado. Às vezes, ainda me surpreende que tenha tanto poder neste colégio. Como se nada tivesse acontecido, o James vira-se para o bufete e pega num canapé. Segura-o diante do nariz e examina-o minuciosamente, antes de o meter na boca.

Reviro os olhos.

— Foste tu próprio que sugeriste este *catering*.

Olha para mim e lança-me um sorriso. Fico corada ao ver que o rosto dele muda de expressão e que o sorriso gozão se transforma num sorriso carinhoso, verdadeiro e que, aparentemente, se destina apenas a mim.

— Estás muito bonita.

Qualquer coisa esvoaça na minha barriga e engulo em seco.

— Já me tinhas visto com este vestido.

— Isso não altera o facto de estares muito bonita com ele.

— Muito obrigada. Tu também estás muito bonito.

Estou a alisar o vestido, embora não tenha nem uma ruga, quando o James se planta inesperadamente à minha frente e me estende a mão, com a palma virada para cima. Viro-me para os amigos dele, mas parecem ocupados a despejar álcool nos copos, de uma garrafa de bolso, sem que ninguém se dê conta. Apenas a Lydia olha para o irmão com uma expressão estranha nos olhos. Viro-me novamente para o James.

— O que é que estás a fazer? — pergunto-lhe, com as maçãs do rosto a arder.

— A menina concede-me a honra desta dança?

Contenho uma gargalhada.

— Há uma razão para eu não ter participado nos ensaios nem no baile de inauguração, James. Não sei dançar, pelo menos, não deste modo.

— Antigamente, era muito descortês recusar um convite para dançar, Ruby Bell.

— Nesse caso, desculpa a minha descortesia. Infelizmente, tenho de controlar o bufete.

O James endireita as costas e dá dois passos para a Lin. Murmura-lhe

qualquer coisa ao ouvido que a faz rir. Depois, ela anui e faz-lhe um gesto com a mão, para que ele se vá embora. O James torna a aproximar-se de mim e oferece-me o braço.

— A Lin diz que pode tomar conta do bufete durante um bocado.

Hesito momentaneamente, mas depois dou-lhe o braço. Enquanto lanço um olhar assassino à Lin por cima do ombro e ela me responde encolhendo os ombros com uma expressão inocente, o James conduz-me para a pista de dança. Não me tinha dado conta de que o baile inaugural já tinha terminado e que há mais casais com trajes vitorianos que começaram a dançar. Quando olho em volta, parece realmente que fizemos uma viagem no tempo.

A orquestra inicia lentamente uma nova canção, uma melodia suave mas ritmada, que vai transmitindo tranquilidade a toda a sala. O James dá-me a mão e pousa a outra nas minhas costas. Dá uns passos para o lado, balouça-se para trás e para a frente, dá dois passos atrás e outro para a esquerda, enquanto eu o sigo e não faço outra coisa senão olhar para os nossos pés, ou, melhor dizendo, para a ampla saia do vestido.

— Não olhes para baixo — murmura.

Levanto a vista, preocupada. O James parece ter passado a vida inteira a dançar. Algo que talvez corresponda à verdade. Quem me dera ter participado nos ensaios ou, pelo menos, ter visto algum tutorial e praticado com a Ember.

De repente, o James baixa a cabeça e cola a boca à minha orelha.

— Descontrai — murmura.

Mas uma coisa é dizer e outra é fazer. Mesmo assim, tento. Esforço-me por descontrair os braços e por não estar tão concentrada em marcar corretamente os passos. Deixo-me levar, precisamente como tinha imaginado quando provámos estes trajes pela primeira vez.

O James segura-me. Conduz-me carinhosamente pela pista de dança e sinto-me como se estivesse a flutuar. Pergunto a mim mesma se voltaremos a ter oportunidade dançar assim. E o que é que vai acontecer quando lhe disser que, a partir de agora, já não é obrigado a participar nas nossas reuniões.

Apesar de não querer que isso aconteça, subitamente sinto um peso no

peito. Tento não ligar a isso, mas, quanto mais penso no que vai acontecer entre mim e o James a partir desta noite, mais esse peso me oprime.

— O que é que se passa? — pergunta-me ele de repente, olhando para mim com os olhos semicerrados.

— Tenho de te dizer uma coisa. — Os olhos azul-turquesa do James pousam-se em mim, na expectativa, impaciente, e até vejo uma centelha de receio. — Estive a pensar no que me disseste no dia do meu aniversário. Que só tens este último ano e depois... — Pigarreio e, subitamente, sinto que o James ficou tenso. — Enfim, seja como for, falei com o diretor Lexington. Achamos que já é altura de recomeçares a treinar.

O James para momentaneamente e depois continua a dançar, como se tivesse aprendido uma coreografia.

— O quê?! — exclama. Está com a voz rouca. É sempre a voz que o atraiçoa. Embora mantenha um olhar duro, a voz nunca colabora. Quando o James se sente afetado por alguma coisa, isso é imediatamente percetível. Como agora.

— Acho que te empenhaste realmente muito na equipa da comissão de eventos. E acho que o Lexington tem de recompensar esse esforço.

Com o meu tom de voz despreocupado, queria conseguir que o ambiente entre nós não estivesse tão carregado, mas acontece exatamente o contrário. Os olhos do James escurecem e depois aperta-me contra si, mais do que era normal na época vitoriana. Mas a pista está cheia e todos os dançarinos parecem estar concentrados no que estão a fazer, portanto ninguém repara em nós. Em nós e no facto de o James me fazer ficar sem respiração, ao olhar para mim com tanta intensidade. Depois, torna a pigarrear.

— Tu...

De repente, as grinaldas luminosas apagam-se. Todas ao mesmo tempo. Alguns dos músicos da orquestra enganam-se na nota e uns sons graves ressoam por toda a sala. Agora, o brilho dos candelabros é a única fonte de luz.

— James, juro-te que, se isto for uma das tuas brincadeiras... — sibilo.

— Não é — interrompe-me. Não consigo ver bem o rosto dele, mas parece tão surpreendido como eu. — Temos de ir imediatamente ao quadro

de eletricidade. A orquestra não pode continuar a tocar assim. Não tarda nada, o ambiente vai ficar destruído.

Assinto e o James aperta-me a mão com mais força. Abrimos caminho na pista de dança, por entre as pessoas que estão desconcertadas, e quase piso a parte de baixo do vestido. Quando saímos para o corredor, respiro de alívio. O James larga-me a mão quando descemos as escadas que vão dar à cave e agarro-me com força ao corrimão. Tento não pensar no porquê de agora sentir tão dolorosamente a falta da sensação da sua pele quente. A cave está escura como breu. O James pega no telemóvel e acende a lanterna para iluminar o corredor.

— Que frio — murmuro, esfregando os braços — e que assustador. — É como se, de um momento para o outro, pudesse aparecer num dos cantos um palhaço, um monstro ou um cruzamento dos dois. O James não me responde e, em vez disso, dirige-se diretamente para o grande quadro de eletricidade do lado esquerdo do corredor. — Na verdade, devia ficar inquieta por saberes tão bem onde fica o quadro.

O James esboça um sorriso atrevido. Abre o quadro com a chave-mestra que tem no chaveiro e depois dá um passo para o lado, para ambos podermos ver o interior. Houve dois fusíveis que se desligaram e, quando o James empurra o interruptor para cima, ouvimos ao longe os murmúrios de alívio dos convidados. Um segundo depois, a luz da cave também se acende, com um ligeiro clique das lâmpadas de néon. Dou um suspiro, já mais calma. O James torna a fechar o quadro elétrico e rodo sobre os calcanhares. Estou desejosa de sair desta cave.

Puxo a saia do vestido e começo a subir as escadas. Quase já cheguei ao cimo quando o James para e me diz:

— Espera. — Dou meia-volta e olho para ele com uma expressão inquisitiva. — Acreditaste mesmo que eu tinha pregado outra partida?

O tom de voz dele é grave e surpreendido, como se fosse incapaz de acreditar que precisamente eu tivesse pensado uma coisas destas sobre ele. Mas, se for sincera, bem... é verdade que pensei isso.

Não sei o que há entre mim e o James. E, mesmo que nestas últimas semanas nos tenhamos aproximado mais, isso não significa que confie nele.

Aconteceram demasiadas coisas no passado e as palavras de advertência que ele e a Lydia me disseram ainda soam muito claramente nos meus ouvidos. Prometi à Lin que teria cuidado e vou cumprir a minha promessa.

— Talvez tenha acreditado, por um milésimo de segundo — respondo-lhe em voz baixa.

Olha para mim com insistência.

— Nunca voltaria a fazer uma coisa dessas, Ruby. Não depois de saber todo o esforço que investes nestas atividades e o quanto significam para ti.

É como se duas mãos me pressionassem o peito e me impedissem de respirar normalmente.

— Desculpa — digo-lhe a meia-voz. — Suponho que tinha medo, simplesmente. De que tudo voltasse a ser como no início do ano.

Imediatamente, o James abana negativamente a cabeça.

— Não.

Sobe mais um degrau e os nossos olhos ficam à mesma altura. O rosto dele está tão próximo do meu que vejo pequenos cristais azuis nos seus olhos, além do círculo preto em volta da íris.

Não consigo imaginar o que vai acontecer quando não voltar a ver o James de dois em dois dias nas nossas reuniões. Só de pensar nisso, fico com um nó na garganta. Terá alguma razão para passar o seu tempo comigo? Irá treinar e estar muito mais amiúde com os amigos do que esteve nos últimos tempos, quando mal tinha oportunidade de o fazer. Será que se vai dar conta das saudades que teve de fazer isso? De quão melhor é passar os sábados à noite a beber e a ir a festas, em vez de trocar mensagens comigo sobre a situação política na Grã-Bretanha ou de conversarmos sobre o meu novo manga preferido?

Será que se aperceberá de quão diferentes são, na realidade, os nossos mundos?

Diverti-me tanto nestas últimas semanas... e não quero perdê-lo, de maneira nenhuma. No entanto, temo não ter direito nenhum de intervir no que respeita a este assunto. Ambos sabemos que mundo é que ele acabará por escolher.

A pressão que sinto no peito é cada vez maior. Talvez seja tudo mais fácil

para mim se for eu a tomar a decisão, antes que ele me magoe.

— Esta foi a nossa última tarefa como colegas de equipa — digo-lhe, olhando-o fixamente nos olhos.

Tenho o coração a bater loucamente. Se ele se aproximar mais um pouco, vai ouvir os batimentos.

— É verdade — responde-me o James em voz baixa.

Ficamos a olhar um para o outro durante alguns minutos. Depois, respiramos fundo ao mesmo tempo, como se fôssemos dizer alguma coisa, mas não o fazemos. O ar entre nós está tão carregado que se podia cortar à faca, e a minha pulsação está tão acelerada que não aguento nem mais um segundo. Faço a primeira coisa que me vem à cabeça: dou a mão ao James.

— Gostei muito de trabalhar contigo — digo-lhe, no tom mais formal possível.

Inicialmente, o James parece surpreendido. Depois, vejo nos seus olhos azul-turquesa uma emoção que já vi antes, mas que não sabia descrever. Agora sei o que é: nostalgia. Dá-me a mão, apertando-a com firmeza e suavidade.

— Parece que te estás a despedir de mim.

No momento em que assimilo as palavras dele, percebo que tem razão. E, ao mesmo tempo, apercebo-me de que não é isso que quero, de maneira nenhuma. Não quero despedir-me dele. Em vez disso, quero continuar a poder falar com o James. A poder contar-lhe mais coisas sobre mim e a ouvi-lo quando me fala das suas coisas.

Quero saber tudo sobre ti.

A ideia assalta-me inesperadamente e com força, e, no meu interior, sinto a mesma nostalgia que vejo nos olhos dele. Queima, flui quase desesperadamente pelas minhas veias e leva-me a apertar os dedos ainda com mais força em redor dos dele. Não sei o que é que me está a acontecer, mas... os meus joelhos fraquejam e sinto a sua mão quente na minha. Pergunto a mim mesma o que sentiria se me tocasse noutras partes do corpo. Anseio por mais do que este simples contacto. Anseio por mais do James.

— James...

— Sim — murmura. Parece tão confuso e surpreendido como eu.

Um segundo depois, puxa-me para a frente até que fico encostada a ele.

Olha-me nos olhos por uma fração de segundo. A seguir, põe-me a mão na nuca e puxa-me com firmeza. E, depois, beija-me.

Já não consigo pensar. A minha mente não funciona, o pensamento racional não existe, só sinto um calor incandescente que flui por todo o meu corpo. Ponho os braços em volta do pescoço dele e enterro as mãos no seu cabelo. Começa a mover os lábios sobre os meus.

O James beija exatamente da mesma maneira que se move e se comporta: seguro de si mesmo e orgulhoso. Sabe perfeitamente o que deve fazer, sabe perfeitamente como deve tocar-me para que o calor se transforme em fogo. Mete a língua na minha boca, sem hesitações nem timidez, e brinca com a minha até eu sentir que os meus joelhos vão ceder a qualquer momento. Mas, mesmo que isso acontecesse, ele estaria ali para me segurar. O braço dele rodeia-me com determinação e aperta-me contra si. Sinto o corpo dele através do tecido volumoso do meu vestido, mas isso não basta. Preciso de mais.

Gemo suavemente e passo-lhe as mãos pelos ombros, depois pelo pescoço e por dentro da gola da camisa. A pele dele é quente e aveludada, e tudo em mim anseia por mais e mais e mais.

Quero ainda mais dele. Quero despi-lo aqui, nestas escadas, no meio do colégio. É-me indiferente que apareça alguém e nos veja. Para mim, a única coisa que importa é o James, a boca dele sobre os meus lábios, o meu queixo, o meu pescoço. Prende a minha pele entre os dentes, mordiscando-me ao de leve, mas desejo mais, quero que me abrace com mais força. E quero que deixe marcas no meu corpo, para que, daqui a umas horas, eu possa constatar que isto aconteceu realmente, que não foi imaginação minha.

— Ruby... — Pensava que conhecia todos os matizes da voz dele, mas este é novo. É assim que soa depois de me beijar até eu quase perder a razão. Segura-me na cara e olha para mim. Passa os polegares pelas minhas maçãs do rosto. Pelo meu queixo. Pelos meus lábios. Novamente pelas maçãs do rosto. — Ruby.

Inclino-me para a frente e ponho a minha boca sobre a dele. Sinto um esticão doloroso espalhar-se pelo meu ventre, abrindo caminho para cima, e até me custa respirar. Agora percebo porque é que ele passou este tempo todo a sussurrar o meu nome. Quero fazer o mesmo. James, James. Uma e outra vez, James.

— James! — soa uma voz autoritária por cima de nós.

Afastamo-nos imediatamente. Piso a bainha do vestido e perco o equilíbrio, mas o James segura-me pela cintura. Espera até que me apoie no corrimão. Depois, larga-me apressadamente e levanta os olhos. Sigo o olhar dele.

O Mortimer Beaufort está no cimo das escadas, com as mãos cruzadas atrás das costas, a observar-nos com os seus olhos escuros. O meu coração dá um salto.

— A tua mãe está à tua procura.

O James endireita as costas e assente brevemente.

— Vou já.

O senhor Beaufort levanta o sobrolho.

— Não é já, é imediatamente.

O James fica rígido. Acaricio-lhe suavemente o braço, esperando que o pai dele não veja o que faço. O James dá-me a mão e olha para os nossos dedos entrelaçados. Oiço-o suspirar levemente. Levanta a minha mão e leva-a aos lábios, dando-lhe um beijo suave.

— Desculpa — murmura, e sinto as suas palavras nas costas da minha mão.

Um instante depois, passa ao meu lado com cuidado e sobe as escadas até ficar junto ao pai, que o espera com uma expressão severa e um olhar frio. Quando o James chega ao lado do pai, o Mortimer Beaufort segura-o pelos ombros e empurra-o de volta ao salão, enquanto eu fico nas escadas, com as maçãs do rosto a arder e a perguntar a mim mesma porque é que o James me pediu desculpa.

22

James

— Já te tinha avisado para tirares as mãos de cima dessa rapariga.

Olho pela janela. Os campos sombrios misturam-se com as árvores agora quase totalmente despidas, formando uma única massa escura. É assim que me sinto neste momento, no meu interior. Tenho frio e calor ao mesmo tempo, as palmas das mãos pegajosas e a garganta seca. Sinto-me doente e, no entanto, devia sentir o contrário.

Queria voltar a estar com a Ruby, com a sua boca bonita e a sensação que me transmitiu. Mentalmente, ainda estou a abraçá-la, a sentir as mãos dela no meu cabelo e as suaves dentadinhas que me dá nos lábios.

Se não nos tivessem interrompido, teria feito muito mais do que beijá-la.

— Estou a falar contigo — repete o meu pai. De certeza que, de um momento para o outro, vai atirar o copo pela janela do carro. Ter dito ao Percy que iria para casa com os meus pais foi a ideia mais idiota que tive desde há muito tempo.

— James, meu amor, só queremos o melhor para ti — acrescenta diplomaticamente a minha mãe. Não consigo olhar para eles. Se o fizer, terei um ataque de fúria e não sei se conseguirei continuar a ignorá-los. Porque é que isto teve de acontecer precisamente hoje? Porque é que o meu pai teve de me apanhar precisamente naquele momento com a Ruby? — Definitivamente, não desejamos para ti uma bolseira de classe média e com uma história familiar trágica — continua a minha mãe. Viro a cabeça e olho para ela. Quero perguntar-lhe como diabos sabe essas coisas sobre a Ruby, mas, na verdade, não me surpreende. Na verdade, nada nesta família me surpreende. — Mereces alguém melhor, meu amor. Alguém como a Elaine Ellington. Ouvi dizer que se entendem muito bem, porque é que não a convidas a ir lá a casa um dia destes?

A voz da minha mãe é calma e tranquilizadora. Quer a todo o custo sossegar os ânimos entre mim e o meu pai, mas já é demasiado tarde para

isso.

— Nunca haverá nada entre mim e a Elaine, mamã.

Além disso, tenho quase a certeza de que a Elaine desistiu dos estudos e não quer que ninguém saiba. Não é melhor do que a Ruby, só porque vem de uma família de sangue azul. A Ruby esforça-se mais do que todos os outros para conseguir o que quer. É inteligente, é boa pessoa e... é lindíssima. Beija maravilhosamente. E sabe escutar.

Sem eu fazer nada para isso, a imagem dela aparece na minha mente. A memória da boca dela é a única coisa que me ajuda a suportar este trajeto de carro. Gostava que tivéssemos tido mais tempo. Não me bastaram os poucos minutos que passei com ela.

— Estás a ridicularizar a nossa família ao misturar-te com uma oportunista como ela — continua o meu pai. — Não posso acreditar que te comportes desta maneira. Educámos-te melhor do que isso.

Por muito que me esforce, não consigo continuar a ignorá-lo. Não quando fala assim da Ruby. Uma raiva irreprimível apodera-se de mim e olho para meu pai cheio de cólera.

— Cala-te de uma vez por todas.

A minha mãe faz uma expressão indignada; ao meu lado, a Lydia fica tensa. Tenta dar-me a mão, mas sacudo-a. Ela pode ir para a cama com o professor, mas eu não posso passar o tempo com a pessoa de quem gosto sem que me peçam explicações imediatamente?

O automóvel para e tiramos os cintos de segurança. Espero que a Lydia e a minha mãe saiam do carro e depois faço o mesmo. O meu pai está atrás de mim e, antes que eu tenha dado dois passos, segura-me pelos ombros e obriga-me a virar-me. Agarra-me com força no colarinho da camisa e abana-me.

— Como é que te atreves a mandar-me calar — rosna, dando-me um empurrão tão brusco que cambaleio para trás. Um instante depois levanta o braço e dá-me uma bofetada com as costas da mão. Sinto um clarão de dor na maçã do rosto e, por uns segundos, só vejo pontinhos coloridos a flutuar diante dos olhos. Um sabor metálico espalha-se-me pela boca.

— Por amor de Deus, papá! — exclama a Lydia, correndo para mim.

Rodeia-me as costas com o braço e segura-me, antes que eu faça um disparate e devolva a bofetada ao meu pai. Fá-lo-ia com todo o prazer: simplesmente devolver-lhe o golpe. Fazê-lo sentir a mesma dor que ele me faz sentir desde a infância.

A minha mãe abraça o meu pai. Ele solta-se dos braços dela e dá meia-volta para entrar em casa. Depois de ele desaparecer, ela olha para mim com uma expressão amargurada.

— Isto é o que acontece quando te dás com a ralé, James.

Depois, levanta a saia volumosa e corre atrás do meu pai. Sigo-os com o olhar e tento reprimir a raiva que, lenta mas seguramente, se vai transformando num ódio que não quero sentir. Passo as costas da mão pela boca e olho para o sangue que me tinge a pele como se pertencesse a outra pessoa.

A Lydia pôs-se à minha frente e segura-me pelos ombros.

— James, achas mesmo que ela vale tanto que justifique que passes por tudo isto? — pergunta-me num tom insistente.

Olho para ela, demasiado chocado para refletir sobre a pergunta que me fez.

— Preocupa-te com as tuas próprias merdas — resmungo, libertando-me das suas mãos.

Viro-lhe as costas e atravesso o pátio, dirigindo-me para a porta de entrada da nossa vivenda. Enquanto caminho, tiro o telemóvel do bolso das calças e marco o número do Wren. Preciso urgentemente de uma distração.

Só depois do terceiro copo é que a minha raiva começa a diminuir. Estou encostado a uma das paredes da sala de estar dos pais do Wren, a beber uísque escocês num copo de cristal, deixando que a música que paira no ar vá abafando lentamente os meus pensamentos.

— Olha para ele. O filho pródigo regressou a casa — oiço a voz do Cyril dizer nas minhas costas. Viro-me e vejo-o aproximar-se de mim com os olhos bem abertos e um sorriso gozão. Tal como os outros, já despiu metade da roupa e está só de calças de cintura alta e camisa branca. — A que é que se deve esta honra? — pergunta-me. Prepara-se para dizer mais qualquer

coisa, mas, quando olha para a minha boca, dá um assobio. — Meu, isso não tem nada bom aspeto.

Não lhe respondo e limito-me a esvaziar o resto do copo. Embora esteja habituado ao álcool, sinto as maçãs do rosto coradas.

— Deixa-o em paz, Cy — intervém o Wren, que está sentado no sofá. Tem uma rapariga loira encostada a ele, que lhe acaricia a coxa de cima a baixo com a mão. Tenho a sensação de que a conheço e, quando levanta a cabeça, descubro porquê. É a Camille. Estava convencido de que ela andava enrolada com o Kesh e não com o Wren, mas estas coisas acontecem entre nós, não é nada de invulgar.

— O que é que se passa contigo, Beaufort? — pergunta-me o Cyril, passando um braço por cima dos meus ombros e conduzindo-me para um sofá. Deixo-me cair nele e esfrego o rosto dorido, enquanto o Cyril me serve outro copo e mo dá. — O James com quem cresci não permite que ninguém lhe diga o que tem de fazer. Não deixa que o suspendam da equipa e recusa-se a fazer o trabalho sujo das outras pessoas.

O facto de ele qualificar de trabalho sujo o que fiz durante estas últimas semanas com o grupo da comissão de eventos enche-me novamente de raiva, mas contenho-me. O Cyril é como é e esta noite já me alterei o suficiente. Tudo o que quero é embebedar-me até não sentir mais nada. Nem a mão do meu pai nem os lábios da Ruby.

— Não tinha outra opção. Sabes isso perfeitamente.

— Tretas — diz o Wren, intrometendo-se na conversa. Nos olhos dele há um brilho divertido. — A Ruby dá-te tusa, mais nada.

Em vez de lhe responder, bebo um gole e fecho os olhos. A bebida que o Cyril me serviu é tão forte que me deixa um rasto abrasador da garganta até à barriga.

— A sério? Participaste nessa merda toda só porque estás caidinho pela Ruby Bell? — pergunta-me o Cyril, perplexo.

— É por isso que mudou tanto.

Quando diz aquilo, o Wren não olha para mim mas sim para a Camille, cujo cabelo acaricia lentamente.

— Até se baba por ela. Deviam tê-lo visto nas últimas reuniões —

intervém a Camille. Lança-me um olhar compassivo. — Ou só o fizeste para poderes voltar a jogar lacrosse?

Paro com o copo diante dos lábios.

— Como é que sabes isso?

— A Ruby informou-nos, antes da festa.

Com o sobrolho franzido, olho para o Wren, que continua a acariciar a Camille. É por isso que esta tarde se está a enrolar com ela? Para lhe sacar informações sobre mim?

— Eu não mudei. — Sinto a língua pesada e as minhas palavras são um sussurro incompreensível.

— Claro que mudaste. — O Alistair senta-se no sofá à minha esquerda. Tem o cabelo dourado despenteado e as maçãs do rosto coradas. Ou meteu qualquer coisa ou então trouxe um tipo qualquer para a festa e acabou de sair do quarto de visitas do Wren.

— Diz-me lá, em que é que mudei? — respondo-lhe com uma calma forçada, enquanto tento convencer-me a mim mesmo de que me é indiferente o que pensem de mim.

O Alistair levanta a mão e começa a contar pelos dedos.

— Primeiro, já não vens às nossas festas ou então vais-te embora antes do nascer do sol, algo que o velho James Beaufort jamais teria feito. Segundo, passas voluntariamente os teus tempos livres com os marrões da comissão de eventos, com todo o respeito, Camille. — Ela mostra-lhe o dedo do meio. — Terceiro, de repente estás-te nas tintas para o nosso acordo.

— Não vim aqui para ouvir estas tretas todas.

O Alistair levanta uma sobrancelha.

— Não são tretas e sabes muito bem que não são.

— O Alistair tem razão. Queríamos aproveitar o nosso último ano no colégio e íamos divertir-nos à grande — comenta o Wren. — Foi isso que combinámos. *Carpe diem*, meu. Todos os dias, enquanto ainda estamos juntos. Mas, com grande pena minha, pareces ter perdido pelo caminho o James que nos incentivou a dar tudo por tudo.

Recosto-me no sofá e bebo mais um gole, que me queima a garganta de maneira quase insuportável. A verdade das palavras deles atinge-me com

força, e a minha barriga contrai-se: têm razão.

O plano era fazer do último ano o melhor da minha vida e divertir-me com os meus amigos. Com os rapazes que, para mim, são como uma segunda família. O plano não era começar a ter sentimentos por alguém com quem, de qualquer maneira, não tenho futuro nenhum.

Ainda sinto a Ruby nos lábios e o toque das mãos dela no corpo. Infelizmente, isso só significa que ainda estou demasiado sóbrio.

A Ruby despertou em mim um sentimento que eu nunca sentira. Nomeadamente que com ela ao meu lado tudo é possível. Uma bonita e terrível mentira. Porque a verdade é que, para mim, nada é possível. Contrariamente ao que acontece no caso dela, o mundo não está aberto para mim. Toda a minha vida está predeterminada.

Talvez tenha sido isso que, inicialmente, me atraiu na Ruby. Enquanto ela assume as rédeas da sua vida, a mim fazem-me andar de um lado para o outro como as fichas de um jogo. Enquanto ela vive, eu só existo.

Não somos compatíveis.

Mas gostava de ter compreendido isso antes de a ter beijado.

23

Ruby

Como é que se fala com alguém a quem se deu um beijo?

O único rapaz que beijei, antes do James, foi o Wren, e depois limitei-me a ignorá-lo e a fazer de conta que nada acontecera. No caso do James, nem sequer considero a possibilidade de fazer isso. Passo grande parte do domingo deitada na cama, a olhar para a *sweatshirt* dele, que ainda está em cima da minha secretária. Gostava de lhe enviar uma mensagem ou de lhe ligar, mas, tirando «Podemos voltar a repetir o beijo, por favor?» e «O que é que isto significa para nós?», não me ocorre mais nada para lhe dizer e não me atrevo a contactá-lo. Sobretudo depois de ontem ele e os pais se terem ido embora de forma tão brusca que nem sequer me consegui despedir dele.

No fim, fico tão nervosa de tanto dar voltas à cabeça que decido ocupar-me com outro assunto e começo a fazer uma revisão da festa. Até ao breve apagão, tudo correu como planeado, e esta manhã recebi um *e-mail* do diretor Lexington a elogiar a equipa pelo bom trabalho que fizemos. Acrescentando umas palavras carinhosas, reencaminho a mensagem para todos os membros da equipa. Depois, pego num dos livros que os meus avós me ofereceram nos anos e leio os primeiros capítulos. Assinalar os parágrafos mais importantes e colocar *post-its* coloridos sempre me ajudou a organizar os pensamentos. Enquanto tiro apontamentos, encho a cabeça de dados e factos e, desse modo, tento afastar da memória a lembrança da firmeza com que o James me agarrou na nuca e dos beijos que me deu na boca.

Pergunto a mim mesma quantas raparigas terá ele beijado, para o fazer tão bem.

Pergunto a mim mesma até onde teríamos ido, se o pai dele não nos tivesse interrompido.

Pergunto a mim mesma se voltarei a ter oportunidade de o beijar dessa maneira.

Está bem, talvez o livro afugente as recordações, mas não como imaginei que faria. Contudo, recuso-me a permitir que o James me confunda. E de certeza que não vou permitir que ele me influencie. Vou manter a razão. É minha e não vai desaparecer só porque o James me provoca um formigueiro na barriga.

Nessa tarde, leio quase metade do livro, o que é um completo exagero. À noite, estou tão cansada que caio meio-morta na cama. Infelizmente, só sonho com o James, com os seus olhos escuros e com a maneira como sussurrava o meu nome uma e outra vez.

Na manhã seguinte, sinto-me como se fosse o meu primeiro dia de escola. Estou nervosa e emocionada, e encolhe-se-me a barriga quando o autocarro chega à paragem. Pergunto a mim mesma como será voltar a ver o James. Aproximar-se-á de mim? Ou terei de ser eu a dirigir-me a ele? Isso é demasiado direto? Será que nos vamos comportar como se nada tivesse acontecido? Ou estamos inequivocamente mais unidos desde sábado? Os pensamentos enchem-me a cabeça e arrependo-me de não lhe ter telefonado ontem. Se o tivesse feito, pelo menos agora saberia em que ponto estamos e como devo comportar-me. Detesto sentir-me tão insegura.

Depois de sair do autocarro, dou-me ao trabalho de alisar o uniforme do colégio. Não pode ter nenhuma ruga e a gravata tem de estar direita. Levo ao ombro a mala que o James me ofereceu. O seu peso transmite-me uma estranha sensação de segurança. Como se fosse uma confirmação de que entre mim e o James há realmente alguma coisa. Passo os dedos pelas iniciais bordadas na aba, enquanto levanto os olhos para o imponente portão de ferro de Maxton Hall.

Vais conseguir. Porta-te com toda a normalidade. Tudo vai ser como sempre, digo a mim mesma, para me acalmar. Depois, endireito as costas e entro no *campus* do colégio.

Durante a assembleia, o James não dá sinais de vida. Os amigos dele estão sentados na última fila e, quando passo ao lado deles para ir para os lugares da frente, oiço o Cyril bufar. Não sei se aquilo é dirigido a mim, mas uma sensação desagradável espalha-se-me pela barriga. Viro-me para trás e ele

lança-me um olhar gélido. Ignoro-o.

Na primeira hora só tenho aula de Arte e, por muito que me esforce, não consigo concentrar-me. Só consigo pensar que na hora seguinte vou ter Matemática, que é na mesma sala onde o James está agora. Já nos cruzámos várias vezes no corredor entre uma aula e outra, porque a professora Wakefield passa sempre da hora.

Quando a campainha toca, faço um esforço para não me levantar demasiado depressa da cadeira, mas, a julgar pelo olhar que o Alistair me lança da outra ponta da sala, não tenho grande sucesso. Precipito-me para o edifício principal. Quanto mais me aproximo da sala, mais depressa o meu coração bate. Antes de sair do corredor, paro e puxo as meias pretas por cima do joelho, para que fiquem à mesma altura. Depois respiro fundo e dobro a esquina.

Estou mentalmente preparada para me cruzar com o James, mas, quando o vejo no corredor com a Lydia, o meu coração deixa de bater momentaneamente. Vê-lo com o uniforme do colégio parece-me simultaneamente estranho e familiar. Depois de uma breve pausa em que tento acalmar-me, sigo o meu caminho. Posso limitar-me a cumprimentá-los. Dizer-lhes apenas «olá» e nada mais. Não há nada de estranho nisso. A última coisa que quero é que o nosso encontro seja estranho. Bastar-me-á olhar para os olhos dele para ver como está. Será que verei neles o mesmo nervosismo que me atormentou durante todo o domingo?

A Lydia é a primeira a ver-me. Dá um pequeno toque quase impercetível no braço do irmão. O James murmura qualquer coisa e assente. Depois, aproxima-se de mim. O meu sorriso transforma-se num esgar. Ele está a poucos passos de mim e abro a boca para o cumprimentar, quando...

Passa ao meu lado, ignorando-me.

«Oi», oiço-o dizer atrás de mim. Viro-me e vejo que está a cumprimentar o Cyril. Conversam por breves momentos, o James gesticula e o Cyril dá uma gargalhada. Cruzam os poucos metros que os separam da sala de aula e entram sem olhar para trás.

O meu peito começa a ser inundado por uma dor horrível. Fico petrificada no meio do corredor. Engulo em seco. Quando levanto os olhos, só está lá a

Lydia. Por um segundo, parece que me vai dizer qualquer coisa, mas depois também dá meia-volta em silêncio e desaparece numa das salas, enquanto eu fico ali, imóvel. É-me impossível caminhar.

Passo o resto do dia como que em transe. Cada hora de aula parece-me mais comprida do que a anterior. Oiço as palavras dos professores, mas não as entendo nem as retenho. No intervalo do meio-dia não consigo ir ao refeitório. A mera ideia de ver lá o James com os amigos, firmemente arraigado no seu mundo, dá-me a volta à barriga. Em vez disso, vou para a biblioteca e fico a olhar pela janela.

Simplesmente não sei o que fiz de errado. Não encontro explicação para a maneira como se portou comigo. Dou cabo da cabeça a pensar nisso, mas sei que não cometi nenhum equívoco. E, mesmo que o tivesse feito, não mereço que me trate assim. Durante a aula de Matemática, tentei convencer-me a mim mesma de que ele não me viu, de certeza. No entanto, depois da aula, quando tornámos a cruzar-nos no corredor, ele passou novamente ao meu lado sem sequer olhar para mim. É um sinal inequívoco.

Como é evidente, a Lin dá-se conta de que algo não está bem, mas não lhe contei nada do beijo e agora sou incapaz de o fazer. Sinto-me como se tivesse uma ferida aberta no peito. Tudo me magoa: respirar, mexer-me, falar.

A Lin tem de liderar sozinha a reunião da equipa, enquanto eu me limito a ficar sentada ao lado dela, a fazer gatafunhos na agenda. Descubro o sítio onde tapei o nome do James com o corretor. Ninguém sabe o que está debaixo da tinta branca, mas passo os dedos por cima dela e sinto angústia.

Não imaginei o nosso beijo. Nem a maneira como o James pronunciava o meu nome. Ou como olhava para mim. A ânsia com que me acariciava. Havia qualquer coisa entre nós. Qualquer coisa forte. E mesmo que, fosse por que razão fosse, ele se tivesse dado conta de que todo este assunto era um erro, podia ter-mo dito. Sou uma pessoa racional e sei que há coisas que não funcionam e pronto. Também me teria sentido magoada, mas teria conseguido viver com isso.

O que não entendo é que o James se porte tão mal. E, quanto mais tempo

passo na reunião e mais olho para o lugar vazio onde ele se sentava, mais me sinto invadida pela raiva. Será que, para ele, tudo isto não passou de uma brincadeira? Queria ver até onde podia chegar comigo? Se calhar, foi algo que os amigos o desafiaram a fazer. Ou então só queria manipular-me, para eu dizer bem dele ao Lexington. Sinto-me terrivelmente mal só de pensar nisso. Tudo o que o James me contou sobre si durante estas últimas semanas não passou de mentiras? Seria ele, durante todo esse tempo, o mesmo James Beaufort que conheci no início do ano? Calculista, perverso e arrogante?

Olho pela janela e vejo, a uma certa distância, a equipa de lacrosse no campo de jogos. A minha cólera aumenta incomensuravelmente. Devora-me de dentro para fora e sinto a pele fria e quente ao mesmo tempo. Inconscientemente, cerro os dentes com tanta força que até rangem. Tenho de fazer um grande esforço para que, durante a reunião, os outros não notem o caos sentimental que me assola. Quando a reunião acaba, viro-me para a Lin.

— Importas-te que me vá embora? Não me estou a sentir bem.

Olha para mim com uma expressão pensativa e assente lentamente.

— Claro que não, eu trato das coisas. Podemos falar ao telefone mais tarde, se te apetecer. — As palavras dela são uma espécie de convite prudente e, sentindo-me grata por isso, aperto-lhe o ombro.

Saio da sala sem me despedir dos outros. De repente, a mala que levo ao ombro já não me parece a prenda de um amigo, mas sim uma maneira de me subornar. Quando passo pela biblioteca e me dirijo a correr para o campo de jogos, não consigo concentrar-me em nada a não ser na deceção e na raiva que sinto.

Mesmo ao longe, já oiço a gritaria. Maldito lacrosse.

Paro bruscamente à beira do campo e olho em volta com os braços cruzados. Não demoro muito até ver a camisola azul-real com o número dezassete a branco.

— Chegou a tua namorada, Beaufort! — grita o Wren um segundo depois. Mesmo sem ver o seu sorriso irónico, por causa do capacete, posso imaginá-lo perfeitamente pelo seu tom de voz.

O James vira-se para o lado e vê-me parada à beira da área. Penso que vai voltar a ignorar-me, mas faz-me um aceno com a mão.

— Continuem sem mim — diz aos outros, correndo para junto de mim. Quando chega ao meu lado, é a primeira vez nesse dia que olha para mim. Pelo menos, é o que acho. Não lhe vejo bem o rosto por causa do capacete.

— E então? — A minha voz treme de indignação. É uma coisa que nunca me aconteceu. Sou sempre comedida, nunca fico alterada ao ponto de perder o controlo. Desde quando é que sou assim? Desde quando é que não consigo abordar um assunto de forma racional, como fazia antes?

Desde que o James apareceu na minha vida, é essa a resposta. Só sou assim desde que o conheço.

O James fica mudo. Espero uma reação qualquer da sua parte, mas não surge nenhuma.

— Importas-te de tirar essa coisa? — pergunto-lhe, apontando para o capacete.

Dá um suspiro impaciente, mas faz o que lhe peço. Tem o cabelo transpirado e despenteado, e as maçãs do rosto coradas. Agora que está diretamente à minha frente, vejo que tem uma ferida na boca. Parece ter andado à pancada. A minha mão levanta-se com cuidado — como se tivesse vontade própria — para lhe tocar, mas o James afasta-se. Cerro os punhos e deixo-os cair ao lado do corpo, abatida.

— O que é que se passa contigo? — pergunto-lhe, furiosa.

O rosto dele não mostra qualquer emoção ao olhar para mim.

— O que é que queres que se passe comigo?

Tenho a certeza de que tenho as maçãs do rosto tão coradas como as dele, e é porque me põe terrivelmente furiosa.

— Estás a portar-te como um idiota, é isso que se passa contigo.

As sobrancelhas dele unem-se por cima dos olhos.

— É isso que estou a fazer?

— Deixa de te armares em idiota e diz-me porque é que me estás a ignorar — digo-lhe num tom mais baixo, mas nem por isso menos enérgico. Torna a ficar calado e olha para mim como se esta conversa o aborrecesse de morte. Dou um passo em direção a ele. — Isto era tudo parte do teu

plano? — pergunto-lhe. — Foste simpático comigo para poderes voltar a treinar? — Ele bufa de uma maneira que quase parece uma gargalhada, mas, de repente, já não consegue aguentar o meu olhar. Em vez disso, baixa os olhos para o chão, para o sítio onde as pontas dos nossos sapatos quase se tocam. — Caso te tenhas esquecido: beijaste-me depois de te teres livrado da comissão de eventos. Dado que já tínhamos chegado a esse ponto, não tinhas necessidade nenhuma de o ter feito. — O James continua calado. — Porque é que te comportas assim? — pergunto-lhe, e detesto que me trema a voz. — É por causa do teu pai? Ele fez-te alguma coisa?

O James levanta a vista e, agora, a cólera que sinto parece refletir-se nos olhos dele.

— Se isso te faz sentir melhor, pode dizer-se que sim.

É como se me tivesse dado uma pancada no peito.

— Foste tu que me beijaste. Não o contrário. Não precisavas de o ter feito, se depois sentes tanta vergonha.

As rugas da testa dele tornam-se ainda mais pronunciadas.

— Não interpretes o que aconteceu de maneira tão literal. Tu deste-me qualquer coisa e eu gostei. Fim da história.

— Gostaste e... fim da história? — respondo-lhe, sem lhe dar crédito. Não posso acreditar que o tipo que está à minha frente seja realmente o mesmo que no sábado me beijou nas escadas. Que tenha sido a língua dele que separou os meus lábios, que tenham sido as suas carícias que fizeram fraquejar os meus joelhos. Agora, vejo-o encolher os ombros. — Céus, James, o que é que se passa contigo? — murmuro, abanando a cabeça. Apesar de estar furiosa, pergunto a mim mesma como terá ferido a boca. Com quem terá andado à pancada. Se por acaso eu podia ter feito alguma coisa. — Também podias ter-me dito, simplesmente, que o beijo foi um erro — digo-lhe, o mais calmamente que consigo.

— Bem, então digo-to agora — responde-me com frieza. — Foi bom, mas já é altura de voltarmos a ser como antes.

Não acredito que tenha dito isto a sério. Sinto-me como se tivesse aterrado no filme errado. Há algo que não está bem e não sei como corrigir isso. É como uma torrente imparável, que destrói tudo por onde passa.

— Não tens de destruir a nossa amizade à bruta só porque os teus amigos ou os teus pais te convenceram a fazer isso, sabes?

Esboça um sorriso, mas é mais um esgar, e não se pode comparar com a maneira como olhava para mim nas últimas semanas. Não o reconheço.

— Tentas como uma possessa controlar tudo o que te rodeia, corrigir todos os erros que achas que vês nos outros, mas isso não funciona assim, Ruby. Isto não tem nada que ver com os meus amigos ou com a minha família. Este sou eu. — Pousa a mão aberta sobre o protetor do peito. — Sou horrível, mau e falso. Vais ter de começar a habituar-te à ideia.

A raiva desaparece e, em vez disso, sou tomada pelo desespero. Foi precisamente a mesma sensação que me invadiu na festa, quando imaginei que tinha de me despedir dele. Mas agora é um sentimento muito mais forte, que magoa muito mais. Porque a despedida dele parece definitiva.

Faço uma nova tentativa e, levantando a mão, pousou-a no rosto dele. Acaricio-lhe suavemente a pele com o polegar.

— Tu não és horrível, nem mau, nem falso. — Ele dá uma gargalhada amarga e abana negativamente a cabeça. — Não quero perder-te — murmuro, reunindo toda a coragem que ainda me resta.

O James põe a mão por cima da minha. Fecha os olhos e, nesse momento, quase parece sentir uma dor física. Os dedos dele acariciam suavemente as costas da minha mão e um formigueiro invade o meu corpo.

— Não podemos perder aquilo que não nos pertence, Ruby Bell.

Afasta a minha mão do rosto. Depois, torna a abrir os olhos e fixa-os em mim. É o mesmo olhar de há dois meses: frio e distante. De repente, sinto-me como se me tivessem esvaziado. Quando entendo o significado das palavras dele, sou invadida por um frio gelado.

— Beaufort! — grita o Wren do campo. — Estás a perder o primeiro treino desde há muitas semanas. Anda, meu, vem para aqui!

Ele quer ir ter com eles, noto isso pela maneira como fica com o corpo tenso. É como se estivesse ligado aos amigos por um fio invisível.

— Já acabámos? Os rapazes estão à minha espera — diz-me, sem a menor emoção, apontando com o indicador por cima do ombro.

Nunca na vida me tinha sentido tão humilhada. A adrenalina invade-me o

corpo, quando a dor, o desespero e a raiva se misturam. Tenho de cerrar os punhos para não lhe bater no peito. É o que mais me apetece fazer, mas sinto-o tão frio e ausente que não quero dar-lhe a satisfação de me ver perder o controlo diante dos amigos dele.

— Sim. Já acabámos — respondo-lhe, com toda a dignidade que consigo arranjar.

Mas o James está-se nas tintas para a minha dignidade. Dá meia-volta antes de eu ter acabado a frase e vai a correr para junto dos amigos. O meu orgulho desvanece-se a cada passo que ele dá, até que mal consigo manter-me de pé.

24

Ruby

• Verde: importante!

• Azul-turquesa: escola.

• Cor-de-rosa: comissão de eventos de Maxton Hall.

• Roxo: família.

• Cor de laranja: desporto e alimentação.

Se dividisse a minha tarde em cores, teria o seguinte aspeto: roxo (desabafar com a Ember; desabafar com a minha mãe; evitar estar com o meu pai, para não me fazer demasiadas perguntas), cor de laranja (ir correr com a Ember, para aclarar as ideias) e verde (devolver a mala ao James Beaufort e dizer-lhe que se vá lixar).

Parece-me uma boa lista. E, se existisse, já teria posto um visto do primeiro ao último ponto.

Com a toalha enrolada à volta da cabeça, como um turbante, passei uma hora inteira a tentar escrever uma carta ao James. Agora, continuo aqui sentada, rodeada de folhas amachucadas, e dou-me por vencida. Queria escrever qualquer coisa que expressasse a raiva e a deceção que sinto, mas, no papel, subitamente as palavras parecem-me totalmente irracionais. Gostava de lhe ter dito tudo no campo de jogos, mas, nesse momento, ainda estava sob o efeito do choque e não conseguia expressar-me com clareza.

O cartão que o James me enviou no aniversário está afixado no meu quadro de notas. Nesse dia, as palavras dele significaram tanto para mim... acreditei realmente que ele estava a falar a sério. Agora, tenho a sensação de ter imaginado tudo o que aconteceu entre nós. Como se tudo — as nossas conversas ao telefone, os momentos em que nos rimos juntos, o

beijo — tivesse sido produto de uma fantasia.

Não posso continuar a olhar para o cartão. Arranco-o do quadro, pego num marcador preto e escrevo a primeira coisa que me vem à cabeça nesse momento e que mais absurda me parece.

James, espero que te lixes. Ruby

Contemplo a minha obra com a cabeça inclinada. Escrevi estas palavras mesmo por baixo das dele e magoa-me olhar para elas e ver o ponto a que chegámos.

— Ruby? — A Ember mete a cabeça pela porta do meu quarto. — O pai já fez o jantar. Vens?

Assinto, incapaz de desviar os olhos do cartão.

A Ember aproxima-se de mim e espreita por cima do meu ombro. Suspira e faz-me uma festa no braço. Depois, sem dizer nada, pega na caixa de cartão que está atrás da porta e ajuda-me a pôr novamente a mala lá dentro. Dói-me o coração quando coloco o cartão em cima da mala e fecho a caixa.

— Amanhã posso levá-la ao posto dos correios, quando for para a escola — diz-me a meia-voz.

Na minha garganta, formou-se um nó que se vai tornando cada vez maior.

— Obrigada — respondo-lhe com voz rouca, quando a Ember me pega no braço.

A minha irmã leva a caixa para o quarto dela, para eu não ter de a ver. Sinto-me grata por ela não ter dito nada sobre a *sweatshirt* do James, embora me tenha dado conta de que pousou os olhos nela durante uns segundos. Não fui capaz de a pôr dentro a caixa. E recuso-me a pensar no porquê.

Depois do jantar, estendo-me na cama a olhar para o teto. Dou a mim mesma esta tarde e esta noite para chorar sobre o que aconteceu entre mim e o James. Para chorar o amigo que perdi sem saber porquê.

Mas já chega. Continuo a ser eu própria e jurei firmemente a mim mesma que não vou permitir que nada nem ninguém me afaste do meu caminho. A partir de amanhã, tudo voltará a ser como nos últimos dois anos. Vou concentrar-me no colégio e irei às reuniões da comissão de eventos. Ao

meio-dia, almoçarei com a Lin no refeitório. E vou preparar-me para as entrevistas de admissão de Oxford.

Vou voltar a viver num mundo em que nem o James Beaufort nem o resto de Maxton Hall sabem o meu nome.

James

A Ruby é incrivelmente boa no que toca a evitar-me. É como se tivesse aprendido de cor o horário das minhas aulas, para nunca se cruzar comigo. No entanto, quando os nossos caminhos se cruzam, passa ao meu lado com um passo seguro, sem sequer olhar para mim, com as duas mãos a agarrar as alças da mochila verde. De cada vez que a vejo, penso no cartão que tenho dobrado dentro da carteira e que leio às vezes, quando a nostalgia se torna insuportável. Como agora.

Quando é que isto vai acabar? Quando é que conseguirei voltar a pensar noutro assunto que não na Ruby? Sobretudo quando este é o pior momento imaginável para estar distraído. Na quinta-feira tenho de fazer o exame de TSA e, se quero ter uma possibilidade ínfima de entrar em Oxford, preciso de ter uma nota excelente.

Infelizmente, não consigo lembrar-me de nada do que estive a falar com a Lydia durante a última meia hora. Imprimimos todos os exercícios que conseguimos encontrar, espalhámo-los pelo chão do quarto da Lydia e fomo-los fazendo um a um, até as nossas cabeças quase deitarem fumo. A minha irmã acabou de fechar um livro no qual procurava as respostas e apoia-se nos cotovelos. Está deitada de barriga para baixo, com as pernas dobradas, e abana os pés ao ritmo da música que toca baixinho em pano de fundo. Quando estica a mão, passo-lhe em silêncio o pacote de batatas fritas de que nos vamos servindo alternadamente.

Depois, passo novamente os dedos pelos rebordos do cartão. Por esta altura, já está totalmente amachucado, com os cantos cheios de dobras. Estou prestes a guardá-lo quando a Lydia se arrasta sobre a barriga, aproximando-se de mim.

— O que é isto? — pergunta-me de repente, tirando-me o cartão da mão

tão depressa que nem consigo reagir. Quero que mo devolva imediatamente, mas já o desdobrou e está a ler as minhas palavras e as da Ruby. O olhar dela escurece e, quando levanta a vista, os seus olhos refletem pena. — James...

Arranco-lhe o cartão da mão e torno a guardá-lo na carteira, que depois meto no bolso das calças. A seguir, torno a abrir o livro que a Lydia acabou de pousar e começo a ler. Por muito que me concentre, as letras não têm significado nenhum.

Por que diabos é que o meu coração está a bater tão depressa? Porque é que me sinto como se me tivessem apanhado em flagrante?

— James.

Afasto os olhos do livro.

— O que foi?

A Lydia senta-se com as pernas cruzadas e começa a apanhar despreocupadamente o cabelo num carrapito que prende no alto da cabeça com um elástico.

— Qual é a história desse cartão?

Faço um gesto de ignorância.

— Nenhuma.

A Lydia levanta uma sobrancelha e lança um olhar significativo ao bolso das minhas calças, onde a carteira e o cartão acabaram de desaparecer. Depois, torna a olhar para mim, desta vez com mais carinho.

— O que é que se passou entre ti e a Ruby?

Fico com as costas tensas.

— Não sei de que é que estás a falar.

A Lydia bufa ligeiramente e abana a cabeça.

— Sei exatamente como te sentes neste momento — diz-me, depois de ficarmos uns segundos em silêncio. — À minha frente, não tens de fingir que o que aconteceu não te pesa. Tenho olhos na cara, James. Sei perfeitamente quando estás mal.

Fico a olhar novamente para o livro. A Lydia tem razão, estou péssimo. Toda a minha vida é uma catástrofe e não há nada que possa fazer para o remediar.

— O que me pesa — digo-lhe — é o facto de ter uma família de merda e de sentir repugnância perante a ideia do meu próprio futuro.

Sinto o olhar compassivo da Lydia, mas não consigo devolver-lho. Tenho medo de perder o pouco autocontrolo que me resta e não posso permitir que isso aconteça. Não nesta casa, onde o meu pai tem ouvidos e olhos por toda a parte e onde ainda nunca me senti verdadeiramente seguro.

— A Ruby também não está bem. Porque é que...

— Só vigiei a Ruby por tua causa — interrompo-a. — Não aconteceu mais nada.

As palavras arranham-me a garganta e, quando as pronuncio, parecem-me incrivelmente falsas. Não consigo respirar bem e os olhos da Lydia são tão penetrantes que sinto o peso no peito aumentar cada vez mais. Pestanejo contra as estranhas picadas que sinto nos olhos e engulo em seco.

— Ai, James — murmura a Lydia, pegando na minha mão fria e acariciando-lhe as costas com o polegar. Não me lembro de quando foi a última vez que nos tocámos desta maneira. Durante uns segundos, olho para os seus dedos pálidos em volta dos meus. De algum modo, com este simples gesto, consegue que eu volte a respirar mais facilmente. — Sei o que é não podermos ter alguém, mesmo sabendo que essa pessoa é a única com quem esta vida seria, de certa maneira, suportável — diz a Lydia subitamente, apertando-me a mão. — Quando conheci o Graham, soube imediatamente que havia qualquer coisa especial entre nós.

Levanto a vista repentinamente. A Lydia está a olhar para mim com uma expressão tranquila. Até agora, nunca me tinha contado nada sobre o que aconteceu com o Sutton e rejeitou veementemente todos as minhas tentativas de abordar o assunto. O facto de agora falar nisso faz-me perceber quão mal escondo o meu desespero e a pena que ela deve ter de mim. No entanto, fico-lhe grato por ter mudado de assunto.

— Como é que se conheceram? Foi no colégio?

Abana negativamente a cabeça. Por momentos, dir-se-ia que está a escolher as palavras adequadas. Percebo que tem de fazer um grande esforço para me contar a história. No fim de contas, guardou este segredo durante uma eternidade.

— Foi há mais de dois anos, pouco tempo depois da história com o Gregg — começa a minha irmã a dizer, e sinto-me imediatamente invadido pela fúria. O Gregg Fletcher fez-se passar por namorado da Lydia durante vários meses, embora na verdade fosse repórter de um jornal nacional. Aproveitou-se dela e partiu-lhe o coração, só para conseguir informações sobre a nossa família e a nossa empresa. Aperto a mão da Lydia com mais força. — Nessa altura, não tinha vontade de nada — continua ela. — De... absolutamente nada. Isolei-me completamente.

— Eu lembro-me.

Depois das revelações do Fletcher, os meios de comunicação atiraram-se à nossa família como hienas. Foi um período muito mau e todos tivemos de encontrar uma maneira de lidar com isso. Eu recorri ao álcool e às drogas, e a Lydia fechou-se num silêncio furioso e ergueu um muro impenetrável à sua volta.

— Uma tarde, estava totalmente desesperada. Não tinha ninguém com quem falar, mas precisava de falar com alguém. Tinha quinze anos e tinha perdido a virgindade com um jornalista, por ter sido ingénua ao ponto de acreditar que havia alguém que se interessava por mim e não pela Beaufort. Estava péssima. Repreendia-me terrivelmente a mim mesma e perguntava-me como podia ter sido tão idiota. — Faz uma breve pausa e respira fundo. — Nessa tarde, criei um perfil anónimo no Tumblr. Queria simplesmente vomitar tudo o que me ia na alma, sem que isso tivesse consequências. A minha primeira publicação foi um monte de palavras inconsequentes. Só escrevi como me sentia e disse que gostava de ser alguém totalmente diferente. No dia seguinte, recebi uma mensagem muito carinhosa na caixa de entrada.

Fico a olhar para ela.

— Mas não era do Sutton, ou era?

A Lydia assente.

— Não dizia muito, apenas algumas palavras simpáticas e reconfortantes, mas, naquela situação, para mim foram muito importantes. — Um leve sorriso aparece-lhe nos lábios. — Depois, começámos a escrever-nos com regularidade. Falámos de todos os assuntos possíveis e imaginários,

confiámos um ao outro coisas que nunca tínhamos contado a ninguém. Ele falou-me de Oxford e da competitividade opressiva que o estava a sufocar. Eu falei-lhe do meu coração partido e dos meus medos em relação ao futuro. Animámo-nos mutuamente. Como é evidente, nunca lhe disse o meu apelido verdadeiro e também não sabia o nome dele. Apesar de tudo, o que partilhei com ele parecia-me mais real do que tudo o resto.

— Que loucura.

— Eu sei — diz-me, tornando a assentir.

— E depois? — pergunto-lhe.

— Passados seis meses, falámos ao telefone pela primeira vez. Durante cinco horas. Passei metade da noite com dores na orelha, por causa da força com que apertei o telemóvel contra ela. A partir daí, fomos conversando cada vez mais.

Nesse momento, lembro-me da noite do aniversário da Ruby, em que também estivemos uma série de horas a falar ao telefone. Saí da festa do Wren e fui para casa, só para continuar a ouvir a voz dela.

— Era por isso me expulsavas do teu quarto tantas vezes — digo-lhe, esboçando um sorriso. — E depois, chegaram a encontrar-se?

— Passou um ano até eu me atrever a combinar um encontro com o Graham. Fomos tomar um café depois de ele terminar o curso.

Não posso acreditar que tudo isto me tenha passado ao lado.

— E quando é que... dormiram juntos? — pergunto-lhe e, nesse momento, tenho a impressão de ser uma criança de doze anos.

A Lydia fica vermelha.

— Na verdade, nunca dormimos juntos, mas passámos muito tempo juntos nas férias de verão. — Pigarreia. — Quando o Graham foi colocado em Maxton Hall, acabou imediatamente com a nossa relação. Imediatamente. Ele achava que podíamos continuar a ser amigos pela Internet, como antes, mas nada mais do que isso. — Nos olhos dela aparece um brilho suspeito. — Isso já me chegava, sabes? Era melhor isso do que perdê-lo por completo. Quando, no fim do ano letivo, não havia perspetivas de renovarem o contrato do Graham, tornei a alimentar esperanças. Começou tudo novamente do início, até que, a meio do verão, ele soube que

havia uma vaga no colégio. Senti a mesma dor no coração que tinha sentido antes. Só que, desta vez, ele não queria ter nada que ver comigo, nem sequer *online*. Apagou-me completamente da vida dele, porque pensava que era o melhor para os dois.

Por instantes, fico a pensar em tudo o que a Lydia acabou de me contar.

— Isso foi no início deste ano letivo? — pergunto-lhe. — No dia em que a Ruby vos viu juntos?

A Lydia engole em seco.

— Foi uma espécie de recaída.

Anuo, pensativo. Sabia que o Sutton era mais do que um mero passatempo para a Lydia. Se tivesse sido apenas isso, ela não teria sofrido tanto nas últimas semanas e também não o teria defendido quando eu o criticava. No entanto, nunca teria imaginado que já tinham uma relação há dois anos. Nem que fosse tão séria.

— Mais um ano e talvez depois pudessem...

Nem eu próprio sei o que estou a sugerir. Mesmo que a Lydia deixasse de frequentar Maxton Hall, uma relação com um dos seus antigos professores destruiria para sempre a reputação da minha irmã. Imagino bem o que os nossos pais diriam sobre isso.

— Não sou idiota, James. Sei que eu e o Graham não temos a mínima hipótese de ficar juntos.

Larga-me a mão e pega no pacote de batatas fritas como se nada fosse, como se não tivesse acabado de me contar o seu maior segredo. Mete um punhado de batatas na boca, com o olhar brilhante fixo no cobertor da cama.

Magoa-me vê-la assim. E, acima de tudo, magoa-me não poder ajudá-la. Porque tem razão: para ela e para o Sutton, não há futuro, tal como também não há para mim e para a Ruby.

— Obrigado por me contares tudo — digo-lhe depois.

A Lydia come as batatas e bebe um grande gole de água.

— Pode ser que, um dia destes, tu me contes qualquer coisa sobre a Ruby.

A pressão que sinto no peito, e que parecia ter desaparecido lentamente enquanto ela me contava o que tinha acontecido, reaparece de repente.

Ignoro o olhar perscrutador da Lydia e torno a pegar noutro conjunto de exercícios.

— Não há nada para contar.

O ligeiro suspiro da Lydia chega-me aos ouvidos como se viesse de muito longe. O exercício na folha de papel desvanece-se, quando me lembro da Ruby no campo de jogos e das horríveis palavras que lhe disse. As imagens repetem-se na minha cabeça como num cruel ciclo interminável, até que deixo de conseguir concentrar-me nos exercícios e fico a olhar para a parede.

O exame de TSA corre-me bem. Na minha família, estão todos tão convencidos de que vou entrar em Oxford que nem sequer quero pensar no que aconteceria se não conseguisse.

Na semana a seguir ao TSA temos uma das últimas reuniões do grupo de preparação para Oxford. A Ruby está sentada ao lado da Lin, na outra ponta da sala. Como é habitual nos últimos tempos, não olha para mim e também não permite que se note que aconteceu alguma coisa entre nós. Comporta-se exatamente como fazia antes, derrubando-nos a todos com os seus argumentos perspicazes e, uma vez, até consegue deixar a nossa tutora sem palavras.

É-me difícil desviar os olhos dela. Tremendamente difícil. Assim que abre a boca, fico cativado pelos lábios dela e sou invadido pelo desejo de os beijar.

Nessas alturas, lembro-me da imagem do meu pai, das costas da mão dele contra o meu rosto e da dor que senti no maxilar uns dias depois. Não é a primeira vez que me bate. Não acontece com frequência, mas acontece demasiadas vezes, sobretudo quando, na opinião dele, não correspondo às exigências da nossa família.

Magoa-me que não gostem da Ruby, mas terei de aprender a viver com isso. Nasci numa família da qual não me posso afastar, por muito que queira. Vou para Oxford e vou herdar a Beaufort.

Chegou o momento de aceitar isso e de deixar de ter pena de mim mesmo.

— Vamos agora analisar a segunda pergunta. James, queres partilhar as

tuas reflexões connosco? — pergunta-me de repente a Pippa, mas não faço a mais pequena ideia do que acabou de dizer, a única coisa que ouvi foi o meu nome.

— Prefiro não o fazer — respondo-lhe, recostando-me na cadeira.

Para ser sincero, só quero ir para casa. E, se for realmente sincero, só quero estar com a Ruby, mas não é possível. O facto de ela estar nesta sala sem olhar para mim é uma tortura. É a única pessoa que me motiva. Agora só me resta o lacrosse, não tenho mais nada a que me agarrar. Nem sequer as festas com os meus amigos conseguem distrair-me do facto de, atualmente, nada na minha vida ter sentido. O fim do ano letivo aproxima-se cada vez mais depressa e não sei como vou aguentar tudo isto. Como conseguirei que a minha existência não me pareça tão vazia.

— Se te convocarem para uma entrevista de admissão, tens de ter preparada uma resposta para todas as perguntas — insiste a Pippa, fazendo um gesto alentador.

Aproximo a folha de papel dos olhos, para ler melhor: «Em que casos, se é que existem, é que o perdão é falso?» Continuo a olhar para a pergunta. Dez segundos. E outros dez, até que o meu silêncio se torna incómodo e alguém pigarreia na sala. Um calafrio percorre-me os braços e chega-me às costas. A folha que tenho na mão fica mais pesada e tenho de voltar a pousá-la na mesa. Sinto-me como se estivesse a engolir cimento, mas não tenho nada na boca. Só a minha língua torpe, incapaz de pronunciar uma palavra que seja.

— Regra geral, o perdão vem na sequência de um ato pernicioso — oiço de repente a voz da Ruby dizer. — Mas quando uma pessoa perdoa outra pela dor que lhe infligiu, isso não significa que essa dor desapareça. Enquanto se sente dor, o perdão é falso.

Levanto os olhos. A Ruby olha para mim, imperturbável, e o que mais quero é estender a mão para ela. Estamos separados por um par de metros, mas essa distância parece tão intransponível que até me custa respirar.

Porra, controla-te de uma vez por todas, Beaufort.

— Quando se perdoa demasiado facilmente as pessoas, estas têm a sensação de que tudo lhes é permitido. Assim, a fúria da pessoa a quem se

fez mal é o castigo para o autor do mal, que deseja desesperadamente ser perdoado — acrescenta a Lin.

Sim, a fúria da Ruby é um castigo que mereço. Mas, mesmo assim, gostava que ela não passasse o resto do ano a detestar-me: devia estar contente por não faltar muito para realizar o sonho de entrar em Oxford. Se alguém o merece, é ela.

— O perdão nunca pode ser falso — objeto a meia-voz. Qualquer coisa brilha nos penetrantes olhos verdes da Ruby. — O perdão é uma marca de grandeza e de força. Se uma pessoa passar anos encolerizada e se destruir a si mesma, não é melhor do que a pessoa que a magoou.

A Ruby bufa com desdém.

— Isso só pode vir de alguém que está constantemente a magoar os outros.

— Por acaso não há um ditado sobre isso? «Perdoar, mas não esquecer.» — O Alistair olha para o grupo, e o Keshav e o Wren murmuram em concordância. — Uma pessoa pode perdoar alguém pelo seu comportamento, mas isso não significa que o mal que fez deixe de ter importância. O perdão é uma coisa obrigatória para pôr um ponto final. Esquecer é algo que demora muito tempo ou que não chega a acontecer. E não há mal nenhum nisso. Perdoar ajuda-nos a libertarmo-nos de um peso e a seguirmos caminho.

A Lydia, que está sentada do meu lado direito, endireita as costas.

— Dir-se-ia que, para se perdoar, basta estalar os dedos, e que esquecer é a única coisa realmente difícil. Mas não podemos perdoar todo o mal que nos fizeram. Se for uma coisa realmente má, não é assim tão fácil livrarmo-nos dela.

— Sou da mesma opinião — afirma a Ruby. — Se uma pessoa perdoar demasiado depressa, isso significa que não se leva a sério a si mesma e que afasta frivolamente a própria dor. É um comportamento autodestrutivo. É verdade que é preciso tempo para se reconhecer quando devemos livrar-nos do peso, mas se se considerar que a decisão de perdoar é apenas um meio para alcançar um fim, o perdão é falso.

— Talvez devêssemos distinguir entre o perdão que é saudável e o que é

doentio — intervém a Lydia, e a Ruby assente. — O perdão doentio é dado demasiado depressa e leva a que, em certas circunstâncias, a pessoa permita que voltem a maltratá-la. Mas o perdão saudável só acontece depois de uma reflexão madura. Nesse caso, a pessoa respeita-se a si mesma o suficiente para não permitir que voltem a maltratá-la.

— Mas o perdão não se pode comparar com a reconciliação — comenta o Wren, que está sentado ao lado da Lydia. Inclino-me um pouco para a frente para olhar para ele. Tem as mãos cruzadas atrás da cabeça e está recostado na cadeira. — Se o significado original do perdão é a pessoa libertar-se da fúria, então o perdão é mais para a vítima do que para o autor do mal, portanto é a pessoa que foi magoada que pode determinar em que medida é que perdoa.

— Mas também há atos imperdoáveis. — O Kesh diz aquilo muito baixinho. Todos se viram para ele, mas tem os braços cruzados e dá a impressão de que isso era tudo o que tinha para dizer.

— Importas-te de desenvolver um pouco mais o que acabaste de dizer, Keshav? — pergunta-lhe a Pippa num tom amável.

— Estou a falar de casos como o de um homicídio ou qualquer coisa do género. Eu acho bem que os familiares da vítima não perdoem. Como podem perdoar?

Sinto um formigueiro na nuca e, quase impercetivelmente, viro-me para a Ruby. Os nossos olhares cruzam-se e o formigueiro aumenta. Estamos separados por duas mesas e pelo espaço entre elas, mas quero cobrir essa distância de um salto, segurar o rosto dela entre as mãos e tornar a beijá-la.

— Isso também depende dos princípios morais de cada um. Cada pessoa tem um limite mais alto ou mais baixo em relação ao que considera imperdoável — diz a Lydia.

O Kesh responde-lhe qualquer coisa, mas já não oiço nada. Percebo perfeitamente, no olhar da Ruby, qual é o seu limite moral. O que eu lhe disse é, para ela, imperdoável. A boca dela forma uma linha fina e tem uns círculos pretos por baixo dos olhos, que sem dúvida estão ali por minha causa. Nunca me perdoará e, mesmo que eu saiba perfeitamente que para nós não há futuro, neste momento tenho consciência do que isso realmente

significa. Nunca mais voltarei a ter oportunidade de lhe tocar. Nunca mais voltarei a falar com ela. A rir com ela. A beijá-la.

A consciência disso derrota-me. É como se, por baixo dos meus pés, se abrisse um profundo buraco negro no qual caio e caio e caio.

Aplico toda a minha energia em respirar fundo e com calma, enquanto o resto da discussão me passa ao lado. Tal como tudo o resto.

25

Ruby

Antigamente, adorava sonhar. Nos meus sonhos, tudo era possível. Podia voar e, às vezes, até fazer truques de magia, entrava em Oxford e viajava por todo o mundo como embaixadora da universidade. Na maior parte das vezes, os meus sonhos eram muito vívidos e pareciam-me tão reais que, no dia seguinte, ia para o colégio supermotivada e tentava entregar-me às tarefas a mais de cem por cento.

Agora detesto os meus sonhos. Na maior parte deles, o James interpreta o papel principal e só quero que isto pare. Acordo a meio da noite, não por ter pesadelos, mas porque sinto uma palpitação entre as pernas, porque sonhei que ele me abraçava e me beijava. Sonho que me oferece novamente prazer físico em troca do meu silêncio e que, desta vez, não o detenho quando desabotoa a camisa. Sonho que me conduz a um mundo no qual não me apagou da sua vida.

Esta manhã, acordo novamente com as maçãs do rosto a arder e a colcha entre as pernas. Viro-me de barriga para cima, soltando um gemido e tapando os olhos com o braço. Tenho de arranjar maneira de conseguir afastar o James do meu subconsciente, caso contrário vou enlouquecer. Como é que vou conseguir esquecê-lo se, todas as noites, os meus sonhos me mostram o que podia ter acontecido entre nós?

Esfrego os olhos e pego no telemóvel, que tinha deixado em cima da mesinha de cabeceira. Falta pouco para as seis, o despertador vai tocar daqui a dez minutos. Cansada, sento-me e consulto o *e-mail*. Desde ontem à noite, recebi oito mensagens. Leio-as lentamente, para verificar se há alguma coisa importante.

Quando vejo quem é o remetente da última mensagem, levanto-me tão depressa na cama que até fico um pouco agoniada. Na minha caixa de entrada está uma mensagem da Direção de Admissões da Faculdade de St. Hilda.

Sustenho a respiração e abro a mensagem.

> Cara Ruby,
>
> É com grande prazer que a convidamos a visitar a Faculdade de St. Hilda, em Oxford, para que possamos entrevistá-la. Aproveitamos para lhe dar os parabéns por ter passado o primeiro processo de seleção.

Já nem leio o texto que vem abaixo. Dou um grito tão alto que se ouve em toda a casa. A Ember entra a correr no meu quarto e salto da cama. Preciso de uns instantes para recuperar o equilíbrio e depois ponho-lhe o telemóvel diante do nariz. Ao mesmo tempo, começo a dar saltos para cima e para baixo.

— Oh, meu Deus! — exclama a Ember, dando-me as mãos, e começamos a rodopiar de contentes. — Oh, meu Deus, Ruby!

Depois, desço as escadas tão depressa que quase caio. O meu pai já veio para o corredor com a cadeira de rodas e a minha mãe vem da cozinha com os olhos muito abertos. Seguro o telemóvel ao alto.

— Chamaram-me para fazer as entrevistas!

A minha mãe tapa a boca com as mãos e o meu pai dá um grito de alegria. A Ember rodeia-me a cintura com o braço e aperta-me firmemente contra si.

— Estou muito contente por ti! Mas não quero que te vás embora!

— Só me convocaram para fazer uma entrevista, isso não significa que me tenham admitido. Além disso, Oxford fica a apenas duas horas de distância.

Estou tão entusiasmada que não consigo ficar quieta. O meu sonho, que durante anos pareceu tão distante, está muito mais próximo. De repente, parece-me tão real que quase consigo tocar-lhe. Um formigueiro percorre-me o corpo, enchendo-me de energia.

— Todos sabemos que te vais sair muito bem nas entrevistas — diz-me o meu pai, e a Ember e eu não podemos evitar desatar às gargalhadas pelas palavras que ele escolheu. — Não terão outra opção senão aceitar-te.

Sorrio tanto que me doem os cantos da boca. Mas não consigo parar. Há muito tempo que não me sentia tão contente.

— Estou tão orgulhosa de ti, meu amor.

A minha mãe dá-me um beijo na cabeça e aperta-me contra si. Depois de me soltar, inclino-me para o meu pai, que também me abraça.

— E agora, qual é o passo seguinte? — pergunta-me.

Leio novamente a mensagem, desta vez até ao fim.

— Diz aqui que tenho de me apresentar em St. Hilda no próximo domingo à tarde. As entrevistas decorrerão na segunda e na terça-feira. A viagem de regresso é na quarta-feira de manhã.

— Quatro dias em Oxford — murmura a minha mãe, abanando a cabeça. — Eu sabia que te iam convocar.

Torno a olhar para ela com uma expressão resplandecente.

— Aqui diz que inclui alimentação e alojamento gratuitos.

— Nesse caso, escolhemos a universidade certa — diz o meu pai, com os olhos a brilhar de felicidade.

— Sei exatamente que roupa deves vestir. — A Ember dá-me a mão e puxa-me em direção às escadas.

— A roupa que vou usar em Oxford já está decidida desde as férias de verão.

Na verdade, está decidida há ainda mais tempo, se tiver em conta que tenho uma categoria de «Estilo Oxford» no Pinterest, na qual eu e a Ember estamos constantemente a guardar imagens que nos servem de inspiração. Antes de a Ember me arrastar dali para fora, despeço-me dos meus pais com um aceno de mão. Quando ainda estamos nas escadas, oiço-os falar.

— Oxford — murmura a minha mãe.

— Oxford — responde-lhe o meu pai no mesmo tom.

Parecem estar muito contentes. Espero, do fundo do coração, ter tido boa nota no exame de TSA e também passar nas entrevistas. Quero que continuem a sentir-se orgulhosos de mim. Quando minha família está feliz, eu também estou feliz.

Deixo que a Ember me arraste para o quarto dela. Enquanto tira do armário um conjunto atrás de outro e os pousa em cima da cama, preencho o formulário de matrícula da universidade e confirmo a comparência nas entrevistas. Finalmente, envio para a Lin um *print screen* do *e-mail* e espero

impacientemente pela resposta dela.

Ainda mal consigo acreditar. Já só faltam quatro dias: vou a Oxford.

No domingo à tarde, quando chegamos a Oxford, é quase de noite. Apesar disso, eu, os meus pais e a Ember decidimos dar um passeio pelo *campus*. A Faculdade de St. Hilda fica na ponta oriental de High Street e caminhamos ao longo do rio Cherwell, que brilha acolhedor à luz dos candeeiros de rua e entre os imponentes edifícios que, apesar da gasta pedra cinzenta das fachadas, não têm ar de se estar a desmoronar. Pelo contrário, com as janelas semicirculares de molduras brancas e as pequenas balaustradas, irradiam o encanto mágico das histórias antigas que tão ardentemente desejo ouvir um dia.

A Faculdade de St. Hilda é de uma beleza de cortar a respiração. E, enquanto empurro a cadeira de rodas do meu pai pelo caminho empedrado do *campus*, com a minha mãe e a Ember ao nosso lado, tenho a impressão de estar a viver uma história. O sorriso que não desapareceu do meu rosto desde a semana passada aumenta ainda mais.

— No próximo ano vais estar sentada exatamente ali — vaticina o meu pai, enquanto aponta para o relvado que se estende à nossa esquerda. — Com uma pilha de livros especializados diante do nariz. E sentada numa manta de lã aos quadrados.

— Tens umas ideias bastante concretas, pai — comento com um sorriso.

— É verdade, filha — responde-me o meu pai, assentindo com uma expressão séria.

Além do facto de St. Hilda ser uma faculdade lindíssima, também me agrada porque é conhecida pela diversidade, pelo espírito comunitário e pela maneira respeitosa como os alunos se tratam uns aos outros. Aqui, todas as pessoas são bem recebidas, independentemente do seu estrato social ou do país de origem. É exatamente disso que preciso, depois deste ano em Maxton Hall. Quero sentir-me à vontade e não ter de voltar a esconder-me. Não consigo imaginar-me a passar os próximos quatro anos numa faculdade rígida e conservadora, como, por exemplo, Balliol.

Além disso, St. Hilda tem unicórnios no brasão.

— Não posso acreditar que estou aqui — murmuro. — Tenho imensa sorte.

A Ember dá um estalinho com a língua.

— Não é sorte, trabalhaste muito afincadamente.

Tem razão. No entanto, sinto-me mal quando penso nas entrevistas que me esperam nos próximos dias. Esta noite, tenho de me preparar um bocado a qualquer custo e tenho de rever os apontamentos que tirei durante o curso da Pippa. Há já algum tempo que os sei de cor, mas tenho a certeza de que me sentirei melhor depois de os rever.

Depois de me dirigir à portaria para ir buscar a chave do quarto onde vou ficar alojada durante estes dias, despeço-me da minha família com o coração apertado, pego no pequeno saco de viagem e entro na residência. Por dentro, não é nada de especial: alcatifa azul, paredes nuas e brancas, mas, mesmo assim, sinto um formigueiro na barriga quando subo as escadas para ir para o primeiro piso. Talvez em breve este edifício seja o meu novo lar.

O meu quarto fica no início do corredor, do lado esquerdo. Pego na chave e preparo-me para a enfiar na fechadura quando oiço alguém aproximar-se de mim por trás. Viro-me, com um sorriso no rosto.

Mas o sorriso desaparece imediatamente.

Pensava que seria um aluno, mas não; tem o cabelo loiro-acobreado despenteado pelo vento e veste um sobretudo preto feito à medida.

É o James.

— Só podes estar a gozar! — exclamo.

Parece pelo menos tão surpreendido quanto eu. Os olhos dele ficam mais escuros e olha para a chave que tem na mão. Dá três passos largos, arrastando uma mala pequena, até chegar ao quarto que fica em frente do meu. Tenho a sensação de que o destino me está a pregar uma partida de mau gosto.

Sem dizer palavra, abre a porta e entra no quarto. Os seus olhos sombrios pousam em mim por breves segundos e depois fecha a porta, enquanto eu fico parada no corredor.

Controlei-me muito bem nestas últimas semanas. Ignorei-o, apesar de me

custar muito, e portei-me como se a nossa história não tivesse deixado nenhuma marca em mim. Mas, agora, sinto-me invadida pela raiva. Adoraria abrir a porta do quarto dele e entrar. Tenho vontade de lhe dizer tudo o que acumulei dentro de mim ao longo dos últimos tempos.

No entanto, sei que, na verdade, não há nada mais a dizer. Para o James, eu não passei de uma pequena pausa, e não era nada realista da minha parte acreditar que ele se podia transformar em qualquer coisa como um amigo... ou até mais do que isso.

Não devo sentir-me insegura por ele também estar aqui. Tenho um objetivo e não vou perdê-lo de vista. Já cheguei muito longe. Talvez devesse encarar o James como mais um desafio que tenho de ultrapassar no meu percurso para Oxford. E, desde que ele não me distraia dos meus planos, conseguirei suportar que fique alojado no quarto em frente do meu. Vou fazer o que fiz no colégio: vou fazer de conta que ele não existe.

Decidida, abro a porta do quarto e entro. A decoração é minimalista: há uma pequena secretária de madeira, um armário branco encastrado e uma cama simples. Da janela, vê-se o pátio interior em cujo centro se ergue uma árvore enorme. Aproximo-me mais para poder vê-la melhor. As folhas castanho-avermelhadas estão espalhadas pelo chão, cobrindo todo o relvado. Há um caminho que dá a volta a todo o jardim, e que tem candeeiros e bancos nas orlas. Faço o mesmo que o meu pai e imagino-me ali sentada dentro de poucos meses, com um monte de livros ao lado e a cabeça cheia de coisas novas que me ensinarão num *campus* que é, simplesmente, perfeito.

Apesar de a história com o James ainda me magoar imenso, de repente já não me parece tão terrível. Vou realizar o meu sonho.

26

Ruby

Na manhã seguinte, quando acordo, o teto branco e nu que está sobre a minha cabeça deixa-me momentaneamente desconcertada. Quando me viro, o colchão também me parece estranho. Paira no ar um cheiro diferente do do meu quarto.

Estás em Oxford.

Sento-me e olho em volta. Depois, dou um pequeno grito agudo. Tiro o telemóvel de cima da mesinha de cabeceira e dou uma vista de olhos às mensagens. A minha mãe e o meu pai lembram-me que tome um bom pequeno-almoço, porque sabem que perco o apetite quando estou muito nervosa, e a Ember escolheu uma citação motivadora que adoraria copiar para a minha agenda. O Kieran deseja-me muita sorte e diz-me que tem a certeza de que vou conseguir. A última mensagem é da Lin. Tirou uma fotografia do quarto dela, na Faculdade de St. John, que não é muito diferente do meu. Escrevo-lhe que estou desejosa de me encontrar com ela esta noite, no *pub* — um dos eventos que constam da programação do dia, que a secretaria já me tinha enviado —, e desejo-lhe que corra tudo bem com as entrevistas dela.

Depois, levanto-me e arranjo-me lentamente. Enquanto me maquilho e me visto, sinto as mãos a tremer de emoção.

Visto a saia de bombazina amarelo-escura e a camisa branca com discretas flores bordadas que escolhi há meses para usar neste dia e que estão penduradas no armário. Além disso, também levo a pequena carteira *bordeaux* e a pulseira de cabedal que a Ember me ofereceu.

A pulseira não combina com o resto, mas mal se vê por causa da manga comprida da camisa e, quando lhe toco, tenho a sensação de que uma parte da minha irmã e da minha família está comigo.

Na sala do pequeno-almoço, distingue-se perfeitamente quem são os verdadeiros alunos e quem são as pessoas que só vieram fazer as

entrevistas. Os primeiros dirigem-se diretamente para o expositor da comida, riem-se e conversam descontraidamente entre si, fazendo-me sentir vontade de, daqui a um ano, ser como eles são neste momento. Quero ir buscar o meu café sem dar duas voltas à sala porque não encontro a máquina, quero sentar-me junto dos meus amigos e falar com eles sobre o fim de semana. E quero lançar um sorriso de ânimo aos candidatos que chegam para fazer as entrevistas, na esperança de que depois se sintam melhor.

Ontem à noite, tudo isto ainda me parecia irreal. Agora, Oxford está a tornar-se realidade. Oiço as duas raparigas que estão ao meu lado enquanto conversam sobre os seminários em que participam e, ao princípio, não me dou conta de que se aperceberam de que estou a ouvir a conversa delas. Baixo imediatamente a cabeça e fico a olhar para a torrada, que depois de um par de dentadas me cai na barriga como uma pedra.

No programa que me deram, indicam que, depois de tomar o pequeno-almoço, devo dirigir-me para a sala comum. Quando abro a porta, sou surpreendida pelo barulho das vozes que enche a pequena divisão, até que vejo que não estão lá apenas candidatos, mas também antigos alunos que, refastelados nos sofás muito gastos, falam aos gritos com o intuito evidente de tentar que o ambiente fique um pouco mais descontraído.

Vejo uma cadeira livre ao pé de um dos sofás e sento-me. Um rapaz da minha idade senta-se ao meu lado, com um livro e uma pilha de papéis no colo. Tenta esboçar um sorriso na minha direção, mas sai-lhe mais um esgar. Está tão nervoso como eu. Com os dedos trémulos, pego nos meus apontamentos e começo a revê-los uma última vez.

De repente, sinto um formigueiro na nuca que se estende pelas costas. Levanto a cabeça e dirijo o olhar para a porta da sala. Quem me dera não o ter feito. Vejo o James lá parado, com as mãos enfiadas nos bolsos das calças e uma expressão impenetrável no rosto.

Por favor, não olhes para mim, não olhes para mim, não olhes para mim...

Vê-me sentada na cadeira. Passa lentamente os olhos pelo meu rosto, depois pela minha roupa, até se deter na pilha de papéis que tenho na mão.

Os cantos dos lábios dele movem-se quase impercetivelmente, mas depois, quase como se se censurasse a si mesmo por sorrir, volta a endurecer a expressão e passa os olhos pela sala comum, obviamente à procura de uma cadeira livre.

— Ruby Bell? — pergunta uma voz desconhecida.

Um dos antigos alunos levantou-se do sofá. É altíssimo — de certeza que mede mais de um metro e noventa —, tem cabelo castanho ondulado, ligeiramente puxado para trás, e um sorriso de dentes brancos e resplandecentes. É um dos rapazes que tentaram tornar o ambiente mais descontraído, o que me faz sentir uma simpatia imediata por ele.

— Aqui — digo num tom afónico, enquanto me levanto.

Tenho as mãos frias e húmidas. Esfrego-as na saia, para ver se aquecem e para que lhe possa dar um aperto de mão sem que seja desagradável. Torno a guardar os papéis na carteira e dirijo-me para a porta, onde ele me espera.

Quando passo junto do James, levanto o queixo decidida a ignorá-lo. Mas ele agarra-me na mão. Os seus dedos quentes rodeiam-me o pulso. O polegar acaricia a pele sensível dessa zona.

— Boa sorte — murmura, e depois larga-me a mão e dirige-se para a cadeira que eu acabei de deixar livre.

Preciso de um par de segundos para me recompor. O meu coração palpita desalmadamente e, desta vez, não tem nada que ver com o facto de estar nervosa.

O rapaz que me chamou faz-me um sorriso e gesticula para que me aproxime.

— Olá, chamo-me Jude Sherington. Vou acompanhar-te ao gabinete onde te farão a entrevista — explica-me, fazendo um movimento do queixo na direção do corredor.

Saio da sala comum sem olhar para trás. Dentro de alguns minutos, a minha sorte estará lançada. Dentro de alguns minutos, decidirão se vou ou não estudar nesta faculdade.

Toco no pulso, no sítio onde o polegar do James me acariciou. Devia aproveitar o caminho até ao gabinete da professora para me concentrar, mas não consigo esquecer a sensação do dedo dele na minha pele.

O melhor seria desatar a correr algumas vezes de um lado para o outro, para descontrair. Mas o Jude ainda está comigo e continua a sorrir-me. Conduziu-me por corredores intermináveis e labirínticos, e agora encosta-se em silêncio à parede, enquanto me sento numa cadeira em frente da porta de um gabinete e espero que me chamem.

Tudo pode acontecer a qualquer momento.

Expiro sonoramente.

— Estás nervosa? — pergunta-me o Jude.

Que pergunta!

— Muito. Como correu a tua entrevista?

— Mais ou menos assim. — Levanta a mão e fá-la tremer exageradamente. Acho cativante que seja tão verdadeiro.

— Mas conseguiste.

— Sim. — Um sorriso de ânimo desenha-se no rosto dele. — Não é magia. Vais conseguir.

Assinto, encolho os ombros e, ao mesmo tempo, abano negativamente a cabeça. Quando o Jude dá uma gargalhada, faço um esgar. Nesse momento, a porta do gabinete da professora abre-se e uma rapariga sai para o corredor. Tem as maçãs do rosto coradas e os lábios pálidos. Pelos vistos, não sou a única que está consumida pelo nervosismo. Infelizmente, não tenho oportunidade de lhe perguntar como lhe correu a entrevista, porque se vai embora sem dizer palavra. A porta do gabinete torna a fechar-se e olho para o Jude com uma expressão inquisitiva, mas ele limita-se a continuar a sorrir-me de maneira tranquilizadora.

— Não te preocupes, serás chamada quando quiserem que entres.

Portanto, a espera continua. Entretanto, sinto-me como se toda a minha inquietação se tivesse esgotado, pelo simples facto de estar sentada há tanto tempo. Cinco minutos depois, sinto o pé esquerdo dormente e abano-o discretamente para parar o formigueiro. É como se tivesse um monte de formigas a dançar dentro dos botins. Torno a abanar o pé e, nesse momento, a porta abre-se, rangendo. A professora aparece no meu campo de visão e mantenho o pé no ar, numa posição estranha.

— Ruby, faça o favor de entrar.

Tem uma voz serena e agradável que se estende como uma manta quente sobre o meu nervosismo. Levanto-me e endireito as costas. Atrás de mim, oiço o Jude dizer: «Espero que te corra muito bem!», mas já não vou a tempo de lhe agradecer. A professora segura a porta do gabinete onde fará a entrevista, e, enquanto entramos juntas, apresenta-se, dizendo que se chama Prudence.

O gabinete é mais ou menos tão grande quanto a sala de estar de nossa casa, mas o facto de estar muito desarrumado torna-o acolhedor. Os móveis parecem muito antigos, como se ali estivessem desde a fundação da faculdade, e paira no ar o cheiro a livros antigos. As paredes estão cobertas por um bom número de estantes, nas quais os livros se amontoam a torto e a direito. Na ponta oposta do gabinete, há outra docente sentada a uma secretária. Está ocupada a tirar apontamentos e só levanta os olhos quando a Prudence me conduz a uma mesa do outro lado do gabinete. Torno a alisar a saia e sento-me com as costas direitas. As duas professoras sentam-se do outro lado da mesa, abrem os blocos de notas e recostam-se nas cadeiras.

Sinto as batidas do meu coração no pescoço, mas tento que isso não se note, e esforço-me por transmitir confiança em mim mesma. Estou convencida de que posso tomar as rédeas desta entrevista. Preparei-me bem e fiz tudo o que estava ao meu alcance.

Respiro fundo e expiro lentamente.

— Estamos muito satisfeitas por ter aceitado o convite, Ruby. — É a segunda docente que rompe o silêncio. — Chamo-me Ada Jenson e, em conjunto com a Prudence, dou aulas de Política em St. Hilda.

Tal como aconteceu com a Prudence, a voz dela tem um efeito calmante sobre mim e pergunto a mim mesma como é possível que estas mulheres que fazem parte do grupo de pessoas mais inteligentes do país também tenham o dom de sossegar as pessoas numa situação como esta.

— Muito obrigada pelo convite — respondo-lhe, pigarreando. A minha voz soa como se tivesse engolido qualquer coisa pegajosa que ainda está colada à garganta.

— Vamos a começar pela primeira pergunta — continua a Prudence. — Porque é que quer estudar em Oxford?

Fico a olhar para ela. Não estava a contar com isto. Em todas as informações que li sobre as entrevistas, só se indicavam perguntas que tinham uma relação direta com um determinado tema. Não consigo evitar que um grande sorriso se desenhe no meu rosto. E, então, começo a falar. Conto-lhes tudo. Digo-lhes que me interesso por política desde criança e que aos sete anos já sabia que queria estudar em Oxford. Conto-lhes que, quando fiz doze anos, o meu pai me ofereceu a assinatura das revistas *Spectator* e *New Stateman* e que passava horas a ouvir os debates do Parlamento na televisão. Falo-lhes da minha paixão pela organização e pelo debate, e do meu desejo de melhorar o mundo. Sem lhes dar graxa, sublinho que, em minha opinião, Oxford é a melhor universidade para aprender aquilo de que preciso para alcançar o meu objetivo.

Quando termino, estou quase sem fôlego e não sei dizer se estão ou não satisfeitas com a minha resposta. De qualquer maneira, como não estou a contar com um *high five* ou qualquer coisa parecida, não me preocupo. Depois fazem-me mais duas perguntas, desta vez sobre um tema de política. Tento argumentar bem e não me sentir insegura com a insistência delas. Tudo isso não dura mais de quinze minutos, após os quais dão a entrevista por terminada.

— Muito obrigada pela conversa — digo-lhes, mas a Ada já está imersa nos seus apontamentos e não me ouve. A Prudence acompanha-me à porta e torna a sorrir quando se despede. Devolvo-lhe o sorriso e saio do gabinete. A porta fecha-se novamente atrás de mim e, de repente, sinto-me totalmente exausta.

Vejo o rapaz que me sorriu quando estávamos na sala comum sentado na cadeira em frente da porta. Lembro-me da rapariga de lábios exangues que se foi embora antes que eu tivesse oportunidade de falar com ela. Teria gostado que me tivesse dito algumas frases animadoras, mas percebo porque é que se foi embora tão depressa. Agora que a adrenalina que sinto está a diminuir lentamente, a única coisa que quero é sair deste edifício e apanhar ar fresco. No entanto, opto por dizer ao rapaz um sincero «Vais conseguir, boa sorte», antes de sair dali e procurar o caminho de regresso à residência.

27

Ruby

Passo o resto do dia a visitar o *campus*. Levo um copo de café e passeio pelos agradáveis espaços verdes, contemplando os edifícios onde, de acordo com os guias, se ensina Filosofia, Ciências Políticas e Economia. Sinto-me emocionada ao deambular por entre os alunos e, subitamente, apercebo-me de que estou tão imersa nos meus pensamentos que nem me dei conta de que estou a segui-los em direção a uma aula. Ninguém parece reparar em mim, portanto sento-me discretamente na última fila e passo mais de uma hora a ouvir uma aula sobre a obra de Kant. É a melhor hora e meia da minha vida.

À tarde, foi organizada uma saída para os aspirantes a entrar na faculdade: uma ida ao Turf Tavern, um *pub* lendário, frequentado por celebridades como Oscar Wilde, Thomas Hardy, Elizabeth Taylor, Margaret Thatcher e todo o elenco de *Harry Potter*. Chego demasiado cedo ao ponto do encontro indicado no programa, mas não sou a única. Alguns rapazes e raparigas que já tinha visto esta amanhã na sala comum formaram pequenos grupos, e vejo o Jude, que me cumprimenta com um sorriso resplandecente e me pergunta imediatamente como correu a entrevista. Quando já estamos todos presentes, pomo-nos a caminho. O *pub* fica a pouco mais de dois quilómetros do *campus* de St. Hilda. No percurso até lá temos de atravessar a Magdalen Bridge, por baixo da qual o rio Cherwell reflete o pôr do sol com brilhos alaranjados. Depois, atravessamos um parque de veados e vemos que alguns deles agitam as orelhas e erguem as cabeças com curiosidade quando nos ouvem. Como a maior parte dos outros, também estendo a mão para acariciar um deles, mas não são tão mansos como parecem. Subitamente, todos dão meia-volta e desaparecem a correr pelo prado.

O resto do percurso decorre entre edifícios antigos e ruelas que, às vezes, são tão estreitas que apenas duas pessoas conseguem passar lado a lado ao

mesmo tempo. Entretanto, começa a escurecer. Se estivesse sozinha, não me teria atrevido a passear por estas ruelas, mas o Jude está ao meu lado e vai-me distraindo enquanto me fala do seu curso. Estou, literalmente, pendente dos lábios dele. Tudo o que vi hoje aqui e tudo o que ele me está a explicar contribuem para aumentar ainda mais o meu desejo de estudar nesta universidade. Nunca na vida desejei algo tanto como desejo entrar em Oxford. Agora que tenho uma ideia de como pode ser, ficaria deprimida se não conseguisse entrar. Será que conseguiria resistir a esse revés? Não sei. Já para não falar do facto de não ter preparado um plano B.

De repente, o caminho torna a alargar-se. Os candeeiros de rua iluminam o caminho e chegam-me aos ouvidos fragmentos de conversas e música. Poucos minutos depois, chegamos a um sítio que está a abarrotar de gente. Dir-se-ia que a maior parte são estudantes, que conversam e bebem cerveja.

O nosso grupo abre caminho por entre a multidão, até chegar ao Turf Tavern. Tenho a impressão de que o edifício do *pub* é antigo. A fachada rebocada a branco tem umas vigas escuras na diagonal. O telhado está um pouco torto e, em alguns sítios, tem uma cor esverdeada e está coberto de musgo. Em frente do *pub* há mesas e cadeiras nas quais algumas pessoas estão comodamente sentadas debaixo de um guarda-sol. Está tanto frio que a respiração me sai da boca em volutas, e não é de espantar que a maior parte das pessoas se tenha protegido com casacos grossos, gorros e mantas de lã.

Por baixo da tabuleta do *pub* está pendurada uma grinalda com lâmpadas coloridas e, por baixo desta, fica a entrada. A porta está pintada de verde-escuro e a tinta está a descascar nos cantos. O Jude segura-a para eu entrar.

O ambiente que reina no interior é quase medieval. O teto do Turf Tavern é baixo e as paredes são de pedra grossa, toscamente talhada e com pequenos candeeiros de papel, e em cima das mesas há candeeiros com abajures em forma de prato. Levam-nos por um estreito corredor, até um espaço situado um pouco mais atrás e afastado da ruidosa sala principal.

O Jude vai à minha frente e, com os seus quase dois metros, mal consigo ver outra coisa que não as costas dele. É então que oiço aquilo. Uma gargalhada que conheço bem.

O Jude dirige-se a uma mesa que reservaram para nós e senta-se. Os outros também procuram sítio para se sentar, enquanto eu fico parada a olhar para um grupo que se instalou na mesa ao lado da nossa. Vejo sentados nela o Wren, o Alistair, o Cyril, a Camille, o Keshav, a Lydia e... o James.

O James, que hoje me desejou boa sorte e me acariciou o pulso. O James, que, quando me vê, não chega a beber a cerveja que estava a levar à boca e, um segundo depois, vira-se para o Cyril, que está à direita dele, e faz de conta que não me viu.

Engulo em seco.

Não entendo porque é que o facto de o ver aqui com o seu grupo me apanha tão desprevenida. Afinal de contas, sabia que tinham concorrido a Oxford e que o encontro desta noite no *pub* era um dos eventos do programa destinados a todos os convocados para as entrevistas. De repente, a euforia que estava a sentir esfuma-se e tenho de partir do princípio de que Oxford não será o bonito começo do zero que imaginei hoje de manhã. Terei de suportar voltar a ver alguns deles.

Desde que entre para a universidade, naturalmente.

— Ruby!

Olho em volta e vejo a Lin correr para mim com os braços abertos. Tem as maçãs do rosto coradas por causa do frio e envolveu o pescoço com um grosso cachecol cinzento que lhe tapa metade do rosto. Um instante depois, atira os braços para o meu pescoço e abraço-a com a mesma intensidade.

— Conta-me tudo — digo-lhe emocionada, depois de nos separarmos.

— Sentem-se — diz-nos o Jude, apontando para um banco à frente dele.

A Lin é a primeira a sentar-se e faço o mesmo depois de despir o casaco. Sem saber muito bem como, consigo não voltar a olhar para o James.

— Este sítio é bestial — comenta a Lin depois de nos termos instalado e quando já temos as cartas de bebidas e comida à nossa frente. — É quase como viajar no tempo.

— Sim, acho que se percebe bem a história do *pub* — respondo, dando-lhe razão. — Mas, agora, conta-me tudo! A mensagem que me enviaste era muito críptica. Como te correu a entrevista?

— Tu primeiro! — responde-me a Lin, e faço-lhe um resumo da entrevista desta manhã.

— Estavam ambas com cara de póquer, não consegui perceber se achavam bem ou mal o que lhes estava a dizer. Provavelmente, estavam perplexas porque não consegui evitar sorrir perante a primeira pergunta que me fizeram — digo-lhe.

— Pelo menos, não olharam para ti com má cara. A mim, calhou-me um professor com as sobrancelhas farfalhudas e juntas, que franzia tanto o sobrolho que, por duas ou três vezes, me perdi no que estava a dizer. Não imaginas quão contente fiquei quando a entrevista terminou. — Suspira e apoia o queixo na mão, arvorando uma expressão mal-humorada. — A verdade é que não me correu bem.

— Mas ainda tens outra entrevista — digo-lhe, tentando animá-la e apertando-lhe o braço. — Vais conseguir.

— Até tenho mais duas. No meu caso, as entrevistas para Economia e Filosofia são separadas. Tens imensa sorte!

— Nesse caso, tens o dobro das oportunidades para mostrares os teus conhecimentos. Isso é bom, ouve o que te digo.

— Na minha entrevista, perguntaram-me se podia apanhar uma caneta que tinha caído para baixo da cadeira — diz de repente o Jude, intrometendo-se na nossa conversa.

— Como? — pergunta-lhe a Lin.

— Perguntei imediatamente a mim mesmo se aquilo faria parte da entrevista e comecei a explorar cientificamente a pergunta, estruturando a resposta de acordo com isso. — Esboça um sorriso ainda maior. — Mas, no fim, percebi que queriam realmente que apanhasse a caneta.

Eu e a Lin desatamos a rir.

Pouco depois, o empregado de mesa aparece e toma nota do nosso pedido. O Jude avisa-nos de que, no Turf Tavern, é indispensável beber cerveja pelo menos uma vez, portanto eu e a Lin pedimos uma, acompanhada de qualquer coisa para petiscar. Enquanto esperamos que nos tragam as bebidas, conto à Lin como passei a tarde e sobre a aula onde entrei às escondidas. Além disso, aproveitamos a oportunidade para cravejar o Jude

de perguntas sobre os seminários em que participou, os professores que tem, os colegas e a vida em Oxford.

Passado um bocado, o empregado de mesa traz-nos as bebidas. É a primeira vez que tenho uma cerveja à minha frente. A única bebida alcoólica que alguma vez bebi foi aquela coisa adocicada que o Wren me serviu na festa. Agora, quando brindamos, tenho consciência do que estou a fazer. Fui eu que decidi. Bebo voluntariamente, porque isso faz parte desta experiência. Fazer uma coisa que me proibi de fazer durante muito tempo parece-me maduro e emocionante.

Levo o copo à boca e bebo um primeiro gole. Faço imediatamente um esgar de asco.

— É horrível — digo.

O Jude e a Lin dão uma sonora gargalhada, enquanto olho para eles verdadeiramente preocupada.

— Porque é que bebem isto de livre e espontânea vontade?

— É a tua primeira cerveja? — pergunta-me o Jude.

Anuo.

— E a última, sem dúvida alguma.

— Isso é o que dizes agora — objeta o Jude, levantando e baixando as sobrancelhas, enquanto a Lin lhe dá razão. — É o mesmo que acontece com o café. Quando és pequena, achas que é repugnante, mas, quanto mais cresces, mais gostas de café. — Depois, aponta para a minha boca. — Por falar nisso, tens um bigode.

Sobressaltada, limpo a boca com as costas da mão.

— Adoro café. Isto é... sabe a... é como se estivesse a lamber a casca de uma árvore.

A Lin e o Jude riem-se novamente com vontade.

— Prefiro não saber como é que sabes qual é o sabor de uma casca de árvore — brinca o Jude.

Ostensivamente, empurro a cerveja para o meio da mesa.

— Tomem, já se podem servir. Vou buscar uma *Coca-Cola*.

Deslizo pelo banco, passo ao lado de duas mesas e dirijo-me para o bar por um corredor estreito. Ainda está mais cheio do que antes; pelos vistos, o

Turf Tavern não é frequentado apenas por alunos, é uma verdadeira atração turística. Passam dez minutos até que o empregado me pergunte o que quero e me passe a *Coca-Cola* por cima do balcão. Agradeço-lhe com um sorriso e viro-me.

Nesse momento, vejo a Lydia. Abre caminho por entre a multidão com uma expressão impaciente, encaminhando-se para a casa de banho, e parece não me ter visto. Está muito pálida e vejo que tem a mão a tremer, quando a levanta para afastar um homem do seu caminho. Consternada, sigo-a com o olhar, até que desaparece atrás da porta da casa de banho.

É provável que tenha bebido de mais. E, no entanto, ainda nem sequer são oito da noite. Abanando a cabeça, volto para a minha mesa, onde o Jude, a Lin e mais umas pessoas com quem viemos conversam animadamente. Participo na conversa enquanto bebo lentamente a *Coca-Cola*. Vou olhando de relance para o sítio onde a Lydia estava sentada, mas ainda não voltou da casa de banho. Pensando bem, não estava com bom aspeto. Antes pelo contrário.

Observo cautelosamente os amigos dela. O James e o Wren parecem estar a discutir qualquer coisa, enquanto a Camille está sentada quase ao colo do Keshav e lhe murmura ao ouvido algo que o faz sorrir. Diante deles, o Alistair bebe de um só trago a caneca de *pint* meio-cheia. Tem uma expressão amarga e está de sobrolho franzido. Embora responda ao que o Wren lhe está a perguntar, não tira os olhos da Camille e do Keshav, que namoriscam mesmo debaixo do nariz dele. Já acho bastante indecente que o Keshav esconda a relação que tem com o Alistair quando estão com os amigos, mas agora, vê-lo enrolar-se com uma rapariga diante dele, ainda o faz descer mais na minha consideração.

Nenhum dos rapazes parece dar-se conta de que a Lydia não voltou para junto deles. Hesito momentaneamente, mas depois levanto-me, pedindo desculpa aos outros. O nível de álcool aumentou muito na última hora, nota-se bem nas pessoas que estão no bar. Agora, falam tão alto que quase abafam a música e, quando passo ao lado delas, só uma minoria me deixa passar voluntariamente. Suspiro de alívio quando por fim consigo chegar à outra ponta da sala. Entro na casa de banho das mulheres e olho

cautelosamente em volta. Há vários cubículos. Mas as portas estão todas abertas, exceto uma.

Oiço um ligeiro gemido. E depois... uns vómitos fortes.

Bato discretamente à porta e verifico que não está fechada. Abre-se uma nesga, mas não me atrevo a empurrá-la toda para trás.

— Lydia?

— Por favor, deixa-me sozinha — responde-me com voz rouca.

Lembro-me da segunda-feira a seguir à festa, quando ela se sentou ao meu lado no intervalo do meio-dia e me pediu desculpa. Foi simpática, muito simplesmente. E, agora, tenho oportunidade de lhe devolver o gesto.

— Posso ajudar-te com alguma coisa? — pergunto-lhe em voz baixa.

Em vez de me responder, oiço-a vomitar novamente e, depois, um chapinhar desagradável. Dirijo-me a correr para os lavatórios e pego em algumas toalhas de papel, humedecendo-as debaixo da torneira. Depois, pigarreando baixinho, passo-as à Lydia por baixo da porta do cubículo.

— Toma.

As toalhas desaparecem da minha mão.

Agacho-me junto à porta, sem saber o que fazer. Não quero deixar a Lydia sozinha neste estado, mas também não sei como a ajudar.

Ouve-se o som do autoclismo e, pouco depois, a porta abre-se uma nesga. Vejo um pequeno fragmento do rosto da Lydia. Que injustiça!, apesar dos olhos chorosos e das manchas vermelhas nas maçãs do rosto, continua lindíssima. Reconheço muitas semelhanças com o irmão no rosto dela. Mas, nesta situação, não faz sentido pensar no James.

— Queres que te traga água ou outra coisa qualquer?

— Não, estou bem. Só preciso de uns minutos, para as paredes pararem de andar à roda.

Inclina-se para trás, até apoiar as costas na parede. Depois, fecha os olhos e deita a cabeça para trás.

— Bebeste muito? — pergunto-lhe.

A Lydia nega com um movimento quase impercetível da cabeça.

— Não bebi nada — murmura.

— Estás doente? — insisto. — De certeza que aqui perto há alguma

farmácia de serviço, se não houver nada melhor.

A Lydia não me responde.

— Ou... — continuo, hesitando — são nervos? Estás nervosa por causa de amanhã?

Agora, a Lydia olha para mim. Tem uma expressão entre o divertida e o tristíssima.

— Não — responde-me. — Não estou nervosa. Fiz as duas entrevistas hoje e correram-me realmente bem.

— Fantástico! — digo baixinho, embora não me pareça que a Lydia esteja especialmente contente com isso. Pelo contrário, umas lágrimas tornam a aparecer nos olhos dela. — Porque é que não estás contente?

Encolhe os ombros e leva uma mão à barriga.

— É indiferente que as entrevistas me tenham corrido bem ou mal. Não virei estudar para cá.

— Porquê? Não queres vir para Oxford?

A Lydia engole em seco.

— Sim. Na verdade, quero.

— Então, qual é o problema? Se as entrevistas te correram bem, de certeza que vais conseguir.

— Não me estou a referir a isso. Acho, simplesmente, que... que não posso estudar aqui.

Não entendo.

— Porquê? — pergunto-lhe, desconcertada.

Não me responde. Em vez disso, baixa os olhos para a mão que tem sobre a barriga. Começa a movê-la lentamente sobre o tecido da camisa ou, melhor dizendo, sobre a pequena redondez que se encontra por baixo desta.

Em circunstâncias normais, eu não teria suspeitado de nada. Toda a gente fica com pneus na barriga quando se senta. No entanto, a maior parte das pessoas não os acaricia. E não olha para eles com uma expressão tão carinhosa como a que vi no rosto da Lydia.

Faz-se luz na minha mente e respiro fundo.

— É verdade que não bebeste nada — murmuro.

Abana negativamente a cabeça, devagarinho. Uma lágrima cai-lhe pela

maçã do rosto.

— Há meses que não bebo.

Penso na bebida que ela tinha na mão na festa do Cyril, mas que acabou por não beber. E, evidentemente, penso no dia em que a apanhei com o professor Sutton. Fico com um nó na garganta.

— É do...? — Não me atrevo a terminar a frase, mas não é preciso. A Lydia percebe o que lhe estou a perguntar e assente. — Não sei o que dizer — admito.

— Então, já somos duas. — Seca as lágrimas aos cantos dos olhos.

— De quanto tempo estás? — murmuro.

A Lydia torna a acariciar suavemente a barriga.

— Doze semanas.

— Quem é que sabe? — continuo a perguntar.

— Ninguém.

— Nem sequer o James?

Abana negativamente a cabeça.

— Não. E deve continuar sem saber.

— Porque é que me contaste?

— Porque não paraste de fazer perguntas — responde-me imediatamente. Depois suspira. — Além disso, o James confia em ti. E, em geral, não confia em ninguém.

Cerro os lábios e tento não pensar no que isso significa.

— A dada altura, muito em breve, não será tão fácil de esconder — digo-lhe, apontando para a barriga dela.

— Eu sei. — Tem a voz tão quebrada, tão triste que não posso evitar ficar também angustiada.

— Podes conversar comigo sempre que te apetecer. Durante as próximas semanas e os próximos meses. Se quiseres, claro.

A Lydia olha para mim, incrédula.

— Porque é que farias isso?

Cautelosamente, faço-lhe uma festa no braço.

— Estou a falar a sério, Lydia. É um assunto importante. Percebo que não queiras falar disso com ninguém, mas... — Olho para a barriga dela. —

Estás à espera de um bebé.

Segue o meu olhar.

— É muito estranho ouvir essa frase. Quer dizer, é evidente que sei disso, mas, até agora, nunca tinha ouvido ninguém dizê-lo. Por isso não me parecia tão real.

Entendo perfeitamente o que ela quer dizer. Quando as coisas são ditas, dá-se-lhes espaço para se concretizarem e ganham autenticidade.

— Não queres que te leve à residência? — pergunto-lhe passado um bocado.

A Lydia hesita por uns segundos, mantendo-se em silêncio. Depois assente e esboça um sorriso tímido, o primeiro desta noite. Não sei se realmente confia em mim, mas, se for esse o caso, talvez mude de ideias. Conheço os dois maiores segredos da vida dela e é evidente que os vou guardar para mim. Não vou enganar a Lydia. Pelo contrário, imagino que, neste período difícil, vá precisar de uma amiga.

Levanto-me e estendo-lhe a mão, para a ajudar a levantar-se.

— Sabes que, há uns minutos, ainda estava a vomitar para dentro da sanita, certo? — pergunta-me.

Franzo o nariz.

— Obrigada por mo lembrares — respondo-lhe, sem afastar a mão.

A Lydia dá-me a mão e sorri.

28

Ruby

No dia seguinte, a entrevista é um horror. Por um lado, porque passei metade da noite acordada a dar voltas à cabeça a pensar na situação da Lydia; e, por outro, porque não consigo criar empatia com os dois professores. Ao princípio, dizem umas piadas que não entendo e, quando por fim começamos a entrevista, não ficam satisfeitos com as minhas respostas. Perguntam-me quantas pessoas estão na sala e digo-lhes que não é possível determinar com exatidão. No fim de contas, podia estar a sonhar ou os dois professores podiam só existir na minha mente. Foi um exercício que praticámos com a Pippa, mas a minha resposta não lhes agrada minimamente. O professor de Filosofia qualifica-a de «pseudointelectual» e pede-me que a questione e que determine porque é que é incorreta. Depois, pede-me uma resposta lógica e, em voz baixa, digo:

— Três.

A partir daí, sinto-me insegura e tenho de pensar três vezes em cada pergunta que me fazem, antes de lhes responder. A entrevista é uma total catástrofe e, quando termino, ao fim de meia hora, sinto a cabeça a zumbir.

Como um robô, despeço-me dos professores e saio do gabinete. Quando chego ao corredor, apercebo-me de que estou muito agoniada e tenho de me apoiar na parede para não perder o equilíbrio.

O meu olhar detém-se no candidato que vai ser entrevistado a seguir. Céus, é o James.

O facto de ele ter este hábito de aparecer de cada vez que estou em baixo e de me ver nessa situação dá-me cabo dos nervos. Está a conversar com a aluna que o trouxe aqui. Ou, melhor dizendo, ela está a falar, enquanto o James olha para as pontas dos pés. Só levanta a cabeça quando o professor fecha a porta atrás de mim.

Tem um aspeto incrível. Veste umas calças pretas e uma camisa verde-escura, que lhe realça os ombros e o tronco. Detesto que a roupa lhe fique

tão bem. Além disso, detesto que esteja vestido de maneira tão formal e que, apesar disso, não pareça enfadonho. Na verdade, detesto tudo nele.

Sobretudo, a maneira como me partiu o coração. Sempre que o vejo, torno a sentir a dor que andei a reprimir durante as últimas semanas. O meu coração bate intensamente, fico com a boca seca, e uma sensação de fraqueza espalha-se pela minha barriga. E depois aparece esta triste nostalgia. A necessidade de me aproximar dele e de lhe dar a mão, simplesmente para lhe tocar e sentir o calor da sua pele contra a minha. Também quero desejar-lhe boa sorte, como ele me desejou ontem, mas não consigo dizer nada. Se abrir a boca, a voz vai-se-me quebrar. Precisamente agora, quando, de qualquer maneira, já estou prestes a desatar a chorar.

De repente, o James levanta-se e dá um passo para mim. Antes que ele possa dizer o que quer que seja, afasto o olhar e dirijo-me precipitadamente para o corredor.

O resto do dia arrasta-se interminavelmente.

Depois da entrevista, gostava de ter ido para o quarto e enroscar-me debaixo da colcha, mas encontro alguns candidatos que vão dar uma volta pelo *campus* com dois alunos dos últimos anos. Ontem já vi muita coisa, mas, como depois da horrível entrevista não tenho a certeza de voltar a ter oportunidade de passar tempo em St. Hilda, junto-me ao grupo. O que é horrível é que me mostram o maravilhoso *campus* de uma universidade na qual é possível que não possa estudar, mas o Tom e a Liz põem tanto empenho na visita guiada que decido afastar os pensamentos lúgubres por algum tempo e concentrar-me no que nos estão a explicar.

St. Hilda foi uma das primeiras faculdades de Oxford fundadas exclusivamente para mulheres. Contudo, desde há apenas nove anos, também aceitam homens. Já sabia que esta universidade era conhecida pelo seu caráter aberto, mas, enquanto passeamos pelo *campus* e entre os edifícios, percebo claramente que não são palavras vãs. Os alunos cumprimentam-se entre si e mesmo aqueles que estão sentados na biblioteca entre pilhas de livros e que parecem superstressados param de estudar momentaneamente para responder às nossas perguntas. Aqui, o

ambiente é completamente diferente do que reina em Maxton Hall. Aqui não há distinções entre ricos e pobres, fixes e não fixes, respeitáveis e não respeitáveis: aqui todos parecem iguais.

Sinto uma enorme angústia perante a perspetiva de ter estragado tudo.

Ao meio-dia, a Lin envia-me uma mensagem a perguntar como correu a entrevista, mas não consigo responder-lhe. Tal como também não consigo responder aos meus pais ou à Ember. Estou dececionada comigo mesma e tenho de aceitar o que aconteceu, antes de estar com eles. Sei perfeitamente como vão reagir: vão mostrar-se compreensivos e carinhosos e vão tentar consolar-me. Algo que, neste momento, sou incapaz de suportar.

Ao início da tarde, voltamos para a sala comum. Já estou pronta para me trancar no quarto, mas há uma última atividade, um encontro com o Jude e mais alguns alunos que se dispuseram a responder às nossas perguntas sobre os estudos e a vida em Oxford. Esforço-me ao máximo por recuperar a energia positiva, mas não há maneira de o conseguir. Portanto, sento-me num cadeirão de orelhas que parece ser confortável, dobro as pernas por baixo do corpo e decido ficar ali sentada a ouvir o que dizem.

A pouco e pouco, a sala vai ficando cheia. A dado momento, o James aparece. Vem com a aluna que o acompanhou à entrevista e que ficou à espera dele em frente da porta. Estão a conversar entre si e, por mais que tente, não consigo desviar o olhar dele.

Nunca percebi porque é que se diz que nos partiram o coração, e agora ainda percebo menos, porque me sinto como se me tivessem partido tudo, tudo me magoa. Além disso, custa-me respirar. Devia dizer-se que se sente uma dor geral com obstrução das vias respiratórias. Não soa tão romântico, nem pouco mais ou menos, mas, em minha opinião, é muito mais acertado.

Consigo desviar o olhar no preciso momento em que o James me vê na sala. Por uma fração de segundo, os nossos olhares cruzam-se; mesmo assim, um formigueiro começa a espalhar-se pela minha pele.

Estou demasiado frustrada e cansada para lutar contra isto.

— Bem, malta! — começa o Jude a dizer, enquanto bate palmas. — Já cá estamos todos? Então, podemos começar. Ali atrás ainda há espaço — diz, apontando para onde eu estou.

Embora a maior parte de nós se tenha instalado confortavelmente em sofás e cadeirões, ao meu lado há algumas cadeiras livres com almofadas coloridas. Pelo canto do olho, vejo que o James e outros dois rapazes se aproximam de mim. Atrevo-me a olhar de soslaio para ele momentaneamente. O James responde-me com o seu olhar escuro.

Chego-me um pouco para a direita no meu cadeirão. Não me importa o que ele pense de mim. A única coisa que não quero é estar demasiado perto dele. Já me basta a dor que sinto no peito.

— Podem perguntar-nos tudo o que quiserem — explica a Liz. — Sobre os estudos, a vida privada ou os objetivos profissionais.

— Tudo? — pergunta o rapaz que está sentado à esquerda do James.

— Podes perguntar tudo o que quiseres; se respondemos ou não, é decisão nossa. — O Jude pisca-lhe o olho e alguns candidatos riem-se discretamente.

— Muito bem, vamos começar? — pergunta a rapariga que acompanhou o James. É verdadeiramente bonita, não está maquilhada mas, apesar disso, as suas maçãs do rosto têm um ligeiro brilho. Gostava de lhe perguntar como consegue esse efeito, mas temo que não seja o tipo de pergunta para se fazer aqui.

— Os estudos são muito difíceis? Têm vida privada? — pergunta uma rapariga que vejo pela primeira vez.

O Jude, a Liz e a aluna bonita olham uns para os outros e, fazendo um gesto de mão, o Jude dá a palavra à Liz.

— Como é lógico, aqui os estudos são mais intensos do que noutras universidades, precisamente porque vivemos no *campus* e, inicialmente, temos de nos adaptar. Mas temos tempo suficiente para os assuntos privados.

Um leve murmúrio espalha-se pela sala. A maior parte das pessoas parece ficar verdadeiramente tranquilizada com a resposta.

— Próxima pergunta, vá! — anima-nos o Jude, olhando para o grupo com uma expressão expectante.

Há um breve silêncio. E depois...

— É verdade o que toda a gente diz? Que estudar aqui é uma anedota, em

comparação com estudar em Balliol?

Viro a cabeça para o James. Olha para a frente com uma expressão séria e interessada, para onde estão sentados os três alunos, que olham para ele com expressões perplexas.

— É o mesmo ciclo de estudos — responde-lhe o Jude, num tom hesitante e como o sobrolho ligeiramente franzido. — Mas como estudo aqui e não em Balliol, não posso tecer juízos de valor. Só te posso dizer como é St. Hilda.

— Um «sim» teria sido suficiente.

Olho para o James, desconcertada. Não posso acreditar que tenha dito isto. E menos ainda naquele tom horrível, que de certeza que aprendeu com o pai e que me dá cabo dos nervos.

A necessidade de abrir a boca aumenta de segundo para segundo, e o meu escudo protetor vai-se desintegrando a pouco e pouco.

Não faças isso, não faças isso, não faças isso...

Não dou ouvidos à razão.

— É evidente! — rebento.

O James vira-se lentamente para mim.

— O que é que é evidente?

— Que St. Hilda não é suficiente para ti, só porque o teu pai não estudou aqui.

Esforço-me por manter um tom de voz calmo, mas a minha boca não obedece. Não depois deste dia. Não quando ele se comporta assim. Nos olhos do James cintila qualquer coisa semelhante a dor.

— Isso não é verdade — diz.

Ao ouvir esta mentira, toda a raiva que tenho andado a conter com todas as minhas forças durante as últimas semanas irrompe de dentro de mim como uma tempestade. Não consigo continuar a reprimi-la nem por mais um segundo, e as palavras saem-me aos borbotões, aos gritos e sem filtro.

— O que é que não é verdade? Que St. Hilda não é suficientemente boa para ti, como eu também não sou, porque os teus pais querem uma coisa diferente para ti? Que fazes sempre o que eles querem, em vez de pensares por ti próprio no que queres fazer na vida? És muito cobarde!

De repente, reina na sala um silêncio sepulcral. Custa-me respirar, o meu peito sobe e desce a toda a velocidade e começo a sentir picadas nos olhos.

Oh, não. Não.

Não vou chorar diante desta gente toda nem fazer uma figura ainda mais ridícula do que a que acabei de fazer.

Levanto-me bruscamente e saio da sala sem dizer palavra. Percorro o corredor e estou quase a chegar às escadas, quando oiço uns passos rápidos atrás de mim. Subo os degraus de dois em dois, até chegar ao andar de cima e virar para o corredor. O James pisa-me os calcanhares. Passa-me à frente e fica parado diante de mim, obrigando-me a estacar.

— Não é verdade — repete, sem fôlego.

Tem as maçãs do rosto coradas e o cabelo despenteado. Sempre que olho para ele é como se o meu corpo estivesse unido ao dele de uma maneira irracional. Quanto mais próximo está de mim, mais aumenta a minha necessidade de lhe tocar, independentemente de quão furiosa estou com ele. Não pode ser. Como posso desejá-lo, depois me ter magoado tanto?

— O que é que não é verdade?

Quase não consigo pronunciar as palavras, tal é a quantidade de sentimentos que me invade. A dor que o olhar dele expressa apanha-me totalmente desprevenida.

— Que não sejas suficientemente boa para mim.

Por instantes, fico pasmada a olhar para ele. Depois, cerro os punhos com tanta força que cravo as unhas na pele.

— Que grande treta! — resmungo.

O James dá um passo na minha direção.

— Ruby...

— Não! — interrompo-o. — Não podes fazer isto. Não podes cortar comigo e humilhar-me diante de todos os teus amigos, só para depois me pegares no pulso, me acariciares e me desejares boa sorte num murmúrio. Já demonstraste com toda a clareza que não me queres incluir na tua vida fantástica.

— Não era... eu...

Primeiro vem a correr atrás de mim e depois não consegue dizer uma

frase coerente. Adoraria agarrá-lo pelos ombros e abaná-lo.

— Não eras tu? — A minha voz está impregnada de ironia.

— Lamento ter-me comportado assim. Desculpa, Ruby. Mas não posso... não posso. Não é possível.

Levanto os braços.

— Então, por que diabos estás aqui? Porque é que estás a falar comigo?

— Porque eu...

Interrompe novamente a frase. Franze o sobrolho, como se ele próprio não soubesse a resposta. Depois, abre a boca e torna a fechá-la. Parece estar a recusar-se a dizer as palavras que, na verdade, tem na ponta da língua.

— Não sabes o que queres de mim. Não sabes o que queres fazer na vida. Acho que não sabes absolutamente nada.

As maçãs do rosto dele ficam ainda mais coradas. Agora, a postura dele é um reflexo da minha: os ombros rígidos, os punhos cerrados. Nunca o tinha visto assim. Dá um passo para mim, furioso, e sinto o calor que irradia.

— Sei exatamente o que quero. — A hesitação evaporou-se e, de repente, o tom é de pura determinação.

— Então porque é que não o fazes?

— Porque o que eu quero nunca teve importância.

O pouco autocontrolo que ainda me restava, e que estava preso por um fio, desaparece definitivamente com as palavras dele.

— Para mim, tem! Para mim, o que tu queres sempre foi importante! — grito, batendo-lhe no peito com as duas mãos.

O James reage com a rapidez de um relâmpago, apertando com firmeza as minhas mãos contra o seu peito. Respiramos entrecortadamente. Depressa e bruscamente. Sinto o forte bater do coração dele por baixo dos meus dedos. Tem o coração a bater muito depressa. Por minha causa. Pelo que existe entre nós, por aquilo que, desde há meses, cresce entre nós.

Mexemo-nos ao mesmo tempo: o James puxa-me contra si e eu dou um salto para ele. As nossas bocas unem-se. As minhas mãos, furiosas, dirigem-se para o cabelo dele e puxo-lho, enquanto ele me agarra as coxas e enterra os dedos na minha carne. Mordo-lhe o lábio inferior porque estou muito zangada. Ele dá um gemido profundo e põe uma mão nas minhas

nádegas. Com a outra, percorre-me as costas até cima, parando na nuca. Todas as semanas durante as quais me empenhei em ignorá-lo e em que lutei contra os meus sentimentos caem-me em cima como um tornado.

O nosso beijo é a continuação da nossa discussão, uma luta que transforma a raiva que há em mim noutra coisa e que liberta um som que nunca tinha articulado. Uma espécie de gemido desesperado que quase soa como um soluço. Percorro-lhe o lábio inferior com a língua e desfruto do seu sabor.

Ato contínuo, o James segura-me pela nuca e dá-me um beijo profundo. O beijo é como um pedido de desculpas. Pelos seus dedos trémulos, percebo que há muito tempo que queria fazer isto e o quanto lhe custou negá-lo a si mesmo. Beija-me como se quisesse submergir-se em mim, é um misto de desejo, desespero, raiva e todos os sentimentos que há entre eles, e isso faz-me enlouquecer, mas, ao mesmo tempo, há semanas que não me sentia tão viva. Não entendo como é possível. Não entendo como alguém que quero detestar pode ter este efeito sobre mim.

O James agarra-me pela cintura, levanta-me e avança cambaleante pelo corredor, comigo ao colo. Tudo isto sem que os nossos lábios se separem uma única vez. As minhas costas batem contra a porta do quarto do James e respiro fundo. Arranho-lhe a nuca com raiva. O James geme na minha boca e aperta-se contra mim, o seu corpo duro é a única coisa que me impede de cair ao chão. A mão dele desce da minha cintura para a coxa, depois desaparece e oiço imediatamente o tilintar da chave. A seguir, segura-me com mais força e abre a porta atrás de mim. Entra ainda comigo ao colo e fecha a porta. Mal me dou conta do barulho que esta faz ao bater. Neste momento, não há nada mais relevante do que eu e ele, e os sentimentos que nos movem. Desta vez, ninguém nos vai interromper. Ninguém vai destruir o que há entre nós.

Só nós dois decidiremos o que vai acontecer agora.

Os meus movimentos tornam-se mais suaves, mas nem por isso menos apaixonados. Mais dois passos e chegamos à cama, e o James deixa-se cair em cima dela. Põe o braço por baixo das minhas costas, para amortecer o impacto, e, ao mesmo tempo, aperta o corpo contra o meu, de uma maneira

tão perfeita que suspiro e lhe rodeio as ancas com as pernas.

A boca do James percorre ternamente cada milímetro do meu rosto. Beija-me as maçãs do rosto e os cantos da boca. A ponta do nariz. Os lábios dele deslizam para o meu queixo. Agarro-me com força aos seus ombros e fecho os olhos. Estrelas explodem atrás das minhas pálpebras quando me chupa o pescoço e pressiona com os lábios o sítio onde a minha pulsação bate sempre aceleradamente.

— Ruby... — murmura o meu nome, exatamente com fez naquela noite, há mais de um mês, quando nos beijámos nas escadas do colégio. Essa memória atinge-me repentina e fortemente, e traz consigo o desespero e a dor. Não posso conter as picadas nos olhos e surgem umas lágrimas ardentes que resvalam pelo meu rosto.

O James para. Afasta-se um pouco de mim e olha-me por entre as pálpebras pesadas. Com as pupilas dilatadas e as maçãs do rosto coradas, quase parece drogado. Acaricia-me o rosto com ternura e torna a repetir o meu nome.

Tapo o rosto com um braço, para ele não me ver chorar, mas pega-me na mão e levanta-a com cuidado. Entrelaça os nossos dedos e põe-nos ao lado da minha cabeça, em cima da cama. Com a outra mão, afasta uma madeixa que se soltou do meu cabelo. Depois, percorre lentamente com o indicador a pele sensível por baixo dos meus olhos e segue o trajeto em volta do meu nariz.

— Desculpa — murmura junto da minha têmpora, beijando-me as raízes do cabelo.

Não para de me acariciar o rosto. É como se os braços dele estivessem a construir um espaço protetor para nós os dois. Quando levanto os olhos, vejo quão inchado está o seu lábio inferior. Vê-se claramente o sítio onde o mordi e fico com a consciência pesada. Acaricio suavemente a pele vermelha, e o James fecha os olhos. Roço-lhe o queixo, percorro com os dedos o seu sobrolho franzido e toco nas sardas que tem salpicadas pelas maçãs do rosto. Agora, no inverno, estão tão pálidas que só se veem ao perto.

— Desculpa... — murmura, e é como se, de um momento para o outro, a

voz se lhe fosse quebrar.

— Isso não me chega — respondo-lhe, também muito baixinho.

O James inclina-se para a frente e apoia a testa quente contra a minha.

— A mim também não.

Durante uns minutos, não nos mexemos. Sinto-me tão bem debaixo do peso dele que lhe rodeio as costas com os braços, enterro os dedos na sua camisa e agarro-me simplesmente a ele com todas as minhas forças. Sinto o bater do coração dele, tão rápido e irregular como o do meu, e desfruto dessa sensação de bem-estar geral por estar próxima dele.

Mas isso não altera tudo o que aconteceu. As coisas que me disse e a maneira como me tratou. Não consigo esquecer isso. Não se ele não me der mais do que um pedido de desculpas murmurado. Quero uma explicação e acho que a mereço.

— Isto não pode continuar assim, James. — Esboça um sorriso. Os cantos dos seus lábios movem-se minimamente para cima, mas distingo claramente o sorriso. Além disso, tem o corpo mais descontraído. As rugas da testa desaparecem e tudo nele parece acalmar-se. — O que é que te faz sorrir?

Afasta-se um pouco e olha para mim. Com uma expressão esperançosa.

— Há imenso tempo que não dizias o meu nome. Gosto que o faças.

Abanando a cabeça, pego no rosto dele com ambas as mãos, inclino-me para a frente e beijo-o carinhosamente. Estar a beijá-lo é como um sonho, quando tinha a certeza de que nunca mais poderia voltar a fazê-lo. A boca dele tem a forma perfeita para encaixar na minha. É maravilhoso, como uma peça de um quebra-cabeças colocada no sítio certo. A mão do James desliza do meu rosto para o meu pescoço e daí para o meu ombro. Um formigueiro quente percorre-me a coluna quando me acaricia as costelas e, no final, me rodeia a cintura. O corpo dele estremece sobre o meu. Quero recomeçar no sítio exato onde parámos, mas não posso fazê-lo se não souber em que ponto nos encontramos.

Aparentemente, o James repara na minha hesitação e afasta-se um pouco de mim.

— No campo de jogos... disse-te que não podemos perder aquilo que não

nos pertence.

A memória das palavras dele magoa-me. Quero desviar o olhar, mas não consigo. Nos olhos do James refletem-se demasiados sentimentos que eu também estou a sentir neste momento.

— Era mentira. Pertenço-te desde que me atiraste o dinheiro à cara, Ruby Bell.

29

James

A Ruby abre completamente os olhos quando lhe digo aquilo. Viro-me, deitando-me ao lado dela e apertando-a contra mim, para que fiquemos os dois deitados de lado e frente a frente. Pouso a mão na cintura dela e acaricio-a. O que mais me apetece é tocar-lhe no corpo todo, imediatamente, para sempre. Tive tantas saudades dela que quase morri e, agora, é como se, pela primeira vez em semanas, voltasse a ter ar nos pulmões.

Mas tenho de fazer isto bem. Não vou correr o risco de perder a Ruby só porque não consigo dizer-lhe o que se passa comigo: porque sou como sou e porque tomo as decisões que nos magoam tanto a ambos. É difícil encontrar as palavras certas, sobretudo porque o medo de ela não me perdoar me atormenta. Se isso acontecesse, não sei o que faria.

A Ruby olha para mim tranquilamente, à espera. Tem o cabelo despenteado, as maçãs do rosto coradas e os lábios vermelhos. É tão bonita que tenho de afastar os olhos, desviando-os para a mão que tenho na cintura dela, enquanto pigarreio.

— Já te tinha contado que, depois de terminar os estudos, vou trabalhar na empresa da família. Mas... os meus pais acham importante que, nessa altura, tenha uma esposa ao meu lado. É o que me está reservado. Por vontade deles, já estaria noivo de alguém, para que nada corresse mal.

A Ruby faz um som indefinido e, quando levanto os olhos, vejo que franze o nariz. É bom saber que a ideia não lhe agrada. Também não consigo imaginar o que faria se os pais da Ruby lhe impusessem um namorado que não eu.

— Desde o início que foste especial. Eu mudei. Embora não me tenha apercebido disso, os meus amigos e a minha família repararam. Durante semanas, tive de aguentar as perguntas deles sobre o que se passava comigo, porque é que estava tão perdido nos meus pensamentos e outras

coisas do género. Quando o meu pai nos viu na alfaiataria, suspeitou de qualquer coisa. E, quando nos apanhou no Halloween... — A Ruby engole em seco. — Confirmou as suas suspeitas.

— Era por isso que tinhas uma ferida no lábio? Bateu-te? — pergunta-me, tocando-me suavemente no lábio. Ainda sinto o sítio onde ela me mordeu a palpitar, mas não de uma forma desagradável.

— Sim — respondo-lhe em voz baixa.

Nunca falei com ninguém sobre o meu pai. Nem sequer com a Lydia, que se apercebe de muitas coisas, mas nem pouco mais ou menos de tudo. Acho que os meus amigos suspeitam do que acontece em minha casa, mas nunca conversei com eles sobre isso quando me viram com um olho negro ou com um corte no lábio. É como se, em algum momento, tivéssemos decidido que esse assunto não existe e todos seguissem a pauta. Para mim, isso é conveniente.

— Ele bate-te com frequência, James? — murmura a Ruby.

Não posso responder-lhe, sobretudo quando olha para mim com tanta compaixão. No entanto, não é disso que estamos a falar. Tudo o que quero é explicar-lhe o porquê de me ter portado tão mal com ela, coisa pela qual sou totalmente responsável, por mais insuportável que seja a situação em que me encontro.

— Isso não importa — respondo-lhe passados uns segundos. Tenho a voz um pouco rouca e tenho de voltar a pigarrear. — Seja como for, os meus pais encararam-te como um perigo. Aperceberam-se de quão importante és para mim. Muito mais importante do que a maldita empresa.

Há qualquer coisa que muda no olhar da Ruby. Torna-se tão intenso e penetrante que tenho a impressão de que consegue ver-me a alma. Não tenho como me esconder dele e, nesse momento, percebo que também não quero fazê-lo. Os meus pais tinham razão ao ficar preocupados. A Ruby é perigosa para eles e para tudo o que planearam para o meu futuro.

Não percebo porque é que só agora me dei conta disso.

Estou apaixonado pela Ruby Jemima Bell.

O que sinto por ela é universal e grandioso, e não vai desaparecer, por mais que tente ignorá-lo, percebi isso claramente nestas últimas semanas. A

Ruby instalou-se na minha vida, atirou tudo borda fora e conquistou um lugar no meio do caos que provocou.

É-me indiferente quem tenha de enfrentar e é-me indiferente que o meu pai me ponha no olho da rua. Certa vez, a Lydia perguntou-me se a Ruby valia tanto que justificasse eu passar por tudo isto. Deixei-me influenciar pelo ambiente que me rodeia e achei que não valia a pena. Foi a decisão mais estúpida que alguma vez tomei e detesto-me por ter afastado a Ruby dessa maneira. Sei que não posso fazer marcha-atrás, mas, pelo menos, tenho de tentar.

— Tens razão... não sei o que quero fazer na vida. Sempre me disseram o que tenho ou não tenho de fazer. Às vezes, sinto-me como se fosse o figurante de um guião que alguém escreveu para mim e no qual não posso alterar nada. — A Ruby resmunga em voz baixa. — Depois de nos ter surpreendido, o meu pai ficou assustado. Ele não consegue conceber que eu passe o tempo com alguém que não corresponde ao que ele imaginou para mim. — Ela estremece ao ouvir as minhas palavras e dou-lhe a mão, apertando-a com força. — Estive a pensar em como seria o nosso futuro e apenas vi problemas. Os meus pais são ditadores no que respeita à vida dos filhos. E tu... naquela altura disseste-me que te preparaste para teres uma carreira de sucesso. Não posso suportar a ideia de que o meu pai se interponha no teu caminho só porque não aceita que estejas com o filho dele.

» Tenho medo porque sei que não posso fazer nada. Nunca poderei proteger-te dele. — Sinto o coração bater no meu pescoço. Sei que pareço um pobre idiota, mas quero ser sincero com ela, custe o que custar. — Vais conquistar o mundo, Ruby. E devias fazê-lo ao lado de alguém que te apoie no teu percurso e cuja família te receba de braços abertos. E eu não posso proporcionar-te isso. Só te vou trazer uma série de problemas que não sei como resolver.

A Ruby olha para mim em silêncio e não me atrevo a respirar. Estou à espera de que se levante e saia do quarto sem fazer comentários. Sei que era isso que eu merecia. Mas a Ruby não dá mostras de querer fazer isso. Pelo contrário, inclina-se para a frente e pousa os lábios sobre os meus.

Estou tão perplexo que nem sequer consigo responder ao beijo dela.

— Ai, James — murmura. Larga-me a mão e acaricia-me o peito, pousando depois a mão sobre o meu coração. — És tão... tão tolo.

Muito bem, não estava a contar com isto.

— Porque é que dás cabo da cabeça a pensar no futuro, quando temos o presente? — pergunta-me em voz baixa.

— Porque mereces algo melhor. O meu futuro está destinado a ser uma merda. O teu, não.

Segura-me firmemente o rosto.

— Não é verdade — murmura resolutamente. — Tens tantas oportunidades como qualquer outra pessoa. Só tens de as aproveitar, James.

Adoro que diga o meu nome. A voz dela entoa suavemente as letras e gostava de fechar os olhos e de lhe pedir que o repita outra vez.

— Porque é que não me contaste isso? — pergunta-me, abanando a cabeça. — Em vez de me afastares de ti, sem me dares nenhuma explicação.

Vejo nos olhos dela a dor que lhe causei com o meu comportamento. Ponho a mão em cima da dela e entrelaço os nossos dedos sobre o meu peito.

— Lamento tanto, Ruby... pensava realmente que ficávamos melhor estando separados.

— Não ficámos melhor — murmura com a voz rouca. — Ignoraste-me, deste-me uma das maiores tampas da história da humanidade.

— Eu sei, Ruby. Estou tão arrependido...

Fecho os olhos. Não sei o que farei se ela não me perdoar. Se decidir que lhe transtorno demasiado a vida. Se não puder voltar a estar tão próximo dela como agora. Aperto-lhe a mão com força, encostando-a ao meu coração, que bate loucamente, e não consigo olhá-la nos olhos.

— James — diz a Ruby.

Começa a afastar a mão e, apesar de eu preferir continuar a agarrá-la, sei que não tenho esse direito. Se a Ruby quiser ir-se embora, devo deixar que o faça. Mas, depois, sinto os dedos dela no meu cabelo. Acaricia-me ternamente a cabeça, uma e outra vez.

Não sei quanto tempo passamos assim, mas não me atrevo a mexer-me por medo de destruir este momento. Esta intimidade que temos é a melhor sensação do mundo. Daria tudo para continuar com ela. Não sei porque é que demorei tanto a dar-me conta disso.

— James — murmura novamente a Ruby passado um grande bocado. — Está bem. Perdoo-te.

Respiro fundo, com força, preparando-me para murmurar um novo pedido de desculpas, mas paro quando assimilo o significado das palavras dela. Abro os olhos. A Ruby afastou-se um pouco e olha fixamente para mim.

— Como? — pergunto-lhe com a voz rouca.

— Está bem. Perdoo-te — repete lentamente, acariciando-me o tronco. — Isso não significa que esqueça a maneira como te portaste. Se tornares a portar-te...

Faz um movimento de ombros vago. Quando tomo consciência do que ela acabou de dizer e do seu sorriso cauteloso, o alívio que sinto é tão grande que fico quase assoberbado. Rodeio-a com os braços, aperto-a contra mim e, ofegante, murmuro para os lábios dela:

— Não o farei. Não o farei, prometo-te que não.

E, depois, beijo-a.

Estou a tentar mostrar-lhe quão grato estou e a tentar partilhar com ela todos os sentimentos que me invadem. A Ruby põe-se em cima de mim e seguro-a. Brinca com a língua, acariciando-me o lábio inferior que ainda palpita por estar dorido. Do meu peito sai um som profundo e sugo-lhe a língua, arrancando-lhe um gemido.

Não faço a mais pequena ideia de como chegámos a esta situação, mas, neste momento, sinto-me como se fosse voar e não cair. A Ruby perdoa-me. Perdoa-me e quer continuar a fazer parte da minha vida.

Subitamente, para de me beijar e começa a desabotoar a minha camisa.

— O que é que estás a fazer? — pergunto-lhe com a voz rouca.

— A despir-te.

Continua a sua tarefa até chegar ao último botão e pôr o meu tronco à vista. Mordisca o lábio inferior e acaricia-me a barriga, primeiro timidamente e depois com mais atrevimento. Pela maneira como olha para

mim, tenho de agradecer as muitas horas de treino que fiz durante este último mês.

Quando a Ruby se inclina para a frente e deixa um rasto de beijos na minha barriga, respiro fundo. Depois, subitamente, sinto a língua dela nas virilhas e levanto-me um pouco, apoiado nos cotovelos.

— O que é que estás a fazer?

Olha para mim com as pálpebras semicerradas.

— Não é isto que os namorados fazem quando se reconciliam?

— Então é isso que somos?

— Quer dizer, não és apenas um amigo especial, isso de certeza. Não é isso que sinto.

Sorrio.

— Amigo especial?

— Tu sabes o que quero dizer.

— Como é que alguém com um quociente de inteligência tão alto como o teu pode empregar, com toda a seriedade, uma expressão como «amigo especial»? — murmuro divertido, enquanto ela me dá uma palmada na barriga que me faz gemer de dor. — Gostava mais quando estavas a usar a língua.

Dá-me outra palmada e depois torna a deslizar para cima, até ficar com o rosto a um palmo do meu.

— Achaste mesmo que agora já podias voltar a ser insolente?

O meu coração está a bater tão depressa que tenho a impressão de que o meu peito vai explodir de um momento para o outro. A Ruby está sentada em cima de mim, com as pernas abertas e com o tronco encostado ao meu, fazendo com que os botões da sua camisa rocem ligeiramente a minha pele. Quase sinto dores no meu membro inchado, ao fazer pressão contra o tecido das calças, e semicerro os olhos quando a Ruby começa a mover as ancas.

Desejo-a.

Desejo-a mais do que alguma vez na vida desejei alguém.

— Sou tudo o que quiseres — digo com a voz rouca, e estou a falar a sério, palavra por palavra. — Amigo, amigo especial, tudo.

É-me indiferente o que digam os meus pais ou o futuro. A Ruby não está

enganada: estamos no presente. E não posso negar nem por mais um segundo o que sinto por ela.

— A sério, tudo? — murmura.

— Tudo — repito, e deslizo as mãos pelas coxas dela.

Os seus olhos verde-musgo iluminam-se. Quando lhe passo o polegar pelo interior da coxa, inspira sonoramente. Um sorriso triunfal desenha-se nos meus lábios. É extremamente sensível. Repito a carícia, desta vez um pouco mais acima. A Ruby fecha os olhos. Está lindíssima, com o cabelo ondulado, as pestanas escuras e compridas e esta bonita camisa com um laço no pescoço. Apetece-me puxar a fita preta, mas não me atrevo. Tem de ser ela a dar o passo seguinte, se quisermos passar ao próximo nível.

Como se tivesse lido os meus pensamentos, a Ruby inclina-se para a frente até ficar com a boca colada ao meu ouvido. Depois, desliza os lábios pela minha orelha e prende o lóbulo entre os dentes. O meu corpo reage energicamente. Fico com pele de galinha e quase agoniado de excitação. Ela continua a provocar-me, depositando uma fiada de beijos no meu pescoço e descendo até chupar a curva.

Solto uma imprecação em voz baixa. A Ruby afasta-se e olha para mim com uma expressão séria.

— Não gostas?

— Pelo contrário. — A minha voz tem um tom áspero e rouco de desejo. — Pelo contrário, adoro.

Queria dar-lhe tempo e não a oprimir, queria ser paciente e portar-me como um cavalheiro, mas... já não aguento mais. Quero mostrar-lhe o efeito que tem sobre mim. Com as mãos trémulas, agarro-lhe no rosto e pressiono os meus lábios contra os dela. Geme de surpresa quando a viro para o lado para ficar em cima dela. No momento em que pressiono as ancas contra ela, ofega na minha boca e agarra-se energicamente às minhas costas. Nesta posição só me apetece penetrá-la.

Um segundo depois, despe-me a camisa, que cai no chão ao lado da cama. Passa as mãos pelas minhas costas, primeiro hesitantemente e depois arranhando-as ao de leve com as unhas, deslizando-as ao longo da coluna vertebral até chegar ao meu rabo e mo apalpar.

— Porra, Ruby — murmuro.

— Há muito tempo que queria fazer isto — responde, dando-me uma palmadinha nas nádegas.

Dou uma pequena gargalhada ofegante contra o pescoço dela e, como castigo, dou-lhe uma dentadinha. Ela reage rodeando-me as ancas com as pernas e apertando-se com mais força contra mim. Céus, vai-me matar.

Inclino-me um pouco para trás e prendo a fita do laço do pescoço entre os dedos. Olho-a nos olhos enquanto puxo a fita lentamente. A Ruby engole em seco e, como se estivesse hipnotizada, observa como lhe vou desabotoando a camisa. Depois senta-se, para eu lha poder despir pelos ombros. Não sei para onde atiro a camisa, pois só tenho olhos para ela. A luz do candeeiro de rua lança alguns raios luminosos sobre a pele dela e o sutiã cor de carne. A Ruby tem um corpo maravilhoso, suave e sinuoso, com mamas grandes. No colégio, vê-se que é uma pessoa que sabe o que quer; fico atónito com o facto de, pelos vistos, na cama também se portar da mesma maneira.

Aproximo-me e distribuo uma fileira de beijos no peito dela. Depois, seguro as suas mamas e acaricio-as, o que lhe provoca um gemido de surpresa. Apetece-me arrancar-lhe o resto da roupa e enterrar-me nela, mas contenho-me.

É a nossa primeira vez. Quero que, daqui a muitos anos, recordemos quão bonita foi.

Portanto, exploro calmamente o tronco dela. Prendo entre os lábios e os dentes cada centímetro da sua pele. Lambo-lhe as mamas e agarro-as com mais força. Continuo a descer e passo os dentes pelo arco das suas costelas. Os gemidos que dá e a maneira como fica com o corpo tenso são como instruções para lhe explorar o corpo. Quando chego à cintura das calças, enterra os dedos no meu cabelo. Levanto a vista, com uma expressão inquisitiva. É ela quem me guia, quem determina o que vai acontecer a seguir.

— Não pares — incentiva-me, num murmúrio quase inaudível.

Não preciso que me diga mais nada.

Primeiro tiro-lhe os sapatos e depois as meias. A Ruby olha para mim

com um assomo de sorriso nos lábios. No fim, desaperto-lhe as calças e ajudo-a a despi-las. Então, fica à minha frente só de roupa interior, e sustenho a respiração. Não sei como tive esta sorte. Não faço a mais pequena ideia. Talvez seja aquilo a que as pessoas chamam carma. Vem-me uma ideia à cabeça: «Ei, está tudo a correr mal na tua vida? Ouve, em contrapartida, vai-te calhar a rapariga mais fantástica do mundo. Perdoa-te, gosta de ti e deixa que a dispas, mesmo que não o mereças.» Ou qualquer coisa do género.

Seja por que motivo for, a Ruby deixa-me fazer isto e vou demonstrar-lhe o que significa para mim.

Traço uma linha de beijos nas pernas dela, subindo lentamente. Agora, a minha mente já não funciona, são os sentimentos que me guiam. Deslizo as duas mãos até à cintura dela. Acaricio-lhe suavemente as costelas, passo-lhe a mão pela barriga até ao elástico das cuecas. A respiração da Ruby é cada vez mais ofegante.

Não pares. As palavras dela soam como um eco na minha cabeça.

Continuo. Seguro nas cuecas e puxo-as para baixo. A Ruby está nua à minha frente e já não consigo pensar claramente. Não hesito nem por um segundo e, em vez disso, começo a traçar um rasto sensual pela virilha abaixo. Quando a minha boca chega ao sexo dela, a Ruby pragueja em voz alta. Torna a enterrar as mãos no meu cabelo e, por um segundo, não sei se devo parar ou se quer que me aproxime ainda mais dela. Mexo a boca e beijo-lhe o clítoris apaixonadamente. Quando mexo a língua, a Ruby contorce-se e ponho-lhe uma mão na barriga para a segurar. Tenho prazer em sentir os dedos dela a arranhar-me o couro cabeludo e a mostrar-me o que quer que eu faça e com que intensidade. Quando a respiração dela se torna mais acelerada e fica com as pernas tensas, deslizo um dedo para o seu interior húmido. Introduzo-o até ao fundo, movendo-o lenta e regularmente. A Ruby não demora muito a gritar o meu nome e a arquear as costas por baixo de mim.

Continuo a lambê-la e a beijá-la até os tremores que lhe percorrem o corpo começarem a diminuir. Quando me afasto e me deito na cama para olhar para ela, vejo que está sem fôlego. Tem o cabelo despenteado e as

maçãs do rosto coradas. Está a olhar para o teto e precisa de uns minutos para normalizar a respiração.

Quando se recompõe, rodeia-me o pescoço com os braços e lança-me um sorriso.

— Tens de fazer isso outra vez — diz-me. Faço-lhe um sorriso e proponho-me seriamente a passar a noite inteira com a cabeça entre as pernas dela. — A tua boca insolente mexe-se às mil maravilhas aí em baixo.

Olho para ela abanando a cabeça e dou-lhe um beijo suave nos lábios. A Ruby não deixa que o beijo seja tão superficial. Pelo contrário, puxa-me para mais perto dela e mete a língua na minha boca. Surpreende-me a forma como me beija. Pelos vistos, gosta de sentir o seu próprio sabor nos meus lábios, e depois põe uma perna à volta do meu corpo e aperta-se contra mim. Um formigueiro ardente percorre-me o corpo e gemo na boca dela, empurrando as ancas para a frente, o que lhe provoca um leve «oh». Depois, leva as mãos ao meu cinto. Os seus movimentos são descoordenados e impelidos pelo desejo. Adoro vê-la assim.

Depois de me desabotoar as calças, quer baixá-las, mas detenho-a.

— Espera — murmuro, e tiro a carteira do bolso de trás. Abro-a e tiro um preservativo. Ponho-o em cima da almofada e dispo as calças e as meias. Deixo tudo no chão, ao lado da cama, e ponho-me imediatamente em cima dela. Passo a mão por baixo das suas costas e desaperto-lhe o sutiã. Ajudo-a a tirá-lo e depois já não há nem um milímetro de tecido entre nós. A Ruby geme suavemente quando lhe ponho a mão na mama e lha acaricio.

Adoro como responde a cada uma das minhas carícias. Nunca tinha estado com uma rapariga como ela. As reações dela excitam-me tanto que não consigo parar. Quando mete a mão por dentro dos meus *boxers* e me acaricia as nádegas, quase perco a razão.

— Como queres fazê-lo? — murmuro, tornando a beijar-lhe o rosto. Afasto-lhe o cabelo da testa e percorro o seu queixo com os dedos. Quero mostrar-lhe, com cada carícia, o quanto significa para mim.

— Assim mesmo — responde-me, acariciando as minhas costas.

Assinto e pego no envoltório de plástico. Enquanto coloco o preservativo, tenho as mãos a tremer. A Ruby apoia-se nos cotovelos e observa os meus

movimentos com um brilho de curiosidade nos olhos. Sem mais demoras, pego-lhe na mão e levo-a ao meu sexo, que se contrai com o seu contacto. Ela olha para mim com surpresa nos olhos. Movo lentamente as nossas mãos para cima e para baixo, fazendo pressão. A Ruby engole em seco. Largo a mão dela e começa a movê-la sozinha, primeiro com timidez e depois com mais segurança. Quando me aperta no sítio certo, gemo.

— Ruby... — murmuro.

Larga-me e torna a deitar-se.

O seu cabelo escuro espalha-se sobre a almofada branca como um leque, os seus olhos verdes cintilam como num sonho quando cubro o seu corpo com o meu e me ponho entre as suas pernas. Acontece tudo com naturalidade, deslizo a glande para dentro dela e sustenho a respiração quando suspira por baixo de mim. É incrivelmente apertada, mas está suficientemente húmida para me atrever a penetrá-la com cuidado. Toco-lhe ao de leve nas maçãs do rosto e acaricio-lhe o lábio inferior com o polegar, antes de colar a minha boca à dela. Beijo-a lentamente e com paixão, enquanto me afasto um pouco e depois torno a penetrá-la com cuidado. Nesse preciso momento, a Ruby muda o ângulo das ancas e a resistência desaparece. Enterro-me nela até ao fundo e ambos gememos. Há uma ideia que quer vir à superfície da minha consciência, que agora está cheia de sentimentos, mas não consigo captá-la. Já não tenho mais espaço na cabeça. Está cheia da Ruby, do seu sabor e do seu calor. Torno a penetrá-la e a Ruby ofega. Rodeia-me a anca com uma perna e seguro-lhe na coxa.

É tudo tão perfeito que gostava de o ter feito antes, em vez de ter criado mais problemas para nós. Enterro os dedos na coxa dela e mantenho o sexo onde está, enquanto tento encontrar um ritmo regular. As mãos dela estão por todo o lado, inclina-se para a frente e beija-me o peito, aperta-se contra mim a cada investida, como se quisesse ainda mais. Eu sinto o mesmo. É tão agradável que me é extremamente difícil controlar os movimentos.

— Estás a tremer — murmura ela, enquanto a mão sobe pelas minhas costas, parando nos meus ombros, e eu lhe chupo a orelha e a penetro lentamente.

— Porque tenho de me controlar.

— É este o James Beaufort que destrói camas de água a fazer sexo?

Mordisco-lhe o pescoço.

— Já te disse que não houve nenhuma cama de água.

A Ruby não liga ao que lhe digo e põe a outra perna em volta das minhas ancas, para que possa penetrá-la mais profundamente. Gemo e o meu corpo segue o convite dela, quase como se tivesse vontade própria. Ponho-lhe a mão em volta da nuca e seguro-a com firmeza, para que não bata com a cabeça na cama. Depois penetro-a com mais força e mais depressa do que antes. A Ruby arranha-me as costas e, a cada carícia que me faz, consegue que vá perdendo o controlo. A cabeceira da cama começa a bater na parede e, do fundo do meu peito, surge um som que não consigo reprimir. A respiração da Ruby fica mais acelerada e crava-me as unhas na pele. Está de olhos fechados, mas preciso que olhe para mim.

— Olha para mim — digo, ofegante.

Abre os olhos e os nossos olhares cruzam-se. O vínculo que nos une é mais intenso do que nunca. Não consigo desviar o olhar e parece acontecer o mesmo à Ruby. Movemo-nos ao mesmo ritmo, como se fôssemos feitos para isto. Penetro-a uma e outra vez, até tocar num ponto que a faz lançar um sonoro gemido. Os músculos do seu sexo contraem-se em volta do meu e, de repente, já não aguento mais. A cama não range o suficiente para abafar os sons que fazemos quando atingimos o clímax ao mesmo tempo. O meu mundo explode e resta apenas um universo de estrelas e luzes coloridas, no qual só há lugar para a Ruby.

30

Ruby

— Devias ter-me dito isso antes.

O James percorre a minha coluna vertebral com um dedo e estremeço.

— Porquê?

Estou deitada com a cabeça apoiada no peito dele e acaricio-lhe a barriga dura com uma expressão ensimesmada. As nossas pernas estão entrelaçadas e continuamos nus, embora o James nos tenha tapado com a colcha.

— Porque teria feito as coisas com mais suavidade — murmura, encostando os lábios às raízes do meu cabelo.

— Acho que te teria assustado e que terias fugido a correr.

— Não é verdade. Simplesmente, teria sido um pouco mais cuidadoso.

Deito a cabeça para trás e olho para o rosto dele. Tem uma ruga entre as sobrancelhas e parece muito preocupado.

— Mas eu não queria que fosses suave e cuidadoso.

Um dos cantos dos lábios dele curva-se ligeiramente para cima e aparece-lhe nos olhos um brilho escuro. Depois, desaparece tão depressa como apareceu.

— Talvez devesse ter pensado em mudar de sítio. Não se devia perder a virgindade no quarto de uma residência de estudantes, em cima de uma cama que range.

Levanto-me, indignada. Por uma fração de segundo, o olhar do James detém-se nas minhas mamas e depois sobe imediatamente para o meu rosto.

— Então!? Se tenho de perder a virgindade, que seja em Oxford.

O James abana a cabeça, sorrindo. Depois, agarra-me nos cotovelos e puxa-me para a frente, até cair em cima dele. Põe os braços em volta do meu corpo e aperta-me com força contra o dele, que está quente.

— És completamente doida, Ruby Bell.

Talvez um pouco, admito mentalmente.

Mas correu tudo bem. Eu e o James... talvez as coisas não sejam fáceis

para nós e talvez o pai dele vá continuar a fazer tudo o que puder para eu desaparecer da vida do filho, mas estou disposta a lutar pelo James. O que há entre nós é muito especial. Confirmei isso hoje e, pela maneira como olha para mim e me toca, sinto que tem a mesma opinião. Estou convencida de que vamos conseguir. Nunca tinha estado tão segura de uma coisa.

— Como foi para ti? — pergunto-lhe passado um bocado, sem o olhar nos olhos.

— Humm?

Concentro-me no desenho que estou a traçar na barriga dele.

— O que quero saber é... como foi a tua primeira vez?

Deixa escapar o ar ruidosamente e a barriga dele desce por baixo da minha mão.

— Queres mesmo saber?

Agora sim, olho para ele.

— Claro.

— Não foi boa. Tinha catorze anos, estava bêbedo e não me aguentei muito.

— Catorze?

Ai, então já tem mais de quatro anos de prática. Prefiro não pensar com quantas raparigas se terá deitado, para conseguir ser tão bom.

— Eu e o Wren fizemos uma aposta, portanto atirei-me de cabeça. Durou uns dois minutos e não me deixou uma boa sensação.

— Nesse caso, não és a pessoa indicada para dar conselhos a ninguém sobre como desflorar convenientemente — digo-lhe em voz baixa.

— Se algum dia tiveres de contar a tua história, espero que seja melhor.

Dou-lhe um beijo no peito.

— Sem dúvida. Foi perfeito.

Não entendo porquê, mas a sensação de estar deitada junto dele parece-me normalíssima. Como se fosse precisamente aqui que devia estar. Há semanas que não me sentia tão bem e mesmo a ligeira dor que sinto entre as pernas não me afeta. Queria dizer o que disse: foi perfeito. E não poderia ter imaginado nenhum sítio ou momento melhor para que isso acontecesse.

— Hoje de manhã parecias muito triste — diz-me de repente o James,

fazendo-me lembrar o momento a que se refere.

— A entrevista correu-me supermal — resmungo.

Volta a colar a boca à minha testa, junto à raiz dos cabelos, e acaricia-me aí.

— Esses dois professores eram uns idiotas. Acho que utilizam o truque de fazer com que os aspirantes se sintam inseguros. Mas tenho a certeza de que te saíste muito bem — diz-me, num tom tão seguro que eu própria quase acredito. Mas só quase.

— A verdade é que não. Dei uma resposta totalmente errada a uma das perguntas que me fizeram. Percebi claramente que não concordavam com o que lhes disse.

— Correu-te assim tão mal?

Conto-lhe o desastre dessa manhã.

— Foi o que te disse, tenho a certeza de que é um truque. Não dês tantas voltas ao assunto. Se tu não conseguires entrar em Oxford, ninguém conseguirá.

Parece muito mais otimista do que me sinto, mas faz-me bem poder falar disso com alguém. Sobretudo porque o James sabe o que Oxford representa para mim.

— Obrigada por me dizeres isso.

Em resposta, dá-me um beijo na boca. Custa-me imenso refrear-me, em vez de levantar a cabeça e perguntar:

— E a ti, como te correu?

Dá um grunhido difícil de classificar e, subitamente, o seu rosto fica com aquela expressão que surge sempre que se fala da Beaufort, de Oxford ou do seu futuro. Parece abatido. E isso magoa-me profundamente.

— Fala comigo — murmuro.

O James responde ao meu olhar com uma expressão sombria. No fim, assente e respira fundo.

— Sei que Oxford é a coisa mais importante do mundo para ti, e é por isso que me é difícil falar disso precisamente contigo, mas... acho que todo este circo não tem pés nem cabeça.

Tento que as palavras dele não me afetem. Nem todos temos os mesmos

sonhos nem os mesmos objetivos. O facto de o James ter esta opinião não tem nada que ver comigo, mas sim com ele próprio.

— Antes, durante a entrevista... tudo me passava ao lado, sem mais. Como num filme a preto e branco que alguém rebobina e no qual sou o único que não sai do mesmo sítio — confessa-me.

— Se é verdade que não queres estudar aqui e que também não queres trabalhar na empresa do teu pai... o que é que gostavas de fazer?

Abana a cabeça e vejo nos seus olhos um sentimento de pânico.

— Por favor, não me perguntes isso.

— Porquê?

Acaricio-lhe a maçã do rosto e sinto a aspereza da pele nesse sítio. Sinto uns pelos mais fortes que de certeza que desaparecerão amanhã de manhã quando fizer a barba, embora tenha um aspeto fabuloso com esta barba de dois dias.

— Tinhas razão quando disseste que não sei o que quero fazer da minha vida. Não penso em tudo o que poderia fazer porque, se me permitir sonhar, depois ainda fico mais deprimido.

O James ainda acha que não tem possibilidades de decidir por si mesmo como quer que seja a sua vida. Mas como pode fazê-lo quando o espera tal herança, que lhe pesa sobre os ombros como uma enorme carga?

— Os sonhos são importantes, James — murmuro.

— Então, tu és o meu sonho.

Por uns segundos, fico sem palavras, mas apercebo-me imediatamente de que isto é apenas uma ridícula tentativa da parte dele para não ter de responder ao que lhe perguntei.

— Infelizmente, isso não funciona assim.

Lança-me um sorriso retorcido.

— Seria demasiado fácil.

— Do que é que gostas? O que é que te fascina?

Tem de pensar na pergunta. De repente, sinto que fica tenso e dou-lhe um beijo no peito para lhe transmitir que não há problema nenhum e que pode demorar o tempo que for preciso.

— Gosto de desporto — responde-me por fim, num tom hesitante. — E

de literatura. De arte. De boa música. Ah, e de comida picante. De comida asiática picante, para ser mais preciso. Gostava de fazer uma viagem a Banguecoque e de provar tudo o que se vende nos mercados de rua.

Sorrio contra a pele dele.

— Coisas como gafanhotos fritos?

— Isso mesmo.

Gradualmente, a tensão vai diminuindo.

— Parece algo fácil de fazer.

— São coisas que se fazem quando estamos de férias, não podem ser consideradas objetivos de vida.

Traço círculos suaves na barriga dele.

— Já é um começo. Podes fazer tudo isso quando deixares de pôr entraves a ti mesmo.

O James não diz nada.

De repente, tenho uma ideia. Sem pensar, levanto-me para apanhar a roupa interior do chão. Encontro tudo junto da cama, visto as cuecas e depois o sutiã. Vejo uma camisa cinzenta do James na cadeira da secretária. Visto-a e rebusco a secretária.

— O que é que estás a fazer? — pergunta-me o James atrás de mim.

Antes de me virar, pego no caderno preto com o B ondulado e numa caneta. Ele também tornou a vestir os *boxers*.

— Vamos fazer uma lista — respondo-lhe, e torno a enfiar-me na cama, levando o caderno comigo.

O James olha para mim com curiosidade. Dou umas palmadinhas na cama, junto ao corpo, para ele se deitar ao pé de mim. A cama ainda está quente e o cheiro dele envolve-me. Aproxima-se de mim lentamente e com um olhar desconfiado. Quando se senta, o colchão afunda-se sob o seu peso.

Inclino-me para ele e acendo o candeeiro da mesinha de cabeceira que está junto à cama. Depois, abro o caderno em cima das pernas.

— Sempre que as coisas me correm mal, faço listas. Desde pequena que isso me ajuda a manter-me motivada e ter as ideias claras. Mesmo quando as coisas não correm da melhor maneira — explico-lhe. — Procuro citações que me inspirem ou anoto coisas que quero fazer a todo o custo, coisas que

quero um dia mudar no mundo ou ideias desse género. — Levanto a caneta. — Normalmente, escrevo tudo com diferentes cores, mas desta vez terei de me contentar com esta.

A desconfiança desaparece-lhe dos olhos dele e ele esboça um sorriso de satisfação.

— Queres fazer uma lista dessas para mim?

Anuo.

— Pode ser que também te motive.

Olha para a página em branco do caderno e anui.

— Está bem.

Sorrindo, preparo a caneta. Depois, escrevo em cima e ao centro COISAS PARA FAZER, em letras desenhadas. Sublinho o cabeçalho com uma linha ondulada. E, depois, escrevo:

1. Fazer uma viagem a Banguecoque.

Olho para o James com uma expressão expectante.

— Que mais? — Ele coça o queixo, pensativo. — Pode ser qualquer coisa — lembro-lhe.

— Queria continuar a jogar lacrosse — diz a meia-voz.

— Ah, sim — murmuro, anotando o segundo ponto. Mesmo ao lado, desenho um pequeno taco de lacrosse e a camisola do James, com o número dezassete. Quando torno a levantar a vista, o olhar dele é tão carinhoso que sinto um formigueiro na barriga. — E o que é que vem a seguir?

O James torna a precisar de uns minutos para pensar. Não quero pressioná-lo, portanto espero pacientemente.

— Quero ler mais — diz-me. — E não apenas o género que leio normalmente.

— O que é que costumas ler?

— Os livros especializados que o meu pai me diz para ler. Biografias de empresários que tiveram sucesso. — Franze o sobrolho. — Mas há muito mais coisas. Por exemplo, gostava de ler manga. — Esboça um sorriso de cumplicidade.

— Posso fazer-te uma lista de recomendações — digo, devolvendo-lhe o

sorriso.

— Devoraria tudo imediatamente.

Sem deixar de sorrir, inclino-me sobre a lista e anoto:

3. Mais leitura e mais variada.

— Que mais?

O James engole em seco.

— É evidente que desejo ter uma profissão que me agrade. Ainda não sei qual é ou sequer se isso é possível, mas...

Encolhe os ombros. Parece que quer dizer mais qualquer coisa, mas não se permite fazê-lo. Pouso a caneta e seguro-lhe o rosto com ambas as mãos. Acaricio suavemente a sua pele quente com os polegares e inclino-me para a frente para o beijar. O James fecha os olhos e suspira suavemente.

— Tudo é possível, James — murmuro, chegando-me novamente para trás.

Pego na caneta e escrevo:

4. Encontrar satisfação profissional.

Depois, olho para a minha obra com uma expressão pensativa.

— Ainda falta um ponto — diz-me de repente o James, pegando no caderno. Tira-me a caneta da mão e escreve qualquer coisa. — Já está — murmura, segurando o caderno em frente do corpo. Deslizo para junto dele, até a minha coxa nua roçar na sua, e leio o que escreveu.

5. Ruby.

Sustenho a respiração e passo o olhar alternativamente entre ele e o caderno.

— Quando estás ao meu lado, tenho a sensação de ser capaz de conseguir tudo — diz-me num tom afónico. — É por isso que, aconteça o que acontecer, tu fazes parte da lista que está pensada para me fazer feliz.

Não sei o que dizer. Portanto, sento-me ao colo dele e rodeio-lhe o pescoço com os braços. Ele põe a mão na minha nuca e beija-me. Deixamo-

nos cair nas almofadas com as bocas unidas e os sonhos dele na mão.

31

James

Infelizmente, a noite que é, de longe, a mais bonita da minha vida tem de acabar. Eu e a Ruby tentámos não dormir, mas, por volta das quatro da manhã, adormecemos e acordámos sobressaltados ao fim de três horas, porque pensávamos que os pais da Ruby já estavam à espera dela à porta da residência. Felizmente, foi um falso alarme, mas já não temos muito tempo.

É-me incrivelmente difícil deixá-la ir para o quarto dela. Não quero despedir-me, aperto-a contra mim uma e outra vez e beijo-a como se fôssemos passar, no mínimo, um mês sem nos vermos. No entanto, amanhã, no máximo, vamos ver-nos novamente no colégio e, se calhar, até nos veremos hoje à tarde, se eu conseguir livrar-me de ter de ficar em casa. Parece que há alguma possibilidade de que isso aconteça: o meu pai considera uma ofensa que me tenham convocado para St. Hilda. Até propôs que eu e a Lydia fizéssemos uma troca, porque, ao contrário de mim, ela foi convidada a apresentar-se em Balliol. Na minha cabeça ainda ecoam palavras como *vergonha* e *nulidade*. Não acho que o meu pai tenha muito interesse em saber como correram as minhas entrevistas.

Ao início da tarde, o Percy vem buscar-me. Pega nas malas e mete-as no porta-bagagens do *Rolls-Royce*, antes de se sentar ao volante, e depois vamos buscar a Lydia. O Percy subiu a divisória e desligou o interfone: pelos vistos, não lhe apetece falar comigo. Isso até me dá jeito, porque assim posso voltar a ler a lista. Não sei até que ponto é que as coisas que anotámos nela são realistas, mas, pelo menos, sempre me faz lembrar a noite passada.

Vesti a camisa cinzenta que a Ruby usou e estou impregnado do cheiro dela. Ainda tenho a sensação de ter o sabor dela na língua e fico com pele de galinha quando penso na forma como dizia o meu nome. Quero repetir o que aconteceu a todo o custo. E, quanto mais cedo, melhor.

Assim que a Lydia entra no carro, dá-se conta de que houve uma mudança

em mim. Com os olhos semicerrados, observa o meu rosto de uma ponta à outra. E, depois, um sorriso sabedor espalha-se pelo seu rosto.

— Pelos vistos, tiveste uma noite fantástica. — Conhece-me demasiado bem. Torno a dobrar a folha da lista e guardo-a na carteira. Substitui o cartão com o «Espero que te lixes» que rasguei e deitei para o lixo quando ainda estava na residência. — Vais contar-me os pormenores?

A pergunta surpreende-me. Embora, nos últimos tempos, a Lydia me tenha feito confidências sobre a sua história com o professor Sutton, não somos muito abertos um com o outro no que respeita à nossa vida sentimental. Olho para ela com uma expressão cética.

— Desde quando é que te interessas pelo que faço à noite?

Encolhe os ombros.

— Desde que a Ruby é a pessoa com quem te enrolas.

A expressão *enrolar-se* não corresponde, em absoluto, ao que aconteceu esta noite.

— Primeiro, quem é que te disse que foi com ela que passei a noite? E, segundo, pensava que não a suportavas.

A Lydia revira os olhos.

— Primeiro, não sou tola. E, segundo, se tu gostas dela, eu também gosto, é tão simples quanto isso.

— Está bem. Acho que, de futuro, não vais vê-la só no colégio.

A Lydia fica boquiaberta.

— É a sério?

Não posso evitar esboçar um sorriso. Logo a seguir, a Lydia dá-me uma palmada no braço.

— Não acredito! James!

— O que foi?

— Quando o pai souber, vai ficar histérico — diz-me, abanando a cabeça. Ainda tem a mão no meu braço. Aperta-mo momentaneamente. — Mas pareces estar muito feliz. Fico contente por vocês.

Não sabia que ia ser assim. Não sabia como é que uma pessoa se sente quando está apaixonada ou que o meu coração iria acelerar só de pensar na Ruby. Adoraria dizer ao Percy que fosse direito para casa dela, porque acho

que não aguento nem mais um segundo sem a Ruby.

— O que é que se passa com o Percy? — pergunta-me de repente a Lydia, como se me tivesse lido os pensamentos; fala mais baixo do que antes e aponta com o queixo para o lugar do condutor.

— Não faço ideia.

— Nem sequer me perguntou como correram as entrevistas — murmura.

— Podes contar-me a mim — peço-lhe, mas ela franze o nariz.

— Ficas muito esquisito quando estás apaixonado.

Faço um esgar.

De comum acordo, passamos o resto da viagem em silêncio. A Lydia escreve no telemóvel e eu olho pela janela e penso na noite passada. Quando chegamos a casa, dou a volta ao carro para ajudar o Percy com as malas. Recusa a minha oferta de ajuda com um gesto da mão e olha para mim com uma expressão muito séria.

— Tem de entrar, senhor Beaufort.

Não tinha voltado a falar comigo com tanta aspereza desde que, quando tinha sete anos, entornei uma *Coca-Cola* nos bancos recém-forrados. O Percy olha alternadamente para a Lydia e para mim, depois engole em seco e volta para junto das malas. Eu e a Lydia olhamos um para o outro, perplexos, e subimos os degraus até à porta.

— Mas o que é que se passa com ele? — murmura a Lydia, embora o Percy já não consiga ouvir-nos.

— Não faço ideia. Voltaste a falar com o pai desde ontem?

Abana negativamente a cabeça e eu abro a porta e entro com ela para o vestíbulo. A Lydia pousa a carteira em cima da mesinha que está ao lado da porta e vemos a Mary, uma das nossas assistentes, aparecer. Quando nos vê, fica branca como a cal. Estou prestes a cumprimentá-la, mas dá meia-volta e entra precipitadamente na sala de estar. Eu e a Lydia trocamos um olhar. Encaminhamo-nos juntos para a sala de estar, atrás da Mary.

O meu pai está em frente da lareira. Está de costas para nós, mas vejo que tem na mão um copo com um líquido castanho-claro, embora ainda não seja meio-dia. O fogo na lareira crepita suavemente e a Mary diz-lhe qualquer coisa em voz baixa, antes de se ir embora a passo acelerado.

— Pai? — chamo-o.

Vira-se para nós, com aquela expressão impenetrável a que já estou habituado. Apesar disso, quando vejo as olheiras que tem por baixo dos olhos, sou invadido por uma sensação desagradável.

— Sentem-se.

Aponta com a mão para o sofá de veludo verde, enquanto se dirige para o cadeirão que está ao lado.

Não quero sentar-me. Quero saber o que diabos se passa aqui. A Lydia senta-se, enquanto eu fico à entrada da sala de estar a olhar para o meu pai. Ele leva o copo aos lábios e acaba o resto do uísque escocês. Depois, pousa o copo na mesinha de apoio.

— Senta-te, James.

É uma ordem, não é um pedido. Mas não consigo sair do mesmo sítio. Há demasiada tensão no ar. Aconteceu alguma coisa, senti-o assim que entrámos em casa.

— Onde é que a mãe está? — pergunta-lhe a Lydia, num tom de alegria forçada, como se quisesse acalmar os ânimos entre mim e o meu pai. Mas ela também deve ter-se apercebido de que algo não está bem.

— A vossa mãe sofreu um derrame cerebral.

Recosta-se no cadeirão, apoiando-se nos braços, e cruza as pernas, pondo o tornozelo de uma em cima do joelho da outra. Tem uma expressão dura como aço. Impávida. Como sempre.

— Isso... o que é que... o que é que queres dizer? — balbucia a Lydia.

— A Cordelia sofreu um derrame cerebral. — Repete as mesmas palavras, como se as tivesse analisado. — Morreu.

A Lydia tapa a boca com as mãos e abafa um gemido. Eu sinto-me como se não estivesse presente. O meu espírito separou-se do meu corpo e vejo a cena como se estivesse noutro sítio.

O meu pai continua a falar, mas só oiço fragmentos do que diz.

«Teve uma rotura de uma veia cerebral... chegaram demasiado tarde... hospital... já não havia nada a fazer.»

A boca dele mexe-se, mas as palavras misturam-se como o sonoro gemido da Lydia. Há um outro barulho que se junta a estes. Um ofegar rápido e

intenso.

Acho que sou eu.

Aperto o peito com a mão, tentando reprimir o som. Não resulta. Estou a respirar cada vez mais depressa, mas, apesar disso, o ar não me chega. Todos os conselhos que li na Internet sobre ataques de pânico não conseguem ajudar-me neste momento. O meu corpo liga o piloto automático e sou invadido por suores frios.

A minha mãe está morta. Está morta.

O meu pai não mostra qualquer emoção. Se calhar, é uma piada de mau gosto. Um castigo por não me terem convocado para Balliol.

— Quando? — consigo perguntar, respirando com dificuldade. Estou agoniado. O chão oscila debaixo dos meus pés. Tenho de me agarrar a qualquer coisa, mas não sei como ordenar aos meus braços que se mexam.

O meu pai olha para mim com uma expressão imperscrutável.

— Na segunda-feira à tarde.

O meu coração. De certeza que vai parar de um momento para o outro ou que vai explodir no meu peito. Primeiro, não assimilo o que o meu pai disse, porque estou demasiado ocupado a encher os pulmões de ar. No entanto, depois de algumas respirações entrecortadas, absorvo o significado das suas palavras.

Na segunda-feira à tarde. Hoje é quarta-feira.

— Resumindo — consigo gaguejar. — A minha mãe sofreu um derrame cerebral há dois dias e só nos dizes hoje?

Não devia estar a fazer esta pergunta. Devia aproximar-me da minha irmã e abraçá-la. Devíamos estar a chorar juntos. Isto não me parece real. Ainda me sinto como se isto não estivesse a acontecer, como se tivesse acontecido a outra pessoa que, por pouco tempo, assumiu o controlo do meu corpo e eu estou apenas a observar. Impotente e totalmente desconcertado.

O meu pai batuca com os dedos no braço do cadeirão.

— Não queria estragar as vossas entrevistas.

Não consigo explicar o que acontece depois. É como se um raio ardente me caísse em cima. Um instante depois, atiro-me ao meu pai e dou-lhe um soco no rosto. A força do golpe é tanta que o cadeirão cai para trás e

precipitamo-nos os dois para o chão. A Lydia dá um grito penetrante. Há qualquer coisa que se parte. Torno a golpear o rosto indiferente do meu pai. Tem o nariz a sangrar e sinto um osso da minha mão estalar perigosamente. À nossa volta, há cacos espalhados por todo o lado. Tenho a mão a arder e a latejar, mas, mesmo assim, continuo a bater-lhe.

— Chega, James! — grita-me a Lydia.

Alguém me agarra por trás e me afasta do meu pai. Debato-me como um animal selvagem. Quero que o meu pai pague. Quero que pague por tudo o que fez.

O meu pai levanta-se do chão com a ajuda da Lydia. Tem sangue a escorrer do nariz e dos cantos da boca. Toca no rosto com os dedos e olha para o sangue vermelho-escuro. Depois dirige-se ao Percy, que me está a segurar.

— Leve-o daqui para fora, até que se acalme.

O Percy vira-me bruscamente e arrasta-me pelo corredor. Os braços dele rodeiam-me o peito com tanta força que não consigo respirar. Arrasta-me pelo corredor, tropeçamos num móvel e há mais qualquer coisa que se parte. Quando saímos para o exterior, o Percy larga-me e tento imediatamente voltar a entrar em casa.

— Senhor Beaufort, não insista — diz-me o Percy, segurando-me pelos ombros. Liberto-me das mãos dele e dou-lhe um empurrão no peito.

— Afasta-te, Percy.

— Não. — O tom de voz dele é decidido e crava os dedos com força no tecido do meu casaco.

— Ele escondeu-nos o que aconteceu. Tu escondeste-nos o que aconteceu — censuro-o. — A minha mãe morreu e não me disseste. — Estas palavras deixam-me um sabor ácido na boca e, de repente, tudo me arde: a boca, o pescoço, o peito, os olhos. Fico com os olhos turvos. — A minha mãe está morta.

Uma dor indescritível espalha-se rapidamente por todo o meu corpo. Dói tanto... acho que não conseguirei suportá-la. Sinto os joelhos fraquejar e continuo a não conseguir respirar bem. Tenho de parar. Tenho de calar esta dor. As minhas mãos tremem tanto que nem sequer consigo agarrar-me ao

Percy. Depois, rodo sobre os calcanhares e corro para a garagem.

— Senhor Beaufort!

Faço um gesto de recusa com a mão. O Percy vem atrás de mim até à garagem. Os pés levam-me para junto do meu carro. Tiro a chave do bolso das calças com a mão trémula e abro a porta do condutor. Os cantos do meu campo de visão escurecem e sinto que vou desmaiar a qualquer momento. Não importa. Nada importa. Ligo a ignição. O Percy põe-se à frente do carro. Isso também não me importa. Piso o acelerador e ele salta para o lado no último momento. Arranco com os pneus a chiar, enquanto passo as costas da mão pelo rosto molhado.

32

Ruby

A campainha toca no preciso momento em que estou a fazer uma torre com as peças de madeira e a retirar uma delas. Sobressalto-me e bato com o braço na torre, fazendo com que se desmorone. A minha mãe, o meu pai e a Ember vaiam-me e praguejo em voz baixa.

— Na próxima rodada, não jogas — diz-me a minha mãe, esfregando as mãos. É a melhor de nós e pode dizer-se que nunca perde.

Depois de ter contado à minha família como correu a viagem, mostrei-lhes uma pequena apresentação de diapositivos no portátil, almoçámos juntos e depois decidimos passar a tarde a fazer jogos. É a nossa terceira ronda de *Jenga* e já perdi duas vezes. Reconheço a minha derrota e levanto-me. Enquanto os outros recomeçam a colocar as peças de madeira umas em cima das outras, vou abrir a porta. Quando vejo quem lá está, fico com os olhos muito abertos.

— Lydia?

Olha para o chão com uma expressão abatida. Tem as maçãs do rosto coradas e os olhos inchados. Avanço um passo para ela, mas levanta imediatamente a mão para me parar.

— O James está contigo?

Abano negativamente a cabeça.

— Não. O que é que aconteceu? — pergunto-lhe, alarmada.

A Lydia não parece ouvir-me bem. Tira o telemóvel do bolso do casaco e marca um número antes de o levar à orelha. Saio para a rua de meias e pego-lhe no braço. Olho para ela com insistência.

— O que é que aconteceu?

Limita-se a abanar a cabeça.

— Cy? Sou eu — diz de repente. — O James está contigo?

Quando o Cyril lhe responde, o rosto dela fica mais calmo.

— Graças a Deus.

Torno a ouvir a voz do Cyril, mas não percebo o que diz. Seja o que for, faz com que a Lydia fique novamente com uma expressão sombria.

— Está bem. Não, vou agora. — Ele diz-lhe mais qualquer coisa e a Lydia olha para mim momentaneamente. — Sim. Até já.

Depois de desligar, prepara-se para dar meia-volta e ir para o carro, onde o Percy está encostado. Ele também parece tão inquieto que uma sensação desagradável se espalha pela minha barriga.

— Lydia, por favor, diz-me o que é que aconteceu — repito.

Ela para e olha para mim por cima do ombro.

— Não posso.

— Deixa-me ir contigo — digo-lhe de repente.

Vai dizer qualquer coisa, mas muda de ideias.

— Não me parece boa ideia.

Faço um gesto com a mão, indicando-lhe que espere um segundo. Entro em casa, calço as botas, pego num casaco e num cachecol de lã tricotado pelo meu pai. Digo à minha família que tenho de sair e não devo demorar, e tiro as chaves do gancho que está ao lado da porta. Enquanto saio de casa, enrolo o cachecol no pescoço. Tenho a sensação de que a Lydia preferia que eu não fosse com ela, mas não tem forças suficientes para me convencer.

Sem dizer palavra, entra no carro. Cumprimento o Percy, que me faz um leve aceno de cabeça, e entro no *Rolls*. A Lydia está sentada no lugar onde o James costuma sentar-se. Tem os olhos vidrados e está a mexer na bainha do casaco vermelho. Gostava de lhe dar a mão, mas não me atrevo.

— A oferta continua de pé. Caso queiras conversar — digo-lhe em voz baixa.

A Lydia estremece, como se a tivesse queimado. Levanta olhos, onde brilham algumas lágrimas. A cada segundo que passo junto dela, a sensação desagradável que tenho na barriga vai piorando. O que é que se terá passado, para ela estar tão perturbada? De repente, sou invadida por uma ideia horrível. Levanto os olhos. A pequena lâmpada vermelha não está acesa, o que significa que o Percy não consegue ouvir-nos.

— Está tudo bem com o bebé? — murmuro.

A Lydia olha para o lugar do condutor com uma expressão aterrada, mas a

divisória está subida. Depois vira-se para mim.

— Sim — responde-me com a voz rouca. — Tivemos... — para de falar e parece estar a decidir até que ponto pode confiar em mim. — Uma grande discussão em casa.

Desde que, ontem, o James me falou sobre o pai, posso imaginar o que a palavra *discussão* significa em casa dos Beauforts. Fico com pele de galinha.

— O James está bem? — murmuro, sem conseguir disfarçar o temor na minha voz.

A Lydia encolhe os ombros, num gesto impotente.

— O Cyril diz que sim.

O quarto de hora seguinte demora uma eternidade a passar. Enterro os dedos na bainha do casaco e tento não enlouquecer de preocupação. Não faço ideia do que tudo isto pode representar e a Lydia evita o meu olhar, limitando-se a acariciar a barriga com uma expressão ensimesmada. De vez em quando, pestaneja com força, como se quisesse evitar que as lágrimas caíssem. A dada altura, o telemóvel dela vibra. Depois de ler a mensagem, cerra os lábios e não dá a impressão de querer falar.

Quando chegamos a casa do Cyril, a Lydia salta do carro e precipita-se para a mansão. Escorrega nas escadas geladas e consigo segurar-lhe no braço no último momento, para evitar que caia. Agradece-me com um murmúrio.

O Cyril já está à porta. Quando a Lydia se aproxima dele, recebe-a de braços abertos.

— Olha quem nos honra com a sua presença.

Abraça-a, mas a Lydia fica sem reação, como se fosse uma boneca de trapos. O Cyril demora um bocado a largá-la.

Nesse momento, vê que eu também estou ali.

— E, além disso, trazes companhia. Que simpática.

Diz a última frase num tom de voz que não deixa dúvidas de que acha precisamente o contrário. Depois, afasta-se para o lado e deixa-nos entrar. Aqui já se ouve a música ensurdecedora que toca muito mais ao fundo. O Cyril ainda tem um braço nas costas da Lydia. Pergunto a mim mesma se

saberá o que aconteceu ou se, simplesmente, tem tato suficiente para não tocar no assunto.

Atravessamos o mesmo vestíbulo que atravessei da última vez. Mas hoje não há convidados na galeria, a festa parece estar a celebrar-se apenas na sala de estar. Quando entramos, sou assaltada pelo estrondo da música e olho em volta. Não estão tantas pessoas como da última vez que cá estive. Na verdade, quase consigo abarcar a festa com o olhar. Não sei porquê, mas isso faz-me sentir ainda mais inquieta. Umas pessoas que não conheço estão a dançar em roupa interior no meio da sala. O Alistair está sentado num dos sofás, aos beijos a um tipo musculoso e tatuado. Vejo o Kesh mais atrás, ao pé do carrinho das bebidas, a olhar para os dois com os olhos semicerrados e a esvaziar o copo de um só trago.

Sinto um formigueiro na nuca... e vejo o James. Está sentado num sofá junto da piscina. Quando olho para ele, fico com as costas tensas. Parece destroçado. Tem o cabelo despenteado, as mangas arregaçadas e na camisa cinzenta — a que eu usei na noite passada — distingo um par de manchas vermelhas. Encolhe-se-me o coração.

Estou prestes a aproximar-me dele quando vejo que se inclina para a frente. Baixa a cabeça para o tampo da mesa, tapa uma das narinas com o dedo e aspira uma substância branca com a outra. Fico de boca aberta. Ele não acabou de...

Uma rapariga loira que me parece vagamente conhecida sai da piscina e aproxima-se do James. Chama-o com o dedo, indicando-lhe que a siga. O James levanta-se e inclina a cabeça. Ela transpõe o espaço que os separa e para muito perto dele. Depois, levanta as mãos e começa a desabotoar-lhe a camisa. Nesse momento, reconheço-a. A rapariga que lhe está a tocar é a Elaine Ellington. Um calafrio percorre-me as costas e sinto uma pontada dolorosa na barriga. Fico gelada.

— Desde quando é que ele está aqui? — pergunta a Lydia ao Cyril.

— Desde o meio-dia. Fechou-se completamente.

A Lydia diz uma asneira entre dentes. Continuam a falar, mas o zumbido nos meus ouvidos não me permite escutar o que dizem. A Elaine vai despindo a camisa do James, tirando-lha pelos ombros, até que cai ao chão.

Depois, começa a desapertar-lhe o cinto.

Já chega!

Nesse momento, a minha raiva supera o meu medo da água. Em poucos passos largos, planto-me ao lado deles.

— Pode saber-se que diabos estás a fazer? — pergunto-lhe, num tom furioso.

O James vira a cabeça para mim, mas é como se não me visse, em vez disso, atravessa-me com o olhar.

Está estranhíssimo. O rosto dele parece petrificado, as pupilas estão tão dilatadas que ocupam grande parte da íris e já não consigo distinguir aquele extraordinário azul-turquesa dos seus olhos. Tem o rosto pálido e os olhos com círculos vermelhos.

Este não é o meu James. É o tipo que era há uns meses, o tipo que compra as pessoas com dinheiro, que se droga com os amigos todos os fins de semana e que dorme com uma rapariga atrás de outra. É o tipo que não sente nada e que se está nas tintas para tudo.

— James — murmuro, dando-lhe a mão. Está frio como gelo.

Por um segundo, qualquer coisa cintila nos olhos dele. É escura e corrosiva, e parece estar a consumi-lo por dentro. Bufa, fecha os olhos por um segundo e, quando torna a abri-los, o brilho escuro já desapareceu.

— Não perdeste nada aqui, Ruby.

— Mas eu...

Enquanto ainda estou a falar com ele, vira-se e atira-se para a piscina. O chapão provoca-me um sobressalto. Umas pequenas gotas de água salpicam-me o rosto e dou um salto para trás. A Elaine e mais alguns convidados, que só estão de roupa interior, mergulham atrás dele. O Wren também está entre eles. Grita e, quando vem à superfície, salpica mais o James, que abana a cabeça com um sorriso, sacudindo a água do cabelo.

Aqui, tudo, mas mesmo tudo, me parece de uma falsidade indescritível. Adoraria conversar com o James, mas é impossível. O medo não me deixa aproximar-me mais da piscina e, além disso, não acho que neste estado ele consiga entender o que quer que seja que eu lhe diga. Parece tão indiferente... Como se o mundo lhe passasse ao lado e ele se deixasse levar,

aturdido.

A Elaine aproxima-se do James. Ele recua até à borda da piscina e ela segue-o, rindo-se. O meu coração bate cada vez mais depressa. Não percebo o que é que está a acontecer. É como um pesadelo. Por baixo de água, distingo a silhueta turva do corpo dela a apertar-se contra ele. Agora está entre as pernas do James e inclina-se para a frente, murmurando-lhe qualquer coisa ao ouvido. Parecem próximos. Como se não fosse a primeira vez que isto acontece. Tudo em mim grita que me aproxime e que a afaste dele, mas não consigo mexer-me. Quando a Elaine segura o rosto dele entre as mãos e o beija, o James não faz nada.

Dentro de mim, há qualquer coisa que fica em fanicos. Umas pequenas lascas de vidro penetram no meu peito e abrem caminho para o mais fundo do meu ser, quase me cortando a respiração. De repente, alguém me põe a mão no ombro.

— Bem, este é o James Beaufort que eu conheço — murmura o Cyril junto do meu ouvido.

Adorava responder-lhe: «Mas não é o James Beaufort que eu conheço. Não fazes a mínima ideia de como ele é na verdade. É o meu namorado, idiota.»

Mas isso não é verdade. Se o James Beaufort fosse meu namorado, não faria uma coisa destas. Se fosse meu namorado, teria vindo ter comigo e ter-me-ia confiado o seu problema, em vez de afogar a sua dor em álcool e drogas, na companhia dos seus frívolos amigos. Se fosse meu namorado, a língua de outra rapariga não estaria agora no seu pescoço.

Dou meia-volta. Escorrego no chão molhado, mas consigo manter o equilíbrio. Atravesso a sala de estar o mais depressa que consigo. Os meus passos ecoam no chão da enorme sala, enquanto me precipito para a porta. Tenho de sair daqui e quanto mais depressa, melhor. Infelizmente, acho que não há no mundo nenhum lugar onde possa esquecer o que aconteceu.

— Ruby! — grita a Lydia atrás de mim.

Paro e olho para ela por cima do ombro. Quando vejo quão abatida está, sinto um peso na consciência.

— A sério que lamento que a situação na vossa família seja tão horrenda,

Lydia — digo-lhe com a voz trémula. — Mas não consigo. Não assim, não depois...

Depois de quê? Depois de ter pensado que tínhamos acabado de superar isto? Depois de termos dormido juntos? É-me impossível dizer isto à Lydia.

— É agora que ele precisa mesmo de ti — suplica-me.

Lanço a cabeça para trás, para olhar para o teto, e dou uma gargalhada amarga. Esta sala é excessivamente decadente. Dourada até onde a vista alcança; um sem-fim de quadros a óleo; uns jarrões caros e antigos... coisas que, de repente, me parecem completamente estúpidas. Dou meia-volta e dirijo-me para a porta. A Lydia diz mais qualquer coisa, mas já não a oiço.

Quando a pesada porta se fecha nas minhas costas, encaro isso como um sinal.

Por breves instantes, cheguei a pensar que a relação com o James ia resultar, se ambos o desejássemos o suficiente. Mas, agora, tudo se tornou claro.

Nunca farei parte do mundo dele.

Infelizmente, só agora me dou conta disso, quando já é demasiado tarde.

AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas envolvidas na criação da série *Save Me*, a quem quero expressar a minha gratidão:

Ao meu marido, Christian, que me apoia com as suas palavras e atos, e que me incentiva sempre.

Ao Jerome Scheuren, que concorreu a Oxford e que me ajudou muito quando tive de criar o enredo.

Às leitoras profissionais Laura Janssen, Ivy Bekoe e Saskia Weyel, cujas observações valem todo o ouro do mundo.

À Kim Nina Ocker, a madrinha oficial da Ruby e do James, pelo seu entusiasmo contagioso e pelos dias que passámos juntas a escrever.

Às minhas amigas Lucie Kallies e Maren Haase, que têm sempre tempo para me ouvir; com elas, a vida é muito mais divertida.

Às minhas agentes, Gesa Weiss e Kristina Langenbuch, que são um grande apoio.

À minha editora, Stephanie Bubley, por participar no enredo, por ouvir as minhas ideias tresloucadas, por se ocupar do *K-pop* por mim, pela estreita colaboração ao nível do texto. Além disso, o meu eterno agradecimento a toda a equipa da editora LYX, em especial à Ruza Kelava e ao Simon Decot, que tornaram possível que eu escrevesse esta nova série.

E, por último, obrigada a todos os leitores que escolheram este livro. São maravilhosos e peço desculpa pelo final... mas, por sorte, a história da Ruby e do James vai continuar já de seguida!